

DEEPAK
CHOPRA

MAOMÉ

Uma biografia do último profeta





MAOMÉ
Uma biografia do último profeta

MAOMÉ
Uma biografia do último profeta
Deepak Chopra

Título original: Muhammad: A Story of the Last Prophet
Copyright © 2010 by Deepak K. Chopra and Rita Chopra Family Trust

Copyright da tradução © 2011 by Editora Nova Fronteira Participações S.A.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21)3882-8212/8313
www.novafrenteira.com.br

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ	
C476m	Chopra, Deepak, 1946- Maomé : uma biografia do último profeta / Deepak Chopra ; tradução [Cristina Baum]. - Rio de Janeiro : Agir, 2011. Tradução de: Muhammad : a story of the last prophet ISBN 978-85-220-1496-5 1. Maomé, m. 632. - Ficção. 2. Islamismo - História - Ficção. 3. Romance americano. I. Título.
11-3787.	CDD: 813 CDU: 821.111(73)-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Ficha catalográfica

Nota do autor

Cronologia

Genealogia

Prelúdio: o anjo da revelação

Parte 1. A água da vida

1. Abdul Muttalib, “O escravo”
2. Bashira, o eremita
3. Halimah, a ama de leite
4. Waraqah, o homem fiel
5. Barakah, a escrava africana
6. Khattab, o ancião
7. O mendicante andarilho

Parte 2. O abraço do anjo

8. Khadijah, a mulher do profeta
9. Jafar, o filho de Abu Talib
10. Ruqayah, a terceira filha de Maomé
11. Abu Bakr, o comerciante de Meca
12. Zayd, o filho adotado

13. Ali, o primeiro convertido

Parte 3. O guerreiro de Deus

14. O escriba judeu

15. Fátima, a filha caçula de Maomé

16. Ibn Ubayy, o hipócrita

17. Umar, o companheiro leal

18. Jasmin, a mulher do poço

19. Abu Sufyan, o inimigo

Epílogo: Um panorama sobre Maomé

Créditos

NOTA DO AUTOR

Quando comecei a escrever a história de Maomé, o último profeta a surgir no deserto do Oriente Médio — a terra infindável, desolada e árida que deu origem a Moisés e Jesus —, fui tomado por uma grande surpresa. Maomé sofreu séculos de desaprovação fora do mundo muçulmano. Não somos a primeira geração a reagir com descrença quando um muçulmano afirma que “islã” significa “paz”. Essa suspeita se agrava ainda mais quando os extremistas *jihadis* se tornam terroristas em nome de Maomé.

Ao longo de sua vida, o Profeta lutou incansavelmente contra seus adversários e liderou exércitos durante as batalhas pela nova fé. Eu cresci na Índia entre amigos muçulmanos, mas, mesmo no meu país, onde a mescla de culturas e religiões é uma tradição milenar, a divisão do Paquistão em 1947 resultou numa onda de violência e assassinatos em massa dos dois lados. Em nome da verdade, os fiéis facilmente esmagam o amor e a paz.

Nada disso, porém, me causou surpresa. Eu estava determinado a ser justo com Maomé e vê-lo como ele próprio se via na Arábia do século VII — podemos localizar seu nascimento em 570 d.C., na Idade das Trevas na Europa, dois séculos antes de Carlos Magno ser coroado imperador pelo papa no século IX, quase seiscentos anos antes de as flechas da catedral de Chartres apontarem, pela primeira vez, na direção do céu no

século XII. Foi então que aconteceu a surpresa, porque, de todos os fundadores das grandes religiões, Maomé é o que mais se parece conosco.

Maomé se considerava um homem comum. Seus parentes e vizinhos não lhe abriam o caminho quando ele passava pelas ruas sujas e áridas de Meca. Apesar de ter ficado órfão aos seis anos, não havia nada de excepcional em sua vida, a não ser sua capacidade de sobreviver. Como vivia numa sociedade extremamente tribal, Maomé estava rodeado de numerosos primos e outros homens do clã dos Hashim, que formavam uma família extensa. Ele não apresentava nenhum sinal de divindade (exceto aqueles inventados mais tarde por historiadores, após o islã prosperar e se expandir). Quando cresceu, tornou-se comerciante e fez um bom casamento com uma viúva rica, Khadijah, apesar de ela ser quinze anos mais velha. Maomé viajava, de caravana, uma temporada para a Síria e na seguinte para o Iêmen. Meca prosperou graças ao comércio das caravanas. Não obstante essas temporadas serem repletas de perigos — o belo e amado pai de Maomé, Abdullah, morreu quando voltava de uma dessas viagens —, os comerciantes da mesma classe social de Maomé repetidamente embarcavam em viagens pelo deserto que duravam meses.

O mais extraordinário é que existem muitos sinais comuns de humanidade na transformação de Maomé. Jesus é exaltado quando nomeado filho de Deus; Maomé deliberadamente combina conosco quando diz que é “um homem entre homens”. Ele não sabia ler ou escrever, mas isso era bastante comum, mesmo entre os ricos. Teve quatro filhas que chegaram à idade adulta e dois filhos que morreram ainda crianças. Como era inadmissível não ter herdeiros, Maomé tomou a insólita decisão de adotar um ex-escravo, Zaid. Fora isso, é inexplicável que Deus tenha escolhido falar por intermédio de um pai de família bem-estabelecido. O fato mais marcante sobre Maomé é que ele era muito parecido conosco, até o destino preparar uma das maiores surpresas da história.

Em 610 d.C., Maomé, um comerciante de quarenta anos conhecido

como Al-Amin, “o digno de confiança”, descia a montanha — ou nesse caso uma caverna numa montanha semiárida nos arredores de Meca — com ar desolado e assustado. Depois de literalmente se esconder debaixo das cobertas para se recompor, ele reuniu um grupo pequeno de pessoas em quem confiava e anunciou algo inacreditável. Um anjo visitou Maomé na caverna, onde ele se retirava, com frequência, para fugir da corrupção e da miséria de Meca. Ele buscava a paz e a solidão, mas ambas foram interrompidas quando Gabriel, o mesmo arcanjo que visitou Maria e que foi o guardião do jardim do Éden, protegendo-o com uma espada inflamada depois que Deus expulsou Adão e Eva, subitamente mandou Maomé “recitar”.

É importante ressaltar o termo exato, porque a raiz da palavra “recitar” tem suas origens no Alcorão (ou Qur’an). Maomé ficou atônito com o mandamento angelical. Ele nunca participava dos famosos recitais públicos praticados pelos beduínos. Quando ainda menino, foi levado para viver com as tribos nômades do deserto, o que era uma prática comum entre os habitantes de Meca. Acreditava-se que a pureza e a privação do deserto eram benéficas para as crianças. Servia pelo menos para mantê-las longe do ar poluído e da depravação urbana de Meca. O árabe falado pelos beduínos era considerado o mais puro entre os povos árabes, mas, até o fim da vida, Maomé preservaria um sotaque rústico, revelando o período em que viveu entre os nômades — do nascimento aos cinco anos. Os beduínos também eram célebres contadores de história. Eles recitavam infindáveis sagas em louvor dos heróis tribais que realizavam assaltos ousados para roubar camelos e mulheres dos seus vizinhos rivais. Todavia, até onde se sabe, até seu encontro com Gabriel, Maomé permanecia mudo, sentado e na periferia, ouvindo em vez de participar.

Maomé não foi facilmente persuadido pelo anjo. Gabriel teve que abraçá-lo três vezes — um número mítico, místico — até que ele concordasse em recitar. O que saiu da boca do Profeta não foram suas palavras. Segundo Maomé e aqueles que passaram a acreditar em sua mensagem, o fato de nunca ter recitado em público era prova de que

suas palavras provinham de Alá. Até os dias de hoje, o árabe do Alcorão é considerado singular, criando um estilo próprio e um universo expressivo. Com exceção do islã, o único outro exemplo digno de comparação seria talvez a Bíblia do rei James, cuja linguagem ressoa para os nativos da língua inglesa como se fosse falada por Deus ou uma entidade especial agraciada pelo dom divino da palavra.

Como o próprio Maomé nunca se julgou possuidor de um dom de inspiração divina, tornam-se ainda mais trágicas nossas suspeitas e nossos medos a respeito do islã de hoje. O mundo pré-islâmico parece bem mais distante do que o mundo do Velho Testamento. Existiam escravos, que eram cruelmente maltratados, assim como as mulheres. Os bebês recém-nascidos do sexo feminino rejeitados eram comumente abandonados nas montanhas até morrerem. Os árabes recorriam às facas para resolver até as pequenas disputas. Matar homens de tribos vizinhas era visto como um ato de nobreza. A vingança era motivo de orgulho.

Nenhum desses comportamentos, por mais bárbaros que possam parecer, são prerrogativa do mundo árabe. Estão presentes, também, em outras culturas antigas. Mas o islã ficou singularmente associado ao barbarismo, em parte pelo zelo em manter as palavras e o universo do Profeta, preservando os costumes antiquados até os dias de hoje. Eu retrato Meca como ela realmente era com toda sua dureza e brutalidade. Utilizo vários narradores, abrandando assim o impacto do julgamento do mundo atual. Meus contadores são mulheres e homens de várias castas, escravos e comerciantes ricos, religiosos e ateus, admiradores e seguidores ávidos da mensagem de Maomé. As primeiras pessoas a ouvirem o Alcorão tiveram tantas reações quanto você e eu teríamos se nosso melhor amigo nos falasse sobre a aparição de um arcanjo à meia-noite.

Não escrevi este livro para fazer de Maomé um ser mais sagrado. Escrevi para mostrar como a ideia de santidade era tão confusa, apavorante e exaltante no século VII como é nos dias de hoje.

Depois disso, as outras questões foram menos importantes. Os nomes árabes elaborados são difíceis de ser lembrados por leitores não

muçulmanos, então reduzi o número de personagens no livro, mantendo somente os mais importantes. A ortografia é duplamente confusa, já que as mesmas palavras e nomes são transcritos de várias maneiras. Eles não estão uniformizados. Apesar de correr o risco de ser criticado por acadêmicos, optei pela ortografia antiga e comum do Alcorão. Encurtei os nomes tribais longos para facilitar o reconhecimento, tais como Abu Talib e Waraqah. E como hamza (') e 'ayn ('), por exemplo, numa palavra como "Ka'aba", não têm significado em outra língua, omiti a maioria dessas palavras, mas mantive, novamente, o uso antigo e comum. Se ofendi nativos eruditos do árabe, peço desculpas desde já.

Finalmente, este livro é um romance e não uma biografia oficial. Alguns eventos são relatados fora de ordem. Os personagens entram e saem conforme a narrativa pede. Isso poderia gerar confusão. Para orientar os leitores, incluí uma cronologia dos eventos mais proeminentes de sua história. Em seguida, apresento uma árvore genealógica simplificada, explicando a ascendência e a família extensa de Maomé. As pessoas que aparecem como personagens da história estão em negrito para facilitar o reconhecimento.

Não é papel de um autor manipular seus leitores para que reajam de uma forma específica. Porém, declaro que o que me atraiu a essa história foi a minha fascinação pela forma como a consciência eleva-se ao nível do divino. Esse fenômeno une Buda a Jesus e a Maomé. Uma consciência mais elevada é um conceito universal. É tida como o objetivo supremo da vida na Terra. Sem os guias que alcançaram uma consciência superior, o mundo estaria desprovido dos seus maiores visionários — uma perda fatal, certamente. Maomé sentia essa lacuna no mundo que o cercava. O que mais me encanta nele é a capacidade de refazer seu mundo por meio de uma imersão interior. Esse tipo de conquista só é possível numa trajetória espiritual. Com relação às conquistas do Profeta, ele me dá esperança de que podemos, em nosso dia a dia, ser tocados pelo divino. O Alcorão merece espaço de canção da alma, para celebrar questões referentes a ela.

CRONOLOGIA

(Por causa da ausência de confirmação, as datas abaixo são aproximadas.)

570 d.C. Nascimento de Maomé

590 Casamento de Maomé com Khadijah, que gerou quatro filhas e dois filhos, que morreram antes de chegar à idade adulta

610 (ou anteriormente) A primeira revelação de Maomé

613 Primeiro sermão público

615 Imigração de muçulmanos para a Abissínia

616-9 O clã de Maomé, Banu Hashim, é boicotado pela tribo dos coraixitas

619 Morte de Khadijah e Abu Talib

622 Hégira (migração) para Medina

624 A batalha de Badr, vencida pelos muçulmanos contra as forças numerosas de coraixitas; as tribos judaicas são expulsas de Medina

625 A batalha de Uhud, vencida pelos coraixitas

627 Medina é sitiada pelo exército de Meca (A Batalha das Trincheiras); massacre dos judeus coraixitas de Medina

628 Tratado de Hudaibiyah; trégua com os coraixitas

629 Peregrinação pacífica a Meca

630 Meca é ocupada pelos muçulmanos; os inimigos tribais são vencidos

em outras campanhas

631 O islã é aceito em várias partes da Arábia

632 Morte de Maomé

GENEALOGIA

MAOMÉ

PRELÚDIO

O ANJO DA REVELAÇÃO

Uma mula pode ir a Meca, mas isso não faz dela uma peregrina.

Deus não colocou essas palavras em minha boca, mas poderia ter posto: ele tem senso de humor. São palavras árabes. Os árabes são um povo de muitas palavras, uma inundação tamanha que faria a arca de Noé flutuar. Se você é forasteiro, talvez não entenda. Você seria ofuscado pelo sol do deserto, que alveja os ossos e a mente.

O sol também tem outras funções. Secar a água dos buracos que estavam cheios no ano passado. Matar de fome o rebanho de ovelhas quando a grama resseca e murcha. Deixar os nômades desesperados à procura de pastos melhores. E, quando eles acham, o sangue fresco refulge ao sol, porque as outras tribos que não podem viver sem pasto estão lá esperando, prontas para matar os nômades.

Mas os árabes não estão dispostos a ceder.

— Vamos transformar tudo isso numa história — disseram eles. — Uma canção é a cura para a desgraça.

Havia outras curas, mas ninguém tinha dinheiro para comprá-las.

E foi assim que eles decidiram fazer da fome uma aventura heroica. A sede se tornou uma musa; a ameaça de morte, a razão para exaltar a valentia. Os árabes e Deus partilhavam esse amor pelas palavras. Então, quando Deus ouviu um homem dizer, do fundo de seu coração, “Deus ama todos os povos do mundo exceto os árabes”, pareceu-me o

momento certo de aparecer com um mandamento.

— *Recite!*

Eu, Gabriel, fui enviado para dizer só isso. Uma palavra, um mensageiro, uma mensagem. Como um martelo arrancando a rolha do tonel de vinho. Basta uma pancada e o vinho, suficiente para encher cem jaras, se derrama.

Então eles assim fizeram por intermédio de Maomé, não no início. Se os anjos duvidassem, eu duvidaria. Eu falei para um homem da Arábia que não sabia recitar. Ele não cantava nenhuma canção, muito menos uma canção épica. Ele estava sentado, num canto, no meio da multidão, quando um poeta andarilho entoou. Vocês acreditam? Maomé suplicou a Deus que falasse com ele e, quando Deus respondeu, ele perdeu a fala.

Recite! Qual é o problema? Alegre-se. Chegou finalmente o dia anunciado.

Mas ele nada.

Quando apareci, Maomé estava numa caverna ao lado da montanha.

— Por que você vai à caverna? — perguntaram os amigos. — Um comerciante de Meca deveria estar tomando conta dos negócios.

Maomé respondeu que ia em busca de consolo.

— Consolo de quê? — perguntaram eles. — Você acha que sua vida é mais dura do que a nossa?

Eles viam apenas um homem com um elegante manto roxo caminhar pelo mercado e sentar-se à mesa da taverna, bebendo chá e fechando negócios. Eles nunca viram o homem com a mente envolta em trevas, com pensamentos sombrios escondidos atrás de um sorriso.

Um dia Maomé voltou para casa branco como um fantasma. Sua esposa, Khadijah, se preparou para segurá-lo caso ele desmaiasse.

— Não saia de casa — ordenou Maomé. Ele estava tremendo.

Khadijah correu até a janela, mas só viu uma jovem colhendo feixes. A moça estava agachada no chão empoeirado embrulhando trapos, pedaços de couro e pilhas de carvão em trouxas para vender nas montanhas nos arredores de Meca.

— Deixe-me em paz — exclamou Maomé, mas era tarde demais. Khadijah viu o que ele havia visto.

Um dos feixes se mexeu.

Ela fechou as persianas com lágrimas nos olhos. Talvez fosse um gato que havia se afogado. Mas Khadijah sabia que não. Era mais um bebê, uma menina, que nunca cresceria. Mais um corpo esquecido, tão pequeno que cabia na palma da mão, que ninguém encontraria num lugar remoto como aquele.

Maomé tinha quarenta anos e presenciara esse tipo de abominação toda a sua vida. E ainda pior. Viu escravos serem espancados até a morte por um mero capricho. Viu homens de tribos rivais sangrando na sarjeta porque um deles havia cuspidido no chinelo do outro. Ele fazia negócios com os homens que haviam, de fato, cometido tais atos e que os negavam quando Maomé dizia o quanto amava suas quatro filhas. Maomé sorria aos amigos e a seus filhos adultos. Mas silenciosamente perguntava a Deus por que seus dois filhos haviam morrido ainda no berço. Só para si dizia a única coisa que importava:

Eu não lhe darei as costas, Senhor, mesmo se matares todos a que amo.

Deus poderia ter retrucado baixinho: “Por que acreditas em mim, se também me condenas por essas maldades?”

Talvez ele tenha sussurrado esse pensamento. Ou talvez Maomé tenha se deparado com ele em seu caminho. Havia tempo para pensar naqueles longos dias e noites numa minúscula caverna na montanha. Ele comia pouco e bebia menos ainda. Como as montanhas ao redor de Meca estavam infestadas de bandidos, sua esposa temia que ele não voltasse mais para casa.

Ela quase acertou. Quando apareci a Maomé, ele não recitava a palavra de Deus, não ouvia nem conseguia ficar quieto.

Em vez disso, fugiu para a caverna, subindo e correndo a montanha num frenesi intenso. O homem que queria tanto que Deus o visse ficou apavorado quando o viu. Maomé olhou para trás. O chão era pedregoso, e ele tropeçou. Sonhos estranhos permeavam o ar. Será que ele ouviu a zombaria dos demônios que o seguiam? Maomé olhava para o céu à procura de respostas. Ele buscava uma saída.

Lembrou-se do penhasco no topo do monte Hira. Os jovens pastores

mantinham as ovelhas longe da ponta do penhasco com medo de que um abutre pairasse sobre o rebanho e as assustasse.

O que é isso pairando sobre mim?, pensou Maomé num surto de pavor.

Com o peito pesado, arfando, Maomé correu. Pensou em pular do penhasco e arremessar seu corpo sobre os rochedos abaixo. Ele não conseguia nem rezar para ser resgatado, uma vez que o Deus que poderia salvá-lo era o mesmo que o torturava.

Eu não pedi por isso. Deixe-me ir. Eu não sou ninguém, apenas um homem entre homens.

Ofegante e trôpego, Maomé se embrulhou no manto para se proteger do frio do Ramadã, o nono mês do calendário. Um mês nocivo, um mês abençoado, o mês dos agouros e dos sinais. Um assunto milenar de discórdia entre os árabes. Depois de uns minutos, o olhar de pânico perdeu a intensidade. Sua mente, de repente, se clareou. Maomé abaixou os olhos e observou que seus pés martelavam o chão, como se pertencessem a outra pessoa. Que estranho! Ele havia perdido as sandálias, mas não sentiu as pedras pontudas que cortaram seus pés, fazendo-os jorrar sangue. A decisão de se matar lhe trouxe uma espécie de conforto.

Maomé chegou ao topo da montanha e avistou Meca à distância. Por que perseguiu Deus como um falcão atrás de uma lebre do deserto? Meca já tinha centenas de deuses. Eles adornavam a Caaba, o santuário, por dentro e por fora. Um deus para cada devoto; um ídolo para cada sacrifício. Que direito ele tinha de se meter? Havia milhares de sacrifícios, dia após dia, e a cidade lucrava. Maomé podia quase sentir o cheiro de fumaça do topo da montanha.

Fitou o rochedo abaixo e tremeu. No momento de sua própria destruição, Maomé encontrou a prece que poderia salvá-lo.

Caro Deus, com sua piedade infindável, me faça ser o que eu era antes. Deixe-me ser, novamente, um ser comum.

Essa era a única prece que Deus não podia atender, porque naquele momento a vida de um homem fora estilhada como uma taça de vinho pisoteada numa taverna. Ele nunca mais voltaria a ser uma pessoa

comum. A única coisa que importava agora eram as palavras de Maomé. Os árabes, amantes das palavras, eram equilibrados. Eles aceitariam o mensageiro de Deus ou o rejeitariam?

Maomé deu um leve sorriso. Lembrou-se de um provérbio beduíno: “Nem mil ofensas rasgam uma camisa.” *Então por que devo rasgá-la? E minha carne e meus ossos também?*, pensou. A imagem de seu corpo estatelado e quebrado no rochedo o repugnou.

Maomé se afastou da beira do penhasco. *Se sou seu recipiente, seja cuidadoso comigo. Não me sacuda com força. Não me deixe rachar.*

Sussurrei que sim. Quem era eu para negá-lo? Eu sequer perguntei a Deus antes.

O comerciante de Meca desceu a montanha com apenas uma sandália no pé, mancando. Sua língua estava espessa e desajeitada. Maomé recitaria como fora ordenado. Ele nunca pararia de recitar, mesmo que isso significasse sua morte.

PARTE 1
A ÁGUA DA VIDA

ABDUL MUTTALIB, “O ESCRAVO”

— Será que o amor de Deus pode ser tão intenso que parece ódio? — perguntei.

— Não fale de Deus — resmungou meu filho. — Ele não está pensando em nós neste momento.

Nós caminhávamos em direção à cidade puxando uma carroça com jarras de água. A água, salobra e quente, derramava sempre que batíamos num pedregulho.

— Deus pensa em tudo e faz tudo de uma vez só. É por isso que ele é Deus — respondi rapidamente, olhando para o meu filho, Abdullah, que tinha uma cangalha de corda amarrada no torso nu para puxar a carroça. Era um trabalho que acabava com as costas, e ele estava de mau humor.

Quando os carregadores de água se reuniram ao amanhecer para sortear os poços, nós tirávamos o pior. Todas as manhãs, quarenta jovens eram enviados por suas tribos para buscar água e levá-la a Meca. Como não havia poços na cidade, a água tinha que ser retirada de pequenos poços nas redondezas. Abdullah e eu ficamos com o poço mais distante, a mais de 1,5km de distância. Oprimidos como animais, curvados o suficiente para comer a poeira sob nossos pés, puxaríamos a carroça até o anoitecer.

Ninguém tinha pena de um velho como eu. Eu era conhecido como “O escravo”, e esse apelido fazia com que as pessoas me tratassem com

um desprezo velado.

— Eu achava que Deus me odiava — disse, ignorando o mau humor de Abdullah. — Minha infância foi só pobreza e mágoa.

— É uma praga estar aqui neste momento.

Eu parei de puxar e estiquei os braços.

— Estou em Meca, meu filho, entregue aos seus portões sagrados por milagre. O que parece ódio deve ser o amor de Deus disfarçado.

Abdullah grunhiu. Ele não estava interessado no milagre ridículo de seu pai. Só o que queria era que alguém o acordasse desse pesadelo e o guiasse pela escuridão da madrugada. Ele tinha uma tendência a se rebelar. Era o caçula de dez filhos, o favorito e bonito. Seu majestoso nariz era tão grande que tocava o vinho antes dos seus lábios. Porém, acima de tudo, ele odiava que seu pai, um homem rico, tivesse o apelido de “O escravo”.

— Se tenho que ouvi-lo — disse Abdullah, petulante —, deixe-me caminhar na sombra.

Os carregadores de água, sempre que podiam, permaneciam na sombra das casas e muros, mas agora só havia uma nesga de sombra fresca, o suficiente para abrigar um homem.

— Você fica com a sombra no caminho de volta para casa. Vamos sortear.

— Na volta, as jarras estão vazias. Não é justo.

Dei de ombros, inclinei-me e posicionei os arreios. O sol estava a pino. Tão quente como uma estufa.

O amor que parece ódio. O enigma não me saía da cabeça. Era o mistério da vida, que até então eu não havia percebido. Toda bênção é uma maldição disfarçada. Veja o exemplo dessa terra da Arábia, que, como um pingente valioso, situa-se entre dois impérios. Ao norte, os bizantinos erguem os punhos; a leste, temos os persas. Certamente, era uma maldição para um povo tão disperso e indefeso como o nosso. Porém, os árabes nunca foram conquistados. O deserto é tão vasto, tão desolado. Se você se afastar da trilha só por uma hora, encontrará uma terra estéril onde só os escorpiões e *jinn*s prosperam, e só com muita

sorte você volta vivo.

Mesmo nesse caso, Deus mostrou ser piedoso, pois os comerciantes não podiam navegar pela Arábia, já que havia piratas em cada porto e enseada. Eram, portanto, forçados a carregar a seda e as especiarias pelo deserto de Damasco. O que resultou em prosperidade para as cidades que, como Meca, tinham a sorte de estar situadas na rota dos comerciantes. As tribos louvavam aos deuses e prometiam que todos os viajantes receberiam água assim que entrassem na cidade. O que ocasionou a seguinte maldição — era necessário buscar água todos os dias, não importa quantas costas sofreriam com isso.

E a vida continua como um colar em que as contas se alternam entre pérolas e venenos.

Ninguém queria me ouvir resmungar. Foi o sol do meio-dia que me fez abrir a mente para meu filho petulante. Há duas noites, minha obsessão pelo amor de Deus tornou-se inexorável, e passei a noite acordado ansioso e suando frio. Eu havia tomado uma decisão drástica e impensada naquele dia. Confessei a meus primos enquanto tomávamos um vinho. Estávamos numa dessas biroskas perto da Caaba que recebe peregrinos, também frequentada pelos moradores locais.

— Eu não consigo achar uma só bênção de Deus que também não seja uma maldição — afirmei. — E nenhuma maldição que não seja uma bênção. Por que é assim?

Todos se calaram. Do que eu estava falando? Meus primos só conversavam sobre três coisas: dinheiro, mulheres e camelos.

— Perdi outro camelo ontem. Ou meu escravo está mentindo sobre o número de camelos, ou ele está fazendo vista grossa para os ladrões e recebendo uns trocados — disse um deles.

— Se ele tivesse recebido dinheiro, eles teriam levado mais de um camelo — observou o outro primo.

— Talvez — respondeu o primeiro primo.

Mas eu não desisti.

— Vocês não se importam se Deus nos amaldiçoou? Deus falou para todos os povos, exceto os árabes. Será que somos as crianças perdidas

que nunca encontrarão novamente o caminho da casa do pai?

Meus companheiros se calaram novamente. Ficaram nervosos quando me ouviram dizer “Deus” em vez de “deuses”.

— É assim porque é assim — comentou o primo mais velho, que fica excepcionalmente bêbado todos os dias e é excepcionalmente respeitado. Os outros fizeram que sim, e a conversa acabou ali.

Eu não esperava uma discussão. A taberna jaz na sombra da Caaba. Todo o solo em volta desse lugar sagrado é um santuário. Brigas entre tribos não são permitidas nesse local; rixas de famílias eram canceladas; mesmo uma discussão violenta era considerada ilegal. E eu, afinal de contas, sou chefe do clã, então meus primos me respeitam e escutam o que digo com expressões sérias, mesmo que por dentro estejam rindo de mim.

Minha confissão não ajudou em nada. Eu não consegui dormir melhor. Tente entender. Eu não estava tendo uma insônia filosófica. Esse mistério estava diretamente relacionado comigo — ele determinaria se minha família toda sobreviveria.

Tudo começou com a água, há muito tempo, na era em que a memória começou. Depois que as águas revoltas da inundação recuaram e o pai Noé desceu da arca, ele criou uma nova linhagem sagrada de descendentes. Do seu sangue surgiu Abraão, e de Abraão seu progênito, Ismael.

A mãe de Ismael, Hagar, era uma escrava egípcia que pertencia à mulher de Abraão, Sara. Como Sara era infértil, ela disse para Abraão tomar Hagar como sua segunda esposa para que pudesse ter filhos. Catorze anos mais tarde, aconteceu um milagre, e Sara engravidou. Ela deu à luz um filho chamado Isaac. Depois disso, ordenou que Hagar e Ismael fossem levados para longe dali. Abraão abaixou a cabeça e obedeceu.

Depois de perambular com o filho pequeno, Hagar sentiu uma sede enorme. Não havia nenhum abrigo por perto nem água à vista. Hagar subiu e desceu duas montanhas que eram conhecidas como Safa e Marvah à procura de algumas poucas gotas de água para molhar os

lábios ressecados de Ismael, que começou a chorar. Ela estava a ponto de desmaiar, e eles iriam perecer, mas Deus teve piedade de Hagar: enviou o anjo Gabriel, que tocou o solo com seu dedo. Naquele local a terra se tornou escura com a umidade, e então um minúsculo filete de água surgiu. Um milagre! Hagar inclinou-se e bebeu, mas antes encheu as palmas das mãos e deu água para o menino.

Segundo o relato, foi Hagar ou o anjo que disse “Mais. Deixe a água acumular”, e foi assim que o poço recebeu o nome árabe de “Zamzam”, que quer dizer “a água que acumula”. Meca cresceu a sua volta. Como sinal de uma dádiva de Deus, Ismael e seus herdeiros ganharam a posse exclusiva do poço e o direito de venda da água.

Ouvi essa história pela primeira vez quando criança e não questionei o milagre. Eu podia ir até a Caaba e tocar as paredes, onde cada pedra é um milagre, não é verdade? Abraão construiu a Casa de Alá perto do local onde a fonte jorrou. Era exatamente como a primeira construção que Adão fez com suas próprias mãos, perfeitamente quadrada e feita com blocos de granito. Os árabes resolveram chamá-la de Caaba. Apesar das guerras tribais e tentativas de invasão para conquistar nosso povo, ela continuava sendo a Casa de Deus, mesmo depois que o poço de Zamzam, a antiga fonte perpétua, desaparecera, porque até Zamzam havia sido amaldiçoado, mas isso só seria descoberto muitas gerações depois.

Fitei Abdullah, que estava sempre resmungando baixinho. Ele tinha vinte anos e era bem forte para carregar a água, mas essa era sua primeira vez. Ele me implorou que explicasse por que tínhamos que fazer uma tarefa tão humilhante e enfadonha, sem ter direito sequer a uma carroça de burro. Mas eu só respondia: “Mais tarde.”

— Fique com minha sombra — ofereci.

— Sua sombra? É assim que você a chama? — Abdullah era orgulhoso como os filhos de pais ricos normalmente são.

Ignorando sua reprimenda, empurrei-o para a sombra de um muro alto que cercava o pátio. O pátio de nossa casa era o mais próximo da Caaba, uma posição de grande prestígio. A água me tornou rico, mas

paguei o preço com a inveja dos outros. Eu sentia seu sabor diariamente quando caminhava pelo mercado.

— Eu nunca lhe contei do milagre que me trouxe a Meca. Vou lhe contar agora — disse eu.

Abdullah não parecia surpreso. Fiz o mesmo discurso para meus dez filhos quando eles atingiram certa idade.

— Seu avô, Hashim, era chefe da tribo. Ele se preocupava em assegurar o direito de tirar água do poço, o que lhe proporcionou uma renda de cada um dos peregrinos e um percentual de todas as tribos de Meca. Eu não sabia disso quando era criança, porque Hashim morreu misteriosamente quando sua caravana viajava para o Egito. Minha mãe me enrolou numa trouxa e fugiu. De repente estávamos sem um tostão e sem amigos. O irmão de Hashim reivindicou sua fortuna. E eu, o filho mais velho, fui jogado para escanteio.

Abdullah não questionou o mérito da questão. Quando o marido de uma mulher morre, o irmão do falecido é o herdeiro de sua propriedade caso os filhos do morto ainda não sejam adultos.

— Cresci abandonado numa cidade distante, me arrastando como uma cobra entre o céu e a Terra. Segundo a tradição árabe, eu era uma criança órfã. Eu não era nada. O pior momento de minha vida foi quando Deus me ofereceu seus milagres — disse eu. — Você está pronto para me ouvir? Se não fosse por isso, apesar de sua beleza, você não estaria aqui.

Abdullah fez uma careta. Desfrutando seu interesse na história, continuei:

— Alguns anos se passaram. Meu tio, Al-Muttalib, de súbito se sentiu terrivelmente culpado. Sua riqueza provinha do direito de Hashim de coletar água, mas ele privara o filho de Hashim de sua parte. A sensação de culpa não o deixava em paz; era implacável. Al-Muttalib decidiu que isso era um sinal. Sem dizer uma palavra a ninguém, montou no camelo e foi a Meca, encontrou comigo e minha mãe no exílio, e nos levantou da poeira. Ele prometeu me tratar como um segundo filho. Dois dias depois, voltamos a Meca num camelo. Mesmo assim, as pessoas não acreditavam que um menino sujo que mal conseguia andar a camelo

podia ser mais do que um escravo novo a caminho de sua nova casa. De todos os cantos eles me chamavam de escravo do Muttalib, Abdul Muttalib.

— É essa a nossa vergonha — resmungou Abdullah. Ele estava sempre pronto para sacar a adaga se um jovem ridicularizasse o apelido insultuoso do pai. Por hábito, as pessoas haviam esquecido seu nome de verdade, Shaybah, e o apelidaram “O escravo”.

Com um grunhido, puxei os arreios. Ainda sou forte. Ainda não cheguei aos cinquenta. Unido a mim pela cangalha, Abdullah não tinha escolha se não prosseguisse. Por um tempo, nós arrastamos a carroça em silêncio. E ele não abriu mão da sombra.

— Hoje eu lhe dei sabedoria. Então, por favor, me responda: será que o amor de Deus é tão intenso que parece ódio? — perguntei.

Meu filho considerou seriamente a pergunta.

— A resposta não está em Deus. A resposta está em sua própria culpa.

— Explique.

— Se você traísse minha mãe, talvez ela descobrisse, talvez não. Mas seu sentimento de culpa faria com que você sentisse seu amor como um veneno disfarçado. E, se um homem mata o irmão, como Caim matou Abel, sua culpa faz ele perceber o amor de Deus como ódio.

— Boa resposta — afirmei. — Mas minha esposa me recebe em seu leito sem pecado, e eu nunca matei ninguém. Eu achava que ser rico era uma bênção, mas eu era um tolo.

Abdullah me fitou com incredulidade, mas não o deixei me interromper.

— Você acha que minhas riquezas não são uma maldição? Foi por isso que fui ao local do sorteio. Eu queria ver com meus próprios olhos como era esse trabalho árduo. Olhe para mim. Depois de meio dia de trabalho eu estou pronto para cair na lama e perecer. Você entende o que quero dizer?

Abdullah não tinha a menor ideia do que o pai estava falando, a não ser que ele, perversamente, quisesse sofrer.

Eu li seus pensamentos.

— Por um momento, deixe de lado sua vaidade. Mesmo que essa experiência penosa não me mate, muitos outros jovens morrerão. Eu vi seus corpos murcharem, adoecerem. Os clãs mais fortes acabarão conosco ou morreremos sós, antes do tempo.

— O que vamos fazer, senhor? — perguntou Abdullah, pela primeira vez mostrando respeito. Entre nós, os árabes, não existe nada mais importante do que a tribo. A nossa era a dos coraixitas, a maior e mais poderosa de Meca, o que significa que sua queda está nos pedidos de orações de cada uma das outras tribos. Para Abdullah, era insuportável imaginar que toda a sua raça pudesse um dia ser aniquilada.

— Zamzam — sussurrei. — É isso que vamos fazer.

— O quê?

Meu filho conhecia o nome do poço — todo mundo em Meca também conhecia —, mas ele era tão lendário como o Éden. Ele não perdeu tempo divagando sobre a água da vida, como os anciãos a chamavam, e muito menos sobre o que significava perdê-la.

Eu disse:

— Eu preciso achar o poço novamente. Se achar, teremos água para sempre bem no coração da cidade. Nós, os coraixitas, não pagaremos pela nossa riqueza com nossas vidas. O que você acha disso?

Abdullah chegou a pensar que seu pai havia enlouquecido. Foi o que percebi. Mas ele não ousou dizer nada.

— O senhor está pedindo a Deus um segundo milagre — respondeu cautelosamente. — Talvez ele tenha tomado umas e outras.

Eu dei uma gargalhada.

— Eu juro, se um dia me tornar chefe dos chefes da Arábia, você será meu embaixador. Que diplomacia! Espere até as mulheres ouvirem sua fala mansa.

Abdullah se alegrou com isso. Como era o mais belo dos meus filhos, ele era sempre fitado pelas jovens. Mas essa era a primeira vez que mencionei a possibilidade de ele abordar uma mulher. Seu casamento não tardaria.

Conversamos por tanto tempo que já estávamos perto da cisterna, que precisava de água. Ela era um tanque raso de pedra com menos de oito polegadas de largura. Quando chegamos, duas dúzias de mulheres esperavam com jarras de argila nos quadris. Quando viram a carroça, entoaram um grito penetrante e trinado típico das tribos nômades.

— Olhe só. Mais mulheres do que você poderia dar conta — disse eu.

Eu estava tão cansado que deixei meu filho vaidoso e descontente esvaziar as jarras pesadas da carroça. Quase toda água foi para as mulheres, sobrando só cinco ou sete centímetros na cisterna. Havia um punhado de palmeiras ali perto que produzia sombra suficiente para não deixar que o calor roubasse todo o líquido. Eu gostava daquele lugar. Eu admirava as palmeiras, que sobreviviam astutamente de gotas d'água espirradas pelos carregadores e por mulheres descuidadas correndo de volta para casa.

Esfreguei o peito onde a corda havia deixado marcas.

— Zamzam — sussurrei baixinho.

Será que o encontraria novamente? A verdade é que eu não tinha coragem de mencionar meu plano maluco para meus primos nem para minha esposa. Os homens de nossa tribo iriam, com razão, deixar de pagar minha comissão. Um lunático não deve ter relação nenhuma com os direitos a uma água sagrada.

Talvez até Deus esteja contra mim. Todos em Meca acreditavam que o desaparecimento de Zamzam era uma punição divina. Uma noite, nos primórdios da civilização, um homem justo sentiu-se ultrajado pela ganância e insolência dos ricos e impiedosos habitantes de Meca. Ninguém sabe seu nome. Ele entrou furtivamente na Caaba e removeu suas oferendas de ouro e ídolos sagrados. Apesar de Alá ser o único Deus, as tribos haviam se esquecido dele e enfeitavam o santuário com seus próprios deuses, centenas deles.

Depois de jogar o saque no poço, o ladrão cobriu Zamzam com terra, enterrando-o para que ninguém achasse. Ele rezou para que o poço nunca fosse encontrado por pessoas desonestas. Deus deve ter atendido a seu pedido, porque, quando o sol nasceu no dia seguinte, ninguém

lembrava onde ficava Zamzam. Os ricos se desesperaram; uns até se arrependeram. Mas estavam perdidos. Meca se esvaiu sem sua preciosa água. Os filhos de Ismael partiram. A cidade ficou deserta por vários séculos, até que os coraixitas a revitalizaram. Eles estabeleceram um sistema de fornecimento de água dos poços salobros. Meca foi reconstruída, proporcionando tavernas para os peregrinos e fazendo com que a Caaba fosse novamente um templo religioso. Tudo isso permitiu que eles fossem intitulados os novos filhos de Ismael.

— Vamos para casa agora? — perguntou Abdullah. Seus olhos fitavam a jovem bonita que partia balançando as cadeiras.

— Você não vai conseguir nada com ela, cheirando mal desse jeito — disse eu.

— Se a única coisa que me impede de conseguir uma esposa é um banho, você não precisa se preocupar — respondeu Abdullah, seguro de sua opinião.

Partimos para casa. O velho mancava, apoiado no ombro do jovem.

Porém, mesmo com os pés cansados, eu ouvi um barulho. Um ruído surdo que parecia uma voz abafada. Em algum lugar, a água de Zamzam fluía nas profundezas do solo e estava pronta para renascer.

A vontade de Deus é cíclica. Nenhum homem pode adivinhar a intenção secreta. Então, não deboche de minha obsessão por encontrar novamente o poço sagrado. Se eu libertar a água e talvez me apossar do ouro deixado pelo bandido, será que Deus reverterá seu julgamento?

— Eu suplico a bênção escondida na maldição — murmurei.

— Desde que eu não seja amaldiçoado com mais um dia como este — resmungou Abdullah.

— Você vai para a casa de sua tia hoje à noite — disse eu. — Lá você encontrará uma jovem pronta para casar. Acalme-se. Você só pode se casar com uma de cada vez.

Abdullah fez uma grande reverência, agradecendo profusamente o convite. A visita a uma casa de mulheres o deixou todo prosa, como se tivesse roubado uma ovelha nas montanhas da tribo rival. E começou a assobiar uma canção de amor.

Quando estávamos para dobrar a esquina de nossa casa, eu disse:

— Posso continuar o resto do caminho sozinho. Mandeí chamar seu primo de terceiro grau para terminar a coleta de água de hoje com você.

O sorriso de Abdullah se desfez.

BASHIRA, O EREMITA

É importante ignorar as vozes. Quando vim para este lugar horrível pela primeira vez, achei que estava enlouquecendo. Mas, logo depois, a coisa que mais queria era enlouquecer. Naquela época o velho monge ainda estava vivo, e ele ouvia vozes. Dizia que era a voz de Deus, mas perdera a razão havia anos.

O velho monge passava todo o seu tempo escrevendo. No início, eu, que só sei escrever meu nome, ficava admirado e pasmo. Aprendi com os monges mais velhos para poder assinar meu contrato com Cristo e me tornar seu servo para o resto da vida.

— O que você está escrevendo? — perguntei ao velho monge, que se chamava Celéstio.

— A Bíblia — respondeu.

Ele me olhou com irritação. Celéstio raramente falava. O som que normalmente saía de sua boca era o ruído de quando mascava o pão árabe durante as refeições. A pedra de moer deixava grãos de areia na farinha, e seus dentes gastos haviam virado cotocos.

No entanto, devo explicar a questão da Bíblia. Não há nenhuma Bíblia. Algo tão precioso nunca foi visto em nenhum dos quatro cantos da Arábia, e, se fosse, os pagãos a enterrariam na areia ou a comeriam quando estivessem verdadeiramente desesperados — o velino cozido deve ainda conter um pouco de gordura de ovelha. Eu mesmo só vi a

Bíblia uma única vez, quando foi encostada em minha testa em Damasco, no dia em que dei minha vida a Cristo, nosso Senhor.

Tentando esconder minha descrença, perguntei a Celéstio:

— Onde está a Bíblia que você está copiando?

Ele deve tê-la escondido muito bem. Nossa caverna só tem duas camas de palha para dormir e uma vasilha de barro para nos lavarmos. Tínhamos que cozinhar do lado de fora ou a fumaça nos sufocaria.

Celéstio, com olhar maroto, respondeu:

— Não preciso de uma Bíblia — disse, batendo de leve em sua careca, uma abóbada salpicada de pintas marrons. — Está tudo aqui. — Ele sorriu, discretamente, exibindo a fileira superior de cotocos.

Bem, maluco é aquele que faz maluquices. Se ele quisesse copiar a Bíblia de sua cabeça, então que assim o fizesse. Pedi-lhe que me lesse um Salmo.

— Eu ainda não cheguei lá — alegou. — Me falaram para começar do começo.

E não havia mais o que argumentar. E como punição por tê-lo interrompido, ele ficou um mês sem falar comigo, como se eu fosse tão invisível quanto sua Bíblia.

Ouvia os Salmos pelas janelas da igreja quando estava perdido nas ruas de Damasco. Eles não são todos sobre o vale da morte, apesar de haver dias em que eu queria ir para lá quando passava fome nos becos cheirando a esgoto. O esgoto tem suas vantagens quando você não quer que ninguém o encontre.

Para os montes levanto os olhos:

De onde me virá socorro?

Meu socorro virá do Senhor,

Criador do céu e da Terra.

O salmista não deve ter visto as montanhas de Bostra que circundam nossa caverna. Não há ninguém para nos socorrer lá.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

Um dia Celéstio estava demorando mais do que o normal para se levantar de manhã. Dei uma cutucada, mas ele não se mexeu ou emitiu um som. Ele havia morrido algum momento depois das preces da meia-noite. Do jeito que seu braço permanecia esticado na direção da cama de palha, eu supus que ele queria receber os últimos sacramentos. Um pouco tarde demais, meu irmão. Eu o enterrei, marcando um sinal grosseiro em sua cova. Com a falta de chuva, seu corpo se conservaria por um bom tempo. Algum dia, uma caravana, carregando cristãos, passaria, e o corpo seria levado a Damasco para um funeral de verdade.

Eu não tinha medo da solidão. Na verdade, foi bom ter me livrado dele. Como Cristo manda, eu amo ao próximo, mas, perto do fim, Celéstio estava louco demais para se lembrar de se vestir e se limpar. Eu vi aquela bunda ossuda mais vezes do que desejava. Depois de enterrar o velho monge, um comerciante de Tiro que sabia ler apareceu, e mostrei para ele a pilha de páginas da “Bíblia” do Celéstio. Ele riu e falou que era uma completa algaravia. Não me surpreendi. A única coisa interessante era a última página. Nela Celéstio havia escrito a mesma linha várias vezes até sua mão falhar e as letras se tornarem um rabisco apagado:

Quando a face do sol se esconder, Deus trará o último profeta.

— Você tem certeza de que é isso que está escrito aí? — perguntei.

Como era meu convidado, o comerciante não tinha razão para mentir. De uma coisa se pode ter certeza sobre os pagãos: a hospitalidade é sagrada para eles. Eu o havia convidado para beber e comer na caverna — uma refeição de verdade, não só pão árabe e gafanhotos. Vendo bugigangas aos viajantes (com um pouco de esforço, dá para fazer um osso de cabra ficar parecido com um santo), e com o dinheiro compro suprimentos das caravanas. Normalmente tâmaras e figos, mas também mel, azeitonas, queijo e carne-seca. Vinho, é claro, em jarros de barro selados com piche.

O comerciante me garantiu que tinha lido a frase do jeito que estava escrita, mas, para ter certeza, levou a página para o lado de fora, onde o

sol poente âmbar brilhava sobre as montanhas. *Quando a face do sol se esconder, Deus trará o último profeta.* Celéstio não sabia como soletrar a palavra “profeta”, então escreveu três versões, e uma delas estava correta, o comerciante me contou. Ele disse que me leria com prazer o resto da algaravia, mas isso significava lhe dar mais vinho. Apesar de minha consternação, eu lhe entreguei, por caridade, mais uma caneca de vinho. Sem saber, esse homem só me trazia problemas.

Deus trará o último profeta. Impossível. O velho monge estava simplesmente delirando. Deus já havia enviado seu único filho. A profecia de Isaías já havia se realizado. A não ser que...

A não ser que Jesus tenha nos abandonado.

A não ser que Deus tenha mudado de ideia.

A não ser que o Diabo tenha me achado na caverna mais escura, suja e pequena da face da Terra.

É uma droga quando a mente tropeça nessa exceçãozinha — *a não ser que.* Como uma partícula preta que surge no horizonte longínquo. E, por mais que se tente, a partícula cresce e cresce até um dia engolir o céu. O que eu poderia fazer? Rezei e pedi a Deus um sinal. Uma noite, depois de revirar na cama coberto de suor, levantei-me e queimei todas as páginas que o velho monge havia rabiscado. Porém, quando me deparei com a última, senti medo e não tive coragem de colocá-la no fogo. Obra de Deus ou do Diabo, eu não podia resistir.

Depois passei os dias olhando para o céu, esperando que o sol se escondesse. Um forasteiro me encontrou de cócoras do lado de fora de minha caverna.

— Por que você está olhando para o sol, meu velho?

Ergui os olhos e vi um homem alto de turbante, tão escuro quanto sua sombra. Talvez fosse um abissínio. Dizem que se você atravessar o mar até o reino abissínio, que é cristão pela graça de Deus, encontrará várias Bíblias, algumas cobertas de ouro. Talvez eu pudesse, então, me abrir com ele.

— Eu não estou olhando para o sol — respondi.

— Bom. O sol é o olho de Nabul — disse ele. — Você ficará cego se

continuar fitando-o assim.

Nabul é um dos inúmeros ídolos dessa terra desolada. O forasteiro não era um fiel. Levantei-me para que, quando eu o mandasse embora, o estivesse olhando nos olhos. Então vi algo atrás de seu ombro. De repente, uma nuvem apareceu no céu. Nessa terra onde dunas de areia fluem como um mar sem fim e a chuva só cai para umidificar as covas daqueles que ouviram o Último Trompete, havia uma nuvem.

Aponte o dedo.

— É essa sua caravana, forasteiro?

Camelos e carroças se arrastavam lá longe.

— Eu viajo na frente, como um explorador. Eles são comerciantes de Meca e não têm muito dinheiro — respondeu ele.

Mal ouvi essas palavras quando uma nuvem, não muito grande, cobriu a terra com sua sombra irregular. Lá de cima dava para ver claramente. O que me surpreendeu foi o seguinte: a sombra estava diretamente em cima de uma das carroças da caravana, e, conforme os camelos se arrastavam pela trilha, a nuvem se movia com eles, sempre sombreando uma determinada carroça.

— Quem está guiando aquela carroça? — perguntei.

O negro deu de ombros.

— Pode ser qualquer um deles. Exceto escravos e empregados, que são forçados a andar.

Eu via uma fila desgarrada de escravos e empregados correndo para alcançar os camelos. contei. Era uma caravana pequena segundo os padrões das grandes caravanas do Iêmen que aparecia toda vez que um navio abarrotado chegava do Oriente para descarregar sua carga de seda, ferro, perfumes e especiarias. Não havia mais do que duas dúzias de camelos e três burros.

— Você está pálido — comentou o forasteiro. Em seguida, senti algo frio e úmido contra minha testa. Abri os olhos e toquei meu rosto com as mãos trêmulas.

— Será que você estava mesmo fitando o olho de Nabul? — exclamou o homem. — Você desmaiou. — Ele pressionou o pano úmido

novamente sobre minha testa, mas eu o afastei com a mão.

— Preciso ver — murmurei e cambaleei até a entrada da caverna.

Graças a Deus eu não havia ficado inconsciente por muito tempo. A pequena caravana que desfilava como uma procissão ainda podia ser vista à distância. E a nuvem continuava pairando exatamente sobre uma das carroças. Fiquei olhando até sumirem de vista. Nada havia mudado. O sol havia se escondido, e Deus protegia alguém com uma sombra fresca. Era uma possibilidade intrigante. Eu tinha que descobrir quem estava na carroça.

Passei o resto da tarde caminhando, inquieto, tentando entender. O Diabo devia estar me tentando. Vi o forasteiro chegar, mas não o vi partir. Talvez fosse um laçao de Satã que aparecia e desaparecia sempre que ordenado. Mas o homem não havia me pedido para renunciar a Deus e não me deixara largado no chão, sob o sol, quando desmaiei. O Adversário não faz boas ações. Então, percebi que minha lógica era ridícula. Se o Diabo tinha me achado, eu já estava perdido. Ele carcomeria minha alma, com pequenas e furiosas dentadas, como um rato do deserto, até conseguir o que queria.

No final, acenei para um menino do vilarejo que passava com três cabras esqueléticas e falei para ele convidar os homens da caravana para cear. Ele fez que sim e saiu correndo. As pessoas daqui me olham de um jeito supersticioso. Varri a caverna e preparei o que tinha de melhor. Fui tomado por um raro bom humor. Assobiando, abri as melhores garrafas de vinho, deixei as tâmaras de molho na água para estufarem e joguei fora todos os figos bichados. Preparava uma espécie de última ceia. A palavra de Deus devia estar pronta para se realizar ou minha alma seria tomada pela loucura. De uma forma ou de outra, o fim estava próximo.

Dobrado debaixo de minha cama, estava o manto bordado que mostrava quem eu era — não um mendigo sujo com cabelo embaraçado, mas um padre. Quando fui enviado para o deserto, os padres de Damasco me deram o manto de presente.

— Nunca esqueça quem você é — disse o abade com um ar sério. — E não volte para casa até que o manto seja sua mortalha.

Sorri e joguei o pano escarlate sobre meus ombros estreitos. Havia uns pequenos buracos de traça na lã, mas o bordado dourado brilhava na escuridão da caverna. O manto ainda era luxuoso. Sentei-me, cercado pelo banquete que havia preparado, e esperei até o pôr do sol. Cochilei uma ou duas vezes — consequência de meu grande entusiasmo — até ouvir as vozes dos homens subindo a colina.

— Você é o Bashira? — perguntou o líder do grupo, na entrada da caverna. Esses árabes são terrivelmente descrentes, mas são convidados muito formais.

Acendi a lamparina e a segurei perto de meu rosto.

— Por acaso tem outra caverna com um banquete esperando por vocês? — perguntei.

O brilho da lamparina iluminava meu manto escarlate, dando a impressão de que a luz vinha de dentro do manto. Os árabes se olharam desconfiados. Eles acreditam em todos os tipos de espíritos, especialmente aqueles que vagam pelo deserto depois do anoitecer para sugar as almas dos seres humanos. Mas o líder não hesitou. Contemplando a comida e a bebida à minha volta, deu um passo à frente e fez uma reverência.

Eles se sentaram num círculo e começaram a comer. Nenhum deles rezou ou se preocupou em agradecer a Deus. Dois deles derramaram vinho no chão como oferenda para seus ídolos. Não importavam quais. Havia mais ídolos do que cavalos ou gado. Se você subisse numa árvore para fugir do chacal à espreita, poderia transformá-lo em um de seus deuses.

Como eram convidados, os homens não atacaram a comida como animais esfomeados e comeram com dignidade. Permaneci sentado, observando, em silêncio. Qual deles era o profeta? Não tardou para a dignidade esmaecer. Quanto mais vinho bebiam, as conversas se tornavam mais altas e grosseiras. Como para eles eu não era um homem santo, falavam livremente sobre as mulheres de rua e suas conquistas. As horas passavam. Eles começaram a enrolar a língua e deixar a cabeça cair. Mas eu continuei em alerta, observando. *Qual deles?* A lua cheia, que

de início iluminava a caverna, havia se escondido no horizonte desolado e isento de árvores. Virei-me para o líder, que estava sentado à minha direita. Ele não estava sóbrio, mas ainda assim coerente.

— Tem alguém especial aqui que devo conhecer?

Ele me olhou com um ar confuso, é óbvio. Eu não achava as palavras que queria dizer. Tentei novamente.

— Estou procurando por alguém favorecido pelos deuses — disse. — Tem alguém em seu clã com uma marca especial?

— O quê? — Ele fez que não e pediu mais uma caneca de vinho. Eu lhe dei outra caneca e mergulhei em meus pensamentos melancólicos. Passei a noite toda sem receber um sinal de Deus. Esses homens eram comerciantes comuns, grosseiros e nômades atravessando o deserto. Alguém estava brincando comigo.

Os homens se levantaram e partiram. Apoiados uns nos outros, cambalearam pela noite, que estava ainda mais escura e densa sem a presença da lua. Acenderam as tochas, e o líder me fez uma reverência. Ele estava pronto para partir quando disse:

— Eu pus algumas tâmaras e figos em minha sacola sem pedir sua permissão. As frutas são para meu filho. Perdoe-me.

Tentando manter a voz firme, perguntei por que o filho ficou longe do grupo. Eu havia convidado todos os homens da caravana. Ele disse que não deixara nenhum homem para trás. Seu filho ainda era um menino. Eles o deixaram tomando conta dos animais e de sentinela para avisá-los ao primeiro sinal de saqueadores.

— Mande o menino vir aqui — disse. — Meu Senhor Jesus Cristo me ordenou oferecer, sem exceção, comida a todos os forasteiros hoje à noite.

Apesar de não ter nenhuma consideração pelo nome de Cristo, o pedido lhe pareceu bem lógico sua mente supersticiosa. O líder ajeitou sua saia tecida à mão, sentou-se no chão e bradou ordens a uns e outros. Os homens fizeram uma reverência e desceram a montanha.

— Na verdade, estou feliz que o senhor tenha chamado pelo Maomé — disse ele. — Senti-me culpado por deixá-lo sozinho, pois um dos

escravos poderia tomar conta de tudo.

Comentei que nunca vira um menino numa caravana. Era perigoso, não era?

Ele suspirou.

— É verdade. Vários membros de minha tribo já morreram em terras longínquas. Nossas caravanas foram amaldiçoadas. Especialmente uma vez. — Ele ia começar a me contar a história quando de repente parou e desviou o olhar.

Meia hora mais tarde um de seus homens retornou, aparentemente sozinho. Mas ao me aproximar, vi a silhueta de um menino pequeno atrás dele. Os dois se aproximaram, e com o coração acelerado fitei o rosto do menino. Ele me olhou e fez uma reverência a seu pai.

— Abu Talib, estou aqui para servi-lo — disse o menino, sério. Ele parecia ter uns doze anos, mas era baixo e compacto. Sob a chama fraca da fogueira, eu não conseguia ver seus olhos. Só quando recebeu a ordem de cumprimentar seu anfitrião, ele se virou para mim, e seus olhos estavam abaixados, mirando o chão.

— Seu pai me disse que você se chama Maomé.

Foi uma mera afirmação, mas o menino hesitou antes de concordar.

— Quem é seu povo? — perguntei.

Antes que pudesse responder, seu pai interferiu. Levantou-se e puxou-o para seu lado.

— Nosso povo não é nada para o senhor, então por que perguntar ao menino?

Com um olhar surpreso, eu disse:

— O senhor age como se eu fosse machucar seu filho. Qual é o problema?

— Ele é precioso para mim. Sua mãe morreu quando ele havia acabado de começar a andar.

Porém, essa não era a história toda. Esses árabes podem ter várias mulheres, segundo a tradição deles. Eu estava me queimando para saber a história do menino e, então, perguntei a Deus o que deveria dizer antes que o levassem embora. Não havia muito tempo; o líder estava ansioso

para partir. De repente vi a verdade.

— Ele não é seu filho — disse factualmente — Você está mentindo. Por quê? — Minha voz era clara e forte. — Pergunto-lhe como um homem santo. Deus me disse uma coisa importante, mas antes preciso saber a verdade.

O homem ficou nervoso. Uma coisa estranha é que os árabes, apesar de adorarem seus ídolos, respeitam o nome de Deus. Eles não falam livremente sobre Deus, mas ouvi dizer que eles sabem que existe um só Deus. Houve uma época em que o culto era puro. Eles consideravam Abraão o pai deles. Mas, com o passar do tempo, começaram a venerar os ídolos.

— Preciso saber a verdade — repeti. — Quem é você, Abu Talib?

— Sou o tio dele e líder do clã — admitiu com relutância. — Minha mentira não é pecado. Minha função é proteger o menino.

— Então ele é órfão?

Abu Talib assentiu, e o menino se aproximou dele, escondendo o corpo franzino no manto do tio. Eu me ajoelhei.

— Maomé, é perigoso viajar numa caravana, mas você está a salvo aqui. Fale comigo. Eu imploro. Seu destino é importante. Ou você já sabe?

Encostei a testa no chão, como se estivesse me dirigindo a um superior. Isso assustaria um menino comum ou o faria cair na gargalhada, mas Maomé se enrijeceu.

— O que sei só diz respeito a mim, não a você — disse.

— Não, meu filho — repreendeu o tio com severidade, e então se dirigiu a mim. — Por favor, perdoe-o. Seu pai, Abdullah, era um homem orgulhoso.

— Minha preocupação é a preocupação de Deus, e ele não se sente ofendido. Mas mesmo assim ainda preciso falar com você. — disse eu olhando para o menino.

Ele ponderou um momento.

— Você está pedindo que os deuses decidam por você? — perguntei.

Nomeei Al-Uzza, um dos ídolos — a deusa da fertilidade —, cujo

nome eu já ouvira uma vez.

O menino fez uma cara séria.

— Ela não é sua favorita? Ela é bela e tem seios grandes — exclamei.

— Se você continuar zombando de mim eu vou embora — respondeu.

— Nunca toco nos ídolos e também não tomo parte em seus rituais.

— Por que não?

— Se você fosse um homem santo, saberia por quê. Não há um Deus, mas o Deus.

Com o coração na boca, tive que me segurar para não me aproximar dessa criança singular. Se pelo menos ele chegasse perto da fogueira poderia ver seus olhos. Eles me diriam a verdade. Abu Talib contemplava o sobrinho com orgulho.

— Ele é especial — disse eu, e ele concordou.

Seu tio não tinha a menor ideia. Nenhum deles tinha. A caravana partiria antes do amanhecer. O que eu tinha a dizer, tinha que ser dito naquele momento. A ousadia era minha única opção.

— Eu sei sobre você mais do que você imagina — afirmei.

Repousei a mão no ombro do menino e o afastei de seu tio. Se Abu Talib ficou ofendido, não demonstrou. Levei Maomé para uma depressão arredondada no chão. O buraco tinha três palmos de profundidade e acomodaria um homem deitado.

— Adivinha quem cavou esse buraco? Um louco. Ele vivia nesta caverna quando cheguei. Se eu não o tivesse arrancado daqui, ele continuaria cavando a terra até suas mãos sangrarem. Ele morreu numa noite sem recobrar a lucidez.

Eu não estava mentindo. No final da vida, Celéstio havia abandonado a Bíblia e ficara obcecado por cavar onde as vozes mandavam. Tentei persuadi-lo a esquecer essa fixação maluca, mas mesmo assim ele chegou a cavar um buraco relativamente grande.

O menino, curioso, arregalou os olhos.

— Por quê?

— Ele achava que a água da vida passava aqui embaixo e tinha que encontrá-la.

Maomé apontou para as jarras de água enfileiradas na entrada da caverna.

— Aquelas ali?

Balancei a cabeça.

— Não, os habitantes do vilarejo a trazem para mim. A água da vida não flui do solo. Ela flui daqui. — Toquei levemente o peito um pouco acima da clavícula. — Você nasceu no deserto, mas é um lugar tenebroso para mim e todos os homens santos. Nós viemos aqui com um só propósito: achar a água da vida.

— E você achou? — indagou ele solenemente.

— Por muitos anos, não. O velho monge cavou a terra e perdeu a razão. Ele se desesperou com a possibilidade de um dia encontrá-la. Mas hoje à noite minha busca talvez tenha terminado.

Maomé ouviu calmamente, como se tudo que eu dizia fizesse sentido. Seu tio estava visivelmente agitado. Sem conseguir se conter, ele estourou.

— Minha família a achou. O poço estava enterrado havia séculos. Mas meu pai, Abdul, teve um sonho. Ele viu o local exato onde Zamzam estava enterrado. Ele era nosso salvador, abençoado seja seu nome.

Com a voz animada, ele contou sua história e, apesar de usar a língua dos comerciantes — uma mistura precária de grego e árabe —, eu entendi. Esse poço que eles chamam de Zamzam fora prometido por Deus a seus ancestrais, e sua água deveria fluir para sempre. Mas Deus ficou com raiva quando eles começaram a venerar os ídolos e fez o poço desaparecer. Meca poderia ter sido uma grande cidade glorificada por Deus. Mas, em vez disso, Deus lhes deu água suficiente só para sobreviver e que tinha que ser obtida a duras penas.

A obsessão do pai de Abu Talib, “O escravo”, como era conhecido, era achar Zamzam. Uns dizem que ele, secretamente, jurou sacrificar um de seus filhos se os deuses lhe mostrassem onde deveria cavar. Outros dizem que ele se converteu novamente ao Deus de seus ancestrais. Seja como for, Abdul foi agraciado com um sonho. Ele viu um local entre os dois ídolos maiores, perto do templo de culto pagão, a Caaba. Todos em

sua tribo riram dele, mas o Escravo insistiu em cavar ao redor do local. Vejam só, um dia um homem enfiou a pá no solo e bateu numa superfície dura. Era uma tampa de poço, e quando ele a removeu jorrou água. Zamzam fora encontrado novamente, junto com o tesouro e os ídolos que haviam sido roubados da Caaba. Abdul devolveu tudo, ficando só com uma porção da pilhagem para si.

Quando terminou de contar a história, Abu Talib estufou o peito.

— Como pode ver, meu povo encontrou a água da vida. Deus a mostrou para nós.

— Deus age de forma misteriosa — disse eu suavemente.

Ele franziu os olhos.

— Você não acredita em mim?

Eu estava com uma resposta educada na ponta da língua, mas Maomé exclamou.

— O poço era um sinal, senhor. Existe água que ninguém consegue ver, que não molha os lábios de ninguém. É isso que o homem santo quis dizer.

O tio parecia confuso, dividido entre o sentimento de raiva de ter sido chamado de mentiroso e o orgulho do sobrinho precoce.

— Não era apenas um sinal — afirmei apressadamente. — Era um grande sinal. Deus agraciou sua tribo com bênçãos.

O tio, em vez de ficar satisfeito em ouvir isso — afinal, ele acabara de dizer a mesma coisa —, fechou a cara.

— Meu pai, Abdul, sempre afirmava que é difícil discernir entre o ódio e o amor de Deus. Seu filho predileto, meu irmão Abdullah, morreu subitamente quando voltava para casa numa caravana. Quando soubemos de sua doença, mensageiros e médicos foram logo vê-lo, mas ele já estava morto e enterrado, a menos de dois dias de viagem de sua esposa. Eles haviam se casado apenas dois meses antes. Ela pereceu de tristeza e, dois anos depois, meu pai os seguiu. Se você é realmente um homem santo, encontre a bênção em tudo isso.

A bênção é você ter trazido o menino a mim.

Escondendo minha opinião, murmurei que Deus age de forma

misteriosa, e Abu Talib, tristemente, assentiu. Essa conversa revelou uma série de coisas que me são preciosas. Depois de umas taças de vinho, ele parecia confiar em mim. Ele não se opôs e, pela primeira vez, eu o olhei nos olhos.

Ah!

— O que está vendo? Ele também está amaldiçoado? — perguntou, triste, o tio. — Eu abriguei o filho de meu irmão quando ele ficou órfão. Sempre me preocupei com sua segurança.

— Você não o protegeu o suficiente — afirmei.

— Não me diga isso! Essa é a única coisa boa que a morte de Abdul me trouxe. A morte de Abdullah partiu meu coração. Eu não suportaria se Maomé também fosse tirado de mim.

Abu Talib interpretou mal o que eu queria dizer, mas o menino entendeu. Ele me permitiu que olhasse fundo em seus olhos. Ele me deixou vê-lo. De repente, eu não conseguia conter as lágrimas. Comecei a chorar em silêncio e me virei para que eles não notassem.

— Está tudo bem — sussurrou Maomé.

Ele repousou gentilmente a mão em minha cabeça grisalha, como se tivéssemos trocado de lugar e agora eu fosse o menino e ele o homem.

O tio ficou ainda mais assustado com meu comportamento.

— Diga-me! — exclamou.

Não dava para explicar meu sofrimento. Sentia como se minha fé fugisse de mim. Onde estava meu senhor? O que será de nós, pobres andarilhos da escuridão, que esperamos tantos séculos?

Recuperei a postura e me virei na direção de Abu Talib.

— Perdoe-me. Não tem jeito. Você tem que proteger esse menino como se fosse seu pertence mais valioso. Ele pertence a Deus.

O tio se espantou não só com minhas palavras, mas com a calma de Maomé.

— Você ainda não me disse o que viu.

— Uma luz. Aqui. — Repousei meu dedo de leve no espaço entre as sobrancelhas do menino.

Esperei o tio protestar. Mas em vez disso ele ficou paralisado, e sua

cabeça tremeu. Virou para o menino e disse num grasnido rouco:

— Vá. — Ele apontou para a encosta da montanha, onde o homem que havia trazido Maomé estava esperando para levá-lo de volta.

Maomé fez uma reverência e, sem pronunciar uma palavra, partiu. Quando ele estava fora do alcance, Abu Talib recuperou a fala.

— Tem um segredo que o menino não sabe — revelou. — Ele nasceu exatamente nove meses após o casamento de Abdullah. Meu irmão nunca o viu. Antes de partir para a jornada de onde nunca voltou, Abdullah me falou em confidência. Ele teve uma premonição e me implorou que tomasse conta de seu filho. Eu fiquei surpreso, porque ninguém sabia que sua noiva estava grávida. — Por que você vem a mim? — perguntei. — Nosso pai, um homem rico, pode tomar conta de seus netos. E além disso, dos dez filhos de nosso pai, todos sabem quem é o favorito.

Abu Talib fez uma pausa e acenou com a mão.

— Não tem importância. Está tudo nas mãos de Deus.

Porém Abdullah estava com a consciência pesada. E foi essa a verdadeira razão para se confidenciar comigo. No dia de seu casamento ele me contou que estava indo à casa de Aminah para a cerimônia. Meu irmão, dotado de um belo rosto, estava acostumado com as mulheres e seus olhares sedutores. E por que não? Ele capitulou mais de uma vez. Naquele dia uma mulher casada o espionava de sua janela acima da rua. Ela ficou instantaneamente enamorada do belo noivo e o chamou para deitar-se com ela. Meu irmão, mesmo não sendo prudente, ficou chocado. Dava para ouvir seu chamado lascivo por toda a rua. Ainda mais chocante foi quando ela desceu, descalça, e o abordou na rua, agarrando seu manto perfumado. “Eu preciso fazer amor com você agora mesmo”, implorava ela. Com dificuldade, Abdullah conseguiu se livrar dela e uma hora mais tarde, para felicidade de todos, ele se casou na casa de Aminah. Os homens são de carne e osso. Mesmo você, um homem santo, deve admitir isso, a não ser que Deus o tenha castrado. Naquela mesma noite, Abdullah abraçou sua noiva, mas no dia seguinte, ao amanhecer, ele viu o rosto da mulher casada. Ela era bonita, e meu irmão

foi tomado por um enorme desejo de possuí-la. Ele se debateu e quase acordou a esposa. Em vez disso, saiu furtivamente e correu até a rua onde a mulher casada vivia. O sol ainda não havia nascido. Seus pés percorreriam as pedras frias. “Eu devo estar louco”, pensou ele. Mas ele jogou pedras na janela e, por sorte, foi a mulher e não o marido que acordou. Ela colocou a cabeça para fora da janela e perguntou: “O que você quer? Por que não nos deixa dormir, seu cachorro?” Abdullah se espantou com sua mudança de comportamento, mas não se sentiu ofendido. Como já disse, ele estava acostumado a ser assediado pelas mulheres. Ele atirou uma pedra e exigiu saber por que ela havia mudado de ideia. “Ontem quando você passou pela rua, altivo, você tinha um fulgor nos olhos”, disse ela. “Eles brilhavam como a chama da meia-noite. Eu queria essa luz para meu filho, mas agora você já dormiu com outra, e o filho dela receberá essa bênção. Vá embora e me deixe em paz.”

Ao terminar o relato, o tio ainda estava agitado.

— Abdullah nunca contou essa história para ninguém, só para mim. Será que é verdade? Maomé recebeu a luz?

Eu não precisava falar mais nada, só acenei que sim. Por alguma razão a dor em meu coração havia diminuído. Se Deus me trouxera o último profeta, seu desejo seria realizado. Só me restava rezar e contar meus dias finais, que certamente seriam poucos. Pelo menos eu estava salvo. O Diabo não estava brincando comigo.

O tio estava ansioso para voltar ao acampamento. Fez uma reverência e partiu trilha afora. O horizonte estava começando a se iluminar com um azul bem pálido, que não é normalmente visto pelos habitantes das cidades, mas faz parte do cotidiano dos eremitas que se levantam cinco vezes por noite para rezar. Eu via a silhueta esmaecida de Abu Talib descendo às pressas o caminho pedregoso longe do alcance do fogo, que havia se tornado cinzas.

Abu Talib não se esqueceria de dar uma atenção especial ao menino. Eu tinha certeza disso e de mais uma coisa: Maomé nunca esqueceria a água da vida.

HALIMAH, A AMA DE LEITE

Eu sabia que era ele que estava ajoelhado do lado de minha cama. Senti a brisa do abanador em meu rosto. A folha de palmeira farfalhava. Febril, eu não conseguia abrir os olhos de tão inchados, e por isso não o vi entrar.

— Quem é a única mulher em sua vida, Maomé? — perguntei.

— É você.

Sorri com os lábios rachados.

— Se você consegue mentir assim, já é quase um homem feito.

Entenda, depois de tantos anos, nós nos falamos assim. Em seguida, senti um frio úmido. Ele me trouxe uma tigela de água fria e uma compressa para os olhos. Eles estavam grudados e inchados. Só o abanador conseguia afastar as moscas.

— Você lembra como meus seios eram pequenos? — ponderei.

— Shhh! Beba isto.

Maomé torceu o pano, e as gotas de água caíram em meus lábios.

— Como você chama essa água? — resmunguei.

— Água santa, do Zamzam.

Eu teria cuspidido de volta na tigela se não estivesse queimando de febre. Não há água santa em Meca, afirmei. A água é cara. Ele não tinha dinheiro para desperdiçar.

Eles trouxeram um médico com fumigadores na semana passada para

conter a febre. Ele queimou uns pedaços de estrume e jogou ervas frescas para fazer uma fumaça espessa e doce. O que também custa dinheiro. A única maneira de receber um tratamento decente é pagando, exceto no deserto.

— Me dê minha bolsa — disse eu.

Eu queria pagar a Maomé pela água com a qual ele havia desperdiçado suas moedas. Na época de seus avôs, as tribos pagavam às suas famílias pela água. Mas não é mais assim. Depois que “O escravo” morreu, houve alguns bate-bocas violentos. Hoje em dia, gangues de jovens coraixitas mal-encarados circundam o poço, protegendo-o até que a disputa seja resolvida. Será que algum dia elas se resolverão?

— Não se preocupe — disse Maomé, recusando o dinheiro. Quando percebeu que eu conseguia beber um pouco, ergueu o pote até meus lábios e o virou ligeiramente. — Cá entre nós, vi um peregrino que havia deixado uma jarra meio cheia num parapeito. Roubei um pouco de água.

Tentei rir para mostrar meu ceticismo, mas minha garganta apertou, e a risada se transformou num grasnido.

— Se você roubou, então eu andei até a Caaba e fugi com um enorme carneiro preto. — Descrevi então a Maomé o que o carneiro fez quando chegou em casa.

— Não fale assim — repreendeu.

Não sei por que eu me divertia em vê-lo corar. Talvez me fizesse sentir mais como sua mãe, que Deus a tenha. Tateei seu rosto para ver se suas bochechas ainda estavam quentes de vergonha e senti outra coisa. Sua primeira barba começava a crescer. Virei o rosto.

— O que foi? — perguntei.

Os jovens nunca entendem a tristeza de crescer. Eles estão ocupados crescendo. Pelo menos meus olhos estavam inchados demais para ele perceber minhas lágrimas. Perguntei:

— Você ainda implica com as meninas?

O que seria proibido quando ele tivesse uma barba de verdade.

— Não implico com elas.

— Ah, então você é mais santo do que sua água preciosa.

Ouvi uma forte batida na porta, mas ninguém entrou. O médico só permitia uma visita por dia para evitar o contágio. Maomé abriu um pouco a porta, e ouvi duas vozes masculinas. Eles estavam impacientes. Um deles começou a praguejar. Era apenas um menino, como Maomé, mas precisava treinar insultos assim como examinar a barba rala todas as manhãs para ver como estava.

Maomé tinha muitos primos. Pelo menos ele desfrutava um pouco a sorte. Eu não sabia o nome de todos eles. Seu pai, o amaldiçoado Abdullah, tinha nove irmãos, então havia um exército de primos para correr pelas ruas. Isso continuaria, mesmo quando não implicasse mais com as meninas. O fato de crescer nunca impediu os homens de rondarem os becos.

Repousei as mãos em meus seios. É claro que Maomé não se lembra de quão pequenos eles eram naquele ano. Ele mal acabara de nascer. Mas graças a meus seios pequenos ele veio ficar comigo.

Há quinze anos, nós partimos para a cidade, como é costume das tribos do deserto na primavera. Os homens tinham ovelhas para vender e novelo enrolado pelas mulheres durante o inverno. Eles se reuniam em volta da Caaba, e os mais velhos, que guardavam o dinheiro, se reuniam nas tavernas. Eles passavam o dia todo barganhando, aos brados. De tempos em tempos alguém contava uma piada, e a tensão era aliviada com uma gargalhada. Você ouve essas piadas sujas, as risadas e as mesmas gargalhadas em todos os lugares do mundo. Um homem só é homem quando é indecente.

As mulheres não frequentavam as tavernas, mas nós tínhamos nossos próprios negócios. Sentávamos na frente dos portões das casas das famílias ricas, segurando nossos bebês e esperando. Nós tínhamos o leite. As mulheres da cidade tinham bebês, mas não os amamentavam. Não porque eram preguiçosas, mimadas ou não queriam ficar com os mamilos machucados. Elas estavam sempre preocupadas. Para viver numa cidade como Meca, onde respirar significa respirar ar contaminado, elas precisavam ser cautelosas. E assim, a cada primavera

nós vínhamos do deserto para oferecer nossos seios. Esse era e ainda é nosso costume, mas está em declínio. Não sei como o ar da cidade não mata todos os bebês antes de eles darem os primeiros passos.

Os recém-nascidos eram colocados em cestas amarradas ao lado das covas dos camelos, e nós os levamos de volta ao deserto para amamentá-los. Depois de dois anos, devolvíamos os bebês às mulheres da cidade, radiantes por vê-los gordos e saudáveis, e nos enchiam de moedas e presentes. Se você alguma vez vir uma beduína com um pano de seda na cabeça, pode ter certeza de que ela amamentou um bebê — talvez gêmeos, se ela estiver usando brincos de ouro.

Eu tinha meu próprio bebê para lhes mostrar naquela primavera, mas eram tempos difíceis. Fazia meses que não chovia. Os seios de todas as amas tinham secado. Os meus estavam com metade do tamanho, murchos como tâmaras secas. Eu me cobri com o manto e mantive os braços cruzados para ninguém notar. A quem eu estava enganando? Meu próprio bebê estava mirrado e chorando, desesperado pelo resto de leite que tinha. As mulheres ricas e mimadas passaram direto por mim sem sequer me olhar. Fiquei vagando de pátio em pátio por três dias, sem sorte. Meu marido me disse para continuar tentando, mas de que adiantava? Precisávamos, é claro, de dinheiro.

— Maomé? — Eu não ouvia mais as vozes à porta e imaginei que ele tivesse saído de mansinho.

— Estou aqui. Não se preocupe.

Ele estava a meu lado novamente. Enrolou minhas mangas e começou a lavar meus braços. Ficamos quietos. Um menino lavando os braços de uma mulher... Algumas pessoas talvez não vissem isso com bons olhos, mesmo sendo sua ama de leite.

— Abra as venezianas. Está muito quente. Parece um túmulo — pedi.

— Você sabe que não posso fazer isso. Vai estragar tudo.

O médico dos fumigadores avisara que o quarto deveria ficar fechado e quente para acabar com a febre. Eu não sabia o que fazer. Em meu estado delirante, não me lembrava nem de ter sido levada para esse quarto. Era pequeno, fechado e cheirava mal. Mas Maomé não tinha

dinheiro. Como já havia perdido os dois pais e agora o tio Abu Talib, ele não tinha direito a nenhuma fortuna. Aceitou o quarto que lhe fora dado para minha convalescença.

Eu queria resmungar mais um pouco, só para ouvir sua voz, mas subitamente fui tomada por uma grande exaustão. Deixei a cabeça afundar no travesseiro enquanto Maomé terminava de lavar meus braços.

Sua mãe, Aminah, foi a única que não se afastou no ano em que meus seios estavam pequenos. Toda a cidade sabia sua história. Seu marido havia morrido enquanto viajava com a caravana, a apenas dois dias de casa. Desconhecidos o enterraram imediatamente. Ela nunca pôde se atirar sobre seu corpo. Mas acho que ela não faria isso. Suas primas se reuniram ao portão para se lamentar com ela, mas Aminah era uma viúva silenciosa. Ninguém nunca tinha visto algo parecido. Uma noiva casada há apenas dois meses perder o melhor marido da cidade? Ela deve estar em estado de choque, diziam eles.

Contudo, Aminah não havia perdido a razão. Ela sabia que estava sendo assediada como uma presa fácil. O destino tinha fixado seus olhos sobre ela. Nenhuma das outras beduínas viria à sua casa. Ela não tinha uma moeda de bronze para pagar pela amamentação.

Uma sombra pairou sobre mim, e era Aminah.

— Tenho um bebê recém-nascido. Por favor, entre — disse ela, com voz suave. Eu estava de cócoras em seu portão e quase dormi de cansaço e sede.

Bebemos chá sem emitir uma palavra. Para que falar? Precisávamos da outra. Nem eu nem ela iríamos mendigar.

Pouco depois ela falou educadamente:

— Você é magra.

— Em nossa tribo, Banu Sa'd, trabalhamos duro demais para engordar. Nossos homens já se acostumaram — respondi.

Entendi o que ela queria dizer. Afrouxei a manta e casualmente me debrucei sobre a chaleira, fingindo observar se o chá já estava pronto. Ela observou que meus seios não eram tão fartos quanto deveriam.

— Você poderia me dar dois anos? — perguntou Aminah. Ela falava baixinho até na própria casa. Talvez fosse normalmente tímida. Ou os olhos do destino a tinham enfraquecido.

Dois anos é o período normal para amamentar um bebê no deserto. Como precaução, pedi para ver o bebê. Ela o trouxe enrolado num pedaço de pano. Disse que o tecido estava sujo e o removeu. Observei que o bebê, pequenininho e vermelho como um coelho despelado, tinha órgãos masculinos.

Há outro tipo de “mãe” que vai ao portão dos ricos. Não importa que tipo de leite ela tenha, porque os ricos lhe dão um bebê enrolado num pano preto, com o rosto escondido. As mulheres são fracas, mesmo no deserto. Se elas encontram um bebê abandonado — é sempre uma menina —, talvez o rosto dele amoleça seu coração. Mas para que salvá-los? Os meninos crescem e têm uma vida dura, e muitos morrem antes de partir em sua primeira caravana. Alguns nunca mais voltarão. Um excesso de virgens e viúvas é a última coisa de que precisamos. Meu marido me perguntou se eu poderia agir como uma “mãe” desse tipo. Eu disse que preferia me matar. Também temos uma filha, não é?

Levou uma hora para fecharmos o acordo. Primeiro, fui correndo de volta ao acampamento, fora da muralha da cidade, e obtive a permissão de meu marido para levar o bebê da viúva. A permissão foi dada com má vontade.

— Se você receber um anel de prata depois dos dois anos, considere-se sortuda — disse ele.

— Eu farei isso mesmo se ela só me der suas sandálias velhas — respondi.

Eu discuti e insisti. Ele franziu a testa, mas o que posso fazer? Não receberíamos nada se ele partisse sem o bebê.

Depois de Aminah ter chorado um pouco, o Banu Sa’d passou pelo muro da cidade, ao crepúsculo, em direção ao deserto. Não sei qual é a sensação dos marinheiros quando aspiram novamente o cheiro do mar, mas deve ser a mesma sensação de quando sinto o cheiro do deserto. É uma expressão curiosa, porque na verdade o deserto não tem cheiro.

Quando o último vestígio de fumaça, esgoto e estrume está fora do alcance de suas narinas, você está no deserto, onde a vida é tão pura como o ar. Nos próximos dois anos, Maomé nunca cheirou corrupção ou, de fato, viu uma casa com muro.

Meus seios cresceram quando comecei a amamentar o novo bebê. As outras mulheres ficaram com inveja. Elas espalharam boatos de que eu estava amamentando o bebê com leite de camelo. Encurrelei a pior das megeras e mostrei-lhe os seios.

— Está vendo? Eles cresceram sozinhos.

Deixei claro o que faria se ela continuasse com essas acusações. Senão, em seguida, elas começariam a dizer que eu fizera um pacto com os demônios. Como eu poderia lhes dizer que foi o bebê que me trouxe tanto leite? As tetas das cabras e dos camelos também encheram, mas ninguém acreditaria se eu contasse. Leite no meio do deserto. Quem sabe a resposta?

— Tenho que ir — disse Maomé.

Sua voz me trouxe de volta de meus devaneios febris. Não sei por quanto tempo dormi. A escuridão naquele cubículo horrível era sempre a mesma, dia e noite.

Maomé repousou a mão em minha testa.

— Fique tranquila, não vou demorar. O que quer que eu lhe traga?

— Me traga as estrelas — murmurei.

Soava como um delírio, mas ele sorriu. Qualquer beduíno sorriria.

No dia seguinte, Maomé me encontrou sentada na cama. Tocou minha testa e viu que estava fria e seca. A primeira coisa que eu queria não era comida, apesar de estar faminta. Eu queria ser levada para o lado de fora. Maomé foi buscar dois primos, e eles carregaram minha cama até o pátio sujo à sombra das palmeiras. Fiquei confusa. Por que meu povo não veio me carregar?

— O contágio piorou, e eles tiveram que partir — disse Maomé com ar sóbrio.

Perguntei qual era a gravidade da situação. Ele me contou que as

peessoas estavam morrendo tão rápido que não havia tempo para enterrá-las. As tribos empilhavam os corpos fora das muralhas da cidade. Então eles fizeram certo em fugir. Não fazia sentido eles ficarem, esperando que eu melhorasse, e perderem a vida. Maomé também tinha primas, e elas me traziam mingau de milho com carneiro para me fortalecer. Eram meninas bonitas e fofas que tagarelavam para me alegrar, mas eu as mandava embora. Não precisava de alguém para me animar. O som do vento nas palmeiras era melhor do que um coro de espíritos abençoados.

Nós, os beduínos, somos orgulhosos, mas não imunes ao dinheiro. Às vezes negociantes estrangeiros, montados em cavalos moribundos, chegam a nosso acampamento dispostos a esvaziar suas bolsas de dinheiro em troca de um cantil d'água de pele de cabra e um guia até o próximo oásis. A maioria dos forasteiros que imprudentemente tentam atravessar o deserto sem um beduíno não chega a um acampamento, e nós encontramos seus restos esbranquiçados nas dunas.

A primeira vez que Maomé viu tal cena, tinha uns cinco anos. Ficou chocado — o corpo de um homem estatelado na areia, sua pele ressecada como um pergaminho e seu cavalo a uns 2,5m dali, tão morto quanto ele. Naquele dia, como o vento estava suave, suas bocas estavam cheias de areia, mas seus corpos não foram cobertos.

— Ele é um imbecil — disse eu. — Deixou o cavalo solto. Quem faria uma coisa dessas?

— Ele estava querendo ser gentil — replicou Maomé inocentemente.

Eu me ajoelhei e olhei bem em seus olhos.

— Os cavalos não sobreviveriam sozinhos aqui no deserto. O que ele deveria ter feito era matar o cavalo e se esconder em sua barriga. Assim ele estaria protegido por um ou dois dias.

Eu sabia disso. O Banu Sa'd estava próximo. Vimos os abutres circularem sobre o animal morto. Após três dias ainda dá para achar um homem vivo dentro de um cavalo ou camelo. Não era uma cena agradável de ver, mas a morte é muito pior.

Maomé ouvia, mas seus olhos continuavam fitando o homem morto.

Nos últimos instantes de vida, sua boca se abriu para respirar com sofreguidão, formando um buraco para ser preenchido com areia. Dava para ver que o menino queria me fazer uma pergunta, mas não a fez. Eu entendi. O destino é uma provocação. Tão cedo ele havia sentido na pele essa provocação cruel. Sua mãe também. Ao fim de dois anos, levei o bebê de volta. Aminah estava esperando ao portão e gritou de felicidade quando nos avistou. Maomé, com pernas fortes, andava a meu lado. Os bebês beduínos não começam a andar quando querem. Eles começam a andar quando devem começar, o que acontece bem cedo entre os nômades.

Ao ouvir o choro dela, Maomé se afastou. Ele havia aprendido que isso era um sinal de perigo. Quando o acampamento é atacado, as mulheres soam o alarme. E, obviamente, ele não a conhecia. Para ele, eu era sua mãe. Eu me agachei e lhe dei uma bofetada forte.

— Vá até ela. Me esqueça — ordenei. — Eu te odeio como se fosse um estranho.

Sempre usávamos essas palavras duras quando devolvíamos os bebês. Maomé não se mexeu ou chorou. Só depois do segundo tabefe é que ele correu na direção de Aminah, que estava agachada na rua, com os braços abertos. Mas o reencontro deles foi uma provocação. Meca fora infectada pela praga e, quando o primeiro vizinho de Aminah morreu em sua rua, ela cobriu o rosto com um véu forrado com ervas amargas. Ela também cobriu o rosto do bebê, mas era uma precaução fútil. Ela sabia o que o destino esperava dela. Aos prantos, devolveu Maomé para mim. A contaminação se espalhou mais rápido do que a areia, portanto não havia muito tempo para pensar.

— Quando devo trazê-lo de volta? — perguntei.

Corri para o acampamento onde os Banu Sa'd sempre ficavam, mas agora ele estava perigosamente perto da cidade. Aminah correu a meu lado, segurando Maomé em seus braços. Ele não conseguia correr tão rápido quanto nós, e ela não conseguia aceitar a ideia de se separar tão cedo dele.

Perguntei novamente:

— Dois meses, três?

Era a decisão dela.

— Três anos. Fique com ele o quanto puder — respondeu Aminah.

Não vou mentir. Eu fiquei chocada.

— Mas a praga terá terminado quando os fracos estiverem mortos. Não demorará tanto tempo, talvez até o inverno.

Ela não estava ouvindo. Empurrou o bebê em meus braços e, sem olhar para trás, correu. O que não foi um ato tão cruel quanto você deve estar pensando. Ela sabia o que era o destino. Era como uma vespa coberta de mel. Não dá para experimentar o gosto doce sem sentir a ferroadinha.

É por isso que o menino viveu entre os nômades até os cinco anos e viu seu primeiro cadáver nas dunas de areia. Além de morrerem, se pelo menos os estrangeiros possuíssem bolsas cheias de moedas e cavalos saudáveis, eles ainda teriam alguma utilidade para nós. Maomé aprendeu o que era respeito pelo prisma dos estrangeiros. Não só os que vinham de fora da Arábia, forçados a mostrar respeito a não ser que quisessem acordar um dia no meio do deserto e descobrir que o guia havia desaparecido durante a noite. Os árabes urbanos se locomovem livremente entre a cidade e o deserto. Os jovens, em especial, não estão nunca totalmente domesticados pela vida urbana. Desde a infância ouvem histórias sobre a caça de falcões e ataques furtivos às tendas dos inimigos. Em busca de glória, os jovens fogem para o deserto assim que podem.

Maomé conheceu vários jovens de sua tribo, os coraixitas, que, como estavam acostumados ao poder e ao dinheiro de Meca, eram os mais orgulhosos de todos. Mas em apenas uns poucos dias eles perdiam o orgulho. E não foi por meio de humilhações e injúrias (mesmo assim ninguém realmente se opôs a dar-lhes um cobertor infestado de bicho-de-pé para se embrulharem à noite — e de lembrança, ganharam centenas de picadas no pé). Mas o que provocou o respeito foi algo de que ninguém suspeitaria: as palavras. Esses jovens têm a boca mais suja que a sola do pé. Poucos sabem ler, mas todos reconhecem o poder

mágico das palavras, e não há nada mais puro do que as palavras dos beduínos.

Somos a crônica viva de cada herói e cada deus árabe. Nossas mentes estão encharcadas de poesia como um odre está encharcado de bebida. Na primeira noite em que se sentam em volta da fogueira, os jovens estão tremendo de frio — eles nunca estão devidamente vestidos para o frio que baixa quando o sol se põe — e trocando anedotas picantes. Ninguém os repreende. Um ancião Banu Sa'd começa a entoar uma canção sobre o grande assalto no qual nossos ancestrais roubaram cem camelos. Um segundo homem se junta a ele assim que reconhece a melodia, e depois um terceiro. Em poucos minutos toda a tribo está cantando, e os queixos dos jovens caem. O que mexeu com eles não foi a melodia ou a façanha louvada ali, mas a força de cada voz cantando como se fosse uma só, e num árabe tão belo e puro como esses janotas corruptos nunca tinham ouvido.

Você acha que sabe o que vai acontecer em seguida. Elogiarei Maomé por ser o melhor cantor ou o mais jovem ou mais precioso. Descreverei a cena do dia em que ele se levantou e surpreendeu a todos cantando uma música que só ouvira uma vez, sem errar uma sílaba sequer. Na realidade, Maomé quase nunca cantava, exceto em voz baixa, e ninguém conseguia ouvir. Quando éramos agraciados com a visita de um bardo andarilho e o presenteávamos com um banquete para ouvir seu épico sobre os cristãos massacrados e os exércitos inimigos afogados na área durante a noite, Maomé se sentava atrás do grupo ou saía furtivamente. Tive que protegê-lo da suspeita de que ele não teria sangue árabe correndo em suas veias. O que é um árabe sem versos e canções?

Não adiantava me preocupar com o destino. Eu temia que ele nunca mais visse sua mãe. Mas, depois de três anos, eles se reuniram. Como anteriormente, ela o esperava ao portão. Ela se agachou na rua com os braços abertos. Só que dessa vez não chorou, e não esbofetei Maomé para que ele corresse. Ele já era grande o suficiente para entender a situação. Quando pousou os olhos em Aminhah, ele estava preparado para essa estranha a quem deveria chamar de mãe. Ele não me beijou,

mas fez uma pequena reverência e foi, lentamente, para os braços da mãe.

Aminah me levou para dentro. Ela estava ainda mais pobre, mas nos ofereceu bolo e chá, e duas meninas com braceletes fizeram uma dança em nossa homenagem (elas foram instruídas a partir assim que terminassem a dança para não partilharem do bolo e do chá).

Aminah pôs uma caixa de sândalo entre nós na mesa. Quando abri, vi todas as joias que ela possuía. Tinha uma pérola solitária tão grande quanto meu polegar, que eu sabia que ela trouxera com seu dote quando chegou à casa de Abdullah.

Aminah percebeu que eu estava pronta para protestar. Ela se aproximou de Maomé e o enrolou em sua saia.

— Fique com ela. Agora tenho uma pérola ainda mais valiosa — disse ela.

Ela falava como um homem árabe.

Passei a noite numa cama de penas coberta com uma colcha de seda, outrora bela, mas agora gasta, quase se rasgando. Eu não conseguia dormir; minha mente só me trazia pensamentos ruins. Aminah queria saber tudo sobre o filho e passou a noite escutando meu relato sobre o que ele aprendera com os Banu Sa'd. Mas fiquei com medo e menti. Omiti um episódio que ela deveria saber.

Ele se passou quando Maomé tinha três anos. Um dia eu estava esfregando com areia um pote de cobre quando meu filho, um menino um pouco mais velho que Maomé, entrou na tenda correndo.

— Dois homens estão matando meu irmão! — berrou.

Sem fôlego e com medo, foi só o que conseguiu dizer. Dei o grito de alarme e corri para o deserto, seguindo as pegadas que o menino deixara. Alguns homens ouviram meu grito e se juntaram a mim. Naquela manhã Maomé tinha se afastado do acampamento. Cobrimos uma distância enorme até avistarmos o menino deitado na areia perto de um arbusto espinhoso. Com o coração na boca, corri em sua direção. Ele estava vivo, mas muito fraco.

— Corram atrás deles! Eles tentaram matar o menino! — bradei, mas

os homens não se mexeram.

Eles estavam confusos. Não havia sangue ou feridas no corpo do menino. Olhei a meu redor, e não havia pegadas. Ninguém chamou meu filho de mentiroso. Temos uma boa reputação, ninguém ousaria. Peguei Maomé nos braços, agradecida por ele não ter se perdido. De alguma forma o cordão que o amarrava a uma das jovens deve ter arreventado.

Ralhei com o menino, e seu pai ameaçou lhe dar uma sova por ter mentido, mas ele nunca mudou sua história. Quando viu o cordão arreventado, decidiu procurar Maomé no deserto. Era fácil seguir suas pegadas. Quando chegou a uma elevação, viu dois forasteiros curvados sobre Maomé, que estava deitado, como o havíamos encontrado, de barriga para cima. Os dois tinham facões e, enquanto um o prendia com os joelhos, o outro enfiava a faca no peito de Maomé. Não sei se eles perceberam que estavam sendo observados, mas não se viraram. Então o homem que fincara a espada no peito de Maomé fez algo, mas meu filho não sabia dizer o quê; ele só tinha seis anos. Ficou tão assustado com a cena que em seguida correu de volta ao acampamento.

Esse relato não é tão fantástico assim. Afinal os *jinns* rondam o deserto, sedentos, à procura de almas humanas. Essa era a suposição mais plausível. Mas mesmo assim tinha minhas dúvidas. Os *jinns* atacam à noite e não usam facas para arrancar a alma. Eles usam magia negra. Porém, ninguém nunca sobreviveu ao feitiço para poder contar. Temi que Maomé fosse banido por atrair dois demônios para tão perto do acampamento em plena luz do dia. Na realidade, o oposto aconteceu. O fato de ele ter sobrevivido ao ataque mostrou que era mais forte do que a mágica dos *jinns*. Então decidiram que o nome de Maomé seria adicionado às canções de nossos ancestrais que expulsaram os *jinns*. E foi assim que sua reputação estava estabelecida. Além disso, ficou claro que sua alma não havia sido usurpada.

Eu não podia contar isso a Aminah, e, como Maomé era muito jovem, não havia perigo de ele, sem querer, lhe contar. Eu peguei a caixa de sândalo e parti na manhã seguinte depois de colocar a pérola embaixo do travesseiro de Aminah. De qualquer maneira, tudo que estava na caixa

sumiria assim que ela ficasse doente e tivesse que pagar os médicos. Em seus últimos anos de vida, eu seria bem-vinda em sua casa, mas nunca voltei. Maomé havia passado tempo suficiente com uma mãe que não era sua mãe de verdade. Ele precisava passar mais tempo com uma mãe que seria sua verdadeira, mas por pouco tempo. Aminah era como uma sombra que passava pela vida.

Quando teve certeza de que eu havia me recuperado, Maomé me guiou do quarto de enfermo até a periferia da cidade. Meca é tão verde que não dá para se ver o deserto, nem do topo da torre de observação mais alta. Ele fez um estardalhaço sobre minhas malas quando a carroça de burros e camelos chegou a fim de me levar para casa. Eu não disse nada. Por que não? Uma ama de leite vale mais do que cem primos. Minhas coisas estavam guardadas num alforje. Os homens Banu Sa'd que vieram me pegar eram velhos que poderiam ter sido poupados e detestavam a cidade. As montanhas circulares cobriam grande parte do céu. Às pressas, fui colocada numa maca atrás do último camelo, pois estava fraca demais para fazer a viagem a pé. A última coisa que senti por Maomé não foi amor, e sim uma pontada de curiosidade.

— Você se lembra daquele dia no deserto quando você era bem jovem e se perdeu? — perguntei.

Ele assentiu.

— Mas eu não estava perdido. Sabia para onde deveria ir. E, quando cheguei, dois homens estavam esperando por mim.

Eu me espantei.

— Eles o atacaram, e você nunca me disse? Depois que você chegou em casa não abriu a boca.

— Eu não podia. Sabia que você achava que eu havia sido capturado pelos *jinn*s.

— Tinham que ser os *jinn*s. Eles não deixaram nenhuma pegada. Eles rasgaram seu peito.

— Fiquei me perguntando por que vocês todos estavam sussurrando pelas minhas costas. Mas não eram os *jinn*s. O deserto também é

habitado por outros seres. Você deveria saber.

Se qualquer outra pessoa estivesse me criticando, minhas unhas já estariam em seu rosto. Mas com ele eu sentia uma mistura de docilidade e espanto.

— Que tipo de seres? — perguntei sussurrando.

Maomé esboçou um sorriso estranho.

— Eu me faço essa mesma pergunta desde essa época. Você chegou correndo, em pânico, e eles se assustaram. — Ele encostou o dedo levemente em seu coração. — Não se preocupe. Seja o que for que eles queriam, já é fato consumado.

WARAQAH, O HOMEM FIEL

O melhor lugar para se esconder é dentro do coração. Tentei todos os outros. Mesmo quando cavo um buraco perto das latrinas a céu aberto e o cubro com sapê, eles me tiram à força e me dão uma surra. Eu era jovem na época, e eles eram uns bandidos. Um ídolo horrível com um rabo de serpente tinha sido encontrado esfaqueado fora da Caaba. Foi provavelmente um deles, que estava bêbado e desafiou o outro. Mas era mais fácil colocar a culpa em mim.

Eu só queria ficar sozinho para poder pensar em Deus. Como isso poderia machucar alguém? Mas a solidão é a angústia daquele que procura. Por isso fui perambular no mercado. E me escutaram falando comigo mesmo. *Alá, por favor, me dê asas para que eu possa voar para o jardim da eternidade.* Para mim era uma prece, mas eles consideram um sacrilégio.

Uma vez um pedaço de papel caiu de meu bolso. Alguns brutamontes coraixitas grosseiros apanharam o papel, e um escriba nômade recitou o que estava escrito em voz alta:

— O véu entre Deus e seu servo não existe no céu ou na Terra. Existe dentro si.

Eu não podia cavar um buraco fundo o suficiente para esconder esse tipo de blasfêmia.

Finalmente, salvei a pele me tornando rico. O dinheiro é uma boa

proteção contra perseguições. Mas não é uma proteção perfeita. Se os olhares matassem, os coraixitas jovens que rondam pelas ruas me jogariam numa cova rasa todos os dias da semana, e duas vezes nos dias de festa.

Empertiguei-me e, sem olhar para os lados, passei por eles. Assim que cheguei às tavernas perto da Caaba, mudei de identidade. Eu não era mais “o fiel” cujos cômodos da casa têm que ser desinfetados com almíscar depois de minha partida. Virei um comerciante corpulento cujas ideias vergonhosas são insignificantes, até que se ouve o tinir do ouro na bolsa.

— Waraqah ibn Nawfal, seja bem-vindo.

— Waraqah, meu irmão, sente-se a meu lado.

— Waraqah, dádiva dos deuses, dê-me o prazer de partilhar esse vinho com você.

Sempre desconfiei deles, mas uma vez baixei a guarda. Minha única desculpa é a idade. Chamei para o canto um dos coraixitas, um jovem considerado um pouco mais sério que seus contemporâneos. Abri para ele o pergaminho. Estava enrugado e amarelado, e vários pedaços haviam sido precariamente remendados.

— O que você acha disso? — perguntei.

O jovem era quase iletrado, mas parecia impressionado.

— É seu testamento? — tentou adivinhar.

Ele era o filho de um antigo comerciante de camelo, ainda não tinha vinte anos. Provavelmente, estava sempre sonhando com sua herança.

Sorri.

— É mais precioso do que meu testamento. É uma página da Bíblia. Estou traduzindo.

Seus olhos se arregalaram.

— Então tome cuidado — avisou.

Empurrei a página em sua direção, mas ele recuou como se eu estivesse lhe oferecendo um pedaço de carvão quente.

Foi realmente engraçado. Todos sabem que tais páginas existem. Às vezes um comerciante cuja rota passa por comunidades ínfimas de

judeus e cristãos comprem e vendem folhas esfarrapadas de suas escrituras desordenadas. Mas nós, os árabes, fingimos que essas comunidades não brotaram em nosso meio. Seria o mesmo que admitir que existem marcas de fuligem num saco de trigo.

Beijei o pergaminho com reverência.

— Ele fala de Abraão e Isaac. Um dia eu lhe recitarei a história. Quase tem um assassinato na história. Você gosta de facas, não é?

Eu estava brincando com o jovem, que pareceu aliviado quando dobrei o pergaminho e o guardei no manto. Tive sorte. Ele poderia ter liderado um movimento contra mim.

Em que “o fiel” acredita? Nunca alguém havia me feito essa pergunta tão diretamente. Eles só têm certeza de que os ídolos representam um bom negócio e que, se alguém fala contra, isso ameaça a renda de todos. “Ouça a razão, meu caro Waraqah”, dizem. “Murcharemos como um ventre estéril. Sem os peregrinos, Meca morrerá. Você viu o quanto eles gastaram.”

É verdade. Você pode tirar dinheiro de um peregrino só para deixá-lo dar uma olhada num ídolo dourado. Eles gastam mais ainda durante a peregrinação do Hajj, quando Meca transborda com centenas de pessoas circulando em volta da Caaba. Ninguém sabe como começou, mas virou uma tradição.

Estou abordando Maomé, meu filho espiritual, dessa maneira indireta porque foi assim que ele me abordou.

Um dia, há uns doze anos, eu estava sentado no pátio de minha casa e, como esperava um mensageiro a qualquer minuto, deixei o portão aberto. Um menininho entrou. Olhamos um para o outro. Perguntei onde estava sua mãe, mas ele não respondeu. Ele me fitava timidamente. Da forma como estava vestido, dava para ver que era um nômade. Quando se trata de manter os filhos por perto, eles são severos.

Eu me aproximei e me agachei à sua frente.

— Você me conhece? — perguntei. Senti uma sensação estranhíssima. Ele negou.

— Não o conheço, mas ouço sua voz.

Bom, é claro que sim. Eu acabava de lhe dirigir a palavra. Mas não era isso que o menino queria dizer. Ele se virou e apontou para além do portão.

— Eu estava brincando perto do poço e ouvi sua voz. O que você quer?

Se ele estava se referindo a Zamzam, fica a dez ruas daqui.

— Não quero nada de você — disse, e me senti muito esquisito conversando dessa forma com um menino de cinco ou seis anos.

— Então deve ser eu que quero algo de você — rebateu.

Antes que eu pudesse indagar, um daqueles valentões coraixitas estava parado no portão. Ele não ousou entrar, mas começou a gritar:

— Ei, ei, ele está aqui. Eu o achei.

Um segundo depois apareceram dois de seus companheiros e uma mulher Banu Sa'd, com o rosto vermelho e inchado.

— Maomé! — gritou ela, e correu pátio adentro em sua direção.

Imediatamente percebeu a falta de educação e se desculpou, contando uma história sem pé nem cabeça sobre a necessidade de levar o menino de volta para sua mãe, que não o via havia três anos. Eu não estava interessado; assegurei-lhe que sua infração não tinha importância e a acompanhei de volta ao portão olhando furiosamente para os cascas-grossas coraixitas, que se demoravam, esperando que eu lhes desse uma moeda. Se eu não fizesse isso, eles sacudiriam a pobre mulher, então eu lhes entreguei a melhor moeda de prata que tinha. Por que não? Deus observa cada boa ação.

Um pequeno incidente, mas fiquei ruminando. Maomé havia fugido de sua ama de leite quando ela estava de costas e veio direto para meu portão.

Eu tinha várias páginas da Bíblia empilhadas debaixo da cama. Costumava pegar uma delas, tarde da noite, e traduzir uns trechos para o árabe. E, por uma boa razão, eu não contava para ninguém. Quando fico intrigado com um mistério, pequeno ou grande, puxo uma folha aleatoriamente e, onde meus olhos baterem, tomo como uma mensagem para mim. Poucos dias depois que o menino apareceu, tateei as folhas

debaixo do colchão e puxei a primeira folha que meus dedos tocaram. Fechei os olhos e apontei para um trecho qualquer, então me aproximei da lâmpada e li:

Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho,
Que se chamará Emanuel.

Essas não eram palavras despojadas de significado. O homem que me vendera essa específica página era um mendigo cristão que seguia minha caravana anos atrás. Eu lhe joguei um pedaço de pão e, enquanto o devorava, me contou sobre seu salvador. Ele se sentia abençoado, apesar de viver na sarjeta e brigar pelo lixo com os cachorros vira-latas.

No ano em que o mendigo vendeu o pedaço das escrituras, ele estava com uma tosse terrível. Sabia que não lhe restava muito tempo de vida. Essa página da Bíblia era preciosa para ele, e o mendigo queria que a mensagem de seu Messias fosse difundida.

Eu sabia que a Virgem havia concebido e que Emanuel havia chegado. Essa história acontecera muitos anos atrás, mas só guardei a página para me lembrar de como o rosto do mendigo se iluminava quando falava de seu salvador. Por que, então, minha mão havia pousado nesse verso?

Passaram-se muitos anos até aparecer em Meca um judeu em quem eu pudesse confiar. Ele vendia bugigangas de ouro e prata. Seu comércio era tão valorizado que ele contornara a lei que proibia os judeus de entrarem em Meca. Eu lhe dei vinho e mostrei o trecho. Ao ouvir o nome Emanuel, ele exibiu um sorriso torto.

— Não confio no mendigo — disse ele. — Que tipo de salvador permitiria que alguém vivesse assim?

O Messias ainda está por vir, afirmou. Ele matará os inimigos dos judeus e salvará a todos. Eu estava muito impaciente para esperar tanto tempo, retruquei. Na Arábia, os ídolos podem salvá-los hoje, se você realmente acredita. Pressionei o judeu para me dizer a verdade. Exasperado, ele disse que até onde sabia “Emanuel” significava o “rei dos profetas”.

Ah, bom!, essa é outra história.

Os árabes dão grande importância aos profetas. Se Deus apontasse para a palavra “profeta” no momento em que eu perguntava sobre Maomé, algo devia estar acontecendo. Em Meca os ignorantes me chamam “o judeu”, mas essa é uma forma grosseira de insultar um servo de Deus. Não tenho religião. Sou *hanif*, um fiel sem fé, como uma palmeira sem um oásis.

Não me aproximei de Maomé até ele crescer. Era muito arriscado. Eu o observava de longe. O velho Muttalib, seu avô, ainda era vivo naquela época. Foi uma tragédia que seu filho mais novo, Abdullah, tenha morrido antes, mas ele se consolava com a presença de Maomé. Ele levava o menino para as tavernas; apoiava-o nos joelhos enquanto tagarelava. Muttalib estava velho demais para trabalhar como comerciante. Ele estava meio cego e cada vez mais fraco. Era comum vê-lo junto com o menino, que fitava constantemente o chão. Ninguém nunca havia visto uma criança tão introvertida. Mas Maomé era obediente e, quando Muttalib gostava de exibi-lo, se erguia como um homem, mesmo na frente de uma dúzia de coraixitas bêbados num bar esfumaçado e lúgubre.

Foi quando aconteceu algo muito peculiar. Muitos anos mais tarde, eu estava caminhando e me deparei com um vulto agachado num beco. A luz era fraca, mas pude ver que se tratava de Maomé de cócoras. Acenei com a cabeça. Ele pôs os dedos nos lábios e apontou para algo no chão. Um camundongo. A criatura havia sido atraída por uns grãos de trigo.

Então Maomé ergueu os olhos para o céu, e um vulto negro sobrevoava. Meus olhos já não eram aguçados, mas eu sabia que era um falcão. Maomé olhou novamente para o camundongo e depois para o falcão.

— Ele não tem noção do perigo — disse.

— Nós também não — retruquei.

Você entendeu? Assim como o camundongo que come inocentemente os grãos de trigo, nós vamos levando a vida sem perceber que a morte está nos observando de longe e sempre nos segue. Era isso que se

passava pela cabeça de Maomé. Por que ele decidiu partilhar esse pensamento comigo? Nossas vozes espantaram o camundongo, que correu de volta para o buraco. Maomé se levantou e se aproximou de mim.

— Agora sou um homem adulto — falou. — Podemos conversar.

— Um homem? Você tem dezessete anos. — Sorri.

Ele não sorriu de volta.

— Sou adulto o suficiente para me defender se alguém nos vir conversando dessa maneira.

Foi assim que tudo começou. Nunca mencionei o dia em que sua ama o perdeu e veio até meu pátio, mas acho que ele lembrava. Quanta paciência é necessária para esperar doze anos antes de falar com alguém de novo? Ele começou a vir até minha casa para tomar chá e conversar sobre Deus. No início, só pelo chá, porque Deus continuou sendo um assunto proibido por mais tempo.

Naturalmente, ele queria saber sobre mim.

— O que é um *hanif*? — perguntou.

— É aquele que acredita em Alá, que despreza os ídolos e espera que a luz desça do céu — respondi.

Ele assentiu, sério.

— Todo mundo diz que você é diferente, mas para mim você parece um homem comum.

Maomé afirmou isso de forma franca e sem se desculpar, apesar de estar insultando um ancião. Respondi com uma citação de um dos livros ocultos:

— Um homem caminha com seu povo. Ele come e dorme com eles. Ele compra e vende no mercado. Isso todos podem ver. O que eles não veem é que ele nunca, nem por um instante, se esquece de Deus.

— Você é esse homem? — perguntou Maomé.

— Serei quando me tornar santo. Mas, por enquanto, eu me contento em tentar.

— Por que um deus é melhor do que muitos? — questionou.

Eu lhe respondi com outra pergunta.

— Por que uma mulher fiel é melhor do que várias prostitutas?

— Por que você compara os deuses às prostitutas?

— Em ambos os casos você dá dinheiro e obtém seu desejo. Só que uma prostituta é mais confiável e honesta. A maioria dos ídolos fica com seu dinheiro e não lhe dá nada em troca — respondi.

Maomé parecia satisfeito com o fato de que eu lhe falava livremente. Quanto a mim, com frequência tinha que esconder a grande animação e agitação que sentia toda vez que o via. Como podia explicar? Era impossível. Eu perderia todo o respeito. Um homem feito tremendo como uma noiva esperando no escuro pelo noivo.

Conversávamos horas a fio sobre tudo. Porém, não consegui fazer com que Maomé se abrisse sobre suas crenças. Isso me preocupava. Na Arábia, uma crença se sobrepõe a todas as outras: a tribo. A tribo lhe mostra seu lugar na terra. A tribo corre para defendê-lo depois de você ter esfaqueado um forasteiro e cuspidado em suas sandálias. Assim como um monstro de mil cabeças, a tribo observa tudo e pode consumir o que bem entender. Não há espaço para acreditar em mais nada, incluindo Deus. Deus é apenas algo para o monstro devorar.

Um dia me cansei e fui procurar Maomé.

— Conversar com você é como conversar com uma ostra respeitosa. Abra-se comigo. Quem é você?

Ele não parecia surpreso.

— Sou aquele que escolhe os amigos com cuidado.

Um anjo deve ter observado minha impaciência, porque naquele momento ele me trouxe a resposta perfeita. Era de um velho verso.

— Tenho um amigo, e ele enche minha caneca de vinho como ninguém.

Maomé corou.

— Você tem sido um grande amigo.

Depois disso, nosso laço de amizade se selou. Nós nos tornamos tão corajosos que passamos a conversar em público, tarde da noite, quando todos já haviam voltado para casa. Eu estava sempre ávido por companhia.

Logo se ouvia boatos de que ele era meu protegido. Para ter certeza de que ninguém interpretasse mal a história, distribuí generosamente dinheiro. E até mandei um menino mensageiro comprar um bezerro para sacrificá-lo em frente da Caaba durante os ritos de primavera. O menino pegou o dinheiro e uma hora mais tarde voltou às pressas.

— É para qual dos deuses? — indagou. — Eles querem saber.

— Aquele cujo nome significa “O único” — respondi. O menino pareceu confuso, então acrescentei: — A escolha é deles. Só faça um grande estardalhaço.

Ele partiu ainda confuso. Não importava. Eu estava acostumado a ser insondável.

Maomé era um bálsamo para minha alma. Eu tinha alguém para partilhar um abraço espiritual. Eu estava curado da solidão que me afligia. Mas isso fazia bem para ele? Eu poderia lhe dar meu dinheiro. Meca teria mais um pária rico. Deveria haver algo mais que eu poderia fazer.

— Existe mais algum *hanif*? — perguntou-me ele um dia.

— Você quer dizer outros que sabem manter a boca fechada?

Ele sorriu.

— Estava pensando naqueles que possam ter um gosto por sabedoria.

— Sabedoria é como carvão quente — falei. — As pessoas gostam da brasa, mas não querem se queimar.

Era o comentário mais sarcástico que eu já produzira, e ele fechou o rosto.

— Você me faz falar como uma prostituta — murmurei, e Maomé entendeu que estava me desculpando.

Ambos sabíamos que eu não tinha vergonha de ser um fiel. Mas nunca o levei para conhecer outro *hanif*. Era uma contradição. Dois *hanif* resultam numa congregação, três numa tribo e quatro numa fé que deve ser defendida contra as outras com arcos e flechas. Cada *hanif* viaja só, disse eu a ele, e parece que Maomé se contentou com minha explicação.

Porém, algo me perturbava. Ponderei por um bom tempo até que me convenci de que ele precisava saber sobre o versículo para o qual meu

dedo tinha me guiado. *Ele se chamará Emanuel*. Se eu não lhe contasse, estaria escondendo um grande segredo. A única maneira de abordar o assunto era indiretamente. Numa tarde escaldante, estávamos deitados no pátio em esteiras de palha encharcadas de água.

Maomé ergueu o tronco pelos cotovelos.

— O que foi?

Eu o fitei.

— O que você sabe sobre a morte de seu pai?

Pela primeira vez o jovem comedido pareceu surpreso.

— Sei que ele partiu para uma viagem e nunca mais retornou.

— Tem mais — afirmei. — Muito mais.

Maomé hesitou. Ele não queria que suas memórias o perturbassem, dava para ver.

— Essas não são suas lembranças — continuei. — Você nunca o conheceu. Ele era como a água que outra pessoa bebeu.

— Mas ele foi amado — retrucou Maomé.

Ninguém duvida disso. Desde o dia em que nasceu, Abdullah teve uma vida feliz. Todos dizem isso, e foi assim. Ele nunca foi insultado por nenhum jovem imprudente ou desafiado para uma briga. Ele alimentou a ilusão de que era a primeira pessoa a ser amada.

— Ele queria ser um herói. — comecei a lhe contar. — Um homem que falava como um trovão e sorria como o amanhecer. Eu o conhecia e sabia de sua grande imaginação. Ele amava os beduínos e se imaginava como personagem de uma de suas lendas. — Dei-lhe um olhar penetrante. — Você sabe por que seu pai fracassou?

— Porque ele morreu.

— Não. Porque não era a vontade de Deus.

E foi naquele momento que relatei toda a história truncada da morte de Abdullah, que havia sido cuidadosamente omitida de seu filho.

A história girava em torno de Zamzam. A felicidade que Abdul Muttalib sentiu quando redescobriu o poço foi efêmera. Ele se envolveu nas intrigas dos coraixitas. Eles se ressentiam porque Abdul tinha se apossado dos direitos da água sagrada e, com o passar do tempo,

Muttalib achou que seus inimigos triunfariam. O que ele precisava era de dez filhos fortes, ou pelo menos ele se convenceu disso. Mas até então os deuses só o tinham agraciado com um filho.

Ele passou dias e noites remoendo sobre sua obsessão, até que a situação se agravou. Muttalib foi à Caaba e contemplou as centenas de ídolos que adornavam as paredes. Subitamente ele não acreditava mais em nenhum deles. Desesperado, apelou a Deus. No âmago de cada árabe existe uma lembrança ancestral de Alá. Foi Alá, o Deus único, que levou Hagar e Ismael, os fundadores da raça árabe, a Meca.

Muttalib nunca considerou que Alá fosse realmente confiável. O criador do mundo havia perdido interesse em sua criação. Se não, por que as crianças sofriam infortúnios e calamidades? Mas Muttalib precisava ter os tais dez filhos e dependia do poder de Deus para satisfazer seu desejo. Muttalib não sabia nada sobre as crenças judaicas e cristãs. Ele sabia, contudo, que cada um dos deuses apreciava sacrifícios em seu nome.

Quanto maior o deus, maior o sacrifício, assim raciocinou. Muttalib ergueu os braços para o céu e prometeu o mais terrível dos sacrifícios possíveis, se em troca fosse abençoado com dez filhos fortes para defendê-lo contra seus inimigos.

Passaram-se dez anos. Uma esposa após a outra deu à luz um bebê saudável e formoso, até chegar ao décimo filho. Ele estava satisfeito por encontrar a paz de espírito, porque havia esquecido a antiga promessa que fizera a Alá.

Entretanto, Deus conhece os caminhos do coração de um homem. Um dia, enquanto caminhava em direção à Caaba, onde o ídolo mais venerado era Hubal, o deus da lua, Muttalib teve uma visão, com detalhes sangrentos, de sua promessa de sacrifício. Ele havia prometido dar a Deus um de seus filhos se recebesse os dez. Muttalib ficou horrorizado com a imagem na qual ele cortava a garganta de um dos preciosos filhos, mas a ideia de renegar a promessa a Deus era ainda pior.

Ele reuniu os filhos e declarou que um deles deveria morrer no dia

seguinte. Mas qual deles? O silêncio tomou conta do ambiente. Os filhos eram tão supersticiosos quanto o pai. Eles sabiam que a promessa precisava ser cumprida. No dia seguinte, todos estavam dentro da Caaba, perto da estátua de Hubal. Muttalib acreditava que, se seus filhos tirassem a sorte, Hubal teria poder suficiente para escolher o filho certo. Como se pode ver, Muttalib era inconstante. Um dia está tremendo perante o Deus Todo-Poderoso, mas, quando chega a hora de tratar de assuntos práticos, ele põe o peso da decisão sobre os ombros do ídolo, pois é mais fácil. Há anos ele dava dinheiro para Hubal.

Cada filho escreveu seu nome na ponta de uma flecha e a colocou numa aljava. Muttalib se aproximou da aljava e, suplicando que Hubal o guiasse, puxou uma das flechas. O nome era o de Abdullah. Os outros nove filhos, não preciso nem dizer, ficaram aliviados, mas ninguém esperava que o predileto de Muttalib fosse sorteado. Quando a notícia foi anunciada fora da Caaba, uma multidão se reuniu e começou a gritar, exigindo que Muttalib renunciasse à sua promessa. A mãe de Abdullah se chamava Fátima. Ela era estimada pelos membros da comunidade, e a maioria da multidão fazia parte de seu clã.

Muttalib, impávido, ouviu a gritaria e os protestos. Ele escolheu um local entre dois grandes ídolos, onde o sangue de Abdullah seria derramado. Com a faca em punho, atravessou a multidão. Abdullah o seguiu, branco como um fantasma. Uns empurravam os outros; os gritos se propagavam.

Perdoe-me se esse momento trágico se tornou cômico, mas, no último minuto, uma voz na multidão gritou:

— Os deuses amam o dinheiro. Dê dinheiro para eles. Você tem dinheiro suficiente para isso.

Muttalib rodopiou enraivecido, tentando localizar quem havia gritado tal insolência. Mas uma voz em sua cabeça sussurrou: *Não é uma má ideia. Você é rico e ama Abdullah mais do que ninguém no mundo.*

Com grande relutância, Muttalib aceitou poupar Abdullah, mas havia dois detalhes para acertar, pois agora se tratava de uma negociação. Quanto deveria pagar para resgatar o filho e quem deveria decidir se o

preço era justo? Como fora o clã de Fátima que criou tal alvoroço, Muttalib forçou-os a contribuir com dinheiro. Quanto ao árbitro, ficou decidido que procuraria o conselho de Shiya, a adivinha mais confiável entre vários xamãs, cartomantes, astrólogos, oráculos e adivinhadores dos coraixitas.

Shiya era uma reclusa que vivia numa cidade distante de Yathrib. A jornada tinha seus perigos, e Yathrib era tradicionalmente uma rival de Meca em termos de prestígio e poder. Mesmo assim, Muttalib trilhou seu caminho com o coração leve, alegre por driblar sua barganha com Alá. Quando chegou, Shiya tinha acabado de partir da cidade, o que não era bom sinal, mas Muttalib afastou o mau presságio. Ele viajou cem milhas ao norte até encontrá-la, uma velha encarquilhada fechada num casebre. Ela não o deixou entrar, mas depois de dois dias de persuasão Shiya prometeu adivinhar uma resposta.

Era a seguinte:

— Em sua tribo, Abdul Muttalib, se um homem mata outro homem, a vida da vítima vale dez camelos, que são pagos pela família. Nesse caso, o pagamento em camelos também satisfará os deuses.

Muttalib duvidava que Alá aceitasse ser subornado com dez camelos, mas, antes que pudesse se opor, Shiya o interrompeu.

— Pegue duas flechas e vá novamente ver Hubal. Em uma flecha escreva “Abdullah” e, na outra, “camelos”. Sorteie as flechas como fez anteriormente e, cada vez que o nome de seu filho aparecer, adicione dez camelos ao preço. Faça isso até a palavra “camelo” ser sorteada e terá o preço que os deuses exigem.

Muttalib e seus companheiros voltaram a Meca. Uma grande multidão, farreando e rindo, se reunira para o sorteio como se fosse um dia de festa. A primeira flecha sorteada tinha o nome de Abdullah, então o preço era dez camelos. Ele sorteou novamente. O nome de Abdullah apareceu novamente. O preço agora era vinte camelos. A algazarra alegre da multidão se calou, e esboçaram uma expressão grave e temerosa. O nome de Abdullah foi sorteado dez vezes seguidas. O preço era cem camelos, quase toda a fortuna de um rico comerciante. Muttalib era mais

rico ainda, mas empalideceu.

Finalmente a palavra “camelo” apareceu após a tentativa de número onze, mas Muttalib ficou deprimido e assolado de dúvidas. Ele parou em frente à multidão e ergueu as mãos.

— Sorteie novamente — exclamou. — Se o nome de Abdullah aparecer três vezes seguidas, obedecerei a Shiya. Senão, meu dever com Deus me força a cumprir a promessa.

Era uma notícia terrível para o clã de Fátima e, é claro, para Abdullah, que deixou cair uma caneca de vinho que segurava.

Apesar do clamor e horror aparente no rosto de Abdullah, Muttalib não cedeu. O tempo todo ele desconfiava de Shiya, suspeitando que ela estava tirando proveito dele por causa de sua aliança com as tribos de Yathrib.

As flechas foram novamente sorteadas. Uma, duas, três. A multidão soltou um grito, porque o nome de Abdullah apareceu três vezes. Sua vida fora poupada, e seu pai pagaria cem camelos aos sacerdotes da Caaba em nome de Hubal.

Quando cheguei a essa parte da história, olhei de relance para Maomé, que estava muito quieto. Ninguém nunca lhe contou esses detalhes, e ele tentou ser forte e não expressar o que sentia, pois sabia que a suspensão temporária da sentença de morte de seu pai não teria um final feliz.

Continuei o relato. Para comemorar ter escapado da morte, Abdullah pôde se casar, e aos vinte e cinco anos escolheu Aminah, filha de uma família proeminente de Meca. Depois da cerimônia, eles passaram três dias escondidos na casa do pai da noiva. Mas, durante as celebrações, Muttalib continuava absorto em seus pensamentos. Chamou Abdullah e disse que ele deveria viajar de caravana até a Síria. O jovem noivo ficou perplexo. Por que deveria partir? Ele estava casado há apenas uma semana. O jovem casal desfrutava o primeiro doce sabor do amor.

Muttalib não deu nenhuma justificativa. Ele impôs sua vontade sobre Abdullah — que era seu direito por ser pai de um jovem. Entre lágrimas e com gritos de cortar o coração, Aminah correu até o portão, agarrada

ao manto de Abdullah, quando ele estava para partir para a Síria. Eles estiveram juntos como homem e mulher por apenas duas semanas. Abdullah sabia que seu pai havia desafiado Deus. Era a maneira tradicional de testar se ele cumpriria sua promessa a Alá. Isso, e o medo de que a felicidade de Abdullah era grande demais. Entre salvar sua vida e sua felicidade com Aminah, Abdullah instigava os deuses a destruí-lo.

— E eles o destruíram — interrompeu Maomé.

Abdullah nunca mais voltou para casa. O comércio com a Síria foi bem, mas seu desejo de retornar para a noiva era forte. No caminho de volta para casa, ele passou por Yathrib. E lá, onde Shiya o havia salvado de seu destino, Abdullah ficou doente, com uma enfermidade que nenhum curandeiro podia tratar. Ele morreu em poucos dias e foi rapidamente enterrado, para o caso de sua praga ser contagiosa.

— Não estou contando tudo isso para deixá-lo mais triste — disse eu. — Você tem o direito de saber o que aconteceu. Abdullah tinha o sexto sentido. Ele sabia que não se pode regatear com a vontade de Deus. Da mesma forma que aceitamos a vida como uma dádiva de Alá, também devemos aceitar a morte como uma dádiva que não podemos questionar.

Maomé levantou-se antes que eu terminasse o relato. Ele andou de um lado para outro.

— Você quer amaldiçoar minha família inteira? Basta só contar essa história.

Uma voz me disse para ficar calado. Nada dói mais do que a ira de Maomé. Mesmo assim, palavras contundentes saíram de meus lábios.

— Essa história não me diz respeito. Quando sua mãe o levou para viajar você tinha seis anos. Para onde? Para a mesma cidade, Yathrib. Ela morreu quando vocês voltavam para casa, assim como o marido. Abra os olhos. Veja a vontade de Deus. Aceite-a.

Maomé permaneceu calado, mas seus olhos me desafiavam. Continuei:

— Meu filho, você está predestinado. Tenho rezado por você, e Deus o preparou para um destino grandioso. Um grande homem aprende com a calamidade. E, se é sábio, fixa seu olhar no paraíso.

Maomé ficou vermelho.

— Você retratou meu pai e meu avô como meros sonhadores.

— Às vezes os sonhadores veem mais do que as pessoas comuns — respondi. — Abdullah largou sua jovem noiva apesar de isso partir seu coração. Ele saiu de cena antes que fosse tarde demais.

Eu havia passado dos limites. Qualquer outro jovem teria fechado os punhos e me xingado. Maomé parou de andar de um lado para o outro e me fitou. Repousei a mão em seu ombro para acalmá-lo.

— O que quero dizer é que todos os homens têm que morrer, mas alguns aceitam a morte como um sacrifício, tornando-se assim verdadeiros servos de Deus. Nunca saberemos a verdade até que ela seja revelada.

Maomé se afastou. Ele estava muito contrariado para me ouvir e correu até o portão do pátio. Não chamei por ele. Sem utilizar a palavra “profeta”, eu havia aberto a possibilidade de um destino especial. Maomé não voltou no dia seguinte nem no posterior. Ele evitou qualquer contato; só me cumprimentava quando nossos caminhos porventura se cruzavam nas tavernas ou perto da Caaba. Ele estava sempre com um olhar estranhamente culpado. Levaria meses para ceder e pedir para me ver novamente.

Naquela noite em que revelei a Maomé seu destino, não conseguia dormir. Puxei outra página de meu esconderijo e apontei o dedo no escuro. Quando aproximei a lâmpada, as palavras sobre as quais meu dedo parou me trouxeram consolo.

“Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho da vida e raros são os que o encontram.”

BARAKAH, A ESCRAVA AFRICANA

Não sei se o inferno tem três círculos, mas Meca tem. O primeiro círculo é onde os ricos vivem, o segundo é para aqueles que sonham em ser ricos e o terceiro é para a ralé, que serve aos dois primeiros. Moro no pior círculo, o mais distante de Deus. A meu redor, desespero é uma forma de vida. Durante a seca, vi crianças de cócoras bebendo do esgoto. Os ricos prefeririam beijar um leproso a ter que passar pelos becos sujos onde se encontravam nossos casebres desmoronados. Eles se amontoam em volta da Caaba, suas mansões e pátios uns ao lado dos outros, como velhas comprando pêssegos no bazar.

Será que minha cabeça é menos abençoada por não estar coberta com seda?

— Barakah, confio em você. Você é a única pessoa em quem confio — diz Maomé.

Ele vem me ver. Essa é a prova de que ele ainda não é rico. Desde que o velho Muttalib morreu, seu clã se arruinou. Os escravos foram jogados na rua e obrigados a mendigar por comida. É chocante constatar como esses abutres o cercaram, despindo o poder dos Hashim e os humilhando. Maomé fez o que tinha que fazer. Começou a negociar o pouco que tinha, e isso lhe ajudou. Ele nunca imaginou que fosse chegar aos vinte anos sem ter que pedir ajuda.

Suas visitas a mim não são planejadas. Ele sofre o diabo quando é

tomado por melancolia. Se eu continuar falando esse tipo de coisa, Deus me fecha a boca. Ele me ama — essa é a razão. Fui a primeira pessoa a segurá-lo quando nasceu. Naquela época eu pertencia a sua mãe, a dona Aminah, e fui passando de mão em mão tantas vezes que não consigo lembrar o nome de todos os meus donos. Sou como um cantil de água que só se joga fora quando está furado.

Um dia, quando estava varrendo sujeira e folhas no pátio de meu último senhor, ergui os olhos e tive uma visão surpreendente. Maomé, tão jovem, liderava uma caravana. Um velho comerciante que estava cansado de viajar confiou-lhe sua caravana. Quando ele, montado no seu camelo, me avistou, acenou solenemente com a cabeça. Sei que Maomé queria desmontar e me abraçar, mas não podia, não na frente dos homens que são mandados por ele. Lá no fundo, penso: *Seu pai nunca voltou, sua mãe nunca voltou. Talvez a maldição tenha terminado com eles.*

E ele voltou. Começaram a dizer que podiam confiar em Maomé nos momentos de perigo. Logo ele terá dinheiro para me comprar.

— Dinheiro? — Dou uma risada. — Nenhum senhor me quer. Você pode me ter de graça.

Maomé se encolhe, mas ambos sabemos o que lhe falta. Primeiro ele precisa de uma esposa. Uma escrava na casa de um homem solteiro é um escândalo. As pessoas suspeitariam da verdadeira função da escrava. Espalhariam boatos de que ele gostava das escravas velhas.

— Como você se tornou tão respeitável? — implico com Maomé.

— Não se preocupe, é um disfarce — brinca.

Quando vejo Maomé passar pela rua, ele exhibe cabelo e barba de um homem próspero. Ele veste um manto tingido num tom de azul intenso e com acabamento em galão. Só eu sei o que ele realmente é. Ele me deixa tocar sua barba para sentir a perfeição do trabalho feito pela navalha. E por que não? Eu o trouxe ao mundo, uma criatura nua que se esgoelava. Sua respeitabilidade acaba na soleira de minha porta.

— Você veio nos salvar — murmuro. — Você veio salvar a todos.

— Não seja boba — responde. — Sou tão incapaz quanto qualquer um, e ainda mais confuso.

Balanço a cabeça.

— O vinho fermenta antes de adocicar. É isso que você está fazendo. A doçura está por vir.

Acho que nossa intimidade lhe agrada. Eu não correria nenhum perigo mesmo se bradasse isso lá em cima do telhado. É uma das vantagens de ser invisível. Aqui todas as mulheres pobres são invisíveis, exceto na cama. Por meia hora elas são criaturas divinas. Será que sou, então, duplamente invisível? Nasci escrava e durmo sozinha.

A memória da mãe de Maomé me persegue. Mesmo depois de sua morte, Aminah venerava Abdullah. Os deuses se desagradaram; Abdullah era o único ídolo dela. Ela fez sua última viagem para além de Yathrib a fim de chorar sobre a pilha de pedras no local onde ele fora enterrado. Quando voltou a Meca, um mês depois, seu pesar era tamanho que destruiu sua saúde. Eu caminhava na frente de seu burro quando ouvi Aminah dizer, tão doce quanto uma criança assustada: “Vamos parar aqui.” Ela caiu doente. Caminhando a seu lado, Maomé inclinou a cabeça.

Senti um frio na espinha. Duas mulheres e um menino de seis anos armando uma tenda sozinhos no deserto? Nós, de alguma forma, conseguimos erguer a tenda, e Aminah se arrastou para dentro, como se as dobras da barraca pudessem protegê-la da febre. Ela morreu tão rápido... Mal tive tempo de expulsar Maomé da tenda, mas ele não suportou e voltou para dentro, a tempo de se lançar sobre o corpo inconsciente de sua mãe. Lamentamos sua morte como dois animais feridos. E depois a enterramos com nossas próprias mãos. Durante o caminho de volta para casa, o menino ficava olhando a terra embaixo das unhas gastas e arrebetadas. A terra da cova de sua mãe. Que coisa horrível para observar!

Eu também tinha meus pesadelos, mas assistir a uma jovem morrer assim, queimando em meus braços, era pior do que ver uma casa pegar fogo. Era uma alma que tinha virado cinzas. Aminah suplicara que eu tomasse conta do menino. Fiz o que pude. Por um tempo isso foi possível. O velho Muttalib me abrigou em sua casa. Eu não era obrigada

a viver de novo no inferno. Eu tinha um quartinho no fundo daquela mansão cheia de recantos. Ele amava tanto Maomé que até expulsou uma velha encarquilhada que vivia no quarto como um fantasma esquecido. Estremeço só de imaginar onde ela foi parar. Mas Muttalib morreu, e seus filhos perderam o poder. Chorei quando perdi Maomé, que tinha apenas oito anos. Ele foi para a casa de Abu Talib, uma residência modesta onde raramente se ouvia o tinir do ouro.

Se eu lembrar Maomé dessas coisas ele cora de vergonha.

— Eu deveria ter ido com você para a rua — diz ele. Porém, ambos sabemos que era impossível.

Quando ele chega vestindo seu luxuoso manto azul, com o galão se arrastando na poeira por falta de atenção, meu menino me traz pão, azeitonas e uma pequena jarra de argila com óleo. Não ataco a comida. A maneira vulgar dos ricos de se atirarem à comida me dá nojo. Ensinei Maomé a comer bem e o observo sentado quieto e com fome enquanto os filhos de Abu Talib raspavam as tigelas do jantar como hienas. Depois de Maomé me trazer comida, nós nos sentamos um de frente para o outro num tapete gasto e acenamos a cabeça educadamente para que o outro se sirva primeiro.

— Aqui está — diz ele, segurando um frasco de vidro. Não precisava tirar a rolha para saber do que se tratava. Uma fragrância de rosa. Achei que fosse desmaiar de intoxicação.

— Abra-o — insiste ele, quando boto o frasco debaixo da camiseta.

— Não seja bobo. Você vai atrair as moscas e já temos moscas suficientes. — Mas eu estava me esforçando para não chorar na sua frente.

Conforme Maomé cresceu, ele se tornou cada vez mais preocupado. Um dia lhe perguntei sobre isso.

— Estar vazio é estar infeliz — afirma, o que não faz sentido.

E agora que os tempos difíceis chegaram, as pessoas estão com medo. Precisamos entender como ler esses sinais. Um dia estou caminhando e o que vejo? A areia fora do portão da casa do homem rico está manchada de sangue. Não é um sangue marrom, resultado de uma briga de rua. O

sangue é assustadoramente vermelho e fresco. Normalmente as pessoas desviam o olhar quando veem sangue. Fitar o sangue pode parecer que você tem uma opinião sobre a briga, e isso significa que você tomou o partido de alguém, o que é muito perigoso em Meca.

Naquele dia ouço um zumbido no ar. As pessoas não estão apenas olhando fixo; elas estão discutindo furiosamente, e vejo algo mais. Os rastros de sangue vão até o pátio da casa do homem rico. Não se trata de uma mera briga de facas entre dois jovens coléricos.

Imediatamente entendo do que se tratava. Não havia mais harmonia. O sangue dos ricos está protegido, a não ser que as tribos não consigam resolver suas diferenças a portas fechadas. Uma vez que o caos é instituído, ninguém está a salvo.

— Vamos embora. Você não pode ficar aqui — diz uma voz, e sinto alguém me puxar pelo cotovelo.

Então o zumbido de vozes aumenta, assim como moscas em volta de um animal, mas vejo que é Maomé a meu lado e o deixo me arrastar para longe.

— Já vi outros motins — digo, porque, para dizer a verdade, eu queria ficar para ver.

Não para ver mais sangue. Já vi mulheres ensanguentadas por seus maridos mais vezes do que consigo lembrar. A meu ver, toda essa crueldade é um tipo de vaidade. Um homem se gaba nas tavernas de que é um touro na cama, porém sua mulher sabe que ele é um coelho. Então ela tem que pagar. Que mundo maluco, onde um paga pela vergonha do outro! Eu queria ficar para ver quem seriam as novas vítimas. Se os clãs estão brigando pelo poder, você não vai querer servir aos perdedores.

Quando me leva para a ruela, Maomé parece preocupado. Ele me alerta para não chegar perto daquela casa novamente. Dou de ombros. Quando se é invisível não importa para onde se vá, mas ele repete o aviso e me diz que tem mais três casas das quais eu não deveria passar perto.

— Eles estão observando. Eles sabem quem entra por esses portões — avisa.

— Vou para onde quero — rebato.

É uma forma presunçosa de lembrar-lhe que aonde meu senhor vai eu vou. Tenho que lhe obedecer.

— Ninguém mais vai mandá-lo para lá — retruca, com voz lúgubre, mas não explica o que quer dizer.

Quando nos separamos na esquina, Maomé parte com estas estranhas palavras:

— A alvorada não volta para nos acordar uma segunda vez.

Fico confusa, mas, antes que possa questioná-lo, ele some na multidão. Bem, você acharia que algo tenebroso estava para acontecer. Talvez uma noite os vigilantes atacam um dos clãs e destruirão todos os jovens. Isso já havia acontecido, e, como eles às vezes se descuidam e cortam os pescoços de alguns escravos, decidi ficar dentro de casa nas próximas noites, suplicando que fossem meus dias impuros do mês.

O zumbido persiste. Da vez seguinte que levo uma cesta com roupas para lavar no poço, deparo com uma abissínia que conheço; é mais fácil do lado de outro negro. Eles nos deixam em paz. E ela diz:

— Você não vai acreditar. Uthman quer ser rei. Por isso que o furaram com uma faca. Aconteceu quando ele estava voltando para casa. Ele gritou e correu para dentro de casa.

— Foi pior do que você imagina — digo, batendo a roupa com força na beira do poço para fazer mais barulho. Não queria que ninguém ouvisse nossa conversa.

— Não é esse o ponto. Um rei. Esses árabes não apoiam ninguém.

Algumas mulheres nos fitam, então nos calamos. Mas, para dizer a verdade, me dá vontade de rir. Um homem louco se denomina rei. Vou me denominar rainha do Nilo, mas da última vez que olhei não havia uma coroa debaixo de meu travesseiro.

Porém, Maomé não sorri quando lhe conto essa história.

— Uthman bin al-Huwayrith não é maluco. Ele só não sabe guardar segredo.

Os árabes gostam mais de sigilo do que de uma rixa. Eles têm um ditado: “O segredo é como um pássaro. Se deixá-lo fugir de sua mão, ele

voará para todos os cantos.”

Com uma expressão séria, Maomé me conta que Uthman se tornara cristão. Ele se surpreende quando solto uma gargalhada.

— É só isso? — pergunto.

A última coisa com que um escravo precisa se preocupar é a quem adorar. Nossos senhores apontam para um ídolo e pronto. Reverenciamos quem eles reverenciam.

— Queria tanto que você entendesse — murmura Maomé.

— Por quê?

— Porque Uthman exaltou os ânimos. Não só ele. Outros também. Eles não querem mais se esconder.

Eu me recomponho em consideração a Maomé e presto atenção.

— Uthman é um coraixita rico. Uma noite ele ficou bêbado e declarou que as terras além da Arábia são civilizadas. Eles têm leis. O dinheiro de um homem está tão seguro quanto sua vida. Ele pode fazer empréstimos com juros, como os judeus. Os outros o ouviram com atenção, apesar de não tolerarem palavras que pudessem ferir o orgulho. Uthman explicou que os cristãos são os verdadeiros filhos de Abraão, e não os judeus. Se Meca tivesse um rei cristão, o comércio melhoraria para todos. Eles poderiam se aliar à cidade de Bizâncio, onde os cristãos faziam pilhas de ouro da altura da cabeça de uma virgem para seu dote. “Ah, e quem seria o rei?”, gritou alguém com escárnio. Foi então que Uthman deveria ter fechado sua boca grande. “Façam-me rei”, berrou ele enquanto os outros riam. “Já sou cristão.”

O silêncio tomou conta do ambiente. Todos sabiam que havia *hanif* ali, e pressupunham que Uthman era o escolhido. Ele entrava e saía livremente da casa de Waraqah. Mas Uthman tinha, acidentalmente, atacado um ninho de marimbondos. Por uma bobagem, ele havia ameaçado a harmonia. Eles o advertiram com uma facada, mas outros se aproximaram e, murmurando sobre cristãos e judeus, disseram que todos eram os verdadeiros filhos de Abraão.

— Por que eles não perguntaram diretamente a Abraão? — digo, enfadado com sua história.

Maomé dá um sorriso maroto.

— Se nós pudéssemos...

Ele explica que Abraão é o avô dos avôs, e que ninguém sabe exatamente quando ele viveu e quem são seus verdadeiros filhos, porém um modo de coraixitas manterem o poder era reclamá-lo como seu ancestral. Ele afirma que eles não são os filhos de Abraão, mas apenas mais uma tribo de valentões pretensiosos.

— Você está tomando partido? — pergunta Maomé. Ele recita um ditado: — Um lagarto não pula de um galho até que esteja seguro do próximo.

Os árabes vivem segundo os ditados. Não devo criticá-lo. Maomé está sendo prudente. Ele é conhecido por isso; já ganhou mais dinheiro por ter recusado um terceiro cálice de vinho do que por sua astúcia.

— Eles não desistirão — diz Maomé, levantando-se e me deixando o último pedaço de pão. — Há muito tempo, Zamzam passava por debaixo da terra, fora de vista. Ninguém sabia disso até meu avô ter uma visão. Deus também está debaixo da terra. Ele ainda não apareceu, mas o solo está úmido, e todos podem ver.

— Não se pode beber terra molhada — exclamo.

Maomé sorri e parte.

KHATTAB, O ANCIÃO

Há muitos anos, o exército de Cristo marchou em direção a Meca para nos destruir, e quase conseguiu. A memória é curta. As pessoas falam sobre os problemas atuais, mas eles não chegam aos pés da loucura daquela época. Levei Maomé até minha casa para que me escutasse. Sua influência sobre a tribo cresce a cada dia. Ele entende de negócios e eu negocio o poder. Se Meca cair, os árabes perderão o poder. Estamos nos destruindo.

— Se você ouvir o que tenho a dizer, poderá alertar os outros — avisei. — Você é jovem, mas seu conselho é preciso.

— Você me chamou para uma lição de história? — perguntou Maomé com um sorriso solene.

— É uma lição de perigo — disse eu. — Da última vez, o perigo veio de fora. Desta vez se inflamará de dentro para fora, como uma doença. Acho que a praga já está se espalhando. Confie em mim, já vi o pior.

Maomé fez uma reverência e sentou-se.

— Conte-me.

Eu recapitulei:

— Diziam que havia um bandido atravessando o deserto. Os meninos beduínos que tomam conta das ovelhas nas montanhas foram os primeiros a avistar o inimigo. Eles correram para a cidade gritando que monstros gigantescos acompanhavam um exército de mil soldados. Meca

não tinha como se defender. Nossos homens não tinham como formar um exército de verdade. O deserto nos protegeu por tanto tempo que eles se esqueceram do significado da guerra. Esse diabo de Cristo deve estar protegendo seus soldados para trazê-los através das centenas de milhas de areia sem que eles morram de sede. Todos entraram em pânico e se tornaram nômades da noite para o dia. Os clãs partiram para o deserto para fugir dos invasores. As pessoas disseram coisas absurdas: “os seguidores de Cristo comem carne humana; os judeus venderam seus planos secretos para a cidade. No meio da noite, as portas foram marcadas com sinais de sangue.”

— Deve ter sido horrível — disse Maomé.

Ele ouvia, mas ninguém sabia o que estava pensando.

— Horrível? Você nunca soube o que é fome, você e sua geração. Não havia mais nada no bazar. Era como se um enxame de gafanhotos tivesse atacado. Alguns vendedores partiram para a extorsão — tentavam trocar uma romã por uma pérola. Mas, em vez disso, os homens, com suas facas, ameaçavam cortar-lhes o pescoço e roubavam a romã. Eles também mereciam.

Maomé assentiu. Ele nunca faltava com respeito a ninguém. Contudo, a grande dúvida permanecia: será que Maomé nos apoiaria, os guardiões?

Normalmente tomo vinho ao meio-dia por causa de meu sangue, mas ele me sobe à cabeça. E me vi gritando com Maomé.

— Isso não deve nunca mais acontecer, entendeu? Nunca mais!

— É por isso que vocês atacaram Uthman? — perguntou, com a voz tão baixa quanto a minha estava alta. — Ele faz parte da doença?

— Ninguém atacou ninguém — resmunguei, ressentido.

— Então a faca atacou sozinha?

— Uthman é cristão em segredo — disse eu. — Você não entende. Você tem olhos para ver; se não o faz, é porque se recusa a entender. Que todos se explodam! Eu sou velho. O que vale isso para mim?

Recostei-me numa pilha de almofadas e me servi de mais um cálice. Não havia mais nada a dizer. Maomé olhou pela janela. Contemplei a lia

do vinho e esmaguei uma mosca. Estava muito quente para discutir. Se Meca se afundar, eles não podem me culpar.

— Eu o admiro — disse, subitamente, Maomé.

Assustei-me e só consegui balbuciar:

— Por quê?

— O destino adora um rebelde. Você entende o que quero dizer? — perguntei.

— Não sou rebelde. Há muitas coisas acontecendo atrás das portas. Os conspiradores estão tentando nos destruir. Fanáticos, obstinados. Se eles conseguirem o que querem, outro exército de demônios chegará à muralha da cidade.

Maomé continuou impávido. Eu estava tão bêbado que perdia o argumento. Se a culpa recaísse sobre mim, eu não suportaria. Para me acalmar, recontei a história da invasão de Cristo. Eu achava que Maomé já a conhecesse, mas precisava contá-la e ele precisava ouvi-la novamente.

— Você nasceu naquele ano. Eu conhecia sua mãe, assim como conhecia todos do clã de seu bisavô Hashim. Sua barriga estava grande quando vim preveni-la. Aminah não era do tipo que perdia a cabeça. Queria saber tudo, então conversei com ela como se ela fosse um homem.

Minhas palavras jorravam livremente, mas minha mente estava longe. Em minha lembrança, eu a via novamente, segurando seu manto em volta do pescoço para que a mão não tremesse. Aminah estava grávida demais para fugir, mas se ficasse poderia morrer.

— Ela tinha ouvido falar vagamente do rei do Iêmen, cujo nome era Abrahah al-Ashram. Seu povo era insolente e vaidoso. O paraíso começa quando você atravessa a fronteira com a terra verde do Iêmen. Abrahah despreza Meca por uma razão: a Caaba e a riqueza que ela nos trouxe. Por que as multidões de peregrinos não iam ao reino dele em vez de a essa maldita cidade do deserto? Ele sonhou com uma solução para o problema: deveria construir um santuário tão grandioso e luxuoso que imporiam respeito a qualquer peregrino. Ele obedeceu ao sonho e chamou

seu precioso santuário de Qullays. Se um deus tivesse sussurrado em seu ouvido, a ambição de Abrahah poderia ter se realizado, mas ele estava dando ouvidos aos demônios. E eles logo o traíram. Nenhum peregrino deixou de ir à Caaba. Os árabes fizeram uma canção ridicularizando seu templo vazio e de mau gosto. E foi então que a vaidade de Abrahah se transformou em raiva. Ele reuniu um exército de mercenários, arremessadores de arco e flecha e lanças, a ralé das ralés, mas experientes guerreiros. Eles avançaram em direção a Meca, e o que nossos irmãos beduínos fizeram? Facilitaram a entrada do exército e venderam comida e água por um preço alto. Eles até ofereceram guias das cidades das montanhas que tinham inveja de Meca. Abrahah espantou a todos com sua manada de monstros cinza gigantes, como os ignorantes os chamavam. Eles nunca tinham visto desenhos de elefantes.

Interrompi minha história e olhei para Maomé.

— Você acha que isso é só uma história. Mas o futuro depende do que estou lhe contando.

Ele tranquilamente me pediu que continuasse.

— Quando se espalhou a notícia de que o exército de Abrahah estava a apenas alguns quilômetros de distância, os coraixitas se reuniram. O invasor mandou dizer que ele não mataria nenhum civil inocente. O que eles queriam era entrar na cidade, destruir completamente a Caaba e partir. O emissário que trouxe a notícia teve a sorte de não ser decapitado naquele momento. Os coraixitas ficaram furiosos e juraram defender Meca até o último homem. Porém, um ancião discordou: “Até o mais sagrado templo pode ser reconstruído”, argumentou. “Mas se morrermos não sobrá ninguém para trazer a Caaba de volta.” Aquela voz solitária era a de seu avô, Abdul Muttalib. Os invasores tinham esquadrinhado as montanhas para roubar animais e haviam perdido quase todos, mais de cem camelos. Se Muttalib pudesse manter a cabeça perante tal crime, ele era a pessoa adequada para ser enviada, como embaixador, ao campo inimigo. Muttalib cumprimentou Abrahah com uma reverência, apesar de ter que engolir em seco esse ato de obediência. Então disse: “Senhor, retire-se de nossa casa. Não podemos

enfrentá-los, mas nossos ídolos não estão sob nosso controle. Não posso me responsabilizar pelo que eles farão. Em vez disso, aceite nosso tributo.” Muttalib ofereceu dinheiro e frutas dos melhores pomares para serem pagos perpetuamente. Abrahah desprezou o tributo, que ele via como um sinal de fraqueza.

— Como um verdadeiro árabe — interrompeu Maomé.

— Não, essa é a parte mais cruel. Ele era um abissínio, um estrangeiro. O Iêmen tinha sucumbido ao rei deles. Naquela época, o Cristo demoníaco seduzira a Abissínia, e sua mão guiava a tudo e a todos.

— Pelo que ouvi, Cristo não inspirava guerras — disse Maomé com suavidade.

Fiquei irritado. Por que ele se recusava a entender?

— Cristo inspira qualquer coisa que o faça mais poderoso. Ele não é diferente de nenhum outro deus — afirmei, olhando para a jarra de vinho. Resisti à tentação, já que a persuasão abandona a língua solta. — Muttalib voltou a Meca com a má notícia. Deu seu conselho calmamente. Repetiu a promessa de Abrahah de não machucar o povo de Meca, mas o pânico se espalhou como uma doença contagiosa. Ruas inteiras foram abandonadas da noite para o dia e ficaram à mercê de fantasmas e ladrões. Os anciãos tribais não tinham nenhum poder sobre os outros. Eles foram os primeiros a fugir. E o momento decisivo chegou.

Fiz uma pausa para ver se desconcertava Maomé, que não estava seguro de quem eu realmente era. Ele conhecia minha reputação de astuto e negociador de poder. Nada do que digo ou faço é meramente casual.

Deixo-o no suspense. E então digo:

— Na noite antes de os invasores chegarem ao portão, espionei seu avô.

— Por quê? — Maomé foi evidentemente pego de surpresa.

— Porque a Caaba tinha mais importância para o clã de seu avô do que para qualquer outro. Sem os ídolos, o que aconteceria com a venda da água preciosa e o dinheiro que ela gerava? Muttalib fez o que pôde

para garantir a segurança de sua família. A única pessoa que ele não conseguira persuadir foi Aminah, e o risco que ela corria lhe deu um incentivo duplo. Eu o segui do pátio até os portões da Caaba. Ele segurou os puxadores das portas com ambas as mãos e começou a se lamentar. Lamentou-se para cada deus de que pôde se lembrar. Evocou o Deus único, Alá, mas não excluiu sequer os ídolos mais insignificantes que eram feitos de gesso rachado. Quando havia terminado, ele se recompôs. Da sombra, eu não conseguia ouvir o que ele estava murmurando. Mas eu era árabe como ele e sabia que havia deixado o resto para o destino.

Levantei as sobrancelhas.

— Você acha que sua prece foi atendida?

— Naquele mesmo dia, uma doença assolou o exército de Abrahah. Os corpos dos soldados apareceram cheios de chagas supuradas. Dizem que um enxame de insetos baixou sobre o acampamento, mas eu vi com meus próprios olhos. Em questão de horas, as tropas começaram a cair por terra. Um dia depois eles morriam aos montes. Saí furtivamente da cidade para espioná-los. Não havia insetos. Uma maldição invisível caíra sobre eles. Os elefantes de guerra, com as presas enfeitadas com bolas de bronze, permaneciam indiferentes e paralisados. Aprisionado num pesadelo, Abrahah percebeu que o predador tinha se tornado a presa. As tribos farejariam a calamidade e o devorariam. Ele deu no pé e mandou que partissem imediatamente em retirada. De uma hora para outra, o exército demoníaco e seus monstros sumiram como uma miragem.

— Ouvi o que você me contou — disse Maomé —, mas há uma história dentro da história. O que isso tem a ver comigo?

— Seja paciente. Seu avô, Muttalib, ficou felicíssimo, e seu prestígio cresceu. As pessoas foram às ruas para beber e celebrar. Homens ricos dormiram com todas as suas mulheres e acordaram exaustos na manhã seguinte. Muttalib permaneceu sóbrio. Ele criou um conselho para evitar que esse tipo de ameaça acontecesse novamente. Criaram-se leis proibindo que judeus e cristãos vivessem em Meca. Uma patrulha de rua foi formada e homens armados vigiavam os bairros.

— Os guardiões, que você lidera — disse Maomé suavemente.

Sorri e estendi a mão.

— Não estou ameaçando-o.

— Então por que tenho essa sensação? — perguntou.

— Preste atenção. O homem que exigiu que judeus e cristãos fossem expulsos foi seu avô. Seu decreto é o peso que carregamos nos ombros.

Maomé ficou sério. Ele nunca confiou em espiões. Eu sabia que ele nunca tinha convivido com um *hanif*. Os mais velhos como Waraqah estavam além de meu poder. Se eu não tivesse embebedado um bandido maluco, Uthman não teria sido avisado. Mas mesmo assim foi necessário.

Eu esperava que Maomé reagisse com medo ou paixão, mas não com violência. Eu não carregava nenhuma adaga debaixo do sofá para conversar com ele. Realmente me surpreendi.

— Você sabe por que o chamei de rebelde? — perguntou-me calmamente.

Fiz que não com a cabeça.

— Porque você liderou a revolta contra a mudança. O novo o amedronta. O perigo não é uma maldição invisível desta vez. É o invisível, ponto final.

Fiz uma cara de nojo e alcancei a jarra de vinho. Não há nenhuma razão para não avançar agora.

— Você fala como um deles.

— Eles são nós. É isso que você não vê. Você é realmente guardião de quê? Podridão lenta. Sinto seu cheiro nesta sala.

Sua voz era forte e segura. Ele estava disposto a proferir as palavras que matam os homens. Eu o havia subestimado? Fingi indiferença enquanto anotava mentalmente tudo o que ele dizia.

— Como eles podem ser nós? — perguntei.

— Os coraixitas controlam esta cidade por uma razão. E não é dinheiro. Meu avô ganhou e perdeu uma fortuna. Seus filhos eram fracos e acabaram com as riquezas. Acabei tendo que viver como um empregado na casa de meu tio, o último a receber o pão e o primeiro a

levar uma surra quando seus filhos estavam enfurecidos. Mas sei que sem Abraão, nosso pai, os coraixitas não são nada. Devo tudo a ele. A água da vida jorra dele. Por muitos anos isso significou cada vez menos. O que é Abraão sem a fé de Abraão? Dê-me sua resposta, e me juntarei a você. Se não pode, que se dane como os outros.

Não posso imaginar como ele conseguiu me dizer tudo isso sem me desafiar para uma briga. Os olhos de Maomé soltavam faíscas, mas sua mão permanecia quieta a seu lado.

— Você não é mais bem-vindo a minha casa — disse eu, com uma frieza formal.

— Obedeço com tristeza — respondeu.

Um minuto depois ele havia sumido. Joguei o cálice de vinho, que se espatifou na parede, e um líquido roxo escorreu reboco abaixo. Não tem importância, estava intragável por causa do calor. As moscas, atraídas pelo bafo enjoativo e doce de um bêbado, zumbiam em volta de minha cabeça. Havia tantas delas que não dava para esmagá-las. Eu me cobri com um cobertor e esperei pelo sono.

O MENDICANTE ANDARILHO

Como passei muito tempo vagando pelo deserto, ninguém sabe meu nome. Eles me chamam de “o pintinho” porque eu passo o dia todo sentado com a boca aberta, esperando que as pessoas passem e me joguem um pouco de comida na boca. É uma forma engenhosa de mendigar. Todos sabem quem sou e todos em Meca se maravilham com minha capacidade de sobrevivência. Nem sempre as surpresas são agradáveis. Sou um homem decente, ou lhe contaria sobre os objetos indecentes que esses moleques de rua jogaram em minha boca.

Hoje sou mendigo, mas tenho lá minhas ambições. Espero me tornar maluco. As pessoas têm pena dos malucos, e aqueles que não têm pena pelo menos são supersticiosos. Os melhores malucos enlouqueceram por causa de Deus. Eles até acham que falam com de Deus, mas é tudo uma baboseira. É o que penso quando estou todo encolhido num beco numa noite fria. É melhor ser objeto de compaixão ou de desprezo? Essas são minhas duas opções.

Não sinto pena de mim. Nos dias de festa, especialmente em casamentos, é bom sentar com a boca aberta quando os convidados passam por mim. Aqueles que estão alegres me jogam um pedaço de carne macia. O último casamento foi o de Maomé. Só se falava disso em Meca. Um comerciante de vinte e poucos anos casando com uma mulher velha. Por que ele aceitou? Não por sua beleza. A srta. Khadijah tem

quarenta anos. É viúva de dois maridos ricos. Então tem que ser por dinheiro. Deve ter sido um jogo duro. A viúva é rica o suficiente para resistir a todas as ofertas de pretendentes gananciosos. Rica o bastante também para propor casamento a Maomé, e não o contrário. Ninguém achou que ela estava se rebaixando. Isso porque a pureza de Khadijah era inquestionável. Dizem que ela estava à espera de um marido puro.

A maioria das pessoas estava contente com a ascensão de Maomé. Eu o via entrar e sair pelo portão dias antes da cerimônia de casamento. Como sou mendigo, tenho o maior respeito por ele. Ele nunca jogou uma pedra em minha boca para se divertir vendo se eu engasgaria, como os outros faziam. Um dia ele bateu num moleque safado que ia atirar uma bola de estrume em minha goela.

Naturalmente, estou animado com o casamento de um homem como esse. Cheguei à casa da noiva uns dias antes da cerimônia. As mulheres passavam sempre rindo. Eu virava o rosto. Dói ver o rosto de uma mulher bonita quando me fita. Depois veio um jovem com sandálias sujas carregando um rolo de tecido de lã fina. Agarrei com força sua perna.

— Me solta! Você é maluco, e não cego. Não está vendo que sou só um empregado?

Porém, não o larguei até ele sacudir a perna e ficar pulando como um nômade mordido por bicho-de-pé. Foi engraçado, porque ele bateu em mim sem soltar o rolo de tecido. Depois dessa travessura, o tempo demorou a passar. Fiquei com fome, sentado com a boca aberta, até uma enorme tâmara madura cair em minha boca. Abri os olhos e vi Maomé.

— Que Alá lhe traga felicidade — murmurei, rolando a doce fruta na língua.

Maomé estava com pressa, mas parou com uma expressão estranha no rosto.

— O nome de Alá o ajuda a mendigar? Acho que não.

Eu o bajulei, esperando ganhar outra tâmara.

— Deus me mostra quem é seu filho quando tenho a sorte de vê-lo.

— Então Alá é mais um de seus truques para ver quem você consegue

bajular?

Maomé não falou com um tom de insulto. Ele sorria e, ao mesmo tempo, tirava outra tâmara de sua bolsa, colocando-a em minha mão. Um gesto decente e correto.

Fiz uma reverência.

— Vou lhe contar meu segredo, senhor. Falo de Alá porque estou treinando para ser maluco. Quando os malucos falam de Deus, as pessoas tendem a ser mais supersticiosas.

Maomé balançou a cabeça, achando graça, e partiu.

Quando ouço o tinir da tornozeleira com sinos e não ouço risadas, normalmente é Khadijah passando a caminho de algum lugar. Ela nunca para. Uma mulher rica se esforça em dobro para espantar os ladrões. No verão, suas caravanas partem para a Síria; no inverno, para o Iêmen. Ao amanhecer, ela anda de um lado para o outro perto de seus camelos, inspecionando cada fardo e cada saco. Mas Khadijah não é carrancuda e rabugenta, se é isso que você está pensando. Ela cobre a cabeça com um véu preto e sai pela noite. Muitos pobres miseráveis encolhidos pelo frio e pela umidade sentiram sua mão em seus ombros. Ela leva sopa e cobertores, mesmo para desconhecidos; arranja casamentos para suas parentas pobres e oferece ouro para o dote, assegurando, assim, que as jovens não terminem com um tirano corcunda para quem nenhuma mulher respeitável olharia.

Quando ela passa, sussurro *ameerat*, que quer dizer “princesa”. Khadijah sorri. Ela está acostumada com esse tipo de elogio. Mais do que as outras, ela realmente merece.

No entanto, as pessoas a repreendem por uma coisa. Nos dias de festa, quando as outras mulheres obedecem à tradição de circundar a Caaba, ela fecha as janelas e permanece em casa. A peregrinação do Hajj não é para ela, e Khadijah tem dinheiro suficiente para não ter que se preocupar. Segundo as más línguas, a portas fechadas, ela não acaricia a barba de Maomé. Eles ficam zombando dos ídolos. Um dia desses, eles vão se dar mal.

Conforme a data do casamento se aproximava, as visitas do noivo se

tornavam mais frequentes. Às vezes ele parecia muito preocupado para perceber minha presença, mas, quando me via, sempre tinha algo para dar. Um dia ele me pegou coxeando de volta a meu local perto do portão.

— Como você ficou manco? — perguntou.

— Meus dedos foram comidos pelos cachorros — respondi.

— Mostre-me.

Retirei os trapos do pé e expus uma fileira de tocos carcomidos onde os vira-latas haviam mastigado.

— Você sente muita dor? — indagou.

— Não o suficiente para me matar, mas o bastante para me fazer rir o dia todo — retruquei.

Olhamos um para o outro. Ele percebera que eu não estava me lamuriando para filar um pedaço de pão, e notei que ele estava de fato interessado. Eu não estava mentindo. Minha mãe fizera um mau casamento com um bêbado. E, para piorar, sua sogra a odiava. Um dia, quando ainda era um bebê de colo, fui deixado a seus cuidados. Por um desleixo completo, minha avó me deixou embaixo de uma árvore enquanto ia pegar água no poço. Não foi em Meca, mas numa das cidades nas montanhas que a cercavam, quase no meio do mato. Minha avó sabia muito bem que as matilhas de cães selvagens rondavam à vontade. Dois deles me acharam e começaram a roer meu pé, que estava fora da manta. Meus gritos atraíram um homem que, com um pedaço de pau, afastou os cães, mas não antes de eles arrancarem dois dedos de cada pé. Dizem que, quando minha avó retornou, não chorou. Por puro rancor, não demonstrou se sensibilizar com o fato de eu estar aleijado. Não que eu me lembre, mas fico imaginando.

Se acha que quando Khadijah viu Maomé no mercado pela primeira vez ficou perdidamente apaixonada, você se engana. Ele também não a conquistou com poemas pendurados na janela comparando seus olhos amendoados com um cervo ao luar. Ambos eram pessoas sensatas. Ela sabia duas coisas sobre Maomé com que qualquer comerciante se surpreenderia. A primeira é que ele não era tão experiente quanto se supunha, pois quando deixou Meca partiu numa caravana pequena, que

era a que seu tio Abu Talib podia pagar. A segunda é que ele era uma pessoa de confiança. Quando um árabe lhe dá um apelido, você tem que carregá-lo para o resto da vida. Sempre serei “o pintinho”, e Maomé sempre será Al-Amin, aquele em quem se pode confiar.

Khadijah enviou seu representante para cumprimentar Maomé e lhe fazer uma oferta formal. Você talvez pense que Al-Amin, “o confiável”, não necessitaria de um suborno tão extravagante, mas Khadijah entendeu que uma mulher deve estar preparada para pagar o suficiente a fim de desencorajar seus agentes a roubar.

A caravana veio e partiu. O representante Maysarah foi enviado para ficar de olho nos negócios e no balanço dos livros, mas também foi enviado para espionar sua família. Como estava com Khadijah desde que seus pais morreram, ele era os ouvidos de sua senhora e durante todos esses anos nunca a traía. Quando ele voltou para casa com palavras elogiosas sobre o caráter de Maomé, Khadijah quebrou a promessa de nunca mais casar. Mas a paixão não lhe subiu à cabeça. Ela esperou vários meses; continuou a encher o bolso de Maomé. E sua estima por ele cresceu. Um dia ela enviou uma mensageira, sua amiga íntima Nufaysah, que tocou a bainha do manto de Maomé com sua testa como se ele fosse seu senhor, oferecendo a mão de Khadijah em casamento. Foi o começo de uma negociação agitada. Os tios se envolveram, barganhando os detalhes como homens prestes a perder ou ganhar mil camelos. Dois clãs, os Hashim e os Asad, se uniram para assegurar a adequação da união, e assim foi.

Foi essa a história que ouvi de um dos empregados que fofoca com os outros agachados nos pátios.

Será que contabilidade e bom comportamento amolecem o coração de uma mulher? Você deve saber a resposta tanto quanto eu.

Teria sido bom se chovesse no dia do casamento, mas o dia amanheceu claro e quente como todos os outros. Os primeiros a chegar foram os primos jovens, solteiros e violentos. E como estavam sem mulheres acharam apropriado me chutar, como se quisessem provar que existe alguém no mundo mais infeliz do que eles. Por segurança, fechei a

boca quando eles passaram. Mas também estava imerso em meus pensamentos. Eu queria achar palavras especiais para dizer ao noivo quando ele passasse na procissão. Queria impressioná-lo; ele logo seria um homem rico. Fiquei remoendo a mesma pergunta na cabeça. *O que um maluco diria?* Para Maomé, a melhor tática era balbuciar sobre Deus, pois eu sabia que esse era seu ponto fraco. A multidão crescia rapidamente. Como felinos, os convidados deixavam uma trilha perfumada quando passavam em direção à casa da noiva. Mantos luxuosos redemoinhavam na brisa. As mulheres mais ricas tinham pérolas penduradas nos véus de gaze. Alguém jogou uma moeda em minha boca e, quando olhei de perto, parecia de prata.

Finalmente Maomé chegou. Ele sorriu olhando para os lados, mas seus olhos pareciam pensativos. Arrastou os pés como sempre fazia, sem levantá-los muito alto para proteger suas novas sandálias da areia. Quando estava a meu lado, uma dúzia de mãos se estendeu em sua direção. Não levantei a voz, mas falei suavemente: — Sortudo é o homem que se casa hoje com Deus.

Era meu dia de sorte. Ele notou a minha presença e abaixou os olhos.

— Hoje me caso com uma boa mulher, não com Deus — retrucou.

— Ele pode até ser uma mulher má — respondi. — Alá está em todas as criaturas.

Os convidados que estavam próximos e nos escutaram começaram a reclamar enraivecidos. Eu estava correndo um grande risco se continuasse a dizer blasfêmias disparatadas.

— Seus filhos serão os filhos de Deus, mesmo que acabem se tornando bêbados e trapaceiros. Você acredita em mim? — perguntei.

— Acredito — disse Maomé, surpreendendo a todos à sua volta.

— Então você é mais tolo do que eu — afirmei.

— Por quê?

— Porque as palavras de Deus são mentiras. O infinito está além das palavras.

Algumas pessoas se prepararam para me chutar, mas não Maomé. Ele não sorriu ou amarrou a cara, mas dava para observar a tristeza em seus

olhos. Murmurando para si próprio, ele jogou uma moeda e entrou na casa de Khadijah. Foi recepcionado por uma explosão de risadas e aplausos. Um coraixita chegou bem tarde, um idoso desacompanhado. Fiquei surpreso em ver Waraqah. Sua fraqueza por Deus era pior do que a de Maomé. Ele perdera quase todo o respeito.

— Alá certamente abençoou esta casa — disse eu, ajoelhando-me enquanto ele atravessava o portão.

Waraqah fez uma careta.

— Pare com esses truques. Sou o primo da noiva e tenho que estar aqui.

— Pelo júbilo da ocasião — retruquei murmurando. Todos sabiam que o velho Waraqah detestava sair de casa e deixar seus estudos místicos que devoravam seus dias e destruía seus olhos.

— O júbilo é a fruta do vinho — disse Waraqah. — Não serve para nada. Ela quer falar de negócios depois da cerimônia de casamento.

E, então, correu para dentro. Você deve estar surpreso com o fato de um homem rico perder tempo falando com um mendigo. O Deus de Waraqah ama a todos os homens, o que prova quanto seu fervor religioso pode se espalhar.

PARTE 2
O ABRAÇO DO ANJO

KHADIJAH, A MULHER DO PROFETA

Não tínhamos a menor ideia. Deveria ter havido sinais, mas não houve. Deus é tão inesperado como um raio no deserto. Antes de cair, o céu está sempre azul como num dia qualquer.

Há quinze anos, Maomé e eu estávamos casados e em paz sob esse céu. Era uma família de mulheres, quatro filhas e uma esposa. Havia damascos embebidos em água de rosas nas prateleiras. Quando uma caravana voltou da Síria, cada uma de nossas filhas ganhou um sininho delicado para pendurar no tornozelo. Quando as meninas caminhavam, um tilintar límpido alegrava o caminho.

Dentro de casa, Maomé poderia ter se comportado como um rei ou uma fera, o que era bastante comum. Mas o observei bem de perto antes de abrir meu coração para ele. Não nasci ontem. Ele não era o único jovem que passava o tempo escutando os poetas no bazar ou sentado à sombra nos dias tórridos conversando com seus primos. As pessoas me ridicularizaram por me oferecer a um homem tão jovem. “É como comprar um camelo e deixá-lo solto”, diziam. “Faz parte da natureza do animal se desgarrar.” Porém, meu dinheiro não deixou que ninguém risse em minha cara. Não me importava que Maomé tivesse pedido a seu tio, Abu Talib, a mão de sua filha. Era tão formosa como uma gata e seus olhos eram tão suaves como os de um cervo. O velho Talib recusou, porque ele já tinha planejado um casamento melhor com um membro do

clã dos Makhzum.

No início, quando Maomé ainda ficava tímido comigo, ele confidenciou, nervoso, a proposta de casamento que lhe fora negada. Caí na gargalhada.

— Não estou rindo de você — logo falei, vendo-o cabisbaixo. — Meus primeiros dois maridos eram do clã dos Makhzum. Eles me deixaram duplamente rica. Não é uma boa vingança para você?

Ele refletiu, pesando suas palavras.

— Você me fará ascender mais do que jamais esperei na vida. Meu avô Muttalib era o último ancião a possuir o poder. Sou um nômade entre os homens: ouço canções, mas não sei cantar; ouço poetas, mas não sei ler ou escrever palavras melhores.

Ele se surpreendeu quando dei de ombros.

— Dois tipos de pessoas não sabem ler, os iletrados e a realeza. Vamos fingir que você é rei. Meu capataz lerá para você.

Se Maomé tivesse se tornado um tirano depois que nos casamos, seria minha culpa. Ninguém em Meca viu o que fizemos na véspera do casamento. Eles não teriam acreditado. Negociávamos nosso futuro. Bem, eu negociava.

— Como você pretende me tratar? — perguntei.

— Como você quer ser tratada? — retrucou, com cautela. Gosto disso num homem. Ele sorriu. — Eles a chamam de princesa, mas nasci numa classe tão inferior que não seria bom cortesão.

— Trate-me como uma jovem bonita — respondi. — Mas nunca me deixe adivinhar o que você realmente pensa.

— É isso o que realmente penso — disse ele, tão sóbrio como se estivesse avaliando o peso de um pedaço de ouro bizantino.

Estamos deitados no sofá — sem nos tocar — com as venezianas fechadas e sem empregados em casa. Não adianta se esconder atrás da porta. Eles sempre escutam às escondidas, assim como sempre roubam comida do jarro de azeitona e fingem que a carne de cordeiro de ontem estragou.

Lembro-me de meu reflexo no espelho naquela manhã.

— Nunca se sinta tentado por outras mulheres. A traição me envergonharia, e a vergonha me mataria.

Sem pensar, meus dedos contornaram uma ruga ao redor dos olhos. As rugas ainda eram leves. Mas em breve elas piorariam.

— Não há por que você ter medo. Sou traído todos os dias; sei o que é a vergonha — disse Maomé.

Não pude esconder minha surpresa.

— Quem o trai?

— Minha língua, e é por isso que raramente falo.

Maomé se referia a seu sotaque, que, para ser sincera, todos notavam. Ele passou muito tempo entre os beduínos, porque sua mãe, receosa, adiou a hora em que ele teria que respirar o ar poluído da cidade. Vinte anos depois, ele soa ligeiramente fraco como se tivesse acabado de deixar as ovelhas num cercado nas montanhas. Estávamos à vontade juntos, deitados, cada um sonhando como seria o casamento. Seu sotaque era encantador.

Finalmente, com um rubor que não sabia que tinha, eu disse:

— Não revele a nenhuma mulher que esteve comigo. Mas preciso me assegurar que você não está doente.

Se tinha que escolher o pretendente adequado, ele teria que ser puro.

— Mas estou doente. Há dias em que acho que é uma doença fatal.

Maomé se levantou, aproximou-se da janela e espreitou pelas frestas da veneziana. Seu rosto estava listrado de luz e sombra, como uma zebra que meu pai trazia na volta da viagem à Abissínia quando eu era menina.

— Meca é minha doença — murmurou. — Eu me contamina novamente a cada dia. Às vezes com medo, às vezes com raiva. Vejo mortos-vivos vagando pelas ruas, e meu clã, os Hashim, é praticamente só de mendigos. Talvez nunca me recupere. — Ele se virou e viu minha expressão confusa. — Mas meu corpo não tem fraquezas. Posso armazenar vinho na barriga e carregar nas costas como um camelo.

Não se pode respeitar um árabe que não sabe mentir. Nossa vida é pechinchar. Regateamos para nos manter a um passo da seca, da fome e da malícia dos deuses. Esse vaivém com o belo e jovem Maomé poderia

ter sido um prelúdio de desgraça. Mas eu sabia que não era. Não por causa de minha intuição feminina. Eu sabia por que Maomé passara em meu teste. Ele não pediu nada para si. Não insinuou que deveria ter pena dele porque era órfão. Ele não se sentou de perfil para que eu pudesse admirar seu nariz curvo ou descuidadamente deixou um cacho pendurado na testa. É claro que uma mulher notaria.

Mesmo assim, hesitei. Meu pai me ensinara um ditado: “Um camaleão não deixa uma árvore até ter certeza da próxima.” Pedi que o cozinheiro servisse alguns pratos raros — um pato assado com calda de romã, um peixe das profundezas do mar, tão delicado que suas escamas brilhavam como um arco-íris. Fiz isso para ver se ele salivaria. É difícil para um homem pobre não babar, e, se ele babasse pelo pato, deveria estar secretamente babando por meu dinheiro. Os olhos de Maomé sequer prestaram atenção à comida. Ele me contemplava. As mulheres resistem a qualquer coisa, menos à atenção.

Não me surpreenderia saber que Alá estava observando cada movimento e cada palavra que dizíamos. Eram provavelmente suas palavras, predestinadas e seladas. Por toda a vida imaginei que minha vontade era só minha. Eu tinha mais força do que dez outras mulheres; era chamada de “princesa”, não de “redentora”. É um choque perceber que nesse tempo toda minha vontade era a vontade de Deus.

A morte de nossos dois filhos, ainda no berço, foi vontade de Deus. Acordei numa manhã antes de o dia clarear. Não era o horário no qual os bebês normalmente choravam. Naquela manhã, quando o primeiro bebê morreu, o silêncio em casa era diferente, como se o anjo da morte tivesse sussurrado acima de nós. Não tive forças para correr até o quarto do bebê, então enviei um empregado. E a segunda vez? Sonhei que um menino corria atrás de um rebanho de ovelhas nas montanhas. Ele olhava para os pés enquanto corria e viu a sombra de um lobo. Antes que ele pudesse gritar, acordei.

Depois que eles morreram, Maomé não quis que nenhuma mulher lamentasse a perda dos meninos; proibiu que as pessoas velassem os corpos em nossa casa. Quando perguntei por quê, ele disse:

— Se um órfão não consegue lidar com o luto, ele não sobreviverá.

Ele raramente falava de seu passado dessa forma. Por mais que tentasse olhar no fundo de seus olhos, eu nunca via as cicatrizes de seu coração.

Porém, eu também não era do tipo de me lamuriar. Quando conheci Maomé, eu já tinha três filhos casados. Meus novos bebês eram preciosos, mas se um morresse não era como se tivessem arrancado um pedaço de mim. Guardei esse segredo, mas Maomé percebeu. Ficou triste quando mandei que sacrificassem dois animais na Caaba. Era considerado prudente apaziguar os deuses depois de um infortúnio. Eu vestia um véu preto quando ele apareceu, reticente, à porta do quarto. Estava com o rosto pálido.

— Você vai? Não precisa ir! — exclamou.

Eu lhe disse que não podia deixar uma tarefa como essa para os empregados.

— E qual dos deuses você acha que vai nos ajudar? — perguntou.

Ele destacou os nomes de Hubal, Al-Lat, Manat e Al-Uzza. Em Meca, todos sacrificam em nome desses deuses, mesmo os indecisos. Somos práticos. Não é caro agradar aos ídolos.

— Não sei qual. Todos — respondi casualmente, enquanto esfregava uma camada extra de *kohl* em volta dos olhos como sinal de pesar.

Todavia, senti-me culpada fingindo acreditar. Quem sabe? Quem sabe um dos deuses amaldiçoou nossos bebês ou nós. São coisas difíceis de compreender. Eu olhava, através do espelhinho brilhante, Maomé parado atrás de mim.

— Você pode me proibir de ir — disse eu.

Com uma voz sarcástica que raramente usava, ele falou:

— Será que um marido pode fingir ser mais poderoso do que todos os deuses? Vá se quiser.

Fui. Não foi a piedade que me motivou, mas o medo e a tristeza. Eu não queria desaprovar os deuses. Mas também não queria a proteção deles do jeito que as pessoas comuns e supersticiosas buscavam. Se eu tivesse levado ao altar dez animais e presenciado seus pescoços sendo

cortados, será que isso salvaria meus bebês? O que eu queria era arrancar a faca que estava fincada em meu coração. Apesar de não externar meu desespero, eu precisava achar uma válvula de escape. Se os deuses existissem — se pelo menos um existisse —, talvez ele pudesse ter piedade de minha dor. Então foi feito o sacrifício, presenciado por muitos cidadãos que acenavam em aprovação.

Quando cheguei em casa, Maomé me perguntou se me sentia melhor. Fiz que não. Estava envergonhada do espetáculo que proporcionei para os tolos e preguiçosos, pessoas cujo único interesse era presenciar o sofrimento de uma mulher rica, apesar do dinheiro.

Nunca fingi ser humilde, mas meu orgulho não me impediu de correr até Maomé e suplicar seu perdão. Ele ergueu meu rosto e me pediu que olhasse para ele. Então me disse:

— Eu entendo seu desespero. Se abra comigo. Boa parte de sua dor é causada porque você a mantém escondida.

Não posso afirmar que a faca foi imediatamente retirada de meu coração só porque tenho um marido bom. Sofri por muitos meses. Mas nós passamos o resto da noite sentados conversando sobre assuntos que as esposas raramente abordam, como a sensação de fraqueza. Já que estamos no patamar mais baixo da criação, como todas as meninas aprendem, esperamos que pelo menos os deuses nos deem força. Eu era uma dessas meninas, que imaginava de onde viria a proteção contra esse mundo violento.

Dar à luz é uma sentença de morte para uma em cada seis mulheres, ou talvez mais. Quero acreditar, mas em quê? O dedo do destino desliza sobre o pergaminho e escolhe esse para sofrer, aquele para o prazer, aquele para a vida, aquele para a morte. Alguém, até o mais devoto, já viu essa mão invisível? E se viu, será que mudaria alguma coisa por causa da súplica de uma pobre mulher sofredora? O destino extermina milhares de criaturas com apenas uma inundação efêmera nas montanhas ou uma seca de verão. Nós humanos também somos criaturas e estamos sujeitos às mesmas catástrofes caprichosas.

Maomé poderia ter me condenado por esse episódio; em vez disso,

nós nos aproximamos. Percebemos que nenhum dos dois partilhava de respostas brilhantes. Partilhávamos as mesmas questões, e isso era suficiente.

Eu tinha o costume de ir ao bazar todas as manhãs para inspecionar as mercadorias e ficar de olho nos preços. Depois do casamento, não havia mais sentido para eu continuar com essa tarefa. Deleguei todos os meus assuntos de negócios a Maomé. Inicialmente, ele resistiu.

— Não há necessidade. Você toma conta de seus negócios há anos — argumentou. — E se você está preocupado com meu orgulho, por favor, não se preocupe.

— É o orgulho dos outros homens o que me preocupa — disse eu. Já era duro para eles ter que aceitar as ordens de uma mulher. Eu não queria que eles comentassem pelas costas de Maomé que casei com ele só para afeminá-lo.

Não vou dizer que encerramos o assunto com uma conversa. É sempre um assunto delicado quando um homem pobre se une a uma mulher rica. Maomé entendeu. Quando um boi grande e um pequeno tentam puxar ela juntos, a carroça acaba virando. Eu disse a meu representante, Maysarah, para, dali em diante, entregar todas as minhas contas a meu marido. Ele arqueou a sobancelha, mas obedeceu. Então, como pode ver, eu poderia passar o resto da vida dentro de casa deixando meus empregados loucos, como as mulheres respeitadas faziam. Tentei. Depois de duas semanas, Maomé me suplicou que, para o bem de todos, mantivesse tudo como era anteriormente. Os acampamentos de caravanas eram meu hábitat natural. Como ele mesmo disse, eu seria sempre uma dama, mesmo se minhas sandálias cheirassem a cocô de camelo. Diferente do camaleão, pulei para uma árvore nova mas fiquei com um pé na antiga.

Continuei minhas inspeções mesmo quando estava grávida. Dois meses antes de o bebê nascer, um ancião me chamou e disse:

— Então é verdade. Você realmente mudou de sexo.

Era Waraqah, que, quanto mais velho, mais estranho ficava. Ele estava sentado num muro alto num dia quente de inverno. Minhas

pernas estavam doloridas de bambolear nas ruas de pedras. Então decidi descansar a seu lado.

— Ah! Você abriu mão da vida de homem, mas é tão corajosa quanto um.

— Deixem os outros falarem. Não preciso ser corajosa para sentar a seu lado — retruquei. — A não ser que eu esteja equivocada e você ainda tenha um dente na boca.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada rouca.

— Não sou eu que vou mordê-la se você for vista comigo. Há muitas pessoas que adorariam fazer isso.

Sua brincadeira tinha um fundo de verdade. Os outros anciãos viam o velho rico com suspeita. Waraqah não se juntava mais a eles nas tavernas, e o fato de passar o tempo perto da Caaba, praguejando em voz baixa quando os peregrinos passavam, não ajudou.

— Você não me engana, sabe — falei. As veias em minha perna haviam parado de latejar. Eu me equilibrei no muro de forma que minha barriga inchada sobrecarregasse minhas costas. — Você não é tão maluco quanto dizem.

Waraqah me olhou de soslaio.

— Se não sou maluco, então sou o quê?

Parei para refletir, mas ele não esperou minha resposta.

— A palavra que você está procurando é “subversivo”. Sou a cobra na cesta de tâmaras, assim como seu marido.

A expressão em meu rosto fez com que ele soltasse outra gargalhada rouca.

— Você o tornou rico do dia para a noite. Mas uma mente perigosa não se torna menos perigosa porque está adornada de luxo.

Fui tomada por um silêncio súbito, o que pareceu agradar a Waraqah. A punição pela liberdade de pensamento tinha se tornado severa nos últimos anos. Meca não era mais a cidade em que cresci. Havia sempre um ar de suspeita. Maomé prezava sua reputação, mas ele não seria mais um Al-Amin, aquele que inspira confiança, se as pessoas não pudessem mais confiar em suas opiniões. Para a maioria dos homens, as palavras

são o mesmo que os pensamentos. Quando estes alcançam as mentes, alcançam também as línguas.

A mudança que assolou a cidade aconteceu quase no mesmo dia em que os portões se fecharam para Abrahah e seu exército. Não bastou que os invasores adocessem e seus elefantes de guerra partissem em retirada como uma miragem no deserto. Meca nunca estivera tão indefesa. Um forasteiro havia rompido a barreira até então intransponível: o deserto. Então os anciãos coraixitas decretaram que nenhum cristão ou judeu poderia pôr novamente os pés em Meca. Como os ídolos haviam derrotado milagrosamente os invasores, salvando assim a cidade, eles não deveriam ter nenhum concorrente. Os deuses estrangeiros foram banidos, e a adoração desses deuses seria punida com a morte ou o exílio. Um dos primos de Maomé foi acusado de ser um *hanif* que venerava um deus e foi forçado a partir. Não deveria haver mais nenhum *hanif*, exceto Waraqah, que ficava quieto em seu canto.

Os direitos de judeus e cristãos não tinham o menor valor. Para as pessoas comuns, o que importava era o dinheiro deles. Se um judeu era tão rico que seu negócio exigia sua presença, ele poderia pagar um imposto e atravessar as muralhas da cidade. Uma vez dentro, ele não poderia ser visto rezando ou reverenciando seu deus, Yahweh.

Os coraixitas se tornaram tão poderosos que tinham o condão de assegurar que esses decretos fossem cumpridos. Maomé apelou a Abu Talib para que houvesse tolerância. Waraqah sussurrava à entrada da Caaba. Eles não tinham o poder de intervir, porém, quando toda a tribo se virou contra ele.

— Tentei persuadi-los — disse Abu Talib com pesar. — Minhas palavras se evaporaram como as chuvas de verão batendo num muro quente de pedra.

A rale se organizou em gangues que rondavam os becos surrando os bêbados e assustando as empregadas que carregavam jarras d'água a caminho do poço. O silêncio tomou conta da cidade. Quando há repressão, as pessoas obedecem, e, se fizermos vista grossa, podemos confundir obediência com satisfação. Os anciãos começaram a falar sobre

o Ano do Elefante, como ficou conhecido, dando início ao período áureo.

Eu estava sentada ao lado de Waraqah pensando sobre o estado de Meca.

— Engravide. Tenha tantos filhos quanto queira — disse ele. — Mas no fundo você está conosco.

Abaixei os olhos e pressionei os dedos sobre minha coxa para ver se a veia azul parava de latejar.

— Então o que digo tem um fundo de verdade — murmurou ele, interpretando meu silêncio. — E digo mais: Maomé partiu meu coração quando abandonou a causa. Só sobraram quatro *hanif* para defender a verdade, e estamos todos ficando velhos. Penso em seu marido todos os dias, mas ele mal fala comigo quando nossos caminhos se cruzam. Talvez agora eu possa fazer um acordo com você.

— Talvez.

Era a vez de Waraqah parecer surpreso.

— O que faz uma mulher ter tanta coragem? Eu estava só incitando você.

Dei de ombros. Contudo, não era coragem. Minhas caravanas haviam percorrido todo o mundo árabe, do Iêmen à Síria. Quando voltaram para casa, sentei-me com meus homens e pedi que me contassem o que haviam visto. Meu pai não havia me criado para ser uma ignorante. Assim como Maomé, ele também gostava dos provérbios antigos. Um deles dizia: “Uma mulher gorda no inverno vale mais do que um cobertor.” Meu pai franzia as sobrancelhas e me dizia: “Quero que você, quando crescer, seja mais do que um bom cobertor.”

Meus homens me contaram, em especial, como os estrangeiros pensam, porque, quando você sabe o que se passa na cabeça de um cliente, tem uma vantagem sobre ele. E foi assim que começou. Depois de um tempo, porém, a peculiaridade da mente dos homens ganhava um fascínio próprio. Os árabes acreditam que foi Abraão que construiu a Caaba, mas os judeus acreditam que ele fundou sua tribo em Jerusalém. Dizemos que Deus mandou Abraão sacrificar seu filho, Ismael. Os judeus dizem que foi seu filho mais novo, Isaac. Maomé ficou um pouco

chocado ao tomar conhecimento de que eu sabia esse tipo de coisa, talvez ainda mais chocado com meu ceticismo com relação aos ídolos da Caaba. Logo, porém, ele percebeu que existia um elo entre nós. Raramente falávamos sobre isso.

— Sabe, não me importo com o ódio das pessoas — disse Waraqah do nada. — Nem cem maldições podem rasgar uma camisa.

Sorri. Esse era outro provérbio de meu pai. O ancião e eu estávamos então à vontade. Ele apontou para um burro que se encontrava a uns metros dali. O animal estava amarrado num longo pedaço de pau fixado numa pedra de moer. Ele se arrastava lentamente em círculos. Um menino com ar preguiçoso jogava grãos de trigo embaixo da pedra para que fossem transformados em farinha grossa.

— Aquele ali é seu árabe típico — disse Waraqah. — Ele anda em círculos e acha que está chegando a algum lugar. Pendure um ídolo em seu nariz, e ele acreditará que os deuses o estão levando para o Paraíso.

O ancião, que estava cada vez mais surdo, falou isso tão alto que os dois comerciantes que passavam ouviram. Eles olharam em nossa direção e franziram as sobancelhas. Então, percebendo quem era, fizeram uma reverência e saíram correndo.

Eu me levantei e tirei o pó da saia, que estava salpicada com grãos de trigo da pedra de moer.

— Você sabe sobre as pessoas que foram expulsas de Meca — eu disse. — Elas falavam assim como você.

— Eles não previram o que estava por vir. Vi os sinais. Posso me dar ao luxo de esperar.

Com esse comentário estranho, Waraqah me acenou, dizendo que nos encontraríamos novamente. Quando voltei para casa, contei tudo a Maomé. Não omiti que ele havia partido o coração de Waraqah. Ele tremeu, mas não disse nada. E, quando pedi que se abrisse comigo, disse:

— Melhor um cachorro solto do que um leão enjaulado.

Homens... Eles poderiam passar o resto da vida com seus provérbios antigos. Porém, eu sabia que meu encontro o havia tocado

profundamente.

JAFAR, O FILHO DE ABU TALIB

Então, finalmente aconteceu. Um *jinn* fez com que Maomé enlouquecesse. Aconteceu em algum lugar nas montanhas, dentro de uma caverna, segundo dizem. Em primeiro lugar, por que ele estava lá? Todos sabem que os *jinn*s se escondem nas cavernas e que o vento que sopra através da escuridão é seu uivo. Mesmo os pastores nunca entram na caverna à procura de uma ovelha perdida sem antes fazer um corte no braço para oferecer gotas de sangue aos deuses.

Um desconhecido na rua me contou o que aconteceu, o que significava que a notícia se espalhava rapidamente. Corri até a casa de Maomé perto do centro da cidade. E quem eu encontraria lá? Minha família faz parte do clã dos Hashim, e nossa primeira reação é nos reunir ao redor do parente que está em apuros. Mas ser apossado por um demônio não é um mero problema. É algo contagioso. Era bem provável que eu esbarrasse com os espiões enviados pelos anciãos coraixitas. Eu não me admiraria se eles usassem isso como pretexto para tomar o controle dos negócios de Maomé. Eles fariam tudo para se aproximar do dinheiro de sua esposa.

Não havia nenhum espião ou membro do clã dos Hashim. Aliás, não havia ninguém. Um cão vira-lata farejava o portão trancado. Fiquei parado, prestando atenção. Numa casa de mulheres, há sempre alguma coisa acontecendo. As fofocas, o ruído das panelas, o barulho do tear.

Mas não havia nada. Pensei em bater no portão e chamar alguém. Eu estava bastante ansioso por ele; pediria à sua esposa para chamar um sacerdote ou um curandeiro. Olhei à minha volta. As casas perto da Caaba eram todas coladas umas nas outras, e as pessoas ouviriam meu grito. Com relutância, parti. Eu não era um velho, nem fraco, como os Hashim se tornaram. O papel dos anciãos é ajudar ou condenar um dos seus. Que nunca ninguém me acuse de ter sido o primeiro a alertar os outros sobre Maomé.

Fui para casa aflito. Maomé tem um jeito peculiar. Todos sabem disso, especialmente sua família. Ouvi dizer que ele e alguns outros, incluindo seu melhor amigo, Abu Bakr, haviam se reunido à noite para fazer um juramento. Uma cerimônia secreta? Odeio os *hanif*, mas, para dizer a verdade, isso era animador. Meu primo é sóbrio demais. Uma pitada de intriga não o machucaria. Quando o juramento se tornou público, fui, enojado, ver Maomé.

— O que é isso? Você jurou ajudar os pobres? O que os deuses não fazem você resolveu fazer?

Foi ridículo. Ainda não cheguei aos quarenta, mas concordo com os mais velhos que reclamam que esse tipo de sacrilégio dividirá a sociedade. Maomé escutou minha ladainha por alguns minutos sem dizer nada. Seu silêncio me deixou mais agitado.

— Você acha que o objetivo da vida de um homem é ajudar escravos esqueléticos e sujos? — indaguei.

— Não sei qual é o objetivo da vida de um homem. E é por isso mesmo que ajudo os escravos esqueléticos e sujos — respondeu calmamente. — Você pode ajudar?

Maomé ficou ainda mais estranho depois do casamento. Eu, seu primo favorito, não podia mais bater em sua janela para chamá-lo para uma aventura. Ninguém imaginou que ele enlouqueceria. Eu ansiava por notícias suas dizendo que estava bem. Maomé não saía mais de casa, mas as fofocas são capazes de atravessar a menor rachadura da fortaleza. Logo os empregados saíram correndo da casa de Abu Bakr para ver o que meu pai estava disposto a pagar por notícias de Maomé. Eles chegaram

agitados, sem fôlego. Já que Abu Talib estava tirando uma soneca, como sempre fazia, eu os recebi. Disse para eles se sentarem e ofereci tâmaras e água do poço. Eu os vi guardar furtivamente as frutas no manto em vez de comê-la.

— Digam-me, rápido — exigi. — Se vocês estão espalhando boatos, vou chicoteá-los.

O mais novo, um sírio de cabelo encaracolado, que era bonito e, por isso, apresentável entre a elite, se pronunciou:

— Ele estava vagando pelas montanhas, sozinho. É muito perigoso. Há pessoas que nunca voltam e ficam cheias de ideias, assim como ele.

— Que tipo de ideias? — perguntei, zangado.

O escravo sírio me deu um olhar insolente, e minha mão ficou coçando para pegar o chicote de couro guardado sob meu manto. Mas o deixei prosseguir.

— Eu sei sobre o *tahannuf* — disse ele. — Meu senhor já partiu num *tahannuf*. Ele acha que está sozinho nas montanhas, mas fui enviado para ficar de olho nele. Ele não me viu, pode apostar. Ele não aprovaria.

Bem, não é crime partir num *tahannuf*. Desde sempre, os árabes procuraram consolo na natureza. Os prados fora de Meca são perfeitos para isso — verdes e silenciosos, mais perto do céu. E meu papel é assegurar que Meca continue suja, acho que você sabe o que quero dizer. Mas o senhor do sírio, Abu Bakr, partia num *tahannuf* todas as primaveras, e Maomé também. O interesse de Maomé pelos negócios minguava ano após ano. Até suas quatro filhas achavam que ele estava distante; ele havia se afastado do mundo, tentando, em vão, encontrar outro.

— O que você está me dizendo? Nada de novo — disse eu. E lembrei ao escravo insolente um provérbio antigo: “Um cachorro agradecido vale mais do que um homem ingrato.”

Para enfatizar o que queria dizer, segurei uma moedinha. E, sem querer, seus olhos se arregalaram cheios de ganância.

— Vou lhe dizer uma coisa, meu senhor: já vi vários homens serem raptados durante esses retiros. Eu me escondi atrás das rochas e vi suas

gargantas serem cortadas e seus corpos jogados no barranco. Alguns ainda tinham seus sacos de dinheiro.

— Eles não tiveram dinheiro por muito tempo — retruquei, bem seco. — Você pode atestar isso, não é?

Não havia como negar a existência dessas emboscadas. Quem vai a um *tahannuf*, senão os devotos? E ninguém é mais devoto do que esses encenqueiros que são contra nossas tradições religiosas. Alguns se dirigem até as montanhas para encontrar seu deus, e nós asseguramos que eles achem. Isso servia como um aviso, mas Maomé era mais sensato.

— Então você foi enviado secretamente para espionar Maomé? — perguntei.

— Para protegê-lo, meu senhor, não para espionar.

— Abu Bakr tinha motivos para temer pela vida de seu amigo?

O escravo sírio mordeu a língua; ele não estava na posição de divulgar a intenção de seu senhor. E ficou surpreso quando pus uma moeda na palma de sua mão e fechei seu punho.

— Você fez bem — murmurei.

— Amo Maomé. Meu pai o adotou quando ele ficou órfão, e ele se tornou meu irmão. Com uma voz indulgente, pedi ao escravo que me poupasse dos detalhes. Ele teria que me contar o que fez Maomé perder a razão.

— Por muito tempo ele não fez nada fora do comum — disse o escravo. — Mestre Maomé gostava de andar nas colinas do monte Hira, porque fica a uma hora a pé da muralha da cidade. Fiquei enfadado de segui-lo. Nunca imaginei que ele estivesse procurando um esconderijo, ou algo parecido. Um dia ele encontrou uma caverna solitária cuja entrada estava escondida. Tirou todos os escombros e esqueletos de animais e varreu o chão com trapos úmidos com a água do córrego. Começou a fazer retiros, cada vez mais longos, dentro da caverna, às vezes do amanhecer até a noite. Algumas vezes teve que usar as estrelas para guiá-lo de volta para casa. Como lhe disse, tive um pressentimento ruim. Fiquei irrequieto, sentado na encosta da montanha com nada a

fazer senão esperar por ele. De que serve evitar as outras pessoas assim? Um homem rico deveria se divertir. Ele podia torrar o dinheiro em vinho e mulheres.

O escravo achou que estava me agradando, mas não demonstrei reação alguma. Ele continuou:

— As visitas do senhor Maomé à caverna passaram a ser mais frequentes. Um dia não me contive. Adormeci, e, quando abri os olhos, Maomé estava parado à minha frente. Deu um sorriso misterioso, mas não abriu a boca. Descemos a montanha juntos. Mas isso não deteve meu senhor. Ele insistiu que eu continuasse vigiando Maomé.

— Preste atenção — disse eu. — Você viu algum sinal?

— De loucura? Não, meu senhor.

— Sinal de que tinha algo diferente?

Formulei a pergunta com cautela. Não parecia possível que Maomé estivesse lançando feitiços ou tentando atrair os *jinn*s para algum negócio obscuro. Ele não era capaz de fazer algo parecido (porém eu conhecia muitos que eram).

O sírio pensou por um momento antes de responder.

— Ele tinha seus momentos de crise. Disso tenho certeza.

— Que tipo de crise? Você não estava atrás dele, se escondendo? — indaguei.

— No início, sim. Mas, quando ele me viu, passei a lhe fazer companhia. Ele queria conversar. — Sua voz estava hesitante.

As pessoas nobres partilham suas vidas com servos. Elas não têm escolha: estão sempre cercadas, dia e noite, por seus servos, mas existe uma barreira social entre nós. O escravo não estaria fazendo favor algum a Maomé ao afirmar que ele havia quebrado essa barreira.

Você quer prova de quão ansioso eu estava? Fui até a despensa e trouxe o melhor pão e cordeiro frio. Sem emitir uma palavra, pus a comida na mesa. Os escravos observavam com cautela; parti o primeiro pedaço de pão árabe, enrolado num pedaço de carne, e ofereci a eles. Estava disposto a abaixar a barreira o quanto fosse necessário para obter mais informações, mas o sírio me olhou nos olhos, como se quisesse me

avisar para não pressionar. Eu sabia que deveria chamar o escravo pelo nome, mas havia me esquecido de perguntar. Eu, provavelmente, nunca mais o veria.

— Está seco — murmurou ele enquanto mastigava. O bastardo insolente queria que eu lhe trouxesse vinho. Eu o ignorei. Quando ele havia terminado de engolir, pedi que terminasse a história.

— Maomé e eu conversávamos, quase todos os dias, quando descíamos a montanha. Ele gostava de me fazer perguntas.

Não pude conter minha surpresa.

— Que tipo de perguntas?

— Dependia de seu humor. Era isso que estava tentando lhe dizer. — O escravo estava de olho no cordeiro. Acenei que sim, e ele pegou outro pedaço, segurando-o até me contar o que eu queria saber. — Um dia, encontramos um cabrito morto numa vala. Ele havia caído e quebrado a perna. Os cães o atacaram imediatamente. Maomé ficou parado por um bom tempo observando a carcaça roída. “E onde será que está esse cabrito agora?”, murmurou. Imaginei que ele estivesse falando sozinho, então não respondi. Ele ergueu os olhos e me disse: “Perdi dois filhos antes que eles soubessem que tinham um pai. Perdi um pai antes que ele soubesse que tinha um filho. Onde eles estão agora?” Eu estava nervoso, mas falei alto: “Onde quer que eles estejam, não é o mesmo lugar onde estão os cabritos.” Ele riu e disse: “Uma boa resposta, mas você está se desviando da pergunta.” Depois disso, ficou calado até chegarmos em casa.

Levantei a mão para pedir que parasse de falar. Eu precisava de um minuto para pensar. Maomé nunca lamentou de verdade a morte de seus filhos perante os deuses. Espalhou-se um boato de que, em segredo, ele era um incrédulo. Como o clã dos Hashim era muito fraco, Abu Talib, meu pai, não podia enviar ninguém para punir aqueles que falavam mal de Maomé. Tivemos que engolir o orgulho e aceitar. Mas se esse sírio estivesse falando a verdade, a lembrança de seus dois bebês mortos o atormentaria. Os *jinn*s sentiram o cheiro de uma mente fraca; eles sabem como torcer o nó de autotortimento de um homem.

— Ele mencionou novamente os filhos mortos? — perguntei. O escravo negou. — Ele alguma vez trouxe o filho novo para a caverna? — O escravo negou novamente.

Esse filho novo também era um negócio estranho. Maomé tem quarenta anos, mas sua esposa, que é quinze anos mais velha, não pode lhe dar mais filhos. Ele nunca deu a entender que isso lhe afligia. Então um dia ele voltou para casa e disse: “Quero comprar um filho.”

Khadijah ficou estupefata.

— Quem? — perguntou, sem perder a calma.

Maomé explicou que estava vagando pelo bazar quando viu um menino franzino sendo vendido como escravo. Um grupo de assaltantes tinha acabado de voltar à cidade, com cativos que haviam capturado ao longo da rota de comércio. Assaltantes em bando só tinham uma coisa na cabeça: agarrar suas presas e fugir sem serem mortos. Eles nunca se preocupavam em tomar conta de seus prêmios para que estivessem em boas condições para serem vendidos. Assim como os outros, o menino estava esfomeado e descarnado. Seus olhos estavam encovados, mas, quando Maomé o fitou, ele fitou de volta desafiadoramente como se tivesse o poder de fazer algo. Mas Maomé ficou impressionado e pensou no futuro.

Uma mulher da idade de Khadijah normalmente não gosta de discutir o que acontecerá no futuro. Ela aceitou comprar o menino para Maomé. Quando ele foi levado para casa, ela ficou tão impressionada quanto seu marido. Eles mudaram seu nome de “Zaid, o filho daquele que sabe” para “Zaid, o filho de Maomé”. Então, agora, a riqueza de uma vida toda seria passada para um cativo estrangeiro. Um dia talvez eu tenha que brigar com ele por minha parte.

O sírio esperava impacientemente pela próxima pergunta. A única que sobrava era a mais óbvia.

— O que fez Maomé perder a razão?

— Os *jinn*s — disse o escravo rapidamente.

Franzi a testa.

— Não repita o que os outros dizem. Você estava lá. O que você viu?

O escravo confiava em mim o suficiente para me dizer a verdade.

— Vi um homem correndo de algo que ele nunca poderá entender. Estávamos na montanha, mas o mestre Maomé não saiu da caverna ao anoitecer. Eu não sabia o que fazer. Ele costumava passar a noite toda lá quando estava quente o suficiente. Eu poderia ter ido para casa e dormido em minha cama quentinha, depois voltar ao amanhecer, e ninguém teria notado. Mas decidi ficar. Dizem que o ramadã é um mês estranho. Eu não sabia o que podia acontecer. Então, deitado no chão, me cobri e tentei dormir. Quando acordei, mestre Maomé estava em pé a meu lado. Seu calcanhar roçava meu ombro, e ergui os olhos para vê-lo. Ele estava branco como um fantasma e reagiu como se não tivesse me visto deitado lá: continuou andando, num passo rápido. Como lhe disse, ele estava fugindo de algo. Eu me recompus e corri atrás. Ele parecia que estava em outro planeta. Por mais que eu o chamasse, não virava para trás nem me respondia. Ficou assim até chegarmos à cidade. Maomé parou no caminho e olhou para o céu. Ele não estava olhando como um lunático comum, mas como se esperasse que alguém fosse descer, voando, do céu. Se estivéssemos dentro da muralha da cidade, as pessoas o teriam visto. Então ele começou a tremer tanto que eu podia ver o tremor de seu corpo sob seus mantos grossos. Alguns minutos depois, atravessamos os portões, e eu o segui até sua casa e esperei fechar o portão.

Então, o pior aconteceu. Virei o rosto. Não queria que um escravo tivesse a satisfação de ver como a história havia me afetado. Com um aceno de mão, mandei-o partir. Ele e os outros escravos não perderam tempo e saíram correndo. Abu Bakr suspeitaria de que seu fiel sírio estava vendendo informações. Suspirei. Amanhã ele acharia outra casa rica e outra pessoa disposta a lhe dar algumas moedas. A reputação de Maomé estava acabada. Seus inimigos riam de alegria.

O que é pior: a maldade do mundo ou a maldição dos demônios? Eu me sentei e fiquei ponderando sobre a questão até que a noite roubou toda a luz do ambiente. Maomé não merecia esse destino. Ou talvez sim. Má sorte cai sobre o homem que acha que pode bisbilhotar os segredos

dos deuses.

RUQAYAH, A TERCEIRA FILHA DE MAOMÉ

No início, ele temia por si. Por sua alma, quero dizer. Meu pai suspeitava de que algo horrível tinha acontecido. Só mais tarde descobrimos que ele havia corrido da caverna para o topo da montanha para se atirar das rochas abaixo. Ele nunca suspeitou da cólera de Deus. Mas quando buscou a luz, ela o destruiu. Alá tem tanto poder de enlouquecer as pessoas quanto o Demônio.

Eu estava mostrando à minha irmã caçula, Fátima, que tinha apenas cinco anos, como colher flores no quintal quando ele chegou cambaleando.

— Minha filha! — gritou, agarrando Fátima no peito com tanta força que ela quase não conseguia respirar. Sua agitação me fez tremer. Depois de um tempo, olhando fixo nos olhos de Fátima, ele correu para seu quarto e trancou a porta. Acho que ele nem me reconheceu.

Nunca esqueceremos o décimo sétimo dia do ramadã. O peso caiu sobre minha mãe. Eu a vi andando de um lado para o outro e cada vez mais pálida. No primeiro dia, vivenciamos um silêncio terrível. Meu pai não deixou ninguém se aproximar dele. Encostadas na porta, ouvimos seu choro e seus gritos atormentados. Eu lhe digo: já havia ouvido a expressão “ranger os dentes”, mas o som, de fato, era como pedras sendo trituradas, é horrível.

No segundo dia ele deixou minha mãe entrar no quarto. Quando ela

saiu, seu rosto estava imóvel e triste. Achei que meu pai estava morrendo. Quando perguntei, minha mãe disse:

— Há coisas piores do que a morte. Também há morte na vida.

Ela não me deixou fazer mais nenhuma pergunta e me mandou buscar os empregados. Quando estavam todos reunidos, minha mãe parecia incrivelmente calma.

— Não vou mentir para vocês. O pior talvez ainda esteja por vir; senão, Deus nos salve do pior.

Minha mãe não podia conter os choros ansiosos que suas palavras causaram, mas tentou acalmá-los.

— Nenhum de vocês terá que partir. Estarão seguros comigo; ouvirão os sons de tormento do patrão. Se vocês o amam e confiam em mim, prestem atenção às minhas ordens.

E com isso ela disse aos empregados para buscarem nossos parentes do clã dos Hashim e trazê-los até ela.

— Não expliquem nada. Vocês não devem sugerir nada, nem com um tom de voz ou um revirar de olhos. Não temos tempo a perder. É uma crise séria que me mostrará exatamente quem vocês são daqui para a frente.

O que eu podia dizer? A vontade de minha mãe subjugava os empregados desde que eles estivessem dentro de casa. Assim que partiram para reunir o clã, alguns entraram em pânico ou se deixaram levar por fantasias violentas. Todos nós. Assim que a casa ficou vazia, minha mãe levou a mim e às minhas irmãs mais velhas para um cantinho privado. Fátima se distraía brincando com uma boneca no quarto ao lado.

— Seu pai não está maluco. Ele está agoniado — disse ela. — Nós cuidaremos dele; ficaremos de olho nele. Não preciso nem dizer. Sei que é o que seu coração deseja, mas só o tempo dirá.

— O que o deixou agoniado assim? — perguntou Zaynab.

Como era a mais velha, ela tinha o direito de falar primeiro. Mais tarde, quando os acontecimentos se desenrolaram, ela não foi tão fiel a meu pai. Zaynab só pensava em arranjar um marido. Mesmo no

momento mais crítico, seus pensamentos já estavam praticamente alojados na casa de outro homem.

— Suas faculdades mentais ainda estão comprometidas — disse minha mãe, sempre franca conosco. — Ele murmurou a palavra “poder” várias vezes.

Ela usou a palavra árabe *qadr*. A única forma de explicá-la aos estrangeiros é “poder”. Para nós há sombras e sutilezas neste mundo. É um mistério, uma presença sagrada que desceu a este mundo para destruir nosso corpo e nossa alma.

Minha segunda irmã, Umm Kulthum, me deu uma olhada. Inicialmente, ela não queria compreender nada daquilo. Seu instinto era proteger os jovens. Além de Fátima, havia o menino escravo, Zaid. Ele estava conosco há pouco tempo e nós não havíamos aprendido a vê-lo como um irmão ainda. Ele era alguns anos mais velho do que Fátima, mas muito jovem para entender como um homem crescido poderia, da noite para o dia, se tornar uma pilha de nervos.

Os jovens do clã dos Hashim chegaram rapidamente, exigindo, aos brados, ver Maomé com seus próprios olhos. Minha mãe recusou.

— Vocês poderão vê-lo quando ele estiver voltando ao normal. O que está naquele quarto não é Maomé.

Uma escolha infeliz de palavras. Eles começaram a murmurar sobre *jinn*s. Minha mãe sabia que eles reagiriam dessa maneira, mas tinha outra coisa em mente. Ela queria preservar o nome de Maomé. Em vez de lutar contra os boatos, ela partiu para a ofensiva:

— Quando a Caaba estava em ruínas? Quando foi reconstruída? Se há alguém que tenha ajudado mais a reconstruir a Caaba, que dê um passo à frente.

O barulho foi diminuindo. Vejam só, os Hashim são tão pobres e maltratados que só lhes sobra a honra. Meu pai era o mais honroso entre eles. Ganhou esse título faz cinco anos. A Caaba estava em ruínas. Uma gozadora disse que era bom que os peregrinos viessem ao Hajj para circular em volta da Caaba, porque, se ousassem tocar as paredes, elas cairiam. Do jeito que as coisas estavam, ninguém ousava consertar o teto

que estava caindo e as rachaduras iam de cima a baixo. Mas o destino se intrometeu. Uma tempestade súbita assolou o centro da cidade. As águas correram em direção à Caaba, e ela ficou submersa.

Em pânico, as pessoas correram para salvar os ídolos. Minha mãe riu disso.

— Eles não hesitam em salvar os mesmos deuses que causaram a destruição — murmurou.

Agora não havia escolha. Uma facção ainda era supersticiosa demais para intervir, alegando que as paredes eram sagradas, apesar de estarem a ponto de despençar. Se as tocassem, corriam o risco de enfurecer ainda mais os deuses.

Outras pessoas ficaram enojadas com esse comportamento. O assunto foi resolvido quando Al-Mugirah, um tipo grosseiro mas sensato, se dirigiu, na frente de todos, até a Caaba com uma marreta. Ele a balançou e derrubou um vão grande entre as paredes.

— Se os deuses pretendem me matar, que o façam agora — gritou.

Nada aconteceu, então ficou decidido que eles deveriam reconstruir um santuário que durasse para sempre. De uma só vez, os próprios clãs que estavam sempre querendo matar uns aos outros para manter a Caaba intacta competiram para construir um novo santuário. O que foi também em vão, pois, quando chegaram ao alicerce da construção, se depararam com uma camada de pedra verde que, por mais que vários escravos fortes tentassem, não podia ser quebrada. Os coraixitas declararam que o alicerce foi fincado por Abraão e não deveriam mexer nele.

Meu pai assistia quieto em seu canto. Uma noite ele chegou em casa e disse:

— Um sujeito trouxe uma tigela de sangue para o canteiro de obra hoje. Ele ergueu a tigela, gritando que só seu clã tinha o direito de terminar a obra, mais ninguém. Foi apoiado por uns vinte valentões com facas. Quem sabe onde ele conseguiu tanto sangue? Ele derramou sangue para fora da tigela, que escorreu por seu rosto enquanto gritava.

Entretanto, por mais estranho que pareça, esse incidente trouxe sorte a meu pai. Havia uma pedra localizada na parede, a leste da Caaba, que o

meu pai nos disse que deveríamos reverenciar. Ela era preta, lustrada e da largura da mão de um homem grande.

— Somos o povo de Abraão, e quando ele construiu este santuário colocou uma pedra única que datava da época de Adão e Eva. Nessa pedra está nossa esperança — disse ele.

Não entendi o que meu pai quis dizer com “nossa esperança”, mas não me lembrava de nenhuma época em que a Pedra Negra não fora tocada e reverenciada por todos os peregrinos.

Quando chegou o momento de colocar a Pedra Negra de volta em seu lugar, os clãs começaram a brigar. Todos queriam esse privilégio. Ao mesmo tempo, ninguém queria arriscar a ira dos deuses se não reivindicassem esse privilégio para si. Todos os dias, havia rixas no canteiro de obras, até se decidir que só havia um homem — Maomé — em quem todos os clãs confiavam para resolver o impasse.

Maomé não estava muito animado para realizar essa tarefa. Eu o vi ao portão, se demorando, vestindo seu melhor manto, lavando as mãos na bacia e depois pedindo água fresca para lavar as mãos novamente.

— É uma tática astuta terem me escolhido — disse ele. — Ninguém tem mais privilégio do que o outro. Independentemente de quem eu escolher, os outros ficarão furiosos comigo. Eles vão se esgoelar e quando a poeira assentar vão pôr a culpa em nossa família. Ficaremos mais fracos do que nunca, e é esse o ponto.

Ninguém imaginaria que esse mesmo homem voltaria para casa duas horas mais tarde todo sorridente.

— Missão cumprida — disse ele com uma exultação plácida.

Ele mandou que trouxessem o melhor vinho doce e até o diluiu três vezes na água para que as meninas pudessem beber.

— O que você fez? — perguntou minha mãe, tão perplexa quanto todos nós.

— Fiquei olhando para a pedra com uma expressão séria por muito tempo, como se ela fosse nos dar uma resposta. Na realidade, eu estava desesperadamente quebrando a cabeça. Então tive uma ideia extremamente simples. Ordenei que me trouxessem um grande pedaço

de pano. Posicionei a Pedra Negra no centro do pano e assinalei para que cada um dos anciãos dos quatro clãs principais segurasse a ponta do pano. “Agora levantem o pano juntos até a altura em que a pedra será recolocada”, disse eu. “Então vocês todos dividirão a honra e colherão a mesma recompensa dos deuses.”

Daquele momento em diante, as pessoas passaram a cumprimentar meu pai com respeito e a brindá-lo nas tavernas. Mas ele insistia em afirmar para nós, sua família, que não era sábio.

— Sou apenas um homem entre homens. O objetivo foi achar uma saída para que esses fanáticos não fizessem o papel de idiotas. Foi só isso. Se os deuses perceberam, eles se divertiram tanto quanto eu.

Os esforços de minha mãe para lembrar ao clã da dívida que tinha com meu pai ajudaram a afastar momentaneamente nossa ruína.

Vários dias depois, meu pai apareceu à porta do quarto. Ele ainda tinha um ar pálido e surpreso, mas estendeu os braços, e uma por uma das filhas correu até ele. Quando o abracei, senti como se metade de seu corpo tivesse definhado. A última a abraçá-lo foi Fátima, que se assustou com suas olheiras.

Dava para perceber que ele ficou sentido quando Fátima se afastou.

— O que foi, minha filha?

— Quero meu papai de volta — falou sem pensar, e se debulhou em lágrimas.

Meu pai a carregou no colo, tentando acalmá-la. Mesmo enquanto estava acalmando Fátima, ele olhava para nós a sua volta. Seus olhos diziam: “E você acha que seu papai não está mais aqui?”

É importante entender que durante aquela semana horrível mantivemos a família unida evitando falar de nossos medos mais profundos em voz alta. Pedi para ir à Caaba rezar. Tenho certeza de que minhas irmãs fizeram o mesmo. Evitávamos olhar uma para outra durante as refeições. Alguns dos empregados não foram fortes o suficiente e começaram a espalhar boatos.

Então, tão rápido como o tínhamos perdido, meu pai voltou a ser o que era. Como um paciente cuja febre passara, ele havia controlado a

crise. Não sei como ele fez, mas um dia o encontrei sentado sozinho no chão da despensa comendo um pão árabe após o outro e intercalando com talhos de cordeiro e goles d'água. Quando me viu, caiu na gargalhada.

— Perdoe-me, Ruqayah, você não deveria ver seu pai com o queixo engordurado e com pedaços de comida pendurados na barba. Mas estou faminto!

— Seu queixo? Papai, você deveria se olhar no espelho. Seu rosto parece com o rosto de Fátima quando se besunta de manteiga. — Ri com ele até as lágrimas embaçarem a vista.

Ele se empanturrou e então foi dormir. Ao anoitecer chamou sua esposa e a nós, as filhas. Ele tinha acabado de sair do banho, e percebi uma leve fragrância de óleo de rosas em seu cabelo. Sua barba não era mais um terreno de ervas daninhas indisciplinadas, e seus olhos brilhavam, apesar de seus pensamentos parecerem longe.

— Minhas queridas — começou, dirigindo-se a nós como uma pessoa querida —, uma coisa incrível aconteceu. Minha alma lutou com a possibilidade de enlouquecer. Oscilei entre a destruição e a grandiosidade. Mas graças a Deus a questão foi resolvida.

Nenhum de nós esperava isso. Seu transtorno havia se tornado júbilo. Ele parecia tão exultante quanto um noivo.

— Zaynab, pare de olhar para suas irmãs assim. Eu não estava maluco antes e não estou agora!

— Então o que o senhor está sentindo agora? Só nos explique para que possamos entender. — Como Zaynab era a mais velha (e um tanto mimada), podia falar assim, beirando a insolência.

Meu pai percebeu que a razão para isso era a ansiedade.

— Quero comemorar com vocês, minhas queridas. Essa é uma vitória de minha alma. Fui tocado profundamente por Alá.

Meu pai se conteve uma segunda vez. Ele percebeu por nossas expressões ansiosas que deveria fazer isso. Continuou com uma voz calma.

— Gozei os frutos de uma boa vida, e qualquer outro homem estaria

satisfeito. Minhas pobres meninas foram amaldiçoadas com um pai com uma mente aberta e irrequieta. Os homens comuns acham que é dever solene nunca abrir suas mentes. Mas não posso falar por eles. Tudo que sei é que, apesar do conforto e do amor de meu lar, eu estava inquieto e descontente.

Meu pai falou sem nenhum tom de acusação na voz, mas percebeu nossa preocupação.

— Não estou colocando a culpa em vocês. Nem uma parcela mínima de culpa. Devo lhes pedir perdão.

Ele teria estendido os braços para nós, mas minha mãe se pronunciou.

— Se você quer apaziguar nosso medo, faça o que Zaynab lhe pediu. Explique de forma que possamos entender.

Meu pai abaixou a cabeça obedientemente.

— Eu levava uma vida secreta. Dentro das muralhas de Meca, eu fazia o papel do homem que deveria ser como os outros. Quando caminho pelas montanhas, Meca desaparece como um sonho febril. Por trás de mim, as pessoas balançam a cabeça e têm piedade desse pobre errante iludido e sua eterna busca. Eles não acreditam em Deus e não confiam em nenhum dos deuses em que eles acreditam. Meu segredo é que Deus não é alguém que você possa procurar. Ele é todas as coisas e sempre foi. Ele criou essa terra e, então, desapareceu nela, como um oceano que desaparece numa gota d'água. Vi muitas coisas em minha caverna, mas esse mistério foi o mais importante.

Zaynab o interrompeu.

— Simplifique, papai — pediu ela.

Meu pai suspirou.

— Um anjo veio a mim. Ele me disse que eu era o escolhido de Deus.

Fiquei curiosa para saber se Zaynab estava pronta para gritar ou cair numa grande gargalhada. Nunca saberemos, porque minha mãe lhe lançou um olhar mais penetrante do que uma adaga. Com um esforço hercúleo e o rosto se enrubescendo, Zaynab ficou quieta.

— Os anjos existem? — perguntou minha mãe suavemente.

Todos sabíamos, apesar de nunca termos falado sobre isso, que meu pai conversava com os viajantes, uns judeus, outros cristãos. Para os árabes, os anjos eram seres fantásticos; eram qualquer coisa, menos desconhecidos.

— Existem, sim — disse meu pai, também com suavidade. Dava para perceber que ele estava sendo cauteloso, como um homem que está andando em areia movediça. — No meio da noite, um anjo veio a mim com todo o seu brilho. Deitado no chão frio da caverna, enrolado num cobertor, tremi quando ele me chamou e, inicialmente, eu não sabia que estava tremendo de medo e respeito, não de frio. Eu me deparei com uma silhueta. Sua voz era imponente, como um soldado que não pode ser desobedecido, mas também era tão gentil que partiu meu coração. “Recite!”, ordenou ele.

Meu pai olhou à sua volta para nosso pequeno grupo. Prestávamos atenção a cada palavra.

— Sabe, minhas queridas, ele me pedia o impossível.

É verdade. Meu pai nunca recitou versos ou entoou canções. Era um assunto delicado para ele desde criança, quando vivia com os beduínos; quase uma humilhação. Ele sempre ouvia, nunca falava; e os ouvintes nunca alcançam glória alguma.

— Eu disse ao anjo que eu não conseguia recitar. Está vendo, mesmo em estado de admiração e reverência minha mente continuava funcionando. Concluí que tinha que ser um sonho ou um truque dos demônios. Uma ideia me veio à cabeça: se eu conversasse com esse fantasma ou *jinn* de maneira lógica, eu haveria de achar uma forma de escapar. O anjo cresceu em tamanho e brilho. Ele ordenou, com duas vezes mais vigor: “Recite!” E, antes que eu pudesse responder, ele estendeu os braços em volta de meu peito e me abraçou, para provar que não era uma aparição. Gritei, achando que iria desmaiar; seus braços me envolviam como tiras de ferro. Três vezes tive que resistir e três vezes ele me agarrou em seus braços.

Você pode imaginar que meu pai não conseguia se manter calmo enquanto nos falava sobre o anjo. Sua agitação era grande, e Fátima

começou a chorar. Minha mãe pediu que a ama a levasse dali, antes que ela pudesse suplicar novamente: “Onde está meu papai? Eu o quero de volta.” Ouvimos seu pranto diminuir enquanto a ama, envolvendo-a na saia, saía às pressas para outro canto da casa.

— Foi essa a vitória de sua alma? — perguntou Zaynab, que parecia determinada a manifestar suas dúvidas.

— Ainda não. Eu ainda estava muito atormentado para pensar — disse meu pai. — Quando o anjo finalmente me soltou, saí correndo da caverna. Meu maior desejo era me livrar desse fardo terrível. Ser mensageiro de Deus era uma tarefa para qualquer outro homem, não para mim. Meu coração batia forte, e meu único pensamento era me jogar da montanha. Pedi o perdão de vocês. Confuso, não pensei na minha família e no destino que os esperava se eu morresse. Parei no pico do monte Hira, com as pernas tão fracas quanto as de um gatinho, olhando o rochedo abaixo. O anjo não havia me seguido para fora da caverna. Fiquei aliviado. Respirei por uns segundos. Então olhei para o céu e lá estava ele. O anjo elevava-se sobre mim, como nuvens carregadas que se acumulavam no céu. Eu me virei, e ele estava atrás de mim e em todos os lados. Compreendi naquele momento que a forma do anjo que eu vira na caverna era infinitamente menor do que aquela presença. Era uma imagem adaptada para o olho humano. O anjo de verdade, que fora enviado por Alá, vive em Alá. Se ele é real, deve ser infinito.

— Como você chama esse anjo que o visitou? — perguntou minha mãe com sobriedade.

— Gabriel. Ele me pediu que o chamasse assim — respondeu meu pai.

Então me manifestei.

— Você não nos disse se lhe obedeceu. Você recitou?

Os olhos de meu pai brilhavam.

— É um milagre, minhas queridas.

Um homem humilde cuja língua tinha tanta eloquência quanto um sapato de couro de repente se pronunciou.

Meu pai fechou os olhos e começou:

Recite! Em nome do Senhor,
Que criou a vida humana a partir de gotas de sangue coagulado.
Recite, porque o Senhor é sempre generoso,
Ele que ensina pela escrituras,
Que ensinou a humanidade o que não se sabia anteriormente.

Conforme falava, meu pai se transformava. Seu rosto brilhava; ele parecia ter sido transportado ao Paraíso. E o contrário. Não dá para explicar aos forasteiros quão belo soava, como uma canção líquida. Essas palavras tão preciosas não podiam ser de sua autoria. De onde elas vinham?

Zaynab quebrou o encanto quando, subitamente, saiu correndo da sala. Olhei para minha outra irmã, Umm Kulthum, que estava brincando distraidamente com sua trança, do jeito que uma criança brinca com uma boneca de estimação.

— Que lindo! — murmurou ela.

O momento passou. Minha mãe desceu o corredor chamando por Zaynab. Meu pai voltou a ser o que era, deu uma tossida e perguntou a Umm Kulthum se ela estava bem. A empregada chegou para avisar que Abu Bakr estava à porta.

— Diga que já estou indo — disse meu pai, ajeitando o manto e procurando pelos chinelos. Ele não podia receber descalço um amigo que respeitava.

Quando ele estava para sair, agarrei seu braço.

— Diga-me, papai, o que realmente aconteceu com você?

— Há um homem interno que ninguém vê — respondeu ele. — Agora ele está do lado de fora, e o homem externo, que é visto por todos, se foi para sempre.

ABU BAKR, O COMERCIANTE DE MECA

No início éramos uns gatos-pingados. Não é simples descrever como era difícil para nós sermos discriminados pela sociedade. Não era como se estivéssemos contaminados com a praga. Era o contrário. Imagine se você estivesse esfomeado e fosse expulso de casa e ficasse vagando pelo deserto. Em qualquer direção só existe o vazio, e a voz do medo sussurra: “A vida é qualquer outra coisa, menos isso.”

Então, um dia, Deus montou um banquete no deserto. Provisões suculentas, vinho encorpado e os doces mais finos. No começo, não acreditamos no que vimos, mas logo nos empanturramos, e houve um segundo milagre. Não importava quanto comíamos, o banquete se renovava. A mesa se vergava com a generosidade de Deus.

Éramos essas almas esfomeadas, alimentadas com as palavras de Maomé.

— Não faça a ovelha olhar para mim — dizia ele. — Não sou o pastor. Só Alá é o pastor. Sou apenas um homem entre os homens.

Eu o conhecia havia trinta anos, homem e menino, mas essa atitude humilde me surpreendia. Quem não gostaria de ser venerado? Qualquer um que diz “não” está mentindo ou desistiu de viver. Maomé não fez nenhum dos dois. Ele sabia que não havia preparado o banquete nem o fizera aparecer no deserto. Era simplesmente o anfitrião que chamara mais convidados para se fartar.

Você também se fartaria, sentado aos pés de Maomé quando Deus enviava sua mensagem. Primeiro, havia o momento de contato, que era sempre o mesmo cumprimento:

Em nome do Senhor, piedoso e misericordioso.

Nunca sabíamos o que aconteceria em seguida. O próprio Maomé também não sabia. Deus é um mestre de surpresas.

Você não viu como ele prolongou as sombras?
O Escolhido é Aquele que fez da noite um manto para ti.
Ele te deu o sono para que possas descansar,
e o céu da manhã para que possas ressuscitar.

Quem já havia visto a noite como um manto e a manhã como ressurreição? Eu me admirei que Deus pudesse combinar a beleza com a promessa. Era magia.

Arruinei minha reputação parando nas tavernas, antes de as pessoas se embebedarem, e recitando uma sura, uma passagem como essa. Eu me sentia compelido do jeito que um homem comum se sente a discutir, brigar, arrotar e fazer amor. Com uma sura fresca na mente, depois de sair da casa de Maomé, eu recitava coisas que ninguém podia entender:

Ele preparou uma fogueira para aqueles que rejeitam a hora que está por vir.

Eles clamarão pela morte, e ele dirá: “Não clame hoje por uma morte, mas por várias.”

Vagabundos e beberrões, que passavam o tempo em volta de barris de vinhos, se olhavam perplexos. Por que eu estava estragando a hora da bebida falando sobre morte? Ou isto:

No dia em que o céu se partir e os anjos descerem em bandos, a

autoridade verdadeira será a do Senhor Misericordioso.
Nesse dia os descrentes tremerão.

O apocalipse não é um petisco saboroso. Mas os homens não podiam ignorar quando eu, Abu Bakr, proferia esses avisos. Eu não era imbecil e desvairado. Havia superado a maioria deles nos negócios e colhi o fruto de suas perdas. Maomé se divertia me vendo fazer papel de bobo.

— Quando você sobe numa mesa para discursar, eles o veem em cima de uma pilha de ouro — disse ele. — Você já está a meio caminho de Deus.

Esses mesmos homens desprezaram meu motivo verdadeiro. Eu não iria me empanturrar sozinho; eu queria partilhar o fruto proveniente do céu. Imagine minha tristeza quando tantas pessoas viram as costas — todas, para dizer a verdade. Elas desprezaram a mensagem de Maomé sem sequer ouvi-la, como alguém que dá as costas a um banquete porque ouviu dizer que a comida está envenenada.

Não era nem uma questão de acreditar. Como dizem nossos inimigos, os árabes são uma raça assassina. Então devemos matar enquanto dormimos, porque poucos em Meca iriam acordar, mesmo quando Deus os sacudiu.

Eles não se opuseram a Maomé de cara, até onde sei. A suspeita se espalhou vagarosamente, como uma fumaça penetrando pelas rachaduras na parede. Inicialmente, as autoridades ficaram vigilantes. Os anciãos coraixitas fitavam friamente Maomé como hienas esperando para ver se o leão ferido iria brigar ou cair. Ele não fez nenhum dos dois. Um dia seu portão se abriu, e Maomé saiu para dar uma volta até o mercado como se nada tivesse acontecido.

O tio de Maomé, o velho Abu Talib, respirou aliviado. Seu sobrinho era novamente um homem respeitado.

— Se você deseja a proteção dos deuses, seja inofensivo — disse Abu Talib cinicamente. — Se Maomé tivesse um mínimo sequer de poder, eles o tirariam dele. Pelo menos, no momento, ele poderia viver da forma mais excêntrica que quisesse, desde que ficasse quieto.

Abu Talib nunca perdeu o gosto amargo da queda.

Eu me sentei ao pé da cama do velho e assenti. Abu Talib estava certo com relação ao poder. Temos um provérbio: “Se o poder pudesse ser comprado, venderíamos a mãe para obtê-lo. Você pode sempre comprá-la de volta.”

Porém, Abu Talib estava errado sobre outra questão. Fui enviado para lhe dar a má notícia.

— Maomé ficará calado em público, mas não entre quatro paredes. Ele é o mensageiro de Deus. Em sua mente, tudo mudou. E não há volta.

Abu Talib se ergueu com o rosto enrubescido.

— Em sua mente? Em minha mente posso ser o imperador da Abissínia. E daí? — Seus olhos cheios de lágrimas se estreitaram. — E você? O que acha dessa loucura?

— Acho que devemos esperar e ver — disse eu.

Abu Talib repousou novamente a cabeça no travesseiro.

— Estamos perdidos!

O ancião amava o sobrinho. Abu Talib nunca esquecer a promessa que fizera pela alma de Abdullah, que o filho dele sempre teria um abrigo sob seu teto. Abu Talib sabia que seria catastrófico causar confusão. Os coraixitas tinham o controle de toda a cidade. Eles tinham ratos marchando em linhas retas, as pessoas comentavam entre si. Mas Alá pode, por um mero capricho, virar o mundo de pernas para o ar. Por que Alá não se importaria com os comerciantes coraixitas gordos e seus traseiros acolchoados?

Eu me retirei e disse para Abu Talib repousar.

Ele me deu outro sorriso, desta vez mais nervoso do que cínico.

— Você pode levar uma mensagem ao Profeta? Não é de Deus, mas é importante. Diga a meu sobrinho para não me visitar aqui em casa a não ser que eu o chame. Quero morrer dormindo — murmurou Abu Talib, puxando a barba rala. — Pobre alma tola. Diga para ele que virei o rosto para o muro. De que me importa se Alá abriu seus olhos. Isso é problema dele. Mas se ele tentar abrir os nossos, só vai dar confusão.

Levei a mensagem a Maomé. Ele me ouviu calmamente. De qualquer

forma, quem se comprometera a acreditar nele? Seus parentes mais próximos — sua esposa e suas filhas; o pequeno Zaid, que não tinha a menor noção de nada, mas era fiel a seu pai adotivo; e eu, que não era parente de nenhum deles. Enquanto tivesse forças, Abu Talib continuaria como chefe do clã dos Hashim. Porém, com o passar dos anos, ele ficava cada vez mais acamado e perdia cada vez mais dinheiro. Ele não se responsabilizava por ninguém, só por si mesmo.

Fiquei surpreso de como Alá observava de perto o que fazíamos aqui embaixo. Ele estava atento às fofocas locais e um dia chegou uma mensagem:

Os descrentes dirão: “Como ele pode ser o mensageiro de Deus?
Ele andava pelo mercado como um homem comum.”

Diga a eles que todos os mensageiros andaram pelo mercado como homens comuns.

Antes de o anjo aparecer, Maomé contava com a boa vontade dos habitantes da cidade. Infelizmente, a boa vontade é como uma rosa no deserto. Se você não cuidar com amor, ela seca da noite para o dia. Naturalmente, todos estavam contentes em ver Maomé mais uma vez de pé e entre os vivos. Quer dizer, até ele se pronunciar. Um homem que cultivava a diplomacia de repente passou a ter a língua rebelde de uma criança. Uma vez, levei outro comerciante para ver Maomé, logo depois de sua grande transformação. Ele era um homem cauteloso, e eu queria que se divulgasse que Al-Amin continuava sendo um homem de confiança.

Zaid nos recebeu ao portão. Ele estava agachado fazendo uma pipa. O menino estava acostumado comigo, mas ficou tímido quando viu o desconhecido. Elogiei sua pipa e disse que ela voaria como um pássaro.

— Não como um pássaro. Um falcão — disse Zaid com seriedade. — Vai arrancar os olhos de quem machucar meu pai.

O comerciante que eu havia trazido deu um pequeno sorriso amarelo,

e eu entrei na casa. Maomé estava sentado no fundo. Naquele período, devo ressaltar, ele poderia receber uma nova mensagem de Deus a qualquer minuto, dia ou noite. Ninguém sabia disso, apenas sua família. Só arrisquei trazer um desconhecido porque sabia o que acontecia quando Alá falava com Maomé. Todo o seu ser se transformava, como um lampião cuja cobertura fora arrancada. Se eu visse isso acontecer, poderia ver uma vespa ou sentir cheiro de queimado, qualquer pretexto para tirar o visitante às pressas do ambiente.

Maomé fez um gesto para sentarmos. Não conversamos no início. Seja o que você tenha ouvido seus amigos ou inimigos falarem dele, Maomé sempre se portou com dignidade e discrição. O anjo também mudou isso nele. Agora ele não estava simplesmente quieto: criava um silêncio a seu redor que enchia, como um perfume, o ambiente à sua volta.

Sem jeito, comecei a falar trivialidades sobre os negócios. O visitante se sentiu à vontade. Ele contou a história sobre a tempestade de areia que assolou a última expedição de caravanas. Como uma imponente onda marrom no oceano, ela envolveu uma fileira de camelos e, quando eles não estavam mais cegos, seus homens notaram que dois dos animais tinham se extraviado. Apesar de os homens terem procurado os camelos por horas a fio, eles não foram encontrados.

— Eles juram que a tempestade os soprou como nuvens. E acreditei neles — disse o visitante com o riso preso. — Mandei torturá-los no porão por uns dias, e eles nunca confessaram. — Ele ergueu as mãos ao céu. — Minha perda. Você deve saber como é. — Maomé, como qualquer outro comerciante, sofrera tais infortúnios.

Maomé fitou o homem. Confesso, no fundo eu estava suplicando: *Não fale com Deus. Você precisa de aliados.*

Com uma voz sóbria, Maomé falou:

— Se você confia realmente em Alá, Ele o apoiará em todas as coisas. Não temos nada a perder com Deus.

O homem, que sabia ser o mais rico naquela sala, nunca havia sido abordado por alguém dessa forma. Mesmo para os coraixitas mais

tolerantes, Alá era apenas o primeiro deus entre muitos. Para a maioria deles, ele era apenas mais uma forma de arrancar dinheiro dos peregrinos. Percebi que o rosto do homem enrubescera. Antes que ele pudesse responder, Maomé acrescentou:

— Deus nos apoia da mesma forma que apoia os pássaros, que partem pela manhã à procura de alimentos e retornam saciados à noite.

O homem rico se recompôs e sorriu com tolerância.

— Pérolas de sabedoria — murmurou.

Maomé arregalou os olhos inocentemente.

— Minhas palavras não significarão nada a um glutão, cuja barriga cheia o faz acreditar que nunca precisará de Deus.

O homem rico empalideceu.

— Extraordinário.

Com uma palavra ele se levantou e partiu. O barulho de suas solas duras no corredor soava como um cabrito em pânico correndo para fugir de uma matilha de cães selvagens. Você não se chocará se eu lhe contar que ele se tornou um inimigo mortal de Maomé.

Nós, os poucos que acreditavam no novo profeta, começamos a escrever suas mensagens. Cada sura surgiu de forma diferente. Se Maomé, a mando de Deus, estava pronto para se pronunciar, seu rosto se iluminava e reluzia. Sua voz ficava mais aguda e mais intensa. Jurei por minha alma que ninguém confundiria sua voz com a de outro ser sagrado do paraíso que descia para este mundo de argila.

Na primeira vez em que contemplei tal transe, emocionei-me. Nem todos em Meca são ignorantes. Numa caravana ao norte de Yathrib, vi judeus e cristãos andando livremente pelas ruas vendendo mercadorias nos mercados. Quando eu era criança, avistar um judeu era a mesma coisa que avistar um bezerro de seis pernas. Perguntei a alguém, que me disse que esses eram os seguidores de um sacerdote que viera à Arábia a mando de Deus. Perguntei por quê. Para preparar o caminho do Profeta. Então, perguntei quantos acreditavam. O homem com quem eu estava falando abriu os braços e disse:

— Tantos quanto aqueles que serão recebidos, até alguns árabes.

Então, como você pode ver, Deus não foi tão tolo de jogar sementes em terra de pousio.

Perguntei a Maomé se ele ouvia as palavras que pregava quando era transportado.

— Eu as ouço, e elas me comovem assim como comovem a você. Sinto a mesma admiração e reverência.

— Então você é o profeta que pode partilhar a felicidade que ele traz — disse eu, animado.

Ele me olhou nos olhos. Não era um castigo severo. Abaixou os olhos e falou:

— Não a mesma alegria. Preciso carregar a vergonha de que Deus fala através de um vaso quebrado.

As mensagens se tornaram mais densas e havia dias em que elas desciam como gafanhotos na época de infestação. Havia dias que dava para pegar doze no ar com um golpe de mão. Deus nunca fala, a não ser que haja alguém no ambiente para ouvir e lembrar. Permaneci sentado, como se estivesse hipnotizado por várias horas. Até então, o mundo nunca havia sido transformado de dentro de quatro paredes. Eu sabia muito bem. Mas era difícil mostrar o rosto sem a máscara, até que um dia fui para a pior parte da cidade e bati numa porta.

Halimah, a antiga ama de Maomé, abriu a porta. Ela havia se mudado do deserto fazia uns anos. Era uma mulher orgulhosa com um xale preto remendado com uma dúzia de retalhos. Tinha enterrado a maioria da família de Maomé com tal fibra que provavelmente viveria mais do que todos nós.

— Siga-me — disse eu.

— Não vejo dinheiro em sua mão. Que tipo de trabalho você quer que eu faça? — perguntou.

Ela tinha o hábito de desconfiar dos ricos.

— O de uma muleta — respondi.

Halimah ainda era esperta e adorava charadas.

— De que tipo de muleta precisa um homem com duas pernas? Um empréstimo? Não sou a pessoa mais adequada. Uma hora de amor para

massagear o ego? Minhas sobrinhas não estão à venda.

Ergui a mão.

— Preciso de sua voz, porque a minha está fraca. — Halimah ouvira Maomé falar e se comoveu. Seu rosto brilhou quase tanto quando o dele.

Enquanto andávamos pelas ruas, Halimah não perguntou mais nada. Ela me seguiu até o poço sagrado no centro da cidade. Como sempre, as mulheres estavam lá reunidas enchendo as jarras d'água e fofocando. Elas se inquietaram quando me viram. Algumas olharam para meus chinelos de veludo, cobertos de lama de tanto me arrastar pelas ruas sujas de esgoto.

— Fale com elas — mandei.

Halimah hesitou.

— O que devo dizer?

— Repita as palavras que o Mestre Maomé nos disse ontem.

Eu sabia que ela tinha memorizado.

A velha ama desdentada e simplória não tinha razão para acreditar que ela tinha o direito de se pronunciar. Mas aprendi que, quando as pessoas humildes repetem as palavras do Profeta, inspiram um pouco de seu fogo. Halimah contemplou lentamente todas as mulheres e, então, recitou:

*Alá promete um jardim a todos os fiéis, tanto aos homens quanto às mulheres.
Abaixo do jardim correm rios, e nesses rios eles habitarão — a moradia
sagrada dos Jardins do Éden.*

Mas a aceitação de Alá é maior do que isso. É o triunfo supremo.

Não vou dizer que ela não tropeçou numa palavra ou outra. O ar assobiado pelos espaços entre os dentes. As mulheres ao redor do poço ficaram surpresas; olharam umas para as outras espantadas. Metade delas não deixaria Halimah varrer a poeira de debaixo de seus pés. Porém, nenhuma esposa ou filha árabe havia pronunciado tais palavras. E tantas! Halimah não sabia como reagir, mas estava orgulhosa de si. O anjo mandou Maomé recitar, e agora seus seguidores também recitariam,

repetidamente.

Corri e disse a Maomé o que acontecera.

— É assim que vamos mudar o mundo? — perguntei. — Um fiel de cada vez?

Maomé respondeu:

— Existe outra maneira?

ZAYD, O FILHO ADOTADO

Enxergo mais do que eles imaginam. Não sou apenas um menino que eles mandam soltar pipa. Saio furtivamente pelas sombras e bisbilhoto pelas rachaduras da porta do quarto de meu pai. De meu novo pai, quero dizer, aquele que fica com os olhos cheios d'água quando toco seus pés.

Eu o vi sentado na cama. Sua esposa — minha nova mãe — estava sentada a seu lado, segurando um copo. Ele deu um gole. Com a voz baixa, ela perguntou:

— Você o vê agora?

Papai acenou que sim.

— Eles na minha frente.

Mamãe olhou a seu redor.

— Não vejo nada.

— O anjo está aqui. Apareceu assim que você entrou — disse Papai.
— Ele veio algumas vezes desde então.

— Mas ele é invisível para qualquer outra pessoa — falou Mamãe, num tom que não era nem uma pergunta nem uma afirmação.

Ela parecia uma banhista testando a água para ter certeza de que não estava muito quente nem muito fria.

Não me pergunte o que aconteceu em seguida. Ouvi a pequena Fátima correndo pelo corredor. Ela estava choramingando, o que significava que o próximo som que emitiria seria “Ummi, Ummi”, e

Mamãe correria até ela. Quando Fátima me viu na sombra, encostado na porta, seus olhos se arregalaram. Não podia ser visto lá. Eu disse “Shhh” e prometi levá-la para brincar. Fátima olhou para mim com um ar de suspeita, mas ela gosta de brincar mais do que de dedurar.

Quando eu estava na cama naquela noite, lembrei-me de mamãe perguntando: “Você o vê agora?” É isso que você pergunta às pessoas loucas. *Se papai é louco, então ficarei sozinho novamente.* Esse foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça, e não conseguia esquecê-lo. Acredite em mim, eu tentei. Eu sabia que tinha que ser um menino exemplar. Dessa forma, mesmo que mandassem todos os empregados embora e amarrassem Papai à cama para que ele não pudesse chutar e gritar do jeito que mendigos loucos gritam pelas ruas, eles ficariam comigo.

Esta casa está sempre cheia de sons de vozes e panelas tinindo e empregadas dando bronca no nômade que trouxe o leite que não estava fresco. Mas, quando Papai correu da montanha, fomos assolados por algo singular — o som do silêncio. Por que é tão apavorante? Porque parece com o silêncio antes de um homem ser enforcado ou decapitado. Isso acontece com os assassinos nesta cidade. Os assassinos e inimigos capturados num assalto quando ninguém paga o resgate. Quase vi uma pessoa ser decapitada uma vez, antes de o Jafar me pegar e me trazer para casa. Jafar é meu primo favorito a maior parte do tempo.

A ideia de Papai estar maluco me deixava louco. Então, esbarrei em algo. O que um menino exemplar faria em meu lugar? Corri até a cozinheira, que estava preparando bolinhos de tâmaras com mel e amêndoas. Quando perguntei se podia ajudar, ela pareceu surpresa e disse que isso era tarefa de meninas. Eu me sentei a seu lado e mergulhei os dedos numa tigela com uma massa marrom grudenta. A cozinheira suspirou e me mostrou como enrolar corretamente as bolinhas até que estivessem tão lisas quanto bolas de gude.

— Só não coma as bolinhas. O mestre come antes de todos — avisou-me.

Eu também sabia por quê. Mamãe acha que o doce adoça seus pensamentos. Essa é outra coisa que ouvi. Implorei para que ela me

deixasse carregar os doces até o quarto de Papai. A cozinheira olhou por cima de seus ombros.

— Acho que você não iria querer entrar lá — sussurrou.

Porém, resmunguei e, quando ela me deixou sair às pressas, carregando a bandeja de prata coberta com um pano vermelho vivo, parecia aliviada. Pelo menos não era ela.

E foi assim que entrei no quarto de Papai. Ele parecia cansado. Sua barba estava toda desgrenhada e o cabelo molhado de suor. Entrei na ponta do pé e coloquei a bandeja no travesseiro. Então perguntei baixinho se ele queria um pouco de água.

— Pode falar mais alto, não estou morrendo — disse ele. — Não é tão simples assim. — Quem sabe o que ele queria dizer. Busquei água. Ele não tocou nela, nem nos doces de tâmara. Quando me viu olhando fixo para a bandeja, empurrou-a em minha direção.

— Vá em frente. Elas ficarão felizes, achando que voltei a comer.

Comi cinco bolinhos. Você pode ser um menino exemplar e mesmo assim comer doce de tâmara, certo? Não sei se adoçou meu pensamento, mas pelo menos fiquei com menos medo. E mais valente.

— Você está vendo ele agora? — perguntei.

Papai me deu uma olhada.

— Como você sabe?

Dei de ombros e esperei. Ou ele brigaria comigo por estar espionando antes ou me diria o que viu. Acho que ele não estava a fim de brigar, porque suspirou e disse:

— Não sou eu quem escolhe ver ou não ver. Ele vem quando Deus o envia.

— Envia quem? — perguntei, sabendo que Papai sempre teve uma dádiva especial.

Espera um pouco. Primeiro, eu tenho uma charada. O que é, o que é: tem três letras, quando você tira faz um menino ficar invisível, e, quando você põe de volta, o faz novamente visível? Vou de canto em canto perguntando essa charada, mas ninguém acerta. Quando desistem, vou embora.

— Ei, o objetivo da charada é contar a resposta — exclamam atrás de mim.

Apenas sorrio.

— Se eu lhe contar a resposta, você poderá me fazer ficar invisível. — Ninguém vai fazer isso comigo novamente.

A resposta é *ibn*, que até os estrangeiros sabem que significa “filho”. Quando você é filho de ninguém, você é invisível. Nunca esperei que isso fosse acontecer comigo. Eu estava amarrado a meu pai, Haritha, da mesma forma que ele fora amarrado ao seu, tão apertado quanto uma cabra presa na parte de trás da carroça. Mas Alá tinha outros planos e decidiu me tornar invisível como ele.

Uma noite, eu estava dormindo embaixo de um cobertor quente e, de repente, ele me foi tirado. Um bando de assaltantes havia invadido a cidade. Duas mãos grosseiras amarraram minhas mãos e meus pés. Eles nem se deram ao trabalho de me amordaçar, mas me jogaram numa sela.

Estou sonhando, pensei.

Ouvi as patas do cavalo ressoando nas pedras, e suas ferraduras produziam fagulhas. O cavaleiro à minha frente começou a chicotear o cavalo para que fosse mais rápido. A ponta do chicote pegou em meu rosto. A dor me fez recuar, e senti o gosto de sangue escorrer pela face. Não era um sonho. As lanternas da cidade sumiram na noite atrás de nós. Eu havia me tornado invisível.

Ninguém precisa ouvir os detalhes do que aconteceu em seguida. Alá queria que eu sobrevivesse, e sobrevivi. Um dia meu novo pai me avistou parado, com roupas sujas, no quarteirão dos escravos em Meca. E não fechei os olhos quando eles levantaram minha roupa para mostrar que eu era capaz de procriar. Quem é invisível não tem vergonha.

Você entende por que interrompi minha história com uma charada. Maomé podia me ver. E se o meu novo pai podia me ver, então eu não me surpreendo de ele ser capaz de ver outros seres invisíveis agora.

— Quem foi que Deus mandou? — perguntei.

— Um anjo. Os anjos são os mensageiros de Deus — disse Papai.

— E Mamãe não consegue vê-los?

Ele fez que não.

— Ela tem que perguntar. E se o anjo está presente, eu digo a ela onde ele está parado. Ela acredita em mim. Ela diz que eu sempre disse a verdade. Por que eu começaria a mentir agora? Especialmente uma mentira que me faria parecer maluco.

Então meu pai deu um sorrisinho maroto. Ele estava me fazendo sentir melhor. Uma vez, quando eu estava andando com Jafar, ele deu uma moeda ao mendigo que estava de quatro, latindo como um cachorro.

— Você sabe por que todos acham que ele é louco? — perguntou Jafar quando partíamos.

Ele estava sempre jogando moedas dessa forma, e nunca sabíamos quem seria o próximo que ele escolheria para dar a moeda.

— Porque ele late como um cão? — perguntei.

— Não. Ele é louco porque não sabe que é louco.

Eu me lembrei disso porque as pessoas fazem as coisas mais absurdas e é fácil escolher aqueles que enlouqueceram. Papai estava preocupado de estar maluco, então isso queria dizer que ele não estava. Eu disse isso para ele, mas não pareceu confortá-lo muito.

O pior período aconteceu logo depois. Ele ficava vendo o anjo — ele nunca sabia em que canto estaria se escondendo —, mas Deus não tinha nada a dizer. Só havia duas mensagens. A primeira, quando ele estava deitado na cama, coberto com seu manto, com medo. Deus viu Papai escondido lá, e por que não? Ele consegue ver através das paredes e dos corações as mentiras que os homens contam. O anjo apareceu e disse:

Você que está envolto num manto, levante e espalhe o aviso.

Glorifique a grandeza do Senhor. Purifique sua roupa, evite tudo que não esteja limpo.

Não seja fraco e sobrepuje. Seja leal no trabalho do Senhor.

Papai imediatamente passou a mensagem para Mamãe. Seu coração estava partido. A cada dia que passava ele chegava à conclusão de que

era o escolhido, mas a quem ele deveria avisar? Quem estaria disposto a ouvi-lo? Mamãe também recebera a mensagem. Seu primo era o velho Waraqah, que estava cego agora e confinado em sua casa. Vi seu rosto apenas uma vez, e seus olhos estavam opacos com uma camada branca. Todavia, o velho se virou em minha direção, apesar de eu não haver dito uma palavra sequer. Mamãe disse que ele havia, secretamente, se tornado cristão. Não conheço essa palavra, mas ela me disse que Cristo foi um profeta tão grande quanto Moisés.

— Então por que a tribo o odeia? — perguntei, referindo-me ao velho, mas não era diferente com Cristo.

Como resposta ela citou um provérbio:

— Olhos cegos veem mais do que um coração cego.

Eu não estava com ela quando esbarrou com Waraqah perto da Caaba. Ele exigiu que seus parentes o levassem para rezar, apesar das ameaças que recebera. Quando ouviu que o anjo havia aparecido para Papai, o velho tremeu e disse:

— Khadijah, o Espírito Santo veio até ele. Ele será chamado mentiroso; eles o perseguirão. Ele deve se segurar. — Mamãe percebeu o quanto Waraqah estava feliz, mas temeu por ele quando falou mais alto. — Santo, santo, santo! Ele será o profeta desta nação. Mas ele terá que lutar. Se Deus me deixar viver, estarei a seu lado.

Mamãe tentou acalmá-lo. No fundo, ela estava alegre e correu para casa para contar tudo a Papai. Apesar da profecia, o anjo não trouxe mais mensagens. Os dias se passaram lentamente. O silêncio na casa tornou-se mais tenso.

— Se Deus tem algo a lhe dizer, então por que não diz de uma vez só? — perguntei.

— Ele quer ter certeza de que sou forte o suficiente. Falar tudo de uma vez só pode me destruir — respondeu Papai.

As pessoas lá fora não sabem em que estado ficou por estar à mercê de Deus. Estamos todos à mercê de Deus. Sei isso melhor do que muitos. Mas para meu pai foi pior.

Eu estava cansado de ser exemplar. Nada que eu ou qualquer outra

pessoa fizera atenuou a expressão no rosto de Papai. Até que um dia ele encheu a casa com um grito. Nós todos saímos correndo. Era uma manhã quente, e eu tinha acordado todo suado. Naquele momento o anjo trouxera a segunda mensagem. Papai recitou rapidamente, quase sem fôlego, palavra por palavra.

*Você, envolto no seu manto. Fique acordado a noite toda,
deixando metade ou um pouco mais para o sono.
Recite o Alcorão, vagarosa e distintamente.
Nós enviaremos uma mensagem importante a você.
Quando você rezar à noite, suas palavras serão mais contundentes.
As longas horas do dia estão cheias de atividades,
então, à noite, se dedique com todo o coração ao Senhor.
Ele é o Senhor do leste e do oeste; não há outro Deus, exceto Ele.*

Mamãe e Papai pareciam aliviados. Eles mandaram a mim e as meninas nos sentarmos para comer juntos, como uma família de verdade. Ninguém se sentia maluco naquela noite. Papai sorria como costumava sorrir antes de Deus chegar. Era como se o sol tivesse novamente aparecido. Apenas para se desvanecer novamente nas semanas seguintes.

A mensagem importante nunca chegou. Todos esperávamos. Papai se comportou o melhor que pôde, apesar de ter uma boa razão para estar inquieto e nervoso.

— Deus me disse como viver disse ele. Meu dever é obedecer-lhe.

Ele passou metade da noite rezando. Meu quarto era próximo ao dele, e, se eu abrisse a porta, o ouviria recitando várias vezes em voz alta as mensagens que tinha recebido. Eu não entendia as palavras, mas me trouxe paz de espírito. Então não precisávamos mais nos preocupar. Fui para brincar. Meca é um paraíso para um menino que gosta de pegar ratos, correr atrás de cachorros e soltar pipa. Os meses passaram, e quase esqueci o anjo. Um dia me disseram sussurrando que Papai havia começado a receber mais mensagens. Ele havia esperado seis meses;

começara novamente a visitar pessoas, e todos supuseram que os tempos loucos haviam terminado. Respiraram aliviados.

Eu estava bastante seguro de que era bom para ele ter mensagens de Deus. Em casa, Mamãe afirmou que era uma coisa boa, mas que eu não deveria falar sobre isso. Ela via a preocupação em meus olhos.

— Fique feliz. Deus está mantendo Sua promessa — disse ela.

Sorri, agindo com tranquilidade. Lá no fundo me lembrei de um provérbio: “A promessa é uma nuvem. A realização é a chuva.” Quando ouvi meus primos chamando por mim, corri lá para fora. Ainda não estava chovendo. Eu não me importava. Quando um desconhecido pergunta meu nome, digo o que Papai me falou: “Sou Zaid ibn Maomé.”

Não sou invisível.

ALI, O PRIMEIRO CONVERTIDO

A batalha travada contra o Profeta é feroz e piora a cada dia. Já faz sete anos. Para proteger seus seguidores, ele os enviou para o outro lado do mar, para a Abissínia, onde os cristãos nos reconhecem como irmãos de um mesmo Deus. É uma ironia amarga. Nossos irmãos de sangue, os coraixitas, nos perseguiram sem piedade. Continuo paciente, conforme os mandamentos do Profeta. Sempre carrego uma adaga comigo e espero pelo dia em que Deus escolherá o verdadeiro filho de Abraão.

Há outra razão para eu me recusar a correr. Perdi todos os meus bens materiais para que pudesse ganhar tudo o que é sagrado. Agora vejo com a mesma clareza com que você vê sua mão. Minha pobreza não me envergonha mais. Eu me encolhia todo quando aqueles bandidos riam de mim na rua. Minhas sandálias estavam sempre rasgadas; mal tinha dinheiro para pagar a lavadeira para lavar meu manto sujo. Quando vou à Caaba para rezar por Alá, sorrio para os malvados. Por que não? Assegurei um lugar no céu; nenhum homem pode arrancar isso de mim.

Então vocês, filhos de Ismael, prestem atenção ao aviso do Profeta:

*Aquele que tem a fé do tamanho de uma semente de mostarda não entrará no inferno,
e aquele que tem o orgulho do tamanho da semente de mostarda não entrará no céu.*

Eu gostaria de ter sua coragem de ficar parado na boca do inferno e não me importar. Vocês sujam o nome do Profeta e cospem no chão. Isso o coloca em boa companhia. Vi homens cuspidos em Deus à sombra da Caaba. Vocês, coraixitas orgulhosos, não sabem o que é a vergonha. Vocês envenenaram os camelos de Maomé e espalharam calúnias cruéis sobre suas filhas. A conspiração funcionou. Então Zaynab, a filha mais velha, não se casou com um homem que se recusa a acreditar? Ela ama o pai, mas tem mais medo ainda do marido.

Segurei a mão do menininho espancado até quase a morte por causa do boato de que uma de suas primas venera Alá. Enquanto sua cabeça ensanguentada estava sendo enfaixada, eu o confortei com a promessa de Maomé:

— Quem quer que tenha me visto, esse mesmo homem viu a verdade.

O que quero dizer é: sujem, então, também meu nome. Isso me levará mais depressa à recompensa de Deus.

Os fiéis dizem que tenho o sangue mais puro entre os que seguem o Profeta. Minha mãe estava passando pela Caaba quando, de repente, entrou em trabalho de parto. Para preservar seu recato, ela correu para dentro, e então nasci num lugar sagrado. Isso não quer dizer nada para vocês que fingem que a Caaba é sagrada, mas xingam as prostitutas a pouca distância de suas paredes. Minha mãe ficou lá por três dias até estar bem para partir. Quando abri os olhos, o primeiro rosto que vi foi o de Maomé. Ele veio proteger minha mãe no momento que soube que ela estava em apuros. Eu era tão pequeno e vermelho quanto uma maçã, mas ele previu meu destino. “Dê-lhe o nome do louvado”, disse, e essa é a origem do nome “Ali”.

Meu pai é um sheik, o mesmo Abu Talib de quem vocês zombam tanto. Ele ficou estupefato quando soube que nasci na Caaba, mas viu isso como uma profecia poderosa. No início não foi encarado como uma boa profecia. Mamei no peito da desgraça. Lembro que tinha cinco anos quando houve um surto de fome. A seca dizimou os rebanhos de meu pai e destruiu as colheitas por toda a Meca. Meu pai não tinha como nos

alimentar, então um dia me sentou no chão.

— Aconteça o que acontecer, enfrentarei a vergonha — disse ele quase sem conseguir segurar o choro. — A vergonha de perdê-lo é melhor do que a vergonha de vê-lo passar fome sob meu teto. Procure um pai melhor, se conseguir achar.

Implorei para ficar com meu primo Maomé. Eu conhecia sua casa desde que aprendi a andar. Ninguém me repreenderia se eu apanhasse um punhado de tâmaras do vaso e as devorasse num canto. Quando apareci à sua porta, Maomé me abraçou e beijou meu rosto. Sem dizer nada, naquele momento me tornei seu filho. Era como congelar no inverno e, de repente, sentir o sol quente nas costas.

Deixe-me contar como o Profeta abriu a porta de minha alma, para que ele também abra a sua. Eu tinha onze anos quando o anjo o visitou. Quando Maomé desceu da montanha e se escondeu em seu quarto, eu estava com medo, e o que me deixou com mais medo ainda foi o rosto de Khadijah logo que ela saiu do quarto.

Ela me chamou para um canto e disse com seriedade:

— Você deve acreditar. Não vou dizer a mais ninguém. Sei que você é somente um menino, mas deve acreditar mesmo assim.

Eu lhe perguntei por quê. Khadijah hesitou.

— Seu primo Maomé agora é seu pai. A fé de um filho começa com o pai.

— Meu pai? Abu Talib não podia sequer me alimentar.

Khadijah balançou a cabeça.

— Abu Talib não sabia, mas ele estava cumprindo a vontade de Deus. Você foi posto à deriva para que recebesse a proteção divina. Os ladrões que vagam pelos becos poderiam tê-lo esfaqueado por diversão. Em vez disso, você foi enviado para ser o filho do Profeta.

Ela nunca usou a palavra “profeta” para ninguém, não no início. Maomé me confiou o segredo — isso aconteceu anos mais tarde — de que tinha dúvidas sobre quem ele era. Ele estava encolhido com medo debaixo dos lençóis quando Khadijah puxou-os e disse:

— Deus não castigaria um homem justo como você. Espero do fundo

do coração que você seja o profeta prometido há tanto tempo.

Ela não viu razão para desconfiar do anjo. Então foi uma mulher a primeira a acreditar, não eu ou qualquer outro homem.

De qualquer forma, o que um menino de onze anos sabe? Corri pelas ruas com meu novo irmão, Zaid, jogando pedras nos vira-latas, espreitando pelas rachaduras numa cerca quando os camelos se acasalavam e me perguntando por que tal visão fazia meu corpo ficar quente. À noite eu fazia perguntas.

— Pai, como era o anjo?

— No início achei que ele parecia um homem banhado de luz. Mas logo ele se tornou transparente e encheu todo o céu.

— Se eu não tivesse visto um anjo, como conheceria Deus?

— Quando você se conhece, conhece Deus.

— Mas você diz que Alá está em todos os lugares. Mesmo que eu viajasse o mundo inteiro, eu ainda não o veria.

— O Senhor me disse: “Minha Terra e meu céu não podem me conter. O coração de meu servo fiel pode.”

E então passei a acreditar sem questionar, da mesma forma que acreditamos no sol. Uma vez que você avista o sol, como pode duvidar dele? Sentar-se ao pé de Maomé é como escutar as fontes do Paraíso. Quando os novos convertidos se aproximam dele, ele coloca a mão em meu ombro e diz:

— Este é meu primeiro seguidor. Seu rosto é puro, porque ele nunca encostou a testa no chão para reverenciar um ídolo.

Eu ficava vermelho de vergonha quando ouvia isso. Pelas costas, os outros discutiam que eu não era o primeiro a me converter, porque eu só venerava Alá. Portanto, de que eu teria me convertido? De nada. Mas, durante os três primeiros anos, tudo isso era segredo. Maomé falou de sua revelação só para uns poucos, incluindo nós. Então recebemos uma mensagem de que todo o clã dos Hashim deveria ser convidado a aceitar o único Deus. Eu ainda não tinha quinze anos, mas Maomé me ordenou que preparasse um banquete suntuoso. Quarenta porções foram preparadas, o suficiente para todos os homens do clã.

Quando os convites estavam prontos, os mensageiros se espalharam por Meca. Maomé foi preciso em suas instruções:

— Não entregue o convite a um empregado. Espere no portão até que seja convidado a entrar na casa ou até que o dono dela venha até você. Faça uma reverência respeitosa e diga as seguintes palavras: “Maomé não poupou despesas.”

A última parte foi sagaz. Muitas pessoas começaram a suspeitar de Maomé. Todos conheciam a palavra “islã”, “aceitação”, que ele pregava. Mas os inimigos do Profeta lembraram a todos de que a mesma palavra queria dizer “submissão”.

— Está vendo só? Ele quer ser o chefe de toda a cidade. Seu Deus é apenas uma fachada para sua verdadeira ambição — disseram com desprezo. Porém, nem o mais cauteloso dos Hashim perderia o banquete por nada deste mundo.

A noite chegou; os convidados se espremeram para passar pelo portão. Maomé cumpriu com a palavra. Havia comida e bebida para oitenta homens se fartarem. Os empregados corriam de um lado para o outro; todas as jovens acordaram no dia seguinte com manchas roxas de tantos beliscões. Olhei à minha volta, ciente de que todos os convidados eram céticos. Eu me resenti de tê-los empanturrado com carne de cordeiro picante e pão de mel, pois no dia seguinte eles só reclamariam, cada vez mais alto, de Maomé.

Maomé continuava sereno e, para acalmar meus nervos, me lembrou de uma piada antiga:

— Havia um homem que estava sempre reclamando e, quando morreu, foi enviado ao inferno. Quando chegou lá, olhou à sua volta e franziu a testa. “Vocês só têm essa madeira úmida para queimar aqui?” — perguntou.

Quando o grupo estava satisfeito, todos se estiraram nas almofadas gemendo de contentes e Maomé se levantou.

— Filhos de Al-Muttalib, em nome de Alá não conheço outro árabe que ofereceria um banquete como este. Eu lhes trouxe o melhor do além e o melhor deste mundo. Alá me ordenou que convidasse vocês para

entrar no céu.

Olhares apreensivos foram lançados pela sala de banquete. Se eles não tivessem se empanturrado tanto, alguém resmungaria ao ouvir Maomé evocar o nome de Alá. Era proibido por lei.

Sem prestar atenção, ele falou mais alto:

— Quem me ajudará nessa missão? Aquele que der um passo à frente será meu irmão, meu sucessor e o líder da fé depois que eu morrer.

Seu apelo era tão entusiasmado que meu coração disparou. Olhei ao redor, mas os Hashim estavam olhando para o chão e sussurrando entre si. Maomé pediu que alguém desse um passo à frente, e então uma terceira vez. Não me contive. Levantei-me e disse:

— Eu o ajudarei.

Silêncio.

Os olhos de Maomé varreram a sala, vislumbrando cada tio e primo. Ninguém se mexeu; uns até riram com escárnio.

— Pela vontade de Alá — disse ele, sério — declaro que Ali é meu irmão, meu sucessor e líder da fé após minha morte. Vocês devem respeitá-lo e obedecer-lhe.

Aqueles que estavam rindo caíram na gargalhada. Um dos tios de Maomé, Abu Lahab, virou-se para meu pai.

— Está vendo só o que é submissão? De agora em diante, Abu Talib terá que reverenciar o filho.

Havia risadas ainda mais cruéis, e eu podia interpretar seus rostos furiosos. Todos os tios na sala teriam que saudar Maomé com uma reverência se o aceitassem como mensageiro de Deus.

Esse banquete aconteceu faz quatro anos, e com o desenrolar dos eventos Abu Lahab tornou-se nosso mais cruel inimigo. Ele organizou ataques aos fiéis. Uma vez ele viu Maomé rezando perto da Caaba e ficou com tanta raiva que agarrou à força as entranhas de uma cabra sacrificada e atirou-as no Profeta.

Você realmente acredita que ele agiu de forma justa? Abu Lahab já viera a Maomé às escondidas e perguntou:

— Se eu aceitar sua fé, o que vou ganhar com isso?

— Você será abençoado por Alá, como todos os fiéis — respondeu o Profeta.

Abu Lahab ficou impaciente. Os Hashim tinham direito a um dízimo pela água de Zamzam que os peregrinos bebiam; todos aceitaram esse acordo. Ele perguntou novamente que privilégio especial lhe seria concedido caso se convertesse. Desta vez ele foi duplamente arrogante.

— Submeter-se é se tornar humilde por causa de Deus. Sua recompensa será a exaltação perante os olhos de Deus. O que mais você pode querer? — perguntou Maomé.

Naturalmente, Abu Lahab queria muito mais. Ele partiu furioso e redobrou suas denúncias. Ele não era o único comerciante e mercador rico que temia o chamado do islã. Eles ficaram apavorados quando os seus escravos começaram a seguir o Profeta, que visitava em segredo pobres. Em casas escuras, cheias de fumaça e com um repugnante cheiro de miséria, ele levantou as mãos e disse:

— Assim como os dedos de minha mão são iguais, meus homens são iguais. Nenhum tem preferência sobre o outro.

Um escravo negro chamado Bilal tornou-se um convertido zeloso. Quando seu mestre ouviu isso, mandou os bandidos coraixitas levarem Bilal até o deserto, onde lhe deram uma surra e o deixaram estirado numa armadura de metal sob o sol impiedoso.

Durante esse período ele murmurou:

— Deus é único, Deus é único.

Quando informaram o que acontecera a seu dono, ele mandou que Bilal fosse esmagado por pedras pesadas. A tortura tinha apenas começado quando Abu Bakr por acaso passou por lá. Ele correu até o dono da casa e jogou dinheiro na mesa para comprar Bilal. O dono hesitou — sem dúvida, queria dar uma lição no seu escravo —, até que cedeu. Abu Bakr soltou Bilal e começou a comprar outros escravos que haviam se convertido.

O pânico tomou conta dos coraixitas. Depois dos três primeiros anos, o Profeta começou a pregar em público. O número de fiéis ainda era menos de quarenta pessoas. Mas os anciãos não eram tolos. Eles sabiam

do perigo da mensagem e temiam uma guerra entre os irmãos. É difícil resistir por muito tempo a um Deus que traz tudo para aqueles que O aceitam. Seu único recurso é procurar Abu Talib, que, como chefe do clã, protegia Maomé. Apesar de tempestuosos, os coraixitas não podiam ir contra as normas de conduta da tribo. A proteção seria absoluta e deveria ser honrada. Senão, haveria lutas infundáveis e sangue nas ruas.

Abu Talib se recusou a agir. Novamente, sua resposta aos anciãos coraixitas era:

— Mantenham o silêncio e a dignidade. Lidaremos com Maomé do jeito que acharmos melhor. Nossos costumes sagrados não podem ser exterminados.

Abu Talib não romperia sua promessa de tomar conta do sobrinho órfão como se fosse seu filho.

Os coraixitas mais velhos não desistiram. Encontraram um jovem forte no mercado de escravos e o levaram para Abu Talib.

— Aceite este como seu filho e renuncie ao outro. A troca só poderá beneficiar você — argumentaram. Abu Talib os expulsou de casa com desprezo.

Vou lhe dizer o que mais preocupa os coraixitas. É o mistério do mundo. Como esse tal de Alcorão, uma sequência de palavras pronunciada por um homem comum, seria mais forte do que suas espadas? Mesmo cercado por ameaças e zombarias, as pessoas se converteram, porque ouviram a voz de Deus na de Maomé.

Se você acredita nos boatos que as pessoas espalham, os seguidores de Maomé realizam rituais satânicos quando se reúnem a portas fechadas. Se ao menos eles soubessem a verdade... Maomé prega a paz. Ele diz: “O lutador mais forte não tem força se comparado ao homem que controla sua raiva.” Às vezes alguns de nós muçulmanos — é assim que nos chamamos para denotar que capitulamos — lutamos quando somos dolorosamente provocados. E, quando estamos perante o Profeta, ele nos repreende gentilmente. “A criação é como a família de Deus. Toda subsistência provém dEle. Portanto, Ele ama mais aquele que exhibe bondade para Sua família.”

Eu nunca diria tal coisa na frente do Profeta, mas Abu Lahab é filho do Diabo. Ele o observa pelos bastidores como uma cobra esperando que sua presa se aproxime. Uma noite, ele mandou vandalizar a casa do Profeta. Por um tempo, foi necessário colocar um guarda armado no portão. Até que um dia Maomé recebeu uma mensagem dizendo para mandar o guarda embora. Deus o protegeria. Talvez esta sura, um pequeno verso, tenha inspirado o Profeta a adotar uma nova tática.

Ele falou:

— Nosso pai Abraão destruiu os ídolos de nosso povo quando eles partiram. Ele ridicularizou esses deuses insignificantes dizendo que eram pedaços de argila cegos e surdos às preces de seus idólatras.

Depois disso, Maomé começou a ridicularizar os ídolos que estavam dentro e fora da Caaba. Ao amanhecer, foi receber os novos peregrinos que vieram a Meca durante os meses santos e contestou a veneração de ídolos bem na cara dos idólatras.

— Se seus ídolos, que não têm olhos nem bocas, podem protegê-los da blasfêmia, que eles façam o pior — declarou. — Eles não irão ajudá-los. Na realidade são apenas servos de Deus. Por que confiar num escravo quando se pode aceitar o Senhor? Só ele atende às suas preces e lhes oferece proteção.

Quando os peregrinos perceberam que nenhum de seus deuses poderia machucar Maomé, alguns gatos-pingados se convenceram e se converteram. Abu Lahab não pôde tolerar isso; então, quando ouviu dizer que Maomé estava a caminho da Caaba, mandou seus homens gritarem: “Tapem os ouvidos! Um louco está prestes a fazer um longo discurso.” O clamor deles abafou os sermões do Profeta. Depois disso, ele abandonou os sermões e organizou reuniões clandestinas à noite.

Abu Lahab, que tinha o apoio de toda a tribo coraixita, não se deu por vencido. Em vez de esmagar os fiéis de uma vez só, o que nem ele ousaria, decidiu usar um mata-moscas. Para cada pessoa que se convertia ao islã, um antigo convertido seria morto ou expulso de Meca apavorado. Com a proteção de Abu Talib, Maomé era intocável. Mas quase todos os outros corriam perigo, sobretudo empregados e escravos que ousassem

pensar diferente de seus senhores.

Um dia, bati à porta de um velho *hanif* que havia ficado de nosso lado. A porta se abriu com um rangido, mas não havia ninguém. Fui de um cômodo a outro chamando por ele. O velho sumira durante a noite, levando consigo toda a família. Havia um sinal demoníaco escrito a sangue na parede.

Corri até Maomé e disse, aos brados, que a campanha de seus inimigos era intolerável.

— Deixe-me lutar contra eles. O que mais podemos fazer com os homens que o odeiam?

— Você quer mostrar quanto ama seu Criador? — perguntou suavemente.

— Do fundo de meu coração — exclamei.

— Então ame ao próximo antes de tudo — disse ele.

Depois de muitos meses, nenhum dos lados conseguia resolver o impasse. Um homem de Deus com quarenta seguidores contra a mais poderosa família da cidade. Maomé só tinha uma escolha: pedir a Deus que lhe desse uma solução.

PARTE 3
O GUERREIRO DE DEUS

O ESCRIBA JUDEU

Somos criaturas muito estranhas. Se batemos num cachorro, ele se encolhe de medo. Se batemos num cavalo, ele foge. Mas, se batemos num homem, ele às vezes começa a sonhar. E esses sonhos podem levá-lo a lugares inimagináveis. Como sou judeu, sonho o tempo todo.

Em meu sonho predileto, corro atrás de apanhadores de pássaros. Eu fazia isso de verdade tempos atrás. Todos os verões, antes do amanhecer, eu ficava deitado na cama na casa de meu pai, escutando. Os apanhadores de pássaros sempre vinham na primavera. Ouvíamos suas presas — tentilhões, cotovias e pardais — cantar nas jaulas de palha. Os outros comerciantes penduravam sinos em suas mulas, para que soubéssemos, lá de longe, que eles estavam chegando. Mas os apanhadores de pássaros não precisavam fazer isso.

— Eles vendiam rouxinóis? — perguntou-me Maomé um dia.

Fazia calor, poucos meses depois de sua chegada a Yathrib. Eu era seu escriba diário, mas não havia nada para escrever. Ninguém tinha pressa de ir à sua casa com um caso de divórcio para ele julgar ou um saco de trigo perdido que um vizinho achou na rua.

— Talvez eles vendessem rouxinóis — disse eu. — Mas eles tingiam os pássaros para ficarem mais bonitos, por isso não dá para afirmar com certeza quais eram. — Um menino pelo menos não veria a diferença.

— Os pássaros do deserto são cinza, mas no paraíso são vermelhos e

verdes brilhantes — refletia Maomé. — E seus cantos não buscam o anseio; porque não há anseio quando se está perto de Deus.

— Os pássaros anseiam por Deus? — indaguei.

— Todas as criaturas anseiam por Deus — respondeu Maomé. — Ele é um sonhador, assim como eu. Mas seus sonhos unem as pessoas. Esses muçulmanos são uma novidade para nós. Atravessaram o deserto a pé até esta cidade longínqua, Yathrib, que fica a mais de trezentos quilômetros de Meca. Foram enviados por Deus, dizem eles, como os judeus quando foram expulsos do Egito. Os recém-chegados chamam sua travessia de *hijra*, ou “migração”. Não tenho opinião sobre isso. Talvez tenha sido o Deus deles que os enviou. Talvez eles tenham se cansado de tanta hostilidade e tanto ódio.

Existe uma piada sobre o ódio. Uma mulher deu à luz, e a parteira veio parabenizar o pai, que andava nervoso de um lado para o outro.

— Tenho uma boa notícia — diz ela. — É um menino, e ele é saudável.

Porém, o pai ainda tinha um ar de preocupação.

— Tem certeza de que ele é normal? — perguntou.

A parteira fez que sim.

— Ele tem dez dedos nas mãos e dez nos pés. Ele tem um pequeno pênis. Ah, e também odeia os judeus.

O primeiro muçulmano que conheci riu quando contei essa história. Era um dos empregados de Abu Bakr, que fugiu para cá com Maomé. As coisas em Meca iam de mal a pior. Depois do encontro de Maomé com o anjo, o ódio fervilhou por doze anos. Abu Bakr construiu uma estrutura especial para rezar, do lado de fora de sua casa, que passou a ser chamada de mesquita. Era óbvio que ninguém queria que os muçulmanos desonrassem os santuários onde os ídolos eram mantidos. Essa mesquita tinha só quatro paredes, sem teto, na qual Abu Bakr se ajoelhava perante Deus cinco vezes por dia, como Maomé o havia mandado fazer. As paredes eram baixas, e dava para qualquer um ver o que se passava lá dentro; o som da devoção de Abu Bakr alcançava as ruas. Os mais velhos da tribo acharam isso uma provocação deliberada.

Nenhuma quantia de dinheiro seria suficiente para impedir que os inimigos de Maomé o punissem. Ele já provara que nenhum dos ídolos antigos era capaz de machucá-lo ou a qualquer um de seus seguidores. Mesmo assim, seus inimigos estavam certos sobre o dinheiro.

Abu Bakr devia a vida a um homem que jurava protegê-lo e que mantinha a tribo em ordem. Uma manhã, esse protetor, Ad-Dughunnah, implorou a Abu Bakr que rezasse dentro de casa. Em vez de ceder, Abu Bakr olhou firme e disse:

— Eu o absolvo de seu juramento. Só preciso da proteção de Alá.

O ódio logo eclodiu. Os clãs da tribo traçaram um plano para se livrar de Maomé sem partir para a guerra na cidade. Cada clã se encarregou de escolher um jovem forte que fosse ágil com a faca. Reunidos em um bando, os assassinos escolhidos atacariam Maomé, cada um o apunhalando com uma adaga. Dessa forma, todos os clãs da tribo dos coraixitas dividiriam a culpa. O dinheiro de sangue seria usado para absolver o crime. A nova religião desapareceria como uma rosa murcha cuja água fora roubada. Como todos sabiam, Maomé era a água do islã.

Um comerciante muçulmano estava me contando essa história, e o interrompi.

— Mas as pessoas que queriam matá-lo não faziam parte de seu povo?

— Ele não tem povo além dos que são fiéis a Deus — respondeu o homem.

Chegou, então, a noite do assassinato. O bando de assassinos se posicionou em frente ao portão da casa de Maomé, em vigília, aguardando que ele saísse para sua caminhada matinal. E, como eles não se esconderam muito bem, Maomé e seu primo fiel Ali perceberam a presença do bando e o perigo iminente.

Maomé e Ali não tinham tempo a perder. Maomé armou um plano. Pegou um manto nômade de lã verde que as pessoas normalmente o viam carregando, enrolou Ali no manto e o mandou deitar em sua cama, disfarçado como o Profeta.

Ali relutou, porque deixaria Maomé indefeso. Finalmente, Maomé o

persuadiu a obedecer-lhe. Sozinho, Maomé começou a recitar o verso que lhe fora dado durante a revelação. Quando pronunciou as palavras “Eu os amortallo, para que eles não possam ver”, entendeu o que Deus queria. Enrolando-se num manto comum, ele partiu, passando pelos assassinos sem que eles o vissem.

A poucas ruas dali, ele esbarrou com um conhecido, que o cumprimentou e foi embora. Mas o conhecido estava a par do complô, correu até a casa de Maomé e exclamou que acabara de vê-lo na rua. O bando de assassinos jurou que ninguém poderia ter passado por eles durante a noite. E, para provar, olharam furtivamente pela janela do quarto de Maomé, onde o viram dormindo envolto em seu manto verde favorito. O embuste só foi revelado ao amanhecer, quando Ali saiu da casa e anunciou que seu primo havia escapado.

Maomé se abrigou na casa de Abu Bakr. A única opção era fugir. Ele recebera uma mensagem avisando do perigo iminente. A vontade de Deus estava clara. Ficar significaria a morte para todos.

Com vários camelos sobrecarregados, Maomé, Abu Bakr e um pequeno grupo partiram às pressas. Permaneceram três dias numa caverna numa montanha fora da cidade. Ali ficou em Meca para resolver os negócios de Maomé. Quando estava absolutamente certo de que Deus queria que ele partisse, Maomé concordou em atravessar o deserto em direção a seu novo lar no norte.

Depois de ouvir essa história, fiquei muito curioso. Uma tarde, quando vi Maomé bastante relaxado e de bom humor, perguntei a ele:

— Você sempre confia em suas mensagens?

— É Alá que confia em mim — disse ele.

— Mas ele o mandou para o deserto. Isso é sinal de amor? Por que ele não matou seus inimigos?

Maomé me olhou atravessado. Ele conhece os judeus mais do que se imagina, e sua expressão dizia: *Você está falando de você*. Ele esperou um momento, como se estivesse decidindo o que me dizer.

— Eu tinha uma esposa que acreditava em mim quando ninguém mais acreditava — falou, sério. — Ela ouvia cada palavra de Deus e as

aceitava, de forma que, quando eu acabava, ela começava, e quando ela acabava, eu começava. Nossa fé era nosso segundo casamento. Ela se chamava Khadijah. Um dia ela estava vindo a meu quarto carregando um prato de sopa. Naquele momento, assim que ouvi seus passos, Deus falou comigo sobre ela. Ela entrou no quarto e eu disse: “Minha querida, o Senhor me diz que você é abençoada. Tem um lugar especial à sua espera no Jardim, onde não há cansaço e só há tranquilidade.” Ela não sorriu, mas me contemplou. Partilhamos o mesmo pensamento: *essa é uma forma delicada de Alá prenunciar a morte dela.*

Os olhos de Maomé se encheram de tristeza. Fiquei tocado com o fato de ele se abrir comigo, e fui tomado por um desejo de abraçá-lo e confortá-lo. Mas, em seguida, seu corpo se tensionou. Ele disse:

— Porque Deus me diz os segredos da vida e da morte isso não quer dizer que eu seja o mestre da vida e da morte. Esses são os grandes mistérios. Pela misericórdia de Deus eu estou mais próximo deles do que os homens comuns. Isso é motivo tanto para sofrimento quanto para alegria.

Ele nunca mais me confiou um segredo, mesmo assim eu sabia que ele compreendia os judeus, porque é assim que Deus nos ordena viver: perto do mistério, mas sem nunca desvendá-lo. Nossa tristeza e nossa felicidade estavam entrelaçadas. Mais tarde ouvi dizer que Khadijah morrera logo após a mensagem. Isso aconteceu três anos antes de os muçulmanos partirem de Meca. Eles chamam esse ano de o ano da tristeza de Maomé, porque seu velho tio, Abu Talib, morreu mais ou menos na mesma época. Ele nunca se converteu ao islã, mas abençoou Maomé. Dizem que, em seu leito de morte, Abu Talib foi pressionado por parentes que queriam que ele se pronunciasse contra a nova fé. Ele recusou.

No entanto, tiro o chapéu para os muçulmanos por uma razão. Eles rezam em silêncio. Eles se purificam e recitam os versos ensinados por Maomé, e não são advogados. Antes de os muçulmanos chegarem, minha vida se restringia a advogados em tribunais de rabinos. Eu sentava de pernas cruzadas no tribunal com minha tábua no colo,

escrevinhando infundáveis discussões. Os juízes faziam que sim na tribuna, esmagando moscas que sobrevoavam os pratos de doces. Os querelantes forneciam doces aos juízes para mantê-los bem-humorados. Os advogados achavam que eram mais sábios do que o Torá. Eles e suas mentes mesquinhas. Um bastardo sovina descontou uma hora de meu pagamento porque disse que eu havia manchado uma frase.

— Se você manchar a verdade, eles lhe pagarão mais — assinalei.

Ele vociferou e me expulsou do tribunal. Depois disso, foi difícil conseguir trabalho com os rabinos, e é por isso que ofereci trabalho aos muçulmanos. Yathrib tinha sua cota de judeus, e muitos de nós sabíamos escrever.

— Você não vai anotar as palavras santas do Profeta — disseram. — Temos nossos próprios escribas para isso. Seu trabalho é acompanhar processos legais, disputas e assuntos rotineiros. Quando o Profeta apresentar um julgamento, anote cada palavra. Se ele der um conselho sobre qualquer assunto, anote cada palavra. É importante. Você entendeu?

Fiz que sim. Eu queria o emprego, não é? Com o passar dos anos, um punhado de muçulmanos se instalou em Yathrib, mas ninguém realmente notou a presença deles. Eles formavam um pequeno grupo solene para receber Maomé quando ele entrou pelos portões ao anoitecer. Uns poucos judeus os convidaram para se refugiarem lá. Na Arábia, se você venera um deus, você precisa de aliados. Agora que Maomé está entre eles, seu povo não se sente apenas seguro; eles sentem que Deus lhes mostrou o caminho. Inclusive proclamaram que Yathrib deveria ter um novo nome: Medinat al-Nabi, “a cidade do Profeta”. E, se estavam com pressa, eles só diziam Medina.

— Os cristãos também escrevem, talvez até mais do que os judeus — disse Maomé. Como estava quente, eu não estava escrevendo, como disse a você. Quando eu estava escrevendo, ele gostava de me observar, com uma expressão de maravilhamento. Por um instante, ele não tinha mais 52 anos e uma barba grisalha, mas era novamente uma criança.

— Os cristãos têm que escrever para sobreviver — disse eu.

— Por quê?

— Porque os romanos detestam o profeta deles, Jesus, e gostariam de ter podido matar a todos. Por sorte, os romanos ricos são preguiçosos. Muitos não se deram ao trabalho de aprender a ler e a escrever.

Eu me contive ao perceber que Maomé poderia se ofender.

— Eu não quis dizer o senhor. O senhor não é preguiçoso. O senhor se mata de trabalhar. — Ele sorriu, o que era muito surpreendente. Qualquer outro homem rico em Medina teria me dado de imediato um pontapé devido à minha insolência.

Continuei:

— Os primeiros cristãos foram obrigados a ler suas escrituras. Eles não deixaram essa tarefa para os padres. Depois de um tempo, tantos cristãos podiam ler e escrever que eles se tornaram escribas úteis. Os romanos os contrataram para trabalhar nas províncias. O tempo passou, e, sempre que um imperador novo metia na cabeça que tinha que perseguir os cristãos, seu governador dizia: “O senhor não pode. A coleta de impostos diminuirá muito sem nossos asquerosos cristãozinhos.” Em poucos séculos todo o império tornou-se cristão. — Eu apreciava a ironia.

Maomé ficou intrigado.

— Primeiro eles os perseguem, depois eles precisam de vocês. No final, eles se convertem à sua religião.

Ele repetia isso para si várias vezes por dia. Mais tarde, entendi por quê. Ninguém no poder precisa dos muçulmanos, ainda não naquele momento. Não há muitos deles, não o suficiente para formar uma tribo armada decente. Ele está preocupado como eles sobreviverão. Deus ordenou que ele espalhasse a boa notícia, assim como Jesus. Mas como?

Os muçulmanos me disseram que, em Meca, Maomé sentava perto do poço da cidade todas as manhãs para ensinar a seus seguidores. Se um empregado aparecesse, ele podia se sentar e escutar com os outros. Até um escravo podia se sentar e aprender.

A elite não gostava nada disso, mas eles não chegavam perto, porque não se dirigia a palavra a um homem de respeito quando ele estava com

escravos à sua volta. Finalmente um dos anciãos veio até Maomé e disse:

— Eu gostaria de conversar com você, meu irmão. Mande os escravos embora.

Maomé fez que sim como se estivesse consentindo, mas de repente não conseguia falar e seu rosto começou a suar. Sem resposta, o ancião partiu. Pouco depois, Maomé recebeu uma nova mensagem: “Não afaste os fiéis ou estarás entre os malfeitores.” Então, ele não teve escolha. Ele tinha que salvar cada um daqueles que veneravam os ídolos em Meca, ricos ou pobres. A tarefa parecia impossível. Quando Maomé foi falar com os anciãos gordos de sua tribo, eles zombaram do fato de um deles ter sido escolhido por Deus. Quando foi falar com os pobres, eles foram facilmente convencidos. Eles esperavam receber auxílio e dinheiro de um comerciante rico que subitamente lhes dava atenção.

— Ele encontrou a resposta? — perguntei a um dos muçulmanos.

O homem deu de ombros.

— E estaríamos aqui se ele tivesse encontrado?

Frequentemente encontro judeus que desconfiam dos recém-chegados. Digo para eles que Maomé é como Moisés guiando seus filhos perdidos, mas eles zombam de mim:

— E Yathrib é a terra prometida? Onde está o leite e o mel? Eles deveriam continuar se locomovendo.

Fui ver Maomé e perguntei se aquela era sua terra prometida.

— Não tenho nada a ver com isso — respondeu. — Deus pode achar a terra prometida em qualquer lugar da Terra. Existe algo ainda mais importante. — Ele apontou para uma pilha de pergaminhos no chão. — Este é o livro de Deus. Ele cresce há doze anos. Não há nada mais precioso. Entenda, vocês são o povo do Livro.

Eu me retraí. Se eu dissesse sim, isso faria de mim um judeu ruim? É pecado eu trabalhar para um muçulmano? Vozes zumbiam em minha cabeça, e para o povo do Torá é isso que digo. Se o Messias aparecer amanhã e levar os gentios para o mar, talvez ele chegará a mim e dirá: “Eli, meu caro jovem, sente-se a meu lado direito. Estarei ocupado reconstruindo o Templo de Davi. Você tomará conta dos negócios

durante minha ausência.” Então, governarei o mundo, e o deus de ninguém tomará a frente do meu.

Porém, não há nenhum Messias, nenhum templo, nenhum caminho entre os gentios. Preciso vagar como José entre os infiéis, só que não choro. Eu me adapto. E se esses muçulmanos encontram seu próprio Elias ou mesmo Moisés, por que eu iria chutar a vaca que me dá leite? Meu trabalho é escrever, não julgar. Nunca vi Maomé receber suas mensagens, que continuam sendo enviadas, segundo eles dizem. Os pergaminhos novos aparecem à sua volta. Há dias em que não posso entrar em sua casa. Em outros dias, vejo o começo de sua transformação. Seus olhos se viram para cima; ele começa a tremer um pouco, como um pardal que você segura na mão. Ao primeiro sinal de transformação, sou enviado para fora do recinto.

De uma coisa tenho certeza: Maomé recebe as leis, assim como Moisés. Então se um profeta diz “Deus me disse isso” e seus seguidores dizem “Acreditamos em você”, como podemos discordar? Quando estou a salvo em meu lar, acendo uma vela para me lembrar dos macabeus, que morreram como heróis defendendo os judeus, e amaldiçoo nossos inimigos. Tenho sempre tempo para isso.

Maomé não passou dos cinquenta sem adquirir certa dose de astúcia e leu esses pensamentos de guerra em minha mente. Um dia ele me disse para guardar minha tábua de escrever.

— Olhe-me nos olhos — disse ele.— Você vê uma fraude e um mentiroso?

Levei um susto tão grande que não consegui responder.

— Se você não vê uma fraude e um mentiroso — afirmou —, então o que digo é verdade. Sou o mensageiro de Deus.

Fiquei sem graça e murmurei algo, não me lembro o quê.

Maomé ficou sério.

— Não ponha sua alma em perigo. Deus me mandou salvar os judeus. Ele quer que eu salve o mundo.

Maomé hesitou, e por um momento temi que ele quisesse que eu decidisse ali, naquele momento. Mas ele virou o rosto e continuou:

— Por três anos eu não podia contar nada a meus tios e primos. Você imagina a ansiedade que eu sentia? Saber pela boca de Deus que todos os pecadores estão amaldiçoados. Ele vê tudo. Ele registra cada ato que realizamos na Terra, e no último dia os amaldiçoados testemunharão contra si. Será que esse dia está próximo?

Meu coração batia forte. Quando ele falava, havia dureza em sua voz, mas não a dureza das vozes dos loucos. A força de Maomé era incorpórea. Era tão forte como um relâmpago que transforma uma alma em cinzas ou a forja em suas chamas.

Balbuciei:

— Não me peça que acredite. Mas entendo. Você sobreviveu ao fogo. Ele parecia surpreso.

— Você entende? Porque é verdade.

Eu me deito acordado, imaginando se o mundo irá acabar antes do próximo nascer do sol. Meu pensamento ainda volta à minha infância, quando eu ficava esperando os apanhadores de pássaros. Às vezes um pássaro morria subitamente. Talvez porque recebera o alimento errado ou estava com o coração partido por ter se separado de seu companheiro. O homem-pássaro arrancava as penas da ave morta e tecia um boné fantástico, brilhante e com várias tonalidades, como um arco-íris. Era difícil distinguir entre o caçador e a sua caça.

Espero que Maomé consiga ver os pássaros no Paraíso, assim como lhe foi prometido por Deus. E espero que eu não seja deixado de fora quando esse dia chegar.

FÁTIMA, A FILHA CAÇULA DE MAOMÉ

Os fiéis estão se preparando para a guerra. Na noite em que descobri, tive um pesadelo. Uma matilha de hienas derrubou um leão e começou abocanhar sua carcaça enquanto ele ainda estava vivo. Elas riam enquanto arrancavam as entranhas da vítima; o leão deu um rugido desafiador e morreu. Acordei tremendo e pronunciei uma única palavra: *Pai*.

Sem perceber, devo ter gritado, porque Ali, que estava dormindo a meu lado, se virou e resmungou. Fiquei imóvel até ele voltar a dormir.

Será que essa guerra que se aproxima é um teste de Deus?

No verão, todas as caravanas que partiam de Meca em direção à Síria passam por Medina. A maioria delas é caravana coraixita, e as mais grandiosas tinham mil camelos. Lá de cima, mais parecia uma trilha de formigas rastejando de horizonte a horizonte. A maioria dos muçulmanos é pobre. Uns gatos-pingados cultivam os lotes de terra minúsculos que lhes são relutantemente oferecidos. A maior parte tenta o sucesso no comércio, mas enfrenta tribulações numa cidade estrangeira onde nenhuma tribo é a sua.

Puxando uma pequena carroça com sua colheita até o mercado e com recursos suficientes para uma semana, um muçulmano esfomeado é frequentemente ultrapassado na estrada por camelos carregados de sedas, joias e especiarias. A tentação de atacar a caravana é enorme.

Quando esses assaltos começaram, não eram muito diferentes do costume dos árabes pobres de cortar o excesso de gordura dos ricos. As caravanas eram interrompidas por uma hora e depois continuavam. Ali se divertia.

— Metade das vezes eles não conseguem encontrar as caravanas e voltam para casa com as mãos abanando. O deserto deveria ser menor.

Era um esporte, um jogo. E os nômades o jogam desde a época de nossos ancestrais. Se os cativos forem capturados, podem ser resgatados. Enquanto isso, os cativos e os captores se sentam ao redor da mesma fogueira e entoam as mesmas canções. Não se fala de assassinatos, porque isso irromperia numa rixa sangüinária, o que seria problemático para ambos os lados.

Contudo, agora as coisas mudaram. Tudo começou quando um de nossos verdadeiros lutadores, Abdullah ibn Jahsh, partiu para o sul pela trilha que passa perto de Meca, correndo assim um grande risco. Seu bando de saqueadores avistou uma pequena caravana acampada numa alameda de palmeiras. Três mercadores fracotes tomavam conta de uns camelos mirrados. Quando o bando de Abdullah os atacou, a primeira flecha de seu arco perfurou o coração do mercador. Foi intencional. Chocados, os outros dois caíram no chão em rendição. Eles marcharam até Medina, e Ali não achou graça nenhuma. A multidão não recebeu Abdullah como um herói, mas como um violador da paz.

— Olhe a multidão.

Ali apontou da janela para a massa insatisfeita na rua: judeus e árabes que nos recepcionaram no passado. Eles estavam transtornados e raivosos. O esporte tinha ido longe demais. Rapidamente, espalhou-se o boato de que Abdullah havia manchado o mês sagrado de Rajab, quando as lutas não são permitidas. Seu ataque foi profano, e muitos acharam que ele tivera a bênção de Maomé para cometer esses atos violentos. A confiança no Profeta ficou seriamente abalada.

— Não é nosso mês sagrado — argumentou Ali. — É uma tradição dos veneradores de ídolos. Por que estamos atrelados aos costumes de nosso inimigo? — Ali se enfureceu quando soube que alguns poetas no

mercado estavam inventando canções para ridicularizar o Profeta.

Estávamos casados havia apenas um ano. Esse tempo todo eu escondia meu rosto dos assaltantes e nunca perguntei se Ali era um deles. Então ele trouxe a notícia. Uma mensagem de Alá para meu pai: “É permitido lutar.” A mensagem era mais longa do que isso. Falava daqueles que tinham sido injustamente perseguidos por venerarem um só Deus e por isso foram expulsos da terra natal. Deus apoiava o ataque de Abdullah. Um crime menor cometido por um muçulmano seria perdoado se os mais fracos estivessem sendo oprimidos, porque para Deus esse é um crime muito mais grave. Mas o que ouvi foi a frase que mudou nossas vidas. *É permitido lutar*. A agitação de Ali era páreo para meu medo.

— Fé, pureza, bênção. Eles não são o suficiente para vencer o mal. Às vezes é necessário derramar sangue.

Ele segurou minha mão para me tranquilizar, mas não eram suas palavras que me assustavam, e sim a expressão em seus olhos. Eu não tinha coragem de olhar para trás. Uma batalha. Sempre que surgia uma, ele corria para lutar na linha de frente. Um defensor da fé não poderia fazer por menos. Nunca vi uma batalha, mas não é preciso assistir a uma para saber quem será o primeiro a morrer. Recolhi minha mão, assim ele não poderia perceber meu medo.

— Você não está aqui para trazer a paz? — perguntei.

— Se formos dizimados, nunca mais haverá paz. Não é uma escolha cruel, pois não a temos. O inimigo decidiu vir a nós.

Quando eu era criança, um mensageiro esmurrou o portão e exigiu ver meu pai. Seu rosto estava ensanguentado, e ele estava imundo por ter corrido das montanhas até Meca. Um grupo de fiéis havia encontrado um lugar remoto para rezar em paz, mas os coraixitas os seguiram. No meio de suas orações, eles foram atacados por agressores armados com facas e porretes. Meu pai empalideceu e ouviu, sério, o relato do mensageiro. Os fiéis eram jovens fortes; derramaram tanto sangue quanto perderam. Não bastava que os coraixitas tivessem proibido fazer negócios com qualquer um que ousasse seguir o Profeta. Eles recorriam

à tortura, especialmente se um dos fiéis fosse escravo. Um dos filhos adotivos de minha mãe fora esfaqueado na Caaba.

Os olhos de Ali me remetiam a tudo isso. Eu rezava a Deus para que me desse uma luz.

— Pelo menos você não precisará comprar seu escudo de volta — disse eu.

Seu rosto ficou vermelho de raiva. Foi cruel de minha parte trazer à tona lembranças ruins. Fiquei envergonhada, mas a carnificina de um guerreiro contra o outro era muito mais cruel.

E foi assim que Ali perdeu seu escudo. Quando viemos a Medina ano passado, meu pai começava a unir os povos. Ele fez a paz entre as tribos dos judeus e as dos árabes, que brigavam havia três gerações. Para os judeus era olho por olho; para os árabes, uma rixa sanguínea. Ambos os lados não perdoavam as maldades que seu clã sofrera. Mas cem anos de violência os tinham exaurido. Eles apelaram para Papai, que trouxe ao novo lar a reputação de ser um homem justo. Elaborou-se um pacto de paz, e ambos os lados repousaram suas mãos sobre as outras, jurando proteger a cidade e os pobres.

Quando todos haviam partido, meu pai balançou a cabeça.

— As juras não são suficientes; os pactos e tratados não são suficientes.

Era necessário achar meios de unir as tribos de Medina, porque um dia os coraixitas chegariam. Ele escolheu um companheiro para cada homem muçulmano entre os árabes da cidade, formando assim uma irmandade. Porém, ele sabia que o elo mais forte era o sangue, e sangue significa casamento. Eu não sabia nada disso. Uma jovem de dezessete anos deseja um marido, mas meu pai sofria com a morte de minha mãe. Eu sentava a seus pés todos os dias, e apesar de saber que ele se casaria novamente, ele nunca amaria ninguém como amou minha mãe. Nós dois sabíamos.

Um dia me surpreendi quando entrei na sala e Abu Bakr sorriu para mim. Ele sempre sorria quando me via, mas as mulheres reconhecem a diferença. Ele não estava sorrindo como um tio. Só uns poucos homens

eram permitidos dentro de nossa casa; eram homens em quem meu pai confiava e que jamais mentiriam. Umar, que era muito sábio, também começou a sorrir para mim, e Ali, o primo que fazia parte de nossa família desde que me entendo por gente.

— O sorriso era tudo o que eu tinha — lembrou Ali com uma careta.

Era verdade que ele era pobre. Quando ouviram dizer que meu pai precisava de um genro para fortalecer a fé, Abu Bakr e Umar prontamente se ofereceram. Meu pai ergueu a mão. Todos ficaram esperando. O tempo passou, e ele ainda não tinha tomado decisão alguma. Ali não aguentava mais. Eu não era mais uma criança que pedia para ele ir procurar minha boneca, e há oito anos já se reunia com o conselho dos homens. Mas, sem dinheiro, não tinha como oferecer um presente de núpcias. Um dia ele veio a meu pai e suspirou.

— O que foi? — perguntou meu pai.

Ali se surpreendeu.

— Eu não disse nada, senhor.

— Ah, achei que você estivesse pedindo a mão de Fátima.

Meu pai gostava muito de Ali, e gentilmente sugeriu que ele tinha um objeto de valor — um escudo entalhado com bordas de prata. Ele poderia vendê-lo e obter o dinheiro necessário para o presente de núpcias. Ali criou coragem e obedeceu. Então meu pai veio a mim e anunciou que Deus desejava que me casasse com Ali. Eu consentiria?

Fiquei muda como um peixe. Tinha medo de deixar meu amado pai? Seria a ignorância do que se passa entre marido e mulher? Ali, por respeito a meu pai, havia ocultado tanto seu desejo que sequer ousava me olhar com ternura. Antes que eu pudesse responder, meu pai sorriu.

— Deus lhe deixou muda, mas sei que seu coração consente — percebi que ele estava certo.

Nós nos casamos em Medina um ano depois da Hégira. Os muçulmanos, cercados por estrangeiros, ficaram agradecidos por ter algo para celebrar. Minha irmã Ruqayah juntou todas as mulheres e preparou um banquete. O chão atapetado ficou coberto de tâmaras, figos, cordeiros e jarras de vinho. Era como se estivéssemos novamente de

volta a nosso lar. Muitas lágrimas foram derramadas por essa razão e por pura felicidade. Todos os convidados riram quando o homem mais rico, Uthman, que havia se casado com Ruqayah, se levantou e presenteou o noivo, Ali, com seu escudo.

Uthman havia comprado o escudo, mas não aceitou guardá-lo. Os olhos de meu pai brilhavam. Existem maneiras de vender coisas e não perdê-las.

Causei desgosto a meu marido quando mencionei que ele não podia comprar o escudo de volta. Suspirei. O mesmo escudo o protegeria quando a batalha começasse. Os caminhos que Alá escolhe para impor sua vontade são realmente estranhos.

— Não posso impedi-lo — disse eu. — Se você é um *ghazi*, Deus estará a seu lado.

— O que você entende por *ghazi*? — perguntou Ali.

Como eu poderia achar as palavras adequadas para responder à pergunta sem ofendê-lo? Eu percebia que ele fumegava de raiva.

— Um *ghazi* é aquele que se esforça e faz tudo por Deus — falei.

— E esse esforço tem limite?

Abaixei os olhos.

— Não, meu querido marido.

— Então, que a paz esteja convosco.

— E com o senhor.

Ali parecia satisfeito. Imagino que qualquer estrangeiro ficaria desorientado com nossa conversa e com o que tudo isso significava para nosso futuro. Talvez o futuro dependesse de uma palavra astuta. *Ghazi* quer dizer “esforçado”, mas também pode significar “assaltante”. Era um termo inocente até a flecha de Abdullah banhá-lo de sangue. Dali em diante, ninguém mais se esforçou por Alá pacificamente. Os *ghazi* provocaram brigas contra os coraixitas. Eles declararam que seguiam as ordens de Alá, e de uma hora para outra os assaltos se tornaram sagrados. É difícil desassociar a lógica dos homens da lógica de Deus. Deus deve enxergar o propósito para tanta violência.

Atordoada, fui ver meu pai quando ele estava só. Quando não está

participando de uma assembleia, ele fica sentado no escuro, pensando. Medina fez com que ele se tornasse um homem sombrio e violento. Sua conduta era tão severa que alguns fiéis o temiam tanto quanto a Alá.

— Por que Deus quer sangue? — indaguei sem pensar.

— Uma pergunta bastante ousada para uma filha tão tímida — murmurou.

Essa foi a maior recriminação que meu pai já me fizera. Mas eu preferia ser amada pela verdade, e não pela submissão. Perguntei a ele novamente.

— Deus não quer sangue — disse ele. — Ele quer guerreiros quando os injustos perseguem os justos. Os fiéis se fortalecem defendendo a fé. Senão eles se espalhariam como folhas na próxima tempestade.

— Mas os *ghazi* provocam os inimigos.

— Eles atacam antes de serem atacados. Deus os perdoa. Ele sabe que o inimigo nos trata com violência há catorze anos. Ele deseja restabelecer o equilíbrio.

Eram palavras duras para uma filha ouvir de seu pai. Parecia que ele estava discursando numa mesquita. Mas, quando fitei seus olhos, não havia violência neles; eles imploravam. Meu pai foi até a janela e fechou a última persiana, fazendo o quarto ficar tão escuro quanto a noite.

— Não tente ler minha mente, minha filha. Ela não me pertence mais. Deus controla tudo, até meus pensamentos. Tenho que obedecer.

Fui embora dali para me confortar. Era fácil para os inimigos acusarem meu pai de se esconder atrás de Deus. Era conveniente que esses assaltos que enfureciam os coraixitas tivessem a bênção divina. Eu tinha que saber a verdade. Era vergonhoso para uma filha não acreditar em seu pai. Ainda acredito nele. Porém, com os olhos da mente, vi o corpo de Ali sendo arrastado pelo campo de batalha, deixando uma trilha de sangue na areia. Eu tinha que saber.

Atordoada, entrei sem bater no quarto de Abu Bakr. Ele estava fazendo algo que não queria que eu visse e mal teve tempo de esconder.

— Uma espada?

Encabulado, ele exibiu o que escondia em suas costas.

— Este braço velho mal pode empunhar uma espada. Treino todos os dias.

Abu Bakr é como um segundo pai para mim. Ele leu meu coração.

— O Profeta não veio aqui para trazer mensagens; veio para trazer justiça. Olhe à sua volta. As tribos da cidade mantêm a paz. Temos leis e locais seguros para rezar. Deus protege os filhos de Abraão desde que eles Lhe obedecem e ponham em prática Suas palavras.

Senti uma centelha de esperança.

— Então Ele não permitirá que um muçulmano seja morto?

Abu Bakr deu um sorriso irônico.

— Certamente não um homem tão forte e corajoso como Ali.

Corei.

— Eu não estava fazendo a pergunta pensando somente em mim.

— Então me ouça. Brigar pela justiça não é um ato de violência. É uma ação justa. Quando a justiça permanece passiva, a injustiça é impiedosa. A índole da maldade se espalha como uma doença contagiosa.

Era um discurso longo para ele, mas não um discurso hábil. Conheço Abu Bakr. Ele pôs em risco tudo que tinha em Meca para ficar ao lado de meu pai. Ele rompeu laços de família e se juntou aos assassinos com a cabeça erguida. Se existe alguém que sabe o que é justiça é ele.

Abu Bakr hesitou.

— Acho que você não entendeu. O Profeta liderou um dos primeiros ataques. Ele se tornou um *ghazi* quando recebeu a ordem de Deus.

Fiquei chocada, mas mesmo assim queria saber a verdade. Abu Bakr me assegurou de que não houve derramamento de sangue nos primeiros ataques, ou que essa fosse a intenção. Meu pai liderou esse ataque porque um dos maiores inimigos da fé era o dono de uma caravana. Como vários outros, isso não deu em nada, porque as patrulhas não conseguiram localizar a fila de camelos naquela vastidão do deserto.

Se esse relato me tranquilizou, foi por pouco tempo. Alá começou a tecer uma trama misteriosa à nossa volta, e, como homens perdidos na escuridão, os muçulmanos vagavam pela cena cujo resultado só Ele

sabia. Tudo começou com a notícia de que a caravana mais rica daquele ano estava no caminho de volta a Meca. Seu líder, Abu Sufyan, odiava o Profeta. Ele o acusou de querer destruir a ordem tribal, mas todos sabíamos de seu descontentamento. Quando um grupo pequeno de muçulmanos amedrontados partiu em fuga, atravessando o mar para se refugiar na Abissínia, sua filha estava entre eles. Os coraixitas mandaram um embaixador para convencer Negus, o rei da Abissínia, a enviar de volta os refugiados a Meca. Subornos generosos lhes foram oferecidos, e o mal poderia ter vencido. Mas o líder dos refugiados leu os versos do Alcorão para Negus, que, se descobriu, era cristão. Ouvindo a palavra de Deus e ciente de quanto os muçulmanos respeitavam o profeta Jesus, o rei, com escárnio mandou o embaixador de volta para casa.

Abu Sufyan nunca esqueceu essa grande perda e pôs a culpa em meu pai. Sua perseguição foi impiedosa.

— Mas agora ele está a nosso alcance — disse Ali.

Ele pressionou meu pai para atacar a caravana. De uma vez só, ele se vingaria de seu inimigo, Abu Sufyan, e se apossaria de sua riqueza para os muçulmanos carentes. Durante a longa viagem, a caravana tinha que parar no poço de Badr para se abastecer de água. Era o local perfeito para eles ficarem a postos, esperando.

De repente as ruas foram tomadas por uma grande algazarra, como se os homens estivessem se preparando para um festival. Eu me escondi dentro de casa, rezando para que meu pai não permitisse essa aventura sanguinária. Mas a decisão não era só sua. Ele não era o chefe militar; deveria obter a aprovação de todos os líderes. O ar foi preenchido por gritos de guerra cortantes. Os voluntários se reuniram na praça central. Delirando e sonhando com a grande pilhagem, setenta muçulmanos vieram de Meca se voluntariar. Para a surpresa de todos, mais de duzentos homens entre os convertidos de Medina estavam ali.

Ali veio correndo com um olhar exultante.

— Os soldados estão brotando como trigos semeados pelas mãos de Deus.

Pela primeira vez, os fiéis tinham mais do que devoção a seu lado.

Eles tinham uma multidão.

Tolos sonhadores. Marcharam para fora de Medina como jovens nômades fingindo fazer parte de um exército romano (apesar de alguém jamais ter visto romanos, que podiam ser apenas deuses invisíveis, pelo que sabíamos). As mulheres se enfileiraram nos portões entoando gritos de guerra beduínos para fortalecer os homens durante a batalha. Permaneci em meu quarto, deitada no escuro, com um travesseiro pressionado no rosto, mas ouvi os berros, que pareciam mais de animais selvagens.

Como somos tolos em acreditar que somos donos de nossos atos, quando na verdade somos todos movidos por Deus! Ele começou a brincar de gato e rato, sem nos dizer que lado era o gato. Abu Sufyan tinha bons espiões, e um deles, quando viu os homens marcharem para fora de Medina, correu até a caravana e o avisou sobre a emboscada em Badr. Abu Sufyan era astuto e inteligente. Imediatamente desviou em direção ao mar a rota da caravana, esperando marchar ao redor de Badr e negociar a água com os nômades que controlavam as estradas costeiras. Ao mesmo tempo ele enviou um mensageiro a Meca.

O mensageiro causou pânico quando chegou à cidade. Rasgou a camisa e gritou histericamente.

— Comerciantes de Meca, prestem atenção! Suas mercadorias nunca mais chegarão. Maomé está roubando seu dinheiro e seus camelos. Prestem atenção ou estarão perdidos!

Uma menina nunca deve demonstrar quanto sabe sobre os meninos, ou as mulheres sobre os homens. Mas todos sabíamos que os habitantes de Meca não eram lutadores, somente durante os espetáculos. A batalha era uma dança na qual as negociações de paz precediam qualquer briga. A astúcia sempre vencia a espada. Mesmo assim, essa ameaça às suas riquezas enfureceu os coraixitas, e um dos principais inimigos de meu pai, Abu Jahl, impediu qualquer possibilidade de trégua. Ele rapidamente reuniu mil soldados para marchar até Badr.

— Quantos homens tem Maomé? — argumentou Abu Jahl. — Cinquenta? Cem?

De repente, cheio de coragem, o exército dos coraixitas partiu de Meca com o mesmo ar festivo e passando o odre de vinho de mão em mão enquanto nossos homens partiam de Medina. Deus fez ambos os lados acreditarem que eram o gato.

Quando meu pai e seus homens chegaram ao poço de Badr, não havia ninguém lá. Eles esperaram ansiosamente e, por fim, dois carregadores de água apareceram para encher os jarros. Eles foram capturados, amarrados e, então, levados a meu pai, depois de terem levado uma surra que soltou suas línguas.

— Onde está a caravana para a qual você está levando a água? — indagou ele.

Os dois carregadores de água ficaram confusos.

— Caravana? Vamos à frente do exército de Abu Jahl, que está a poucos dias daqui.

Os muçulmanos quase desistiram. Perceberam que não haveria nada para saquear, e pior: em vez de enfrentar trinta ou quarenta soldados que viajavam com a caravana do Sufyan, um exército sanguinário estava vindo atrás deles. Pela primeira vez, os mais sábios suspeitaram que Deus estivesse tramando algo misterioso. Ou era uma armadilha? Abu Bakr se levantou e argumentou que Deus queria uma batalha para resolver a ameaça dos coraixitas.

— Eles nos expulsaram da tribo, nos rotularam como um bando de traidores. — Abu Bakr apontou para o pai, que estava sentado em silêncio enquanto os chefes se reuniam numa assembleia. — Eles ridicularizam e zombam de nosso Profeta. Deus não pode aceitar essas maldades. Precisamos enfrentar e lutar.

O discurso de Abu Bakr animou os setenta muçulmanos de Meca. Para a surpresa de todos, os novos convertidos prometeram lutar e não se render. Só poucos votaram a favor de retornar para casa em Medina, pois o objetivo deles era saquear a caravana, e não guerrear.

Meu pai agradeceu a seus homens e se retirou para a tenda. Até aquele momento, Deus nunca havia lhe pedido que liderasse um exército. Ele se sentiu terrivelmente culpado por ser a pessoa

responsável pela vida de tantos. Por outro lado, sabia que Deus o guiaria.

Quando Abu Jahl chegou ao topo da última duna e avistou o oásis de Badr, não viu nenhuma força muçulmana. Eles haviam acampado em outro lugar, e vários coraixitas ficaram aliviados. Receberam a notícia de que suas mercadorias estavam seguras; a caravana se encontrava fora do alcance de Maomé. Como eram grandes devotos do dinheiro, não viram razão para lutar, já que o deus deles estava seguro. O bando voltou para Meca, incluindo alguns membros do clã dos Hashim e outros que estavam ansiosos com a possibilidade de ter que lutar contra parentes e amigos. A nova fé não transformara um primo num estranho.

O jogo de Deus era mais profundo do que os laços de sangue. Abu Jahl tinha ambições violentas. Ele já era poderoso, mas, ao salvar a caravana de seu rival, Abu Sufyan, ele havia realizado um grande golpe. Logo a notícia de que Sufyan era o protetor dos coraixitas e amado pelos deuses estava na boca de cada poeta nômade e se espalhava pela Arábia. A única tática que superaria isso era se Abu Jahl vencesse os muçulmanos e fizesse o Profeta se render. Ele era a favor da guerra, e com relutância os chefes do clã concordaram em ficar.

Todos beberam vinho em suas tendas para acalmar os nervos enquanto um batedor chamado Umayr subiu ao topo da duna para espionar o campo muçulmano. Umayr retornou pálido e com expressão de espanto. Em vez de setenta ou cem homens, Maomé havia reunido três vezes mais homens. Os habitantes de Meca começaram ansiosamente a murmurar. Abu Jahl continuou com sua teimosia, lembrando que o exército dos coraixitas era duas, quase três vezes maior, mesmo depois de alguns terem desertado.

— Vi os rostos desses muçulmanos — retrucou Umayr. — Eles estão dispostos a lutar até a morte. Irão nos matar antes que possamos matá-los.

Abu Jahl desprezou publicamente essa predição. No fundo do coração, percebeu que o velho ritual beduíno de brigar e discutir havia terminado. Esse novo inimigo estava pronto para lutar, e não negociar. Havia também outra coisa que só ele e os chefes compreendiam. Meu pai

havia tomado conta do vale e cercado os poços. Sem água, os coraixitas não tinham escolha a não ser lutar, mesmo que fossem forçados a subir a colina defronte ao sol para se posicionar. Como os deuses haviam feito isso com eles?

Eles tinham uma esperança para evitar uma carnificina em massa. Todas as batalhas árabes começavam com um único combate. Três homens de cada lado, escolhidos entre os melhores do exército, combatiam corpo a corpo antes de as forças atacarem. Normalmente isso era o suficiente para resolver a rixa; senão, Abu Jahl tinha confiança de que seus três campeões matariam os outros três e amedrontariam os inimigos.

Sei que você está pensando como uma mulher pode falar desses assuntos, mas tenho que contar que meu maior medo se tornou realidade. Ali estava entre os escolhidos para lutar corpo a corpo. Ele cavalejou pela manhã com sua espada e o mesmo escudo que trouxera seu amor para meu leito. Assim que deram o sinal para a luta começar, ele se arrojou e, em questão de segundos, fincou a lâmina no corpo de Walid ibn Utba.

Chorei quando ele me contou o que estou lhe contando agora.

— Deus segurou minha mão e golpeou o inimigo — disse Ali.

O homem que ele havia assassinado era um archi-inimigo da fé e o filho de Utba, cujo ódio era ainda maior.

Será que um único golpe pode decidir uma batalha? Talvez nesse caso tenha sido assim, pois todos os três campeões coraixitas foram mortos e só um muçulmano foi ferido e depois morreu. Os dois exércitos tinham que se empenhar em combate. Abu Jahl sabia que ele ainda tinha mais do que dois lutadores para cada muçulmano. Mas meu pai sofreu uma grande transformação. Durante a noite, Deus lhe ensinou como guerrear. Ele revelou que os muçulmanos deveriam formar uma faixa coesa e atirar uma chuva de flechas sobre os coraixitas enquanto eles tropeçavam morro abaixo, ofuscados pelo sol em seus olhos. Somente no último momento, quando o inimigo estivesse próximo, os muçulmanos deveriam soltar os arcos e atacar com as espadas.

Abu Jahl não conhecia esse tipo de tática de guerra. Ele havia lutado no deserto anteriormente. Mesmo nos combates mais violentos, cada guerreiro lutava só, e não havia nenhuma tática; era sempre uma disputa tão desorganizada quanto uma guerra de lama de crianças. Os homens foram derrubados por uma chuva de flechas. Eles tentaram cambalear para a frente, e outra chuva de flechas os atingiu. Agrupados numa massa humana, os muçulmanos atacaram. Em pânico, os coraixitas largaram as armas e correram. A batalha terminou antes de o sol se pôr. Quando começaram a contar os inimigos mortos, muitos eram chefes de tribo, e um deles era o próprio Abu Jahl.

Imediatamente os vitoriosos começaram a reunir os feridos para abatê-los, mas Deus enviou uma mensagem a meu pai para que nenhum deles fosse morto. Bastava levá-los de volta a Medina e aprisioná-los em troca de um resgate. Ele acabou com a pilhagem desenfreada de camelos e armas dos inimigos, decretando que os bens saqueados deveriam ser distribuídos de maneira uniforme entre todos os membros dos clãs que haviam lutado com tanta coragem.

— Foi um dia feliz — disse eu calmamente.

Pelo menos meu Ali sobreviveu, o que já era razão para me alegrar. Até a próxima vez.

Ele entendeu por que eu estava tão séria.

— Minha querida esposa, seu pai não estava exultando. Ele sabia que os coraixitas agora tinham ainda mais razão para se vingar e para realizar mais ataques. Ninguém poderia confundir as lágrimas de seu rosto com lágrimas de alegria.

O Profeta havia previsto as repercussões. Alá o havia testado com ansiedade, dúvida e carnificina. Só então revelou quem era o gato e quem era o rato. Deus, que é onipotente e onisciente, planejou cada movimento para ambos os lados. Só Ele sabia o que era necessário para o fiel vencer. Por isso, nada menos do que a obediência total a Ele será aceita. Sem isso, o inimigo nunca demonstraria piedade. Se meu pai não tivesse prestado atenção a cada revelação de forma literal, a vitória de Badr teria significado o fim dos muçulmanos.

— Você ouviu falar dos anjos? — perguntou Ali.

No momento de empolgação pela vitória, os soldados espalharam o boato de que um grupo de anjos apareceu sobre suas cabeças enquanto lutavam, indicando que Alá estava do lado deles. Quando meu pai ouviu dizer que o anjo Gabriel também havia se juntado a eles, assentiu e sorriu.

— Você acredita nisso? — perguntei a Ali.

Eu não tinha ideia de qual seria sua resposta; sabia o que o antigo Ali teria dito antes de partir. Ele teria revelado suas dúvidas. O novo Ali voltou, e algo nele havia mudado: tinha um ar estranho.

— Os anjos são bons para as tropas — respondeu. — Nenhum deles fugiu, mesmo sabendo que o exército inimigo era mais numeroso. Só Deus pode fazer um homem lutar sob essas condições. Alá nos revelou como sobreviveríamos.

Senti um aperto no coração.

— Por meio de uma guerra?

Ali fez que não.

— Não somente uma guerra. Uma guerra santa.

Ele usou uma palavra bem peculiar e nova para mim: *jihad*.

IBN UBAYY, O HIPÓCRITA

Enquanto caminhava pelas ruas de Medina, o mesmo pensamento me atormentava. Nasci para governar. Não mais. Agora tudo era Maomé. Quando sorrio, todos sorriem de volta. Sou respeitado, exatamente como era antes. Ninguém percebe como minha cabeça gira e gira.

Além de mim, só confio em um dos últimos chefes da tribo dos Khazraj. Digo a ele:

— O Profeta criou o paraíso. Use a imaginação. Tudo está à nossa volta.

Ele não é imune a ironia.

— Logo os camelos expelirão maná. Cuidado para não pisar num deles.

Quanto tempo levou para eu perder tudo? Quatro curtos anos. Naquela época, a existência dos muçulmanos estava por um fio. Eu estava em plena ascensão, porque as tribos que guerreavam na cidade me procuraram para ajudá-los a fazer a paz. Os judeus estavam prontos para forjar uma aliança com os árabes. Se conseguisse acabar com as infundáveis rixas sanguinárias, eu me tornaria o chefe dos chefes. Alguns até aventaram uma palavra ousada: *Ubayy, o rei*.

— A mesquita — diz meu companheiro, cautelosamente apontando adiante. Vamos rezar, nós dois. Não é seguro falar mal do Profeta tão perto da mesquita.

Sei que você vai rir de mim. Ibn Ubayy se tornou muçulmano? Você não está entendendo. A conversão é uma forma de poder. O Deus de Maomé derrubou os deuses da Arábia. Sobram só os farelos para serem varridos.

Lembro o dia, há dois anos, quando os guerreiros voltaram de Badr. Estávamos esperando perto das muralhas da cidade, prontos para contemplar a fileira de soldados trazendo mortos e feridos. Não conseguimos acreditar quando avistamos o corpo de Abu Jahl numa maca ensanguentada sendo puxado por uma mula. O tempo deu uma virada naquele dia. Senti um frio na espinha. Se Deus era capaz de esmagar os habitantes de Meca com um punhado de soldados, qualquer coisa era possível. Seis meses mais tarde, eu estava na mesquita, rezando.

Quando nos aproximamos da porta para rezar, meu companheiro olhou, nervoso, à nossa volta. Tivemos sorte naquela manhã. Ninguém nos atacou ou cuspiu em nossos pés. Alguns murmuram, rogando uma praga. *Munafiq*... “hipócrita”. Escutei, mas abaixei a cabeça com humildade. Não é isso que Deus ordena aos fiéis para fazer: submeter-se?

Ajoelhado no espaço escuro e tranquilo onde a palavra do Profeta é lei, eu me senti só. No passado, eu carregava meu povo como um manto, envolto próximo a mim. Levantei lentamente, mantendo uma vigilância cautelosa. A ambição não é uma bandeira que se carrega pelas ruas da cidade; é uma escada alta que permite roubar todas as frutas da árvore, de preferência à noite. Maomé entende isso, e eu também.

Durante a oração, há centenas de homens a meu redor. E, enquanto rezamos em voz baixa a Alá, uma agitação atravessa a multidão. As pessoas olham de relance para os lados. O Profeta havia chegado. Ninguém precisa dizer nada: sua presença é o suficiente.

Como sou ousado, levanto a cabeça quando ele passa. A idade não afetou sua postura, deixando-o curvado ou com ar de cansado. Por que deixaria? Ele é o vencedor. Seu manto é branco resplandecente; ele faz uma bênção com um aceno de mão. Meia dúzia de guarda-costas forma

um escudo à sua volta, mas através das frestas Maomé me espia e franze levemente as sobrancelhas. Não sou o único hipócrita nesse paraíso. Na realidade, fazemos parte de um grupo — o grupo de árabes que abraçou a nova religião porque não tinha outra escolha. Não podia mudar meu jeito de ser para satisfazer o Profeta. Ele diz que sou como um espinho em seu caminho.

Uma vez eu o desafiei, e ele ficou tão zangado que nem conseguiu falar.

— Não me dê as costas — disse eu. — Me abrace. Sou eu que você deve salvar.

— Primeiro você tem que abrir os olhos para Deus — respondeu ele.

— É por isso que há tantas pessoas na rua deitadas com os olhos fechados? — retruquei. — Ou é porque elas estão mortas?

Parti, contendo minha raiva, mas minha língua me traiu. Meus primos me ouviram.

— É nisso que dá trazer estranhos para casa.

Até então não chegou nenhuma mensagem de Deus dizendo para eu desaparecer, do jeito que tantos haviam desaparecido. Refiro-me aos judeus. Quando Maomé chegou, tínhamos três tribos de judeus em Medina. Se eles não tivessem plantado a semente de um único Deus, Maomé nunca teria vindo para cá. Os judeus fizeram um jardim no deserto para ele. Um dia, eu era o defensor dos judeus, o juiz que traria paz entre todas as tribos. No dia seguinte, quando acordei, as portas haviam se fechado em minha cara. Maomé se tornara o juiz dos judeus; ele era o responsável pela paz.

A maré virou contra os judeus. As pessoas começaram a espalhar uma história que podia ser verdade. Um dia, uma muçulmana foi ao mercado no bairro judeu. Os vendedores das barracas gritaram: “Mostre seu rosto. Qual é o problema, você é tão feia assim?” Eles estavam acostumados a comer com os olhos, e as muçulmanas usam o véu.

Naquele dia, um ourives agarrou a mulher e arrancou suas roupas, deixando seu rosto exposto; ele a atirou no chão, e, quando voltou a si, ela estava nua. Um muçulmano que ouviu o alvoroço correu até o local e

matou o ourives a facadas; depois, os comerciantes judeus o mataram, desencadeando uma rixa sanguinária.

Maomé sitiou o bairro judeu, e depois de quinze dias a tribo dominante, dos Qaynuqa, se rendeu. Percebendo que setecentos judeus armados poderiam ser convocados para lutar contra ele, o Profeta percebeu o perigo iminente. Ele expulsou os Qaynuqa de Medina. Como os judeus se sentem agora catando migalhas para sobreviver numa terra árida em vilarejos longínquos?

Fui procurar Maomé para defender a causa dos judeus.

— Antes de você vir a Medina, enfrentávamos batalhas violentas — declarei. — Numa só batalha os líderes de ambos os lados foram massacrados, e só me salvei porque os judeus da tribo dos Qaynuqa me defenderam. Eles são fortes, podem ajudá-lo e defendê-lo quando o exército de Meca chegar à cidade.

Maomé acabava de voltar de Badr, e não era o momento adequado para falar sobre esse assunto. Ele estava com o ego inflado pela arrogância da vitória. Por que ele precisaria de guerreiros judeus? Eles é que eram o verdadeiro espinho em seu caminho, não eu. O bairro dos judeus em Medina parecia mais uma ameixa madura pronta para o Profeta colher. Ele confiscou as propriedades dos Qaynuqa e as dividiu entre os fiéis.

Daquele dia em diante, fiquei conhecido como “o hipócrita”. Que nome eu deveria dar de oferta ao Profeta? Em seguida, a segunda tribo de judeus foi expulsa. E os membros da terceira tribo foram chamados de traidores por terem tomado o partido dos árabes de Meca. Será que era verdade? Eles eram comerciantes. O ganha-pão dos judeus dependia do próspero e grande mercado de Meca. Talvez o objetivo de vida dos judeus seja dar continuidade ao que foi iniciado por seus pais e avós. Talvez eles tenham tido azar, tramaram contra os muçulmanos e perderam. De repente, as cabeças começaram a rolar. Os traidores deveriam ser executados; suas esposas e crianças deveriam ser vendidas como escravas. Fiquei horrorizado.

Ninguém podia dizer se fora o Profeta que havia ordenado tamanho

ultraje. Ele simplesmente fez vista grossa. Foi o mínimo que ele fez, e estou aqui para lembrá-lo disso.

— Estou estudando o Alcorão — digo a ele. — Não está escrito que o islã concorda com o que veio antes?

Maomé faz que sim.

— O Alcorão não diz que Deus enviou o Torá e depois disso os evangelhos? Vejo aqui uma sura que compara Jesus a Adão, pois eles eram os únicos homens que não tinham pais humanos.

Maomé faz que sim novamente, sem demonstrar o que sente com relação a mim.

Continuo:

— E mesmo assim você expulsa os judeus e os chama de inimigos e traidores. Por favor, me explique essa confusão, caro senhor. Eles também não são povos do Livro?

Digo tudo isso publicamente, e o círculo que está sempre à sua volta expressa seu desconforto. Por um segundo, os olhos do Profeta brilham. Será que ele está querendo dizer *Se você me ama, então arranque o espinho?*

Em voz alta, ele fala com calma e tolerância:

— Deus é Todo-Poderoso. Ele tudo vê e tudo sabe: sabe quem são aqueles que se opõem a Ele, e estes terão que pagar o preço. Quando uma pessoa se opõe à fé, seu coração está contra Deus, mesmo que seus lábios pronunciem as palavras do Livro.

Seu círculo de devotos murmurou quando ouviu sua sábia resposta. Eu me considerei sortudo de ter saído apenas com uma ameaça velada. Seja qual for a opinião que as pessoas têm de mim, estou sempre em estado de alerta. O dia que previ finalmente chegou. Um ano depois de Badr, os coraixitas criaram um novo exército e marcharam em nossa direção. Dessa vez, as forças inimigas eram maiores e mais bem-equipadas. O brilho resplandecente de suas espadas atraiu os pássaros a quilômetros de distância. Os inimigos tinham sede de vingança. Eles não haviam esquecido Abu Jahl e os parentes mortos durante a batalha. Maomé reuniu o conselho, e, como todos os chefes estavam presentes, ele não podia me excluir.

O Profeta foi o primeiro a se pronunciar:

— Não deveríamos marchar em direção ao exército coraixita. É melhor defender a cidade dentro de suas muralhas.

Como o exército inimigo era mais numeroso, concordei com ele. Os muçulmanos jovens e impacientes não gostaram do plano. Não queriam ficar em casa, sentados, esperando como as mulheres; eles clamavam pela guerra, o que significaria marchar em direção ao campo de batalha. Achavam que, como Alá havia nos concedido anteriormente a vitória, ele nos protegeria mais uma vez.

Maomé esperava que os outros o apoiassem, e assim fizeram os chefes mais velhos. Mas o clamor pela batalha foi mais forte. Dois dias mais tarde, um exército com setecentos homens partiu da cidade. Cavalguei ao lado do Profeta, e sabíamos que três mil coraixitas nos esperavam.

As muralhas de Medina ainda podiam ser vistas atrás de nós, quando Maomé se virou e, com olhar furioso, perguntou.

— Quem são esses aí? — Apontava para um pequeno grupo de soldados. Quando eu disse que era um grupo de judeus e que eram um de meus maiores aliados, Maomé exclamou: — Voltem para a cidade! Todos vocês. Lutaremos sem vocês hoje.

Fiquei estupefato, mas minha cabeça não parava de funcionar. Se o exército do Profeta vencesse, eu estaria excluído do milagre de Deus. Se fosse derrotado, a culpa recairia sobre mim.

— Quero estar a seu lado — disse eu. Não porque era o que eu realmente queria, mas eu precisava de outro sinal de sua verdadeira motivação.

A voz de Maomé se abrandou:

— Você não será acusado de nada. Minha vontade já foi desobedecida.

De repente entendi o que se passava em sua cabeça. Ele queria mais forças para defender a cidade dentro de suas muralhas. Éramos o que restava para pôr o plano em prática. Levantei a mão e assobieei. Meus tenentes pareciam confusos, mas quando apontei para os portões da cidade, eles repassaram a ordem, e partimos em retirada de volta a

Medina.

Meus homens foram vistos indo embora, mas nem todos. Eu soube por um de meus espiões que os dois exércitos haviam se avistado na primeira noite. Maomé escolheu o melhor local para fazer acampamento, do lado de uma montanha alta conhecida como Uhud. Essa montanha íngreme impediria que as tropas fossem cercadas. Maomé estava em posição vantajosa, a não ser que seus flancos cedessem. Nesse caso, seus homens ficariam expostos e encurralados.

Daquele lado da montanha, Maomé avistou o exército inimigo, que era três vezes maior. Ele não se alarmou, pois acreditava no poder da fé. Se fosse outra guerra qualquer, os muçulmanos perderiam; porém, numa guerra santa, eles venceriam.

O exército dos coraixitas era liderado por Sufyan, o comerciante rico cuja caravana ficara em apuros antes da batalha de Badr. Ele era o homem mais rico entre os coraixitas, e seu dinheiro facilitou a compra de uma cavalaria enorme. Eles superavam a nossa numa proporção de cinquenta por um, com camelos blindados. Maomé ouviu, então, o canto das mulheres. Os coraixitas haviam trazido suas famílias. Eles não poderiam ser derrotados sem causar vergonha. Depois dessa notícia, meu espião não tinha mais nada para me informar. O amanhecer testemunharia a história.

No dia seguinte, ao meio-dia, um espião novo veio correndo, esbaforido.

— Alá inspirou o Profeta! Nada pode detê-lo!

Quando ele se acalmou, interroguei-o, e a notícia foi impressionante. Maomé, ciente de que precisava impedir que a cavalaria o cercasse, convocou cinquenta arqueiros e os posicionou em outra montanha mais baixa. Ele ordenou que eles arremessassem uma chuva de flechas em cima dos coraixitas. Eles não deveriam, de maneira nenhuma, se precipitar na batalha, nem que fosse para ajudar um parente ou para saquear o inimigo, caso ele estivesse perdendo.

O exército de Meca foi o primeiro a atacar. Para marcar território na encosta do monte Uhud, os muçulmanos arremessaram pedras enquanto

os arqueiros em seus flancos lançavam uma saraivada de flechas. Os coraixitas recuaram confusos. Na investida, o estandarte dos coraixitas caiu, e o porta-estandarte foi morto. Seu irmão correu em sua direção para içar novamente a bandeira. Ali tomou, então, a dianteira do exército muçulmano. Todos pararam. Afinal, esse era o herói da batalha de Badr. Ali desafiou o novo porta-estandarte a duelar e o matou com um único golpe.

O outro irmão do porta-estandarte apareceu para recuperar a bandeira, mas também foi morto num combate corpo a corpo, seguido por seu filho. Seus corpos compunham uma cena deplorável. Os duelos haviam arrasado o moral dos coraixitas, e Sufyan não tinha como levantá-la. As canções de guerra entoadas pelas mulheres e o tilintar dos sinos não eram suficientes para incitar o exército.

— Você viu a vitória? — perguntei a meu espião.

— Não, senhor. Corri para informá-lo, já que a vitória estava praticamente certa. Alá inspirou o Profeta.

Eu o mandei embora. Basta! Meus homens, aqueles que estavam defendendo as muralhas da cidade, estavam posicionados, tensos, esperando. Nenhuma mulher cantou para eles. Eles estavam aterrorizados. Eu poderia ter lhes contado a boa notícia. Em vez disso, fui para casa para refletir sobre o destino. A primeira vez que Maomé chegou, triunfante, a Medina, usurpou meu poder.

Dessa vez, quando ele me acusar de ter fugido do campo de batalha, vai me matar.

Num estado de exaustão, caí num sono conturbado. Acordei com uma batida na porta e ouvi um de meus espiões gritar de alegria. *Será este meu fim? Será que todos os deuses me abandonaram?*, pensei. Mas abri a porta e exclamei:

— Alá seja louvado!

Vi o rosto pálido do homem com rastros de lágrimas em meio à sujeira.

— Eles perderam! — gritou, caindo de joelhos ao chão.

Não esperei os detalhes. Se Maomé tivesse sido derrotado, isso

significava que três mil coraixitas, com sede de vingança, tomariam conta de Medina. Fui até o baluarte para reforçar meus homens, incluindo meninos e mulheres, que poderiam atirar pedras e jogar água fervendo nos inimigos que tentassem subir as muralhas da cidade.

É estranho quando se está prestes a morrer e não se sabe para quem rezar. Meus homens eram pessoas simples: rezavam para Alá com fervor em seus corações. Poucos olhavam para o céu em vez de se inclinar para a terra. Imagino que estivessem rezando para os deuses de seus ancestrais. Quanto a mim, não rezaria até o momento em que uma espada coraixita fincasse meu peito. Nesse momento eu saberia com clareza qual dos deuses iria me querer. E mesmo assim o ataque nunca aconteceu.

Antes do anoitecer, um cavaleiro apareceu no horizonte. Dei ordem para abrirem os portões. Uma vez à minha frente, ele me contou uma história em que mal pude acreditar. Os muçulmanos haviam vencido a batalha de Uhud. Eles mataram a coragem do inimigo, e, para salvar os que foram abatidos, os coraixitas partiram do campo de batalha.

Quando perceberam que o espólio de guerra estava a seu alcance, os arqueiros não resistiram. Desobedeceram às ordens de Maomé, deixaram seus postos para saquear as tendas dos inimigos e roubar os camelos.

Um dos chefes do exército inimigo, Khalid, o filho de Walid, liderava a cavalaria. Ele imediatamente identificou a abertura e mandou suas tropas atacarem o flanco muçulmano que ficara exposto. De repente, o peso esmagador do exército inimigo derrubou os muçulmanos. Eles foram cercados, e a única maneira de escapar era partir em retirada para o topo da montanha, do lado de Uhud. Na confusão, o Profeta foi atacado e quase morto, mas seus homens o acudiram e o levaram, gravemente ferido, para um lugar seguro.

Era o fim. Só o que os coraixitas tinham a fazer era perseguir os muçulmanos. Mas inexplicavelmente eles não se apressaram. Os coraixitas permitiram que Maomé e seu exército escapassem.

Surpreso, perguntei:

— Onde eles estão agora?

— A caminho de casa — respondeu o cavaleiro, ainda esbaforido de cansaço e pesar. — Você está vendo a poeira? — Ele apontou para o horizonte, onde uma linha marrom-escura pincelava o ar.

— Eles estão correndo e os coraixitas estão atrás?

Ele fez que não.

— O inimigo continua em seu acampamento. Ninguém está nos perseguindo.

Como era possível? Talvez Alá realmente estivesse do lado do Profeta e tivesse perturbado a mente dos inimigos. Talvez Sufyan estivesse agindo mais como um comerciante do que como um general. Ele não queria que Medina se tornasse uma fortaleza inimiga e que nunca mais fizesse negócios com ele. Qualquer que fosse a razão, a nuvem de poeira se expandiu até cobrir o céu. Envolto pela nuvem, estava o exército muçulmano, que carregava o Profeta ferido de volta para casa.

Será que eu deveria agir e retomar o poder? Era o que eu desejava, mas minha mão se mantinha imóvel. Muitos já haviam se convertido ao islã. Eles não seguirão um infiel. E tem mais. O Deus de Maomé realmente impediu que a cidade fosse atacada. E foi com uma derrota inegável.

Pedi uma audiência com o Profeta ferido para ver com meus próprios olhos se ele realmente estava vivo ou a ponto de morrer. Tive que esperar dois dias até permitirem que eu entrasse em seu aposento, e nesse momento ele estava sentado, envolto em curativos. Estava fraco, mas pronto para recuperar suas forças.

— O que aconteceu? — perguntei com o rosto colado no chão com medo de que ele percebesse algo em meus olhos que eu não queria que ele visse.

— Eles desobedeceram a Deus — disse ele, furioso. — Pararam de lutar por Ele.

— Foi Deus quem lhe disse isso?

— Ele não precisou me dizer. Qualquer um que não esteja lutando por Deus já está derrotado.

Senti Maomé estender o braço e levantar meu rosto do chão.

— Incluindo você — falou. — Eu perderia qualquer batalha para obter uma grande alma.

Essas palavras não me saem da cabeça. Com a metade de meu coração louvo, sinceramente, Alá. Não sou, como se supõe, completamente hipócrita. Com a outra metade de meu coração, temo Alá. Talvez Ele seja onisciente e onipotente. Ou simplesmente mais astuto do que se imagina.

UMAR, O COMPANHEIRO LEAL

Não houve mais trégua. Escaramuças, estratégias, assaltos e ataques. A luta nos exauria. Um dia recebemos a notícia de que o inimigo implacável de Meca, Abu Sufyan, havia se apossado dos lucros de uma caravana toda para comprar armas e mercenários.

O cerco estava se fechando. No dia seguinte, ouvimos dizer que a fortaleza da montanha de Tarif resistiria ao islã até o último homem. A Síria, contaminada pelas mentiras sobre o Profeta, rejeitou o acordo de paz. Os chefes beduínos localizados na costa se afastaram de nós e se deslocaram para o lado dos habitantes de Meca como as ondas na praia.

E mesmo assim ele continua. Uma revelação recente chegou a seus lábios:

— Alá não exige de uma alma nada além de seus limites.

Sou *sahabi*, um dos companheiros que está ao lado do Profeta desde o início. Ninguém fica de olho nele tão de perto quanto eu. Apesar de nossa proximidade, ele não me conta seus segredos. Esperamos por um sinal, como se estivéssemos observando um leão que parece estar dormindo e se contrai ligeiramente antes de dar o pulo. Há uns meses, assaltos, assassinatos e traições cessaram. Um dia encontrei o Profeta ajoelhado em seu jardim. Inicialmente, recuei para não interromper sua oração, mas ele ergueu os olhos e acenou para me aproximar.

— Veja só — disse ele, apontando para o chão.

Havia um formigueiro à sua frente. Com cuidado, o Profeta pôs uma bolinha de pão do lado do formigueiro. No início, só uma ou duas formigas vieram explorar. Elas tocaram o pão com suas antenas, depois voltaram correndo para o formigueiro. Depois, dezenas de formigas foram aparecendo para pegar o pedaço de comida. Devo admitir que não achei nada de extraordinário. O Profeta, então, sacudiu um graveto e gentilmente empurrou as formigas dali. Toda vez que ele repetia o movimento, mais formigas apareciam para completar as lacunas da fileira.

— Nossa situação é a mesma — murmurou. Não importa quantos inimigos expulsemos, mais virão atrás de nós. — Ele inclinou a cabeça em minha direção, de um jeito brincalhão. — O que você faria em meu lugar? Os fiéis não podem ficar eternamente enfrentando os ataques.

— Quer que eu lhe mostre? — perguntei.

Ele fez que sim. Com a sandália, chutei o formigueiro, que desmoronou. Pisoteei a terra, aplanando o chão, e o formigueiro sumiu. As formigas em volta do pedaço de pão se dispersaram confusas.

— Se Deus quer que lutemos contra nossos inimigos, Ele quer que os esmaguemos. Temos que preparar um ataque em massa — disse eu. — Todos os muçulmanos devem se unir para lutar. Se não fizermos nada, os coraixitas reunirão mais aliados, como moscas num pedaço de carne podre.

Ouvimos dizer que as tribos poderosas tinham sido compradas pelos habitantes de Meca com a promessa de grandes saques. As tribos de judeus banidas continuavam negociando com nossos inimigos e alimentando uma mágoa malévola.

O Profeta apanhou uma formiga e, com a ponta do dedo, examinou-a.

— Amanhã, mais formigas aparecerão. É impossível matar todas elas.

— Posso matar o suficiente. Posso matar até Alá me mandar parar.

Eu estava furioso, mas o Profeta contemplava com tristeza o formigueiro destruído.

— Deus tem uma ideia melhor — murmurou.

— Melhor do que a vitória derradeira?

O Profeta se virou e voltou para casa. É isso o que quero dizer sobre obter um sinal a respeito do que se passa em sua mente. Quando se olha de relance, tudo está velado. A curto prazo, tudo se passou como fora previsto, mas era Meca que armava um ataque em massa, não nós. Isso aconteceu na primavera, dois anos antes da batalha de Uhud.

Naquela época, os coraixitas estavam preparando um longo cerco em torno de Medina. Ouvimos dizer que havia uma infantaria de dez mil soldados liderados por uma cavalaria de seiscentos homens. Nosso exército era um terço menor. Os muçulmanos corajosos foram para a cama e logo acordaram, porque ouviram o trote dos cavalos em seus pesadelos.

Meu pesadelo também era horripilante, porém mais real. Quando fomos derrotados na batalha de Uhud, precisei reunir todas as forças para levar o Profeta ferido para um lugar seguro, longe do campo de batalha. Mantendo a retaguarda, olhei de soslaio para trás. Com gritos de guerra estridentes, os guerreiros se lançavam no campo de batalha ensanguentado, desfigurando e mutilando os que haviam caído durante a batalha. Eram abutres humanos, e o líder não era um selvagem, e sim Hind, a esposa de Sufyan. Eu me pergunto se ela havia nos espionado, porque seu rosto era como o de um demônio. Vi-a erguer uma lâmina pequena e curva, e quando ela abaixou o braço um muçulmano perdeu o nariz e as orelhas. Enojado, virei o rosto e parti galopando. Mais tarde ouvi dizer que algumas mulheres voltaram para Meca exibindo colares com pedaços de corpos de mortos e moribundos.

Depois da derrota, os boatos se espalharam pela cidade. O Profeta fez o que pôde para apaziguar as rixas dos chefes das tribos. Uma facção queria punir os jovens guerreiros incautos que haviam ignorado os planos do Profeta para defender Medina. A aversão era ainda maior pelos arqueiros que haviam abandonado seus postos para saquear o campo inimigo. Mas o Profeta disse tranquilamente:

— Tudo que é bom provém de Alá. Tudo que é ruim é minha culpa.

Sua humildade influenciou os chefes das tribos, apesar de o sangue continuar sendo derramado entre os clãs, à noite, nas ruelas de Medina.

Reunimo-nos num conselho para discutir como enfrentar o enorme exército que estava a caminho. Os espiões que haviam cavalgado à frente nos avisaram que só tínhamos uma semana para nos preparar. A pior confusão é aquela causada pelo pânico. O Profeta permanecia sentado, em silêncio, enquanto os chefes destruíam os planos uns dos outros. Um dos lados exclamou aos gritos que eles haviam vencido a batalha de Badr porque atacaram o inimigo de frente e confiaram em Alá. Uma das facções pacatas e cautelosas alegou que, se eles tivessem permanecido em Medina para defendê-la por dentro, teriam evitado a humilhação da derrota de Uhud. O Profeta se dirigiu para a facção pacata e perguntou:

— Vocês não contam com Deus para garantir a vitória?

— Eu agradeceria a Deus se ele nos deixasse viver — murmurou um dos chefes.

O Profeta ficou sério.

— Onde está sua fé?

Ele estava ciente de que os habitantes da cidade estavam praticamente morrendo de fome. Recitadores vagaram pelas ruas entoando os versos do Alcorão para levantar o moral. As pessoas escutavam, mas continuavam tremendo de medo.

Levantei no meio da assembleia e disse:

— O Profeta nos ensinou que a fé é constituída por três partes. Uma está em nosso coração; a segunda, em nossas palavras; e a última, em nossas ações. Qualquer ação é sagrada. Portanto, esta deve ser uma batalha santa, não uma batalha motivada pelo medo. Devemos nos regozijar por ser testados.

Talvez eu tenha levantado o moral de alguns membros do grupo com minha ousadia. Mas todos sabíamos que a fé tinha uma quarta parte, que pertencia somente ao Profeta, o único homem que podia ouvir diretamente Deus. Esperamos nervosos, num silêncio murmurante. Então ele se levantou.

— Nossos inimigos lutam contra Deus, e por isso são antecipadamente derrotados. Como não estão cientes desse fato, reúnem um exército enorme e fútil. Mas dez mil homens cegos não são capazes

de derrotar um punhado que enxerga. Deixe-me, então, perguntar a vocês: o que veem? Se me disserem que o que veem é um exército inimigo infinitamente maior que o nosso, vocês não são tão cegos quanto eles?

Minhas palavras foram recebidas com uma mescla de confusão e descontentamento. Uma voz exclamou:

— Diga-nos o que vê.

O Profeta deu de ombros.

— Ontem fui passear no campo. Vi as montanhas, as rochas e as árvores, assim como vocês. Mas dessa vez Deus me mostrou com seus olhos, e me regoziquei. — Ele sorriu com felicidade. — Não é maravilhoso como Deus nos concede a vitória em Sua própria criação?

A assembleia parecia mais desnorteada do que nunca com suas palavras. Alguns dos *sahabi* que o conheciam bem perceberam que ele estava a ponto de desvelar um ensinamento.

— Alá é todo-piedoso. Ele não exige nada de nossas almas, exceto o que já havia plantado. — Maomé levantou a voz para silenciar o murmúrio dos duvidosos. — Eu lhes direi meu plano, mas não esqueçam o que digo. *Deus é todo-piedoso*. E isso vale mais do que a vitória, mais do que a própria vida.

Maomé explicou como as rochas, as montanhas e as árvores que ele tanto amava contemplar em seus passeios cercavam a cidade por três lados. Um exército não poderia marchar sem ser abatido; os cavalos não poderiam galopar sem perder a passada. Medina só tinha uma abertura, ao norte. Se pudéssemos impedir a entrada dos cavalos dos inimigos, eles perderiam a vantagem sobre nós. O vento sopraria a nosso favor, porque a infantaria coraixita sabia que, se houvesse um combate corpo a corpo, um muçulmano protegido pela fé valia mais do que três mercenários lutando pelo espólio.

— Os cavalos de guerra dos inimigos já presenciaram carnificinas. Eles não iriam fugir por causa do brilho do aço ou do confronto de espadas — disse o Profeta. — Então temos que preparar algo que eles nunca tenham visto. Somente o desconhecido pode assustar um cavalo

de guerra.

Nesse momento, todos os membros da assembleia ficaram calados e prestaram atenção a cada palavra que Maomé pronunciava. Acho que Deus não gosta de criar suspense, e, se essa era a intenção do Profeta, isso era um pequeno pecado.

— O que precisamos é de simplicidade. Pelo que se sabe, há muitos anos os persas aterrorizavam os inimigos cavando trincheiras fundas nas linhas do fronte. Se os muros forem bem íngremes, nenhum cavalo saltará uma trincheira dessas. Eles se deterão abruptamente em pânico. Nós nos defenderemos do ataque, lutando atrás das trincheiras.

Essa estratégia foi explicada com tal destreza que ninguém se deu conta de quão trabalhoso seria cavar uma vala mais funda do que a altura de um cavalo, mesmo que fosse só no trecho ao norte da cidade. O exército inimigo chegaria em sete dias, o que significava que só tínhamos seis para preparar as fortificações.

Tenho que admitir que esses seis dias foram os mais nobres de minha vida. Os habitantes de Medina, unidos, cavaram dia e noite. Cada criança recebeu uma espada para trabalhar ao lado do pai. As mulheres carregavam a terra com suas cestas e se alternavam para levar comida e água. Até o Profeta foi visto cavando com a roupa branca toda suja de terra e o rosto coberto de poeira, incitando seus homens a cavar até os braços ficarem ardendo e tremendo de exaustão.

Enquanto eu acabava com minha coluna, meu coração repetia as palavras animadoras proferidas por Deus em seu Livro:

*Veja, juro pelo arrebol do crepúsculo,
E pela noite e tudo que ela amortalha,
E pela lua quando está cheia,
Tu transcenderás cada vez mais para um mundo superior.*

Não era isso o que eu estava fazendo agora? Aos olhos mortais, eu não passava de um soldado suado, espremido numa vala ao lado de outros mil soldados. Mesmo assim, minha alma se esforçava para

alcançar esse mundo superior. Não existe nada mais poderoso para motivar um homem a avançar. Quando caí na cama aquela noite, sonhei com o Paraíso. Os pesadelos horripilantes das mulheres mutilando os corpos dos soldados abatidos haviam cessado.

O Profeta inspecionou o trabalho, mandando novos substitutos quando uma parte da trincheira estava atrasada. A audácia dessa tarefa o deixava feliz.

Lendas sobre o Profeta começaram a circular, e me lembro de uma. O Profeta tem uma tropa grande de cavalos que ele adora. Como nasceu no deserto, ele cresceu entre os beduínos, que à noite levavam suas éguas favoritas para dentro de suas tendas, com medo de que os bandidos as roubassem enquanto dormiam.

Um dia o Profeta levou seus cavalos para longe, no deserto, e sem água. A distância, ele avistou um oásis. Os animais estavam muito sedentos e dispararam galopando. O Profeta só observava enquanto eles se afastavam. Quando estavam perto da água, Maomé se levantou no estribo e deu um assobio agudo, sinalizando para voltarem.

A maioria dos cavalos ignorou o assobio, mas cinco éguas se viraram e voltaram. Essas foram as cinco escolhidas para a reprodução. Ele disse:

— Um cavalo pode correr mais se for chicoteado. Com disciplina, pode ser treinado para lutar numa batalha. Mas o que Deus valoriza é a completa lealdade, e isso só aparece quando a alma é submetida ao teste mais doloroso.

Você vê? Éramos como as éguas leais no momento do desespero, e é por isso que quanto mais bárbaro era o perigo, mais feliz ele ficava.

Finalmente o horizonte se encheu de pontos pretos que se aproximavam junto com uma fina camada marrom de poeira. Esses pontos foram obtendo forma humana, e em menos de um dia tropas de soldados a pé, cavalaria e lutadores montando camelos tomaram conta de nosso campo de visão. O cerco começou. Havíamos feito a colheita mais cedo para desnudar o solo de quaisquer relvas, dificultando o ataque dos invasores. O Profeta mandou todos os homens e jovens de mais de quinze anos se posicionarem na colina acima da trincheira. Ele

não permitiu que ninguém fosse para casa à noite; todos foram obrigados a rezar em voz alta e espalhar suas fogueiras numa longa fileira para que os coraixitas achassem que éramos mais numerosos do que eles.

O primeiro ataque pegou os inimigos de surpresa. Seus cavalos ficaram com medo de cair na trincheira, e, quando uns poucos fanáticos os forçaram a tentar saltar a trincheira, eles escorregaram e caíram se retorcendo e relinchando em pânico. Depois disso, não houve um segundo ataque. Por duas semanas nenhum dos dois lados se mexeu. Ali matou um dos líderes num duelo. Fora isso, só houve um ou dois feridos por dia. O Profeta, ao presenciar esses acontecimentos, deveria se sentir mais animado, mas passava o tempo sentado, em melancólica reflexão.

Fui até ele para animá-lo e para me animar. Nosso futuro dependia de seu estado de espírito.

— Como posso ser feliz? — indagou ele. — Deus nos concedeu tudo, mas Ele não pode mudar a condição humana. Não em uma semana, e entre os pecadores talvez nunca.

Ele suspeitava que existissem traidores e que quanto mais o cerco durasse, maior seria a tentação para hipócritas e céticos se virarem contra nós. A noite esfriou; a chuva acinzentou o céu. Fui enviado para uma missão secreta e retornei um dia depois com uma notícia nefasta.

— Eles encontraram traidores suficientes para nos atacar de dentro. Eu me arrastei pelo chão até uma distância de dezoito metros das tendas onde as negociações estavam sendo feitas. As pessoas já sabiam o que estava acontecendo. Espalharam-se boatos de que nossas mulheres e crianças estavam sendo raptadas durante a noite enquanto os homens se encontravam nas barricadas.

O Profeta ouvia enquanto eu expunha meu terrível relato. Os traidores principais eram os Banu Qurayza, a última tribo de judeus de Medina a realizar um pacto de paz com os muçulmanos. Os outros haviam sido expulsos.

O olhar do Profeta parecia perturbado.

— O que nossos inimigos estão dizendo para fazer os judeus nos

traírem? — Ele levantou a mão. — Não me diga. Qualquer mera palavra já seria o suficiente.

Ele sabia que os judeus banidos tinham se juntado a nossos inimigos. Poucos deles foram até os Qurayza e afirmaram categoricamente que um exército tão vasto não poderia resistir para sempre. Um dos emissários dos inimigos, um chefe poderoso de Khaybar, para onde vários judeus migraram a fim de recuperar suas fortunas, abriu ab-ruptamente a tenda do chefe dos Qurayza.

— O que você vê? — perguntou o emissário. — Nada além de nossas tropas, quilômetro após quilômetro. Porém, o capricho de apenas um homem — Maomé — seria o necessário para acabar com vocês, se seu Deus assim ordenar. Ele não prega que judeus e cristãos devem abandonar sua fé e se converter?

O emissário escolhera o veneno certo. Os Qurayza vacilaram. De que lado eles gostariam de estar quando Medina caísse? Até aquele momento, o pacto com o Profeta havia sido honrado por ambos os lados. Em retribuição por permanecerem neutros, os judeus que sobraram em Medina enviaram cestas com ferramentas para cavar as trincheiras.

Até então, o cerco havia se tornado uma guerra de nervos. Todos os dias os dois lados se defrontavam próximos o suficiente para trocar insultos, mas longe o suficiente para serem alcançados pelas flechas. A falta de comida afetou os dois acampamentos. A chuva e o frio carcomiam o moral. No momento mais tenso, recebemos notícias de que os Qurayza haviam rompido nosso tratado. Eles abriram o flanco no sul da cidade, que controlavam, e quando isso aconteceu as trincheiras do norte se tornaram obsoletas. Aliás, mais do que obsoletas, porque os homens que estavam a postos dia e noite lá estavam exaustos.

Eu me reuni com os emissários que haviam trazido essa notícia ao Profeta. Com tranquilidade, ele deu duas ordens:

— Não diga a ninguém que os Qurayza mudaram de lado ou todos entrarão em pânico. Leve várias centenas de soldados e seus cavalos para o centro da cidade para proteger mulheres e crianças do ataque.

A situação era terrível. Maomé se virou para os Ghatafan, uma tribo

nômade que recentemente instigara a cólera dos muçulmanos, por se juntarem aos coraixitas e fornecer um contingente enorme de guerreiros e armas e também por sua ganância implacável. Deus disse ao Profeta que ele deveria romper a aliança de seus inimigos. Ele percebeu que o elo mais fraco era a tribo dos Ghatafan, pois podiam ser subornados. O Profeta lhes ofereceu um terço da colheita de tâmaras se eles abandonassem a guerra.

Para Ali e os outros guerreiros, essa era uma oferta excessiva, mas os Ghatafan cuspiram em nossos rostos, exigindo não um terço, mas metade da colheita do ano. Naquele momento, Deus se pronunciou de uma forma misteriosa. Ele disse para o Profeta concordar. Essa decisão chocou a todos.

Fui nomeado deputado e fiquei encarregado de levar o acordo aos chefes dos Ghatafan. Foi uma missão degradante e que me deu um grande pesar. Antes de partir, fui até a tenda do Profeta para me assegurar de que essa era realmente sua vontade. Ele assentiu em silêncio. Porém, quando eu estava para partir, ele falou com voz suave:

— Por uma questão de respeito, mostre o acordo aos chefes dos muçulmanos. — Parecia ser nada mais do que um lembrete casual.

Eu me dirigi até a fortaleza no centro da cidade, onde os chefes muçulmanos, por segurança, se reuniam. Quando lhes mostrei o pergaminho no qual o acordo havia sido redigido, ficaram furiosos e o rasgaram. Na visão de muitos, o Profeta foi desonrado e a derrota, pelo que parecia, estava um dia mais próxima com a tribo dos Ghatafan ainda contra nós.

Quando todos haviam se debandado com desânimo, o Profeta pediu que eu permanecesse.

— Você se lembra do formigueiro que pisoteou num ataque de raiva? — perguntou. — Você ainda acha que pode matar a todos?

Abaixei a cabeça.

— Não vou envergonhá-lo, meu caro amigo — murmurou. — Mas você também lembra que eu segurei uma única formiga na ponta do dedo?

Fiz que sim.

— Isso tinha algum significado?

O Profeta sorriu.

— Não naquele momento. Mas Deus me trouxe a resposta da vitória, e é uma única formiga.

Enquanto o fitava com olhar de espanto, ele me explicou. Durante a noite anterior, Nuaym, um ancião da tribo dos Ghatafan, se infiltrara na linha inimiga. Ele pediu para ver o Profeta, mas foi enxotado com insultos. Nuaym perseverou até que finalmente chegou à presença sagrada do Profeta. Os dois se encontraram secretamente, e quando Nuaym partiu o Profeta estava coberto de sorrisos.

— Deus me testou com um exército de formigas, mas então Ele me manda a única que realmente importa.

Desconhecido por todos, Nuaym acabou se convertendo ao islã. Ele podia circular livremente entre as facções inimigas; elas confiavam nele. Ele começou, então, a plantar a semente da discórdia como o Profeta lhe havia secretamente instruído.

Para os Qurayza, Nuaym disse:

— Antes de vocês passarem para o lado dos coraixitas, levem em conta o seguinte: se eles perderem a batalha, marcharão de volta para casa e os abandonarão. Exija dos chefes alguns reféns em troca de sua cooperação. Se vocês tiverem escolhido o lado certo, tudo correrá bem. Senão, vocês pagam o resgate dos reféns a Maomé para assegurar que sejam libertados.

Os Qurayza agradeceram o conselho e enviaram uma mensagem aos coraixitas dizendo que antes de concordar com qualquer coisa eles queriam alguns reféns. Nuaym estava presente quando eles receberam a exigência. Para os habitantes de Meca ele sussurrou:

— Por que eles querem reféns de seus protetores? Só pode ser para negociarem os reféns com Maomé na hora em que forem entregues.

Ambos os lados acreditaram nele, e na vez seguinte em que se encontraram foi com ar de suspeita. Os coraixitas se recusaram a entregar os reféns. Os Qurayza se recusaram a lutar contra os

muçulmanos, resolvendo apelar para a neutralidade. Deus viu outra fraqueza escondida, ainda maior, entre seus inimigos. Por onde Nuaym passava, facilmente abria antigas feridas e espalhava suspeita. Nunca uma formiga havia causado tanta destruição.

O vento soprou forte naquela noite. Do topo da muralha da cidade, vi as fogueiras do acampamento dos inimigos se apagarem. Muitos soldados dormiriam intermitentemente no chão frio, sem fogo. *Se não é Deus o responsável por isso, quem seria?* Mas nunca imaginei que fosse presenciar a cena que nos esperava ao amanhecer — um campo vazio, onde milhares tinham acampado no dia anterior. Era como se o anjo Gabriel tivesse descido e varrido por completo o solo. Os inimigos deixaram para trás cavalos e camelos feridos, cujos gemidos comoventes chegavam até nós levados pelo mesmo vento que soprava o inimigo de volta a Meca.

Caí aos pés do Profeta.

— É um milagre! — exclamei.

Mas ele acenou que não.

— Só uns poucos, como Abu Sufyan, realmente nos odiavam. O resto veio só para pilhar. Os juncos mais fracos se curvam com o vento.

Na realidade, quem realmente precisava de um milagre eram os Qurayza, que não tinham nenhuma proteção contra a ira da horda de muçulmanos que descia a montanha atrás deles, chamando-os, aos brados, de traidores.

Os judeus partiram em retirada para sua fortaleza e resistiram corajosamente. Depois de quase um mês, quando estavam quase morrendo de fome, reuniram-se numa assembleia. Havia três saídas para terminar com o cerco. Eles teriam que se converter ao islã e renunciar a todos os laços com o Deus judeu. A segunda opção seria matar esposas e crianças, eliminando a razão de viver, e se lançarem num ataque suicida sobre os muçulmanos. Finalmente, eles poderiam fingir observar o sabá e usar o dia para um ataque surpresa. Porém, como nenhuma dessas alternativas era aceitável, só sobrava a possibilidade de se renderem. Os Qurayza partiram para enfrentar seu destino.

A multidão estava ávida por sangue. O que o Profeta faria com os traidores? Ele escolheu um curso inesperado.

— Precisamos de um juiz que não tenha nada a ganhar com seu julgamento.

O escolhido foi Sa'd ibn Mua'dh, que era somente um comerciante respeitado. Mas quando seu nome foi anunciado, a multidão suspirou e se afastou enquanto ele era carregado até a praça pública numa padiola coberta com lençóis ensanguentados. Sa'd havia lutado na trincheira, foi ferido e estava à beira da morte. Todos os lados concordaram que um homem em tal estado não tinha nada a ganhar com algum julgamento. Os prisioneiros judeus se encheram de esperança, pois Sa'd era um antigo aliado. As leis e as tradições o uniam aos judeus, mesmo que eles tivessem feito mal aos outros.

O Profeta se retirou, declarando que a decisão do juiz seria a decisão final. Os Qurayza pediram perdão e ofereceram todos os bens materiais, suas mulheres e crianças como escravas se suas vidas fossem poupadas. Outros aliados se ajoelharam perante Sa'd e se juntaram em suas súplicas por misericórdia. Apesar de toda a ansiedade e todo o pânico que eles causaram, os Qurayza não haviam se juntado ao inimigo formalmente.

Sa'd ouvia com as ataduras pingando de sangue. Ele estava triste e fraco. Com voz baixa e áspera, pronunciou o veredicto, e fui correndo entregá-lo ao Profeta.

“Morte para todos os homens. Escravidão para mulheres e crianças.” Foi a sentença mais severa possível. O Profeta não fez nenhum comentário, exceto ordenar que cada executor viesse de cada uma das tribos de Medina. Dessa forma a culpa não recairia sobre uma única tribo, mas sobre todas. Mais de quatrocentos judeus foram amarrados e decapitados. O Profeta não recebeu nenhuma revelação para poupá-los ou matá-los. Permaneceu estoico e desgostoso. Depois da tensão do cerco, ele parecia se isolar ainda mais, e o tempo que passava acompanhado era quase sempre com suas mulheres, especialmente Aisha, a mais jovem, que havia se tornado sua favorita.

Meses mais tarde perguntei a ela:

— Ele realmente pensa no julgamento?

Aisha não disse nada, mas deve ter comentado com o Profeta. No dia seguinte, quando me viu hesitando durante a oração, ele disse:

— Vamos dar uma caminhada.

Obedeci e permaneci calado. Tenho estômago para qualquer batalha, mas o sangue dos Qurayza era outra história.

— Você quer me perguntar algo? — indagou o Profeta quando chegamos a um local fresco sob uma fileira de árvores no bosque.

Hesitei.

— Tenho o direito de perguntar?

— É uma boa resposta. Alá deve ser temido. Ele também deve ser amado. Às vezes não sei ao certo o que Ele quer. Você entende?

— Não tenho certeza. — Eu não estava desviando da pergunta. O Profeta estava falando sobre a dúvida, mas me havia ensinado que a dúvida destruía mais rápido do que o inimigo.

— Deus não revela a verdade de uma vez só. Ele a oferece do mesmo jeito que uma flor silvestre espalha sua semente por todas as direções. A vida nos oferece milhares de situações e deve haver uma verdade para cada uma delas. — O Profeta olhou de relance para mim. — Você entende?

— Acho que sim. Cada momento tem sua própria revelação. O que é verdade num momento não é sempre verdade no próximo.

— Mas se hoje a verdade é a paz, e amanhã é a guerra, como nós, os fiéis, deveremos viver? A escolha não depende de cada um de nós. Somos fracos e cegos. Estamos corrompidos pelo pecado. O que devemos fazer? — Eu me lembrei da história que ouvira. — Podemos correr quando Deus assoviar.

O Profeta sorriu pela primeira vez em um mês.

— Você pode detestar o julgamento de Sa'd, mas ele me deu esperança.

— Matando os inimigos de Deus?

— Não. Para aquele que ama a vida, qualquer morte é razão para luto.

Sa'd poderia ter tomado o partido de sua tribo. Essa era a decisão mais fácil e a que os árabes sempre tomamos. Mas ele não tomou. Ele ficou do lado de sua alma, pois me disse mais tarde que não poderia encarar seu Criador se permitisse que aqueles que odeiam Alá fossem libertados.

— Você vê a centelha de esperança? Quando um homem é capaz de decidir entre a vida ou a morte não porque quer vingança, mas porque pensou em Deus, a natureza humana está mudando. Pensei que isso seria impossível, ou que fosse levar vinte gerações. Mas com a graça de Alá estamos presenciando essa mudança durante nossa vida.

Ouvi. Entendi. Aceitei. Mas meu coração achava que só um ser humano havia realmente mudado — ele. O Profeta se tornara parte de suas revelações. Ele via além da vida e da morte, e sua mente se preocupava somente em ser parte da mente de Deus. Quanto a nós, continuaremos pisoteando os formigueiros ainda por muito tempo.

JASMIN, A MULHER DO POÇO

Só uma única vez realmente fiquei encharcada até os ossos. As nuvens pretas se moveram em direção a Medina, vindas das montanhas. Quase sempre elas nos decepcionam. Vejo algumas gotas de chuva, mas elas sequer alcançam o chão. Naquele dia, porém, o dia da promessa, o trovão fez um estrondo como um martelo de ferreiro. E choveu tanto que riachos de água escorriam pelas ruas.

Eu teria me abrigado num vão de uma porta até a tempestade passar, mas fui tomada por uma emoção que não pude controlar. Corri em direção ao aguaceiro, pulando no lamaçal para que espirrasse até a altura de minha cintura e manchasse minha roupa de marrom. As outras mulheres perto do poço me olhavam como se eu tivesse enlouquecido.

Eu estava inspirada, não maluca. Você entenderá; se não agora, logo.

Quando o aguaceiro se acalmou, arrastei-me de volta para meu quartinho. Como ele não tem janelas, tive que abrir a porta para deixar a luz entrar. Fiquei parada no vão da porta tentando tirar meu vestido, que estava tão encharcado e pesado que mal conseguia puxá-lo até a cabeça. Uma mulher recatada nunca ficaria nua na frente de um homem. O recato é um luxo que não posso ter.

Quando se vive nas ruas, acabamos sendo devoradas de uma forma ou de outra. Eu estaria morta se não fosse pelo abrigo daquele quartinho sufocante. Ele foi anexado aos fundos da casa de meu irmão.

Quando meu irmão veio até o poço, segurou minha mão e me levou dali, fiquei estupefata. Até então ele não se importava se eu morresse de fome. Mas de repente, e sem dizer nada, ele me levou para sua casa.

— Você não pode entrar. Minha esposa não aceitará uma mulher como você dentro de casa. Seu lugar é nos fundos.

Olhei para ele perplexa, e ele disse:

— Não me pergunte por quê. É uma dádiva de Alá.

Sou grata. Não pergunto por que Alá não poderia ter acrescentado uma janela. Mas com certos homens, do jeito que eles apalpam e agarram, o escuro é uma bênção. Um dia, um tipo diferente veio me visitar.

Era um homem jovem e nervoso. Pelo sotaque dava para perceber que era um beduíno que tinha acabado de chegar do campo. Eu o convidei para sentar na cama; ajoelhei-me e comecei a tirar suas sandálias.

— Não — murmurou.

Logo em seguida, o último raio de sol penetrou pela fresta da porta, e vi um brilho minúsculo avermelhado, como se uma faísca tivesse caído do céu e pousado em sua cabeça. Um segundo depois, o brilho se fora.

Como o jovem não se mexeu, peguei sua mão e a coloquei em meu seio. Ele a retirou. Eu lhe perguntei qual era o problema. Hesitou, não disse nada, e resolvi esperar. Ele era atraente. Sua barba enrolava nas pontas, o que lhe dava um ar excêntrico, de poeta. Não vou para a cama com muitos poetas. Tateei debaixo do colchão em busca da adaga que guardo escondida. Boa aparência não era garantia de que ele não tinha vindo para me roubar. Então sua mão tocou novamente meu seio. Ele gemeu baixinho, e eu relaxei.

Se eu não tivesse fechado bem a porta, a natureza tomaria seu suado curso. Mas havia uma pequena fresta por onde se ouvia o som do chamado para a oração da noite. No momento em que ele ouviu o chamado, pulou da cama e, assustado, deu um grito. Mais um muçulmano, como meu irmão. Ele desenrolou um pequeno tapete que carregava nas costas e ajoelhou no chão.

Não dava para realmente vê-lo no escuro. Eu o ouvi murmurar

suavemente as seguintes palavras:

— Louvado seja Alá, o Senhor da criação, o misericordioso, o piedoso.

— Só Deus é mais importante que o amor? — perguntei, observando-o de minha cama.

— Deus é mais importante que a vida — disse ele. Imaginei que por causa de meu tom insolente ele iria me bater. Mas foi exatamente o contrário. Ele se sentou a meu lado e começou a chorar. Eu não sabia o que fazer. Suas lágrimas haviam me tocado.

— Deite-se — falei suavemente. — Não precisamos fazer nada, mas se você quiser posso ensiná-lo sobre o amor.

Senti seu pescoço enrijecer sob meus dedos.

— Amor? Você é uma mulher comum, é uma... — Ele se recompôs e se calou.

— Talvez não tão comum assim. Você não me deu a chance de provar.

Eu ainda não havia comido naquele dia. Seria uma pena perder as poucas moedas que ele me daria.

O jovem empurrou bruscamente minha mão. Levantou-se e foi até a porta. Em vez de partir, porém, ele ficou parado lá por um momento, puxando a orelha. Ele colocou algo pequeno e afiado em minha mão.

— Guarde isso. Voltarei um dia para buscá-lo, e então lhe ensinarei sobre o amor.

Num segundo ele partiu. Abri a mão. Que incrível! À luz da vela vi um pequeno rubi perfeito. Tinha a forma de uma gota e estava preso num brinco. Era dali que vinha a faísca vermelha que brilhava no escuro. Mal consegui dormir aquela noite pensando no jovem de cabelos encaracolados.

No dia seguinte, eu o vi de relance. Usei o brinco descaradamente, a caminho do poço. Seu brilho atrairia os olhares de mais homens. Mas ninguém tinha tempo para mim. Os soldados marchavam em direção à praça. Era uma infantaria que marchava misturada a cavalos e camelos. Tão misturada que, quando avistei meu jovem, não consegui alcançá-lo. Ele virou o rosto antes que nossos olhos pudessem se encontrar. Gritei por ele, mas estava muito barulhento. Então, alguns intrometidos

instigaram as mulheres a gritar “Vagabunda!” porque achavam que eu estava lá para agarrar um guerreiro santo, um *mujahid*, para mim.

Ao retinir das armas, e em seguida aos gritos, os *mujahidin* partiram em marcha, e a praça ficou deserta. Fiquei longe dos outros, em meu canto debaixo de uma palmeira quase morta reservada para pessoas como eu. Toquei o rubi que meu soldado havia me dado. *Meu soldado?* Ele não havia sequer me tocado, somente por cima da roupa. E mesmo assim eu não conseguia parar de pensar nele. Sua lembrança não me confortava. A cada dia que passava, eu me sentia mais só. Eu me deitava no escuro, beijando o rubi como se ele estivesse lá, e as últimas palavras que ouvi foram: “Quando eu voltar, lhe ensinarei sobre o amor.”

Minha paixão cresceu como uma brasa atizada pelo vento. Eu não podia contar para ninguém; resolvi me preparar para quando o exército voltasse. Eles tinham partido para longe, em direção à Síria. Levariam dias ou semanas para voltarem. O poder de Deus é enorme, e Ele recompensa os homens que lutam por Sua causa. Meu soldado me cobriria de ouro e depois se casaria comigo. Sei que a lógica de uma prostituta vale tão pouco que nem merece ser desprezada. Em segredo, segui os recitadores pelas ruas. Eles adotaram o Alcorão como a mercadoria mais preciosa. As pessoas ouviam hipnotizadas. Diziam que os melhores recitadores eram capazes de fazer homenzarrões chorarem e converter os infiéis num instante.

Quanto a mim, não chorei por Deus. Não de cara. Chorei por meu soldado; sentia um frio na espinha só de pensar nele. Mesmo assim, as chamadas para as orações não me irritavam mais. Elas me confortavam, como uma voz distante que me chamava. Eu sabia o que tinha que fazer.

Quando caiu o tal aguaceiro descobri que algo deveria mudar. A chuva era um sinal, e a alegria que senti era um caminho em direção a algo que ainda deveria ser descoberto. Depois de me secar, apanhei debaixo da cama uma bolsinha com moedas de prata que havia economizado por muitos anos. Comprei um vestido modesto e um véu; tranquei a porta para que nenhum homem pudesse entrar. A única opção que me restava era mendigar. Fui até o poço e encarei as outras mulheres.

— Quero me arrepender. Por favor, me ajudem a salvar minha alma. Podem me dar qualquer tarefa desprezível, não importa quão servil ou suja.

Elas me fitaram — aquelas que achavam que estavam se rebaixando ao olhar para mim. Mas uma senhora idosa ouviu algo em minha voz. Ela sentiu pena de mim e me levou para casa. Esfregamos o chão juntas, ajoelhadas. Sua articulação rígida não permitia que fizesse o trabalho sozinha. Depois disso, quando teve certeza de que Deus não a fulminaria por ter trazido uma mulher impura para sua casa, ela me chamou de volta. Ela tinha primas, e depois de um tempo comecei a limpar latrinas e catar lêndeas no cabelo das crianças. Passei a ser conhecida pela disposição de fazer tarefas que só uma escrava faria. Ajudava quando eu entrava numa casa e reconhecia um dos homens. Eles estavam dispostos a me contratar desde que eu ficasse calada.

A velha senhora se chamava Halimah, e deve ter sido Deus que a enviou. Não só porque ela me contratou, mas também porque havia sido a ama de leite de Maomé. A idade avançada a tirou do deserto, e ela seguiu o Profeta até Medina.

— Ele viu os primeiros anjos quando estava comigo. Dois deles atingiram seu coração, e ele ainda não tinha sete anos — disse ela.

Depois disso, fiquei ávida por mais. Eu havia visto Maomé nas ruas. Todos viram. E, quando ele passava, era como uma sombra. Eu nunca soube que ele falava com anjos. Sua antiga ama ainda não estava pronta para revelar nada.

— Ainda sinto o cheiro do que você era, e é muito cedo para vislumbrar o que você se tornará — falou, e me deixou esfregando o chão.

Então um dia Halimah se ofereceu para me acompanhar de volta a meu quarto. Ficamos caladas no caminho, até avistarmos a casa de um homem rico. De um lado havia um belvedere aonde a família ia para desfrutar a brisa fresca da noite. Halimah parou e contemplou a construção: uma cúpula branca e graciosa sustentada por pilares talhados em madeira imitando uma videira.

— Eu nunca tinha tempo para descansar e nunca fui convidada para visitar um local tão formoso — disse a velha senhora baixinho.

— Você está com inveja?— perguntei.

— Você quer saber se eu sinto o mesmo que você, não é? — Ela ergueu a cabeça em minha direção. — A cúpula do céu é sustentada por cinco pilares. Eu os possuo. — Pôs a mão em seu coração, mas, em vez de explicar, apressou o passo. Nós nos separamos na esquina. Imagino que meu quartinho também tenha o cheiro de quem eu era.

A notícia da campanha da Síria chegou a Medina. O exército muçulmano foi violentamente atacado sem aviso. Alguém havia prevenido o representante do imperador em Damasco, e os bizantinos estavam a postos. Foi um combate sangrento. Muitos estavam desaparecidos. Ouvi a notícia aos poucos à medida que o vento carregava as palavras até o poço, onde as mulheres pareciam ansiosas e amedrontadas. Eu também estava com medo. Não era somente sua presença que eu desejava. Havia mais uma coisa, e eu não sabia como encontrá-la. Conteí a Halimah que estava ficando desesperada. E ela, então, me surpreendeu.

— Eu já sabia. Senti seu desespero antes de você.

— Como?

Ergui os olhos. Ela estava em pé a minha frente, esticando os joelhos enferrujados.

— O preço do pecado é o desespero — revelou. Não houve nenhum sermão depois. Em vez disso, ela me ensinou a rezar, apoiando o rosto no chão na direção de Meca, porque lá era a morada de Deus. Ela repetiu a mesma oração que meu soldado havia murmurado:

— Louvado seja Alá, o Senhor da criação, o misericordioso, o piedoso. Eu me senti confortada.

Halimah me advertiu que eu deveria rezar exatamente nas horas do dia em que o muezim chamava, e depois mais uma última vez antes de ir para cama. Fiz que sim, torcendo as últimas gotas de água do trapo que usava para esfregar o chão, e me preparei para partir.

Halimah balançou a cabeça.

— Você não me perguntou por que nós rezamos.

Enrubesci. Não podia contar para ela que eu estava rezando por um soldado cujo nome desconhecia.

— Rezamos em gratidão a Deus. Ele nos deu tudo. Lembre-se disso, minha jovem. — Ela percebeu meu olhar.

— Você não acredita em mim porque você acha que Deus não lhe deu o suficiente.

Não ousei falar ou sequer acenar que sim. Se ela me mandasse embora, eu não teria mais trabalho ou pão.

— Vou lhe dizer o que acho de você — disse ela.

Senti um grande pesar.

— Imaginei que você, mais do que qualquer outra pessoa, não me diria o que acha. Ouvi minha voz tremer.

Halimah segurou minha mão.

— Ouça bem, minha cara. Você não é o que parece. Você é filha de Deus. O destino a afastou dele para lhe mostrar como é estar perdida. Mas é a vontade de Deus trazê-la de volta, mais uma razão para celebrarmos.

Algo dentro de mim se partiu. Eu tremia como uma virgem desnudada por um estranho. Halimah e eu choramos juntas, e esse foi o começo. Aprendi o que deveria fazer para merecer a graça de Deus. Rezei, lembrando que Deus está em nossos pensamentos e em nossas palavras. O mundo nos repele; a voz do pecado nunca é silenciosa. Mas se nos lembrarmos de Deus durante o dia nossas almas se aproximam de sua glória.

Segui Halimah e a observei. Ela embrulhou alguns pedaços de pão e enfiou moedas pequenas em cada pedaço. Deu os pães para os mendigos nas ruas. E foi assim que aprendi a me lembrar dos pobres, como está escrito no Alcorão. Era outono, e quando o Ramadã chegou Halimah passou a maior parte do tempo sentada em seu quarto. Eu lhe levava uma bandeja de comida, mas ela mal tocava no prato ou no jarro de água que eu deixara do lado de sua cama. Ela não precisava me dizer que estava jejuando, ou que o Alcorão lhe dizia para jejuar, mas eu precisava

saber por quê.

— Por um mês nos lembramos de quem somos — explicou. — Não somos esse corpo que é alimentado por comida e água. Fomos criados por Deus e, portanto, devemos nos abster da carne e do desejo da carne.

Ela sorriu como uma criança.

— É claro que há coisas que parei de desejar há anos. Mas não vamos falar disso.

Sua simplicidade me comoveu. Halimah confiava em mim. Fui recebida em sua casa sem suspeita ou desprezo. Eu tinha acesso livre. Foi um passo fácil aceitar sua confiança em Deus.

Quanto a meu soldado, ele nunca mais voltou. Os *mujahidin* marcharam de volta para casa. A calamidade do ataque bizantino estava escrito em seus rostos. Eles trouxeram de volta os corpos dos soldados mortos enrolados em lençóis brancos. Não tive coragem de olhar. Se meu soldado fosse um deles, seria insuportável. Halimah percebeu, é claro, mas não disse nada quando me viu chorar num canto.

Um dia fui até sua casa para esfregar o chão, e ela me surpreendeu com uma mesa arrumada para um convidado.

— Por que você não me disse para não vir? — perguntei.

— Por que deveria? Você é a convidada.

Nunca tinha visto antes cordeiro e damascos em sua despensa, e óleo fresco que ela espalhou sobre o pão quente e fresco com um aroma de pomar durante a primavera.

— Para que tudo isso? — indaguei. Eu não tinha ideia de onde ela tinha achado dinheiro, e de repente senti um aperto no estômago. Talvez ela estivesse se despedindo. Será que a velha senhora estava prestes a morrer?

Em vez de me responder, Halimah disse:

— O que é melhor, sonhar com um banquete ou comê-lo?

— Comê-lo — respondi mecanicamente.

Halimah me passou a travessa com cordeiro desfiado cozido no vapor com arroz picante.

— Já era hora de você perceber isso.

Levei tempo para entender seus ensinamentos. Naquela hora, eu estava apenas contente de ser sua convidada. No passado, a fome havia sido minha fiel companheira durante o mês do Ramadã, que acabava de terminar. Os muçulmanos levavam as vidas de forma tão pacata que eu quase não recebia visitas. Halimah parou de comer bem antes de eu terminar de me empanturrar, mas ela estava satisfeita de ficar me assistindo comer. Quando terminei e limpei a boca suja de gordura de cordeiro com a manga, ela sorriu.

— Agora começa o banquete. — Halimah se deleitou com meu ar de surpresa. — Quando o corpo está farto, a mente ainda anseia por seu banquete. Até agora, seus desejos foram realizados. Mas você sonha em estar farta também aqui — ela toca o coração — como está aqui. — Ela põe a mão sobre a barriga. — Mas, como você disse, é melhor comer um banquete do que sonhar com ele. Está pronta?

— Não sei. — Suas palavras me deixaram um pouco assustada.

Ela continuou:

— Você está parada na porta pela primeira vez. O que lhe espera adiante é turvo. Mas o anjo que visitou o Profeta fala com você. Ele fala através do vento e das estrelas. Quem sabe o que o vento dirá? O espaço entre as estrelas é silencioso, e é por isso que nós temos o Alcorão. A mensagem do anjo vive no Livro. Qualquer um é capaz de entender.

“O mundo surgiu segundo a vontade de Deus. Houve muitos profetas e mensageiros. Mas os homens se esquecem rapidamente, e então Deus envia seus mensageiros para prevenir os homens do perigo. Mesmo assim, os homens dão as costas, e finalmente Deus envia a pura palavra da verdade. Quando isso acontece, não há desculpa. Esse é o momento áureo.”

Ela havia memorizado fragmentos do Alcorão e, com um brilho nos olhos, murmurou um deles:

— “Chame Deus com medo e desejo em seu coração, porque a piedade Dele está perto daqueles que fazem o bem.”

Um silêncio caiu entre nós.

— Medo? — falei. — Por que devo chamar a Deus com medo?

— Porque seu jovem soldado talvez esteja morto. Tenho certeza de que você tem outros medos. Quem irá apaziguá-los?

Halimah nunca havia falado dele antes, e eu não tinha a menor ideia de como ela sabia. Cobri o rosto com o véu para evitar que ela visse a expressão em meu rosto.

— Será que Deus pode trazer os mortos de volta à vida? — murmurei.

— Sim, se essa for Sua vontade. Mas isso não importa. — Como se quisesse me trazer de volta a mim mesma, a voz de Halimah se tornou mais severa. — Nascemos para sofrer, não para pecar. Os árabes não dão atenção à compaixão. A vida é mais dura aqui do que em qualquer outro lugar. Não há nenhum lugar melhor para se esquecer de Deus do que o deserto. Por que existe o sofrimento, se não para o suportarmos?

“Então um dia Deus pôs Gabriel, seu mais fiel anjo, num barquinho. Ele colocou o Alcorão em suas mãos, e o barquinho partiu. Ele chegou às costas da Arábia, e você sabe o que o anjo disse? ‘Essa terra dura produziu corações duros. Encontrarei um homem que prestará atenção à palavra de Deus. Vou apoiá-lo todos os dias, lhe darei gotas de verdade, assim como uma mãe alimenta seu bebê raquítico com gotas de leite. Com o tempo, esses corações duros irão amolecer.’”

Nunca esquecerei esse dia nem os ensinamentos que o acompanharam. Halimah me ensinou que o anjo está próximo, e aonde quer que ele vá um banquete lhe será oferecido.

Tornei-me uma mulher devota e parei de pensar em meu soldado. Depois de um tempo os outros perceberam a mudança. Ganhei um local no poço e finalmente alguém perguntou meu nome.

— Yasmin — respondi.

Sorrio quando as nuvens pretas surgem das montanhas. As gotas de chuva que elas carregam contam minha história antes de meu coração se abrir e deixar a misericórdia entrar.

Mesmo assim, corro com as outras mulheres para os portões sempre que os *mujahidin* voltam para a cidade. Atualmente eles vão cada vez mais longe. O mundo está pronto para cair a seus pés. Chegou a hora, e tenho que confessar: examino o rosto de cada soldado.

No mês passado eu estava deitada em minha cama quando a porta se abriu. Ao ouvir o ranger da dobradiça, fechei os olhos. O destino é uma visita que nunca pode ser mandada embora.

O rosto de um homem roçou em minha face antes que suas mãos me tocassem. Acho que eram os cachos de sua barba.

— Voltei para meu rubi — sussurrou. — Não prometi?

Meu coração batia tão rápido que achei que morreria.

— Você me prometeu ensinar sobre o amor, mas eu já sei.

— Existe sempre algo a mais para aprender.

Senti sua mão tirar o brinco de rubi de minha orelha. Ele segurou o brinco e ergueu a mão, e apesar de ser meia-noite a pedra começou a brilhar como uma centelha do paraíso. De repente ele deslizou o rubi até meu peito e o pressionou com força; senti-o penetrar minha pele e afundar até meu coração. Para minha surpresa, eu ainda podia vê-lo. O brilho vermelho se espalhou até preencher cada canto de meu coração e continuou a aumentar.

As dobradiças rangeram novamente, e ele partiu. Será que foi um sonho? Ninguém seria capaz de me convencer de que fora apenas um sonho. Carrego a joia da redenção no coração, e cada fibra de meu ser me diz que meu soldado realmente havia voltado para mim.

ABU SUFYAN, O INIMIGO

Isso é o que chamo de uma política sagaz. Os supersticiosos a chamam de mágica. Se você quiser, pode chamá-la de “mão de Deus”. Mas antes de morrer repentinamente ano passado, Maomé alcançou a vitória total. Tentar detê-lo à força seria tão impossível quanto deter uma tempestade de areia com os punhos.

Meca não tinha escolha a não ser se render. Vou lhe contar essa parte da história em breve. Muitos afirmavam que o Profeta era imune a qualquer mal. E quase acreditei. Meu corpo todo tremia quando fui levado até ele, como um prisioneiro a ponto de ser sentenciado. Maomé não parecia nada com o que se esperava de um conquistador. Parecia fraco. Seus olhos mal me viam. O que ele tanto fitava — outro mundo, outra revelação? Serenamente ele disse:

— Voltei a meu lar. Não guardo nenhum rancor. Se você desejar se juntar a nós, o que passou, passou.

“Desejar” é uma boa palavra, uma palavra gentil. Ele podia se dar ao luxo de ser gentil quando milhares de espadas guardavam as ruas de Meca.

Mais do que qualquer outra coisa, ele cobiçara Meca. Para um menino órfão, Meca ainda era o centro do mundo. Sem ela, as conquistas de Maomé teriam sido como um colar sem a pérola preciosa. Porém, depois de anos de rixa, como ele poderia conquistar Meca quando os coraixitas

havam jurado uma vingança sanguinária? Ele faria isso do jeito que Deus quisesse, do único jeito que não podíamos lutar contra.

A conquista levou três anos e começou com um sonho. Maomé sonhou que estava com a cabeça raspada, como os peregrinos quando realizam o Hajj em Meca. Quando ele nos contou sobre isso, os conselheiros se chocaram. Todos sabiam que o Hajj pertencia à antiga religião, anterior ao islã. Como nosso novo Deus podia partilhar os mesmos ritos com os deuses antigos? Pela primeira vez, os seguidores de Maomé se opuseram a ele. Os jovens *jihadis* que tinham se tornado grandes guerreiros permaneceram inflexíveis. Maomé não podia convencê-los a ceder, mas finalmente ele permitiu que as pessoas nas ruas soubessem de sua visão.

Houve, então, um grande clamor para retornarem a Meca. O desejo havia permanecido latente no peito dos exilados. Entende o que quis dizer sobre uma política sagaz? Uma peregrinação pacífica levaria os exilados de volta ao lar e, ao mesmo tempo, asseguraria a nós em Meca que nossos locais sagrados não iriam à falência. Eles eram nossa força vital. Afinal, cada volta em torno da Caaba era como um boi extraindo água de um poço. Precisávamos desse rito para sobreviver.

E então os muçulmanos chegaram, envoltos em xales e saias de linho branco dos devotos, arrastando centenas de animais sacrificados e escondendo suas armas. Paguei a uma ordem da cavalaria liderada pelo melhor guerreiro, Khalid, para interceptá-los. Infelizmente, eles perderam por completo a caravana de Maomé, que havia propositalmente se desviado para uma trilha bem diferente e rochosa.

Reunidos em um conselho, metade dos anciãos coraixitas queria ceder.

— Deixem-nos entrar e rezar. A Caaba continuará sendo nossa. Isso não é sinal de que vencemos?

Enfrentei o grupo, tentando não ridicularizar um argumento tão fraco.

— Se vocês os deixarem entrar em Meca, estão admitindo que Maomé está em pé de igualdade com cada um de vocês. Em vez da tribo, que nos

manteve juntos desde os tempos de Abraão, um novo-rico unirá todos os árabes por meio de suas revelações. A primeira revelação será para destruir os ídolos, podem ter certeza.

Consegui convencer um número suficiente de anciãos a impedir Maomé de entrar na cidade. Se ele for impedido à força, tentará negociar. Não importa quanto o islã seja diferente da fé de nossos pais, concordamos em uma coisa: o solo sagrado de Meca não pode ser um local de violência. Os peregrinos não podem lutar nas guerras santas. A bênção sagrada depende disso.

Quando seu emissário implorou pela paz, não demonstrei compaixão. Forcei os chefes a exigirem que os muçulmanos se afastassem por um ano antes de tentarem ir a Meca rezar. Em troca, oferecíamos dez anos de paz. Sei que era uma concessão absurda, e estava admitindo uma derrota militar. Mas os soldados de Meca — cada cidadão, na realidade — acreditavam que os muçulmanos tinham uma mágica especial que os protegia quando lutavam. Quando esse tipo de crença se estabelece, o inimigo já venceu antes do primeiro golpe.

Depois que Maomé assinou o tratado em seu acampamento, na planície de Hudaybiyah, começou um murmúrio de indignação.

Eles caminharam por quatro dias para visitar a Casa Sagrada e fazer seus sacrifícios. Por que deveriam voltar quando já estavam próximos das muralhas da cidade?

Umar, um dos mais furiosos, levantou-se, encarou Maomé e o desafiou:

— Você não é o profeta de Deus? Estamos certos e os coraixitas estão errados? Você não prometeu que iríamos fazer sete circunvoluções em torno da Caaba?

Humildemente, Maomé assentiu a cada pergunta, mas quando Umar chegou à última ele respondeu:

— Prometi que iríamos à Caaba rezar, mas por acaso eu disse que seria este ano?

Uma resposta capciosa, mas Umar se sentou, e não houve rebelião. Mesmo assim, Maomé precisava de uma revelação. E ele recebeu. Deus

lhe disse que a vitória certa (Al-Fath) já estava garantida. Assim, Maomé ordenou que sacrificassem animais fora das muralhas da cidade. Ele cavalcou até o lado de fora e sacrificou o primeiro animal — um precioso camelo. Alguns de seus seguidores resmungaram, mas quando o viram com a cabeça raspada, que é um sinal de que o rito sagrado foi bem-sucedido, eles obedeceram. Os cabelos tosados foram levados pelo vento até os portões de Meca, deslizaram por debaixo do portão e se espalharam pelos locais sagrados. O Profeta sabia o que estava fazendo.

Como eu temia, o tratado não foi respeitado. Algumas noites de ataque de um lado, alguns assassinatos do outro. Os árabes se alimentam de rixas e nunca estão satisfeitos. Da mesma forma que o deserto nos faz sofrer, fazemos nossos inimigos sofrerem. Mas eu havia perdido a vontade de revidar. Tornei-me um negociador, na esperança de arrecadar uns poucos privilégios, um pouco mais de espaço para respirar antes de o golpe final chegar.

A primeira vez que os muçulmanos vieram rezar, nós os expulsamos, mas na segunda, um ano depois, não poderíamos utilizar uma estratégia tão sutil. Mandeí dizer a Maomé que seus seguidores poderiam entrar em Meca, mas só quando todos os coraixitas tivessem abandonado a cidade. Sentamos no topo das montanhas por três dias e aguardamos por eles. O convite foi oferecido como um gesto de paz para assegurar que os peregrinos não seriam recebidos com violência. Maomé sabia que isso também era um sinal de desdém.

Maomé entrou pelos portões da cidade abandonada e avistou a Caaba. Aproximando-se do santuário, ele e seus homens silenciosamente tocaram a Pedra Negra e agradeceram a Alá. O grupo de fiéis ficou profundamente comovido, pensando quanto tempo haviam esperado para chegar à Caaba. Porém, quando Maomé se avizinhou da porta, ela estava trancada. Fui eu o responsável, tenho que admitir. Até parece que eu iria deixá-lo pôr os pés sujos no santuário. Seus seguidores se enfureceram. Achei que destruiriam a cidade. Observando do topo da montanha, de certa forma eu esperava ver Meca ser tragada pela fumaça. Sem perder a calma, Maomé mandou Bilal, um antigo escravo, subir ao

telhado da Casa Sagrada e chamar os fiéis para as orações do meio-dia. Quando Meca ouviu o muçulmano gritar de cima do telhado, os seguidores ficaram satisfeitos.

Meu desdém foi em vão. A nova fé se espalhou como uma febre por todos os lares. Não dava para vê-la, mas mesmo assim ela conquistou a todos. Perdi minha própria filha, Ramlah. Eu a rejeitei quando ela fugiu com um muçulmano durante a Hégira. Alguns dias depois encontrei minha mulher chorando.

— O que foi? — perguntei.

— Ramlah não existe mais. Ela agora se chama Umm Abibah.

Neguei.

— Seu marido morreu. Ele era um tolo e um traidor. E agora ela tem o direito de se casar novamente.

— É o que você acha? Então seu desejo se realizou. Ela se casou com Maomé.

Senti como se fosse desmaiar e cambaleei até a cadeira. E lá permaneci, como se estivesse paralisado, pelo resto do dia e por toda a noite. Alimentando minha mágoa, minha mente retornou à época em que eu passava por Maomé na rua e sequer olhava para ele. Mas sou uma pessoa realista. O tratado havia perdido o valor. Fui enviado a Medina na esperança de ludibriar Maomé, convencendo-o a assinar novamente o tratado. Mas ele não caiu na artimanha. Todo o poder agora estava de seu lado.

Talvez por me sentir sozinho em Medina, fui levado a cometer um erro. Fui ver minha filha nos aposentos em que era mantida perto de Maomé. O que eu poderia ganhar com essa visita? Ela estava nervosa e tensa, mal se curvou para me cumprimentar. Vi uma cadeira e fui me sentar.

— Por favor, não! — disse ela timidamente, retirando o cobertor que cobria a cadeira.

Eu me mantive calmo.

— Você nega respeito a seu pai? É só um cobertor de lã, não é uma colcha de seda da China.

— Mas o Profeta se senta nele — gaguejou. Eu a fitei, então dei as costas e parti sem dizer uma palavra.

Maomé levou três anos para conquistar Meca. No final, a cidade se rendeu, sem resistir. Antes de os muçulmanos chegarem à cidade, eles enviaram uma declaração notificando que todos os cidadãos que permanecessem dentro de suas casas seriam poupados. E foi isso o que fiz. Fiquei encolhido, com medo, ao lado de uma lamparina enquanto os cavalos dos muçulmanos trotavam com suas ferraduras pelas ruas de pedras. Como não confiava nesses guerreiros, mandei que diminuíssem a luz das lamparinas para que os invasores achassem que minha casa estava vazia. Tudo o que eu podia ver na escuridão era um brilho de medo nos olhos de minha esposa. Nunca lhe perguntei o que ela viu nos meus.

Não havia como evitar o destino. Eu precisava enfrentá-lo.

— Vou me converter — falei, sem exigir nenhuma condição. Passei a língua pelos lábios, preparando-me para beijar suas sandálias, mas Maomé me interrompeu com um gesto delicado.

— Você só precisa jurar duas coisas. A primeira é que não existe deus a não ser Deus.

Repeti as palavras. Quando já se viveu tanto quanto eu vivi, as alianças são escorregadias. Elas oscilam facilmente de um deus a outro.

— E a segunda? — perguntei.

— Não existe deus a não ser Deus, e Maomé é Seu profeta.

Suas palavras eram proferidas com simplicidade, sem a pompa de um imperador. Eu sabia que suas lutas o haviam tornado humilde. Ele tinha um filho, Ibrahim, que nasceu em Medina. Maomé adorava o menino, mas um dia ele ficou doente e morreu. Então ele enviou um grupo, com seus melhores guerreiros, à Síria, mas eles foram emboscados por mercenários bizantinos. Seu filho adotivo, Zaid, e seu primo, Jafar, foram mortos. Ambos eram muito amados por Maomé. Um homem comum não amaria Deus com tanto fervor depois disso. Ou confiaria Nele.

Um dos companheiros atrás de Maomé limpou a garganta e disse:

— Não existe deus a não ser Deus, e Maomé é Seu profeta.

Achei que ele estava tentando me persuadir. Se eu não repetisse as palavras, quem sabe o que aconteceria? Apesar de sua misericórdia, eu havia lutado ferozmente contra Maomé em várias campanhas. Sem demonstrar o que sentia, levantei e falei:

— Dê-me tempo para pensar.

Parti de sua tenda sem olhar para trás, sem me importar se havia uma adaga pronta para ser cravada em meu crânio.

Poucos aqui em Meca se lembram do velho Muttalib, o avô do Profeta. E se lembravam é porque o avô adorava o neto, balançando sempre a criança no joelho enquanto bebia e discutia nas tavernas ao redor da Caaba. Mas me lembrava de outra coisa.

No dia seguinte retornei à tenda de Maomé.

— Você decidiu — disse ele. — Não vou perguntar. Você não estaria aqui se não tivesse pronto para se submeter. Ele percebeu como me encolhia ligeiramente. — Você não está se submetendo a mim.

Eu já tinha perdido tempo suficiente. Ajoelhei-me perante Maomé e proclamei:

— Não existe um deus a não ser Deus, e Maomé é Seu profeta.

Maomé acenou levemente com a cabeça, satisfeito, e me levantei.

Poderia ter ido embora, mas em vez disso perguntei:

— Quando o amor de Deus é tão intenso que parece ódio?

— Meu avô, Muttalib, me fazia sempre essa pergunta — disse Maomé com sobriedade.

— Eu sei. Eu o ouvi. Já era quase um homem feito quando você se sentava em seu joelho. Mas não importa. Seu avô plantou a semente. Não há como negar. Ele se preocupava com sua alma enquanto o resto de nós só se preocupava com dinheiro e mulheres. Você tem o mesmo jeito peculiar de seu avô. Não é de se estranhar.

Maomé fez que sim.

— E ainda faço a mesma pergunta. Você não é meu irmão, ainda não. Alá não significa nada para você. Imagino que tenha sido você que tentou me humilhar na Caaba.

— Talvez.

Maomé morreu dois anos depois, aos 62 anos. Sem maiores crises, ele foi gradualmente definhando. Perdeu sua força da mesma forma que uma árvore frondosa perde sua seiva. Seus últimos momentos, dizem, passou com a cabeça deitada no colo da esposa predileta, Aisha. Seu fim foi suave; os fiéis tinham certeza de que o Profeta estaria esperando por eles no Paraíso, onde as árvores são mais verdes do que qualquer árvore da Arábia, e as virgens mais bonitas, e os rios com água cristalina brilham sob o sol.

Mesmo estando morta, a Arábia lhe pertence. A Síria e o Egito logo capitularão. O imperador da Pérsia treme quando os emissários do Profeta vêm visitá-lo. Deus disse a Maomé para enviar cartas a todos os governantes da Terra, informando-lhes que deveriam prestar atenção à palavra do Senhor e se converter. Sem hesitar, ele enviou as cartas. Imagine isso.

O Profeta faleceu em Medina, e acharam que era melhor enterrá-lo lá, no pátio da casa onde vivera. Assisti ao enterro sem rancor. Abu Bakr estava a meu lado. Antes de nos tornarmos inimigos jurados, éramos unidos pela tribo e pelo comércio. Agora ele calmamente aceita conversar comigo. Estamos unidos pela fé, e Abu Bakr acredita que isso é razão suficiente para sorrir. Na confusão da morte de Maomé, vários de nossos companheiros reivindicaram sua liderança. Ali fora escolhido havia anos, mas era um menino naquela época. Umar e Uthman lideraram facções fortes. Imagino que suas cabeças deliravam com a perspectiva de liderar o mundo que Alá lhes tinha dado. Mas, no final, foi Abu Bakr o escolhido pelos chefes. Eles o chamavam de “o califa”, o sucessor da autoridade do Profeta no céu e na Terra. Foi uma boa escolha. Abu Bakr era querido por todos. Um de seus melhores atributos era sua idade. Como os governantes idosos não se sentam ao trono por muito tempo, os jovens rivais ainda têm esperança.

Eu me desloco livremente entre eles, um convertido estimado e um cachorro inofensivo e desdentado. Meu fim está perto. Minha esposa está doente e logo me deixará. Ela já está quase cega e não consegue me ver quando me sento perto da lamparina para ler o Alcorão. O que ela

faria se pudesse ver essa cena? Meus olhos se fixaram nas palavras que Deus deve ter enviado especialmente para os velhos:

Cada alma encontrará a morte.

Você só encontrará sua verdadeira recompensa no Dia da Ressurreição.

Este mundo não é nada além de um prazer ilusório.

Vivi ao máximo tanto a ilusão quanto o prazer. É esse meu verdadeiro elo com o Profeta?

Quando enterrei minha esposa, Aisha veio me ver. Ela havia se casado tão jovem, uma mera criança, que ainda era bonita. Ela entrou em minha casa com um ar majestoso, e por um momento seus olhos e as pérolas em volta de seu pescoço faziam com que a sala escura, com as persianas fechadas por causa do sol, se iluminasse.

— Você a encontrará novamente no Paraíso — murmurou Aisha, segurando minha mão, que tremia ligeiramente. Eu não sabia se era por causa da tristeza ou por causa da idade. Ambos, sem dúvida.

— Minha mulher não se converteu — disse eu. — Isso não significa que ela está perdida?

— O amor a aproximará de você. Esse será o caminho dela para Deus.

Era uma mentira reconfortante, e fiquei contente em ouvi-la. Aisha permaneceu sentada a meu lado por um tempo. A luz do sol atravessou as persianas resvalando em seu colar, transformando-o em lágrimas resplandecentes.

— Quero que você acredite numa coisa — falou. Ela percebeu minha rigidez. — Não vim aqui para pregar. Esta é uma história que guardo no fundo do coração. Numa noite fresca em Meca, o Profeta estava andando para casa quando de repente sentiu sono. Ele se deitou perto do vão de um portão próximo à Caaba. Em seguida, o anjo Gabriel apareceu e emitiu sua luz dentro do peito do Profeta. A intensidade desse sentimento aguçou todos os sentidos, e o Profeta percebeu que seu coração estava sendo purificado por algo maravilhoso. Gabriel apontou para o fim da rua, onde havia um animal alado. Era branco e tinha a

forma de um asno, porém maior. Chamando a criatura de Buraq, o anjo sugeriu que o Profeta montasse nela. Nesse mesmo instante, ele percebeu que Buraq era um corcel veloz como um raio. Cada uma de suas passadas ia até o horizonte. O Profeta foi tomado por um sentimento de reverência e medo. Em questão de minutos eles cavalgaram até a mesquita mais longínqua, que se situava em Jerusalém. Naquela época não havia nenhuma mesquita lá, mas Gabriel guiou o Profeta até seu destino. Dentro dela estavam vários sacerdotes e profetas que haviam chegado mais cedo. Depois de rezar com eles, mandaram o Profeta montar novamente em Buraq, pois a jornada noturna estava apenas começando.

A voz de Aisha se elevou e sumiu no escuro. Seus olhos brilhavam na quase completa escuridão. Ninguém é mais estimado entre os árabes do que um poeta. Nunca soube de nenhuma poetisa, mas ela poderia ter sido uma delas. O perfume das rosas tomou conta de meus sentidos.

— Quando o Profeta montou novamente em Buraq, olhou para o horizonte, aonde o próximo passo os levaria. Em vez disso, com o ressoar do tropel, que marcou a rocha debaixo de seus pés, a criatura decolou para o céu. As estrelas estavam tão próximas quanto uma fogueira no quintal do Profeta. Eles atravessaram a cúpula de cristal do céu, subindo cada vez mais. Como era possível? O Profeta estava vivo, porém entrando nos sete céus. Cada um deles era um colírio para seus olhos e alegrava seu coração. Quando chegaram ao sétimo céu, depararam com uma árvore bloqueando o caminho. Era uma árvore sagrada, e nenhum anjo poderia ir adiante, mas o Profeta pôde entrar. Ele trocou palavras sagradas com os grandes antepassados do islã: primeiro com Abraão, depois com Moisés e finalmente com Jesus. A dádiva final foi ser levado à presença de Alá.

“Perante o Mais Glorioso, o Profeta foi reduzido a um silêncio reverenciador. Alá falou e o aconselhou sobre os fiéis. O primeiro dever, disse Deus, era rezar cinquenta vezes por dia. O Profeta, obedientemente, fez uma reverência e se retirou. Quando estava novamente acompanhado dos antigos profetas, Moisés lhe perguntou o

que Deus dissera. Quando ouviu sobre o dever de rezar cinquenta vezes por dia, Moisés fez que não.

— É impossível. Volte até ele e peça um modo mais fácil.

O Profeta voltou para falar com Alá não só uma, mas várias vezes, até que seu apelo fosse atendido.

— Deus concedeu que os fiéis rezem cinco vezes por dia, em vez de cinquenta.

No escuro, Aisha ouviu minha gargalhada. Ela interrompeu sua história.

— Não fique zangada — falei. — Você me fez sorrir. Eu sempre soube que o Profeta era astuto. Até com Deus ele conseguiu o que queria.

Eu não conseguia enxergar a reação de Aisha, mas ela não me repreendeu. Talvez também estivesse sorrindo. Mas a história teve um final ab-rupto. O cavalo alado trouxe Maomé de volta à terra, e ele acordou com a brisa da noite, tremendo, no mesmo local onde havia adormecido.

— Então era um sonho? — perguntei.

— Muitos acham que sim, mesmo alguns de seus companheiros. Eles ficaram abalados. O Profeta havia recebido revelações, mas continuava insistindo que era apenas um homem entre homens, não um milagreiro. Um deles correu para contar a história a meu pai, Abu Bakr.

— Ah! — exclamei. Naquela época eu não falava com Abu Bakr e mal lembrava que ele era o pai de Aisha. — E ele acreditou?

— Sem hesitar. Ele falou: “Se Maomé nos diz que a jornada não foi um sonho, não tenho escolha senão acreditar. E já não aceito a história de que ele é visitado por um anjo?” Foi meu pai quem me contou essa história.

Senti a mão de Aisha apertar novamente a minha.

— Mas você começou me dizendo que viveu essa história — retruquei.

— Todos os dias. Sabe, todos os dias viajo para o céu. Esse é o tesouro que o Profeta deu para todos nós. Ele abriu o caminho para que pudéssemos segui-lo. Não preciso de um Buraq para chegar a Deus.

Nosso corcel é nossa alma.

Perdoe-me, mas me emocionei. Foi muito para mim. Minha esposa havia partido. Em breve, meu corpo deitaria ao lado do seu. O que me restava se não uma jornada para o céu, se isso fosse possível?

Segurei firme a mão de Aisha. As lágrimas escorriam por meu rosto e se assentavam em minhas rugas profundas.

— *Allahu Akbar* — sussurrei. — Deus é grande.

— *Allahu Akbar* — repetiu, e saiu deslizando para fora do quarto, deixando uma trilha reluzente de pérolas e um suave perfume de rosas.

EPÍLOGO

UM PANORAMA SOBRE MAOMÉ

É difícil ler sobre a vida de Maomé sem se sentir, ao mesmo tempo, empolgado e perturbado. Acho que o próprio Maomé deve ter tido essas mesmas reações conflitantes. O islã nasceu num período de grande tumulto, e a chegada de Alá, o Deus que superou centenas de antigos deuses árabes, causou uma revolução. Um único indivíduo arcou com a responsabilidade da violência com a reverência da revelação.

Maomé não se via como Jesus, que é chamado de Filho de Deus, ou como Buda, um príncipe que alcançou a sublime iluminação cósmica. Um provérbio indiano diz que só é necessária uma faísca para queimar uma floresta inteira. Maomé produziu essa faísca.

Se a vida do Profeta fosse um conto de fadas, ele desceria da caverna na montanha, ergueria os braços como um Moisés moderno e diria ao povo o que Deus queria que eles fizessem. Na vida real, Maomé reagiu com medo e tremor. Qualquer um de nós também temeria a loucura se o anjo Gabriel aparecesse como um relâmpago ofuscante para dizer que nossa missão era redimir os pecados do mundo.

Deus não deixou Maomé em paz. Quando ele estava para receber uma mensagem, Maomé entrava num transe que o privava de sua própria vontade. Seu rosto ficava vermelho; ele suava copiosamente. As mensagens que recebia eram lúgubres. O destino dos árabes dependia dele. A tarefa divina de Maomé era convencer seu povo a renunciar à

tradição ancestral de idolatrar os ídolos e à veneração supersticiosa de deuses múltiplos. Na hipótese de uma recusa, Alá havia planejado uma punição apocalíptica. Nenhum pecador seria perdoado. Somente aqueles que temem a Deus e Lhe obedecem ao pé da letra seriam salvos. No caso do Profeta, sua liberdade de escolha fora gradualmente eliminada, até que o único caminho que restava era o fio da navalha proverbial: cada palavra, cada ato e cada pensamento era render-se a Deus.

É difícil imaginar um destino mais atemorizante. Maomé disse, em várias ocasiões e de várias maneiras: “O melhor da vida provém de Alá. O pior é minha culpa.” Ele assumiu essa posição, deixando todos os elogios para Deus e se responsabilizando por todas as culpas. Mesmo que cada minuto não fosse uma questão de vida ou morte, Deus sempre tinha soluções para os problemas diários de Maomé. Um dia, uma de suas esposas favoritas, Aisha, parou sozinha num oásis. Um belo cavaleiro muçulmano se aproximou e ofereceu-se para escoltá-la durante o resto de sua viagem. Eles passaram a noite sozinhos, e os boatos começaram a se espalhar. Consequentemente, a fofoca trivial tomou a proporção de um grande escândalo. O Profeta rezou para Alá e uma revelação foi concedida. Aisha era inocente. Se alguém ousasse falar mal dela seria chicoteado.

De modo similar, Maomé recebeu revelações úteis de que suas várias esposas deveriam parar de brigar entre si. Deus disse que as mulheres a sua volta deveriam obedecer aos maridos em todos os assuntos. O Todo-Poderoso às vezes mencionava o nome dos inimigos do Profeta no Alcorão e os condenava por completo. Ele ofereceu dicas de como lidar com críticas e discordâncias. Quando os exilados muçulmanos tentaram entrar novamente em Meca e foram banidos, surgiu uma revelação afirmando que a aparente derrota era na realidade uma vitória.

Maomé podia contar com o conselho de Deus para livrá-lo de quase todas as situações difíceis. Os estudiosos dividiram as revelações, que totalizavam milhares de mensagens separadas, em duas partes principais. As que aconteceram em Meca focavam na teologia; as que chegaram a Medina, depois da Hégira, ou migração, no ano de 622, se

referiam principalmente ao gerenciamento da fé e dos recém-convertidos.

O Alcorão é sobre a salvação e o apocalipse — assim como os cristãos na época de Jesus, os primeiros a se converterem ao islã acreditavam que o fim do mundo estava próximo. Mas o Alcorão também fala sobre guerras, políticas, rivalidades, tratados, ciúmes e as dores de cabeça de governar Medina, incluindo a coleta de impostos.

A PRÁTICA DA REDENÇÃO

Todas as religiões tentam aproximar os fiéis de Deus, mas poucas são tão explícitas quanto o Alcorão. Os famosos “cinco pilares do islã” prescrevem os deveres dos fiéis:

A profissão de fé, declarando que Alá é o único Deus e Maomé seu profeta.

A oração, que deve ser realizada cinco vezes ao dia voltado para Meca, o local mais sagrado da Terra.

A caridade, dando esmolas aos pobres.

O jejum durante o mês do Ramadã.

Peregrinação, pelo menos uma vez na vida, a Meca.

Cada um desses deveres é um lembrete de que a vida terrena existe com um único propósito: redimir a humanidade pecadora. Há um fio condutor comum nesses cinco pilares: por meio da oração, da profissão de fé ou de um retiro de um mês, o fiel põe de lado os assuntos mundanos e abre espaço para Deus entrar. A redenção é transformada em uma questão prática de tarefas a serem realizadas, e podemos olhar pela janela e ver como nosso vizinho está passando, e ele pode fazer o mesmo. A redenção foi extremamente importante quando os primeiros muçulmanos tiveram que se defender das perseguições se reunindo em uma comunidade fechada de fiéis, a *umma*. Uma fachada unida contra um mundo hostil é uma imagem que continua forte até hoje.

O forte elo entre os fiéis não deixou de fora a teologia. Existem seis crenças principais que foram acordadas por todas as seitas, que quase sempre divergem completamente, como os sunitas e os xiitas. Essas crenças são:

Acreditar em Alá como o único e verdadeiro Deus.

Acreditar nos profetas enviados por Deus, assim como nos mensageiros e informantes menores.

Acreditar nos anjos.

Acreditar nos livros enviados por Deus: a Torá, os Evangelhos e o Alcorão.

Acreditar no Dia do Juízo Final e na ressurreição dos mortos.

Acreditar no destino, seja ele bom ou mau.

Essas crenças se sobrepõem às crenças do Judaísmo e do Cristianismo. Mas nenhuma religião escapa à reivindicação de que sua religião sobrepuje todas as outras. Esse também é o caso do islã, que se vê como a “ratificação” do passado, querendo dizer que Deus atualizou as antigas mensagens escritas na Torá e no Novo Testamento. Ele enviou um novo profeta cuja palavra era a palavra final; portanto, judeus e cristãos devem prestar atenção e se converter, provando assim a verdadeira crença em um único deus. Naturalmente, essa ideia foi recebida com resistência, o que resultou em uma longa e triste história de conflitos religiosos.

Alá queria que sua mensagem atualizada fosse concluída. E como resultado o islã se tornou mais do que uma religião; é um estilo de vida tão total e absoluto que nada é deixado ao acaso. Deus tem um mandamento para tudo. No caso de haver uma lacuna, existem milhares de tradições (*hadith*) para guiar o curso dos assuntos diários de todos. A *hadith* é um relato ou incidente sobre a vida do Profeta. Ela conta como ele reagiu quando alguém lhe trouxe um problema, uma ação judicial ou uma questão sobre o certo e o errado. Aisha, a esposa favorita, com quem Maomé casou quando era ainda criança, viveu até muitos anos

depois da morte do Profeta. Ela se tornou a fonte de mais de duas mil *hadith*. Essas tradições funcionam como lei até hoje. Então, enquanto os cristãos meditam sobre “O que Jesus faria?”, a questão paralela tem uma resposta literal para os muçulmanos. Há poucas crises na vida, maiores ou menores, nas quais os fiéis muçulmanos não sabem exatamente o que Maomé faria.

Devemos, porém, observar que grande parte da doutrina islâmica desenvolveu-se após a morte do Profeta, que aconteceu repentinamente. Os discípulos de Jesus também ficaram de luto após sua crucificação. Os seguidores de Maomé ficaram desconcertados, mas logo começaram a reunir todas as suras existentes num Alcorão completo e autorizado. Obviamente, essa compilação passou por dificuldades e divergências, deixando um legado de disputas para ocupar gerações de estudiosos e intérpretes.

O CAMINHO DA SUBMISSÃO

Como a vida do Profeta foi permeada quase todo o tempo por instruções de Deus, os muçulmanos atuais acreditam que o caminho para uma vida próspera é aquele em que não há margem para dúvidas. A principal virtude do islã é a rendição ou a submissão. Essa virtude é difícil de ser compreendida por outras religiões. Rejeitamos a ausência do livre-arbítrio. A maioria de nós quer jogar dos dois lados — às vezes obedecer a Deus e outras vezes decidir sozinho. Segundo o islã, *grosso modo, essa atitude leva ao caminho da danação. Por que alguém estaria disposto a colocar seus desejos pecaminosos contra a palavra de Deus? Por que uma pessoa escolheria viver um momento sequer longe do divino?*

Não há como contornar essa diferença vital, e isso explica muitas coisas. Por exemplo, a difusão do islã, que se espalhou como uma febre poucos anos após a morte de Maomé. Seus companheiros, um punhado que havia emigrado para Medina com o Profeta, haviam começado suas vidas como mercadores e comerciantes em Meca. Mas Ali, Umar e Uthman se tornaram califas que governaram um império que se

estendeu do Egito à Pérsia. Essa enorme expansão não se deu por meio de guerras, apesar de os muçulmanos serem guerreiros impetuosos. Em vez disso, o islã ofereceu a proximidade de Deus. Aproximar-se de Deus é um anseio humano que quer ser consumado. O islã não o realizou na teoria, mas nas ações diárias. As pessoas comuns costumavam rezar para os ídolos e oferecer sacrifícios em troca de recompensas básicas, como uma boa colheita e um abastecimento regular de água. Alá assumiu o comando das funções de centenas de ídolos, e, além disso, havia a promessa de ir ao Paraíso após a morte e viver eternamente no Jardim.

É uma promessa encantadora, mas o reverso é aterrorizante. Segundo o islã, aqueles que vivem conforme seus caprichos, sem respeitar os mandamentos de Deus, irão para o inferno. E é por isso que o modernismo é recebido com grande resistência pelo mundo islâmico. Navegar na internet, assistir à televisão ou ir a uma boate pode pôr em risco a alma. A ortodoxia é sempre assim, independente da fé. Os muçulmanos não são proprietários da patente do medo da contaminação assustadora do secularismo. Os fundamentalistas de cada fé partilham do mesmo receio. Para eles, o mundano foi sempre visto como o inimigo do celestial.

Se observarmos a Arábia antes de Maomé, a vida era tão dura que deve ter sido um alívio enorme achar um caminho que prometia não só a vida eterna, mas também outras coisas bem mais básicas: o final das disputas sangüinárias, a sensação de pertencimento, o consolo de ter uma única fé e regras simples de serem seguidas. A vida ditada pelo Alcorão não era uma prisão desprovida de livre-arbítrio; era a ordem no lugar do caos.

A história de Maomé e as cinco éguas é importantíssima. Como foi recontado neste livro, Maomé tinha um grupo de cavalos que adorava. Ele tinha o hábito de levá-los para uma corrida no deserto. Um dia ele os levou tão longe de Medina que os animais ficaram morrendo de sede. Logo adiante, sentiram o cheiro de um oásis e começaram a galopar em sua direção. Maomé deixou os cavalos quase alcançarem um buraco de água, e então deu um assobio agudo para eles voltarem. A maioria dos

cavalos continuou correndo, mas cinco éguas se viraram e voltaram para onde estava o Profeta. Ele usou essas cinco éguas para reproduzir os cavalos que até hoje estão entre os mais premiados.

Essa história é uma parábola sobre a obediência religiosa, e, quando ela é contada, a moral é que Deus valoriza a lealdade acima de qualquer outra virtude.

O RETORNO DOS PERDIDOS

É importante lembrar que os árabes da época de Maomé se sentiam como um povo que havia sido deixado para trás. O deserto os isolava quase completamente, protegendo-os contra invasões, mas também os deixando imunes às influências religiosas. Eu me surpreendi ao ler que, na época em que Maomé era criança, não era possível encontrar uma única Bíblia na Península Árabe. A tribo dominante de Meca, os coraixitas, se julgava os filhos de Abraão. Apesar disso, sabiam que a religião de Abraão havia se perdido; eles haviam herdado apenas umas poucas sobras. E é por isso que o mito de Zamzam, o poço que Deus criou para levar água para seus filhos, era tão crucial. Quando o poço de Zamzam se perdeu, a água da vida também se perdeu. Quando ele foi novamente encontrado pelo chefe dos coraixitas, Muttalib, a água da vida retornou.

Maomé era descendente direto de Muttalib, que era seu avô. A história se escreve sozinha de frente para trás, e uma vez que o islã começou a florescer, os escritores rapidamente se encarregaram de revisitar o início da vida do Profeta e recheá-la de portentos e profecias. Eles se basearam superficialmente em Cristo como modelo. E o que nos é oferecido é a história de um eremita solitário e místico que coloca a mão na cabeça do menino Maomé e prediz que ele será o profeta previsto na Bíblia. Em Medina, outro místico, um rabino judeu, chegou para proclamar que o último profeta estava para chegar. Em Meca, um punhado de monoteístas, conhecidos como *hanif*, instruiu o jovem órfão sobre seus hábitos, e o mais franco deles, Waraqah, ousou dizer, em

frente aos portões da Caaba, que Maomé era o escolhido.

Isso seria uma notícia animadora se não fosse pelas partes importunas que vieram em seguida. Inicialmente, os judeus de Medina deram as boas-vindas a Maomé e a seu pequeno grupo de seguidores. A nova fé ainda era bastante frágil. Doze anos após a primeira revelação, só havia uma dúzia de seguidores próximos, os companheiros de Maomé. Durante os três primeiros anos, Maomé só contou à família sobre seu chamado. Constantemente ameaçados pelos coraixitas, apenas um grupo pequeno, entre quarenta e cem, se converteu antes da Hégira. É surpreendente que os judeus de Medina estivessem dispostos a aceitar Maomé como a pessoa encarregada de julgar suas disputas e elaborar planos para estabelecer a paz entre todas as tribos rivais da cidade.

Porém, nos anos que se seguiram, à medida que o número de fiéis aumentou, Deus disse a Maomé para expulsar as tribos judaicas de Medina, mandando-as para o exílio em terras improdutivas na periferia. Mais tarde, quando os judeus se sentiram indignados e a última tribo judaica remanescente na cidade resolveu cooperar com o exército invasor de Meca, Maomé preparou uma retaliação violenta. Todos os homens foram decapitados, e mulheres e crianças foram divididas como espólios de guerra. Muitos foram vendidos como escravos. Como essa decisão horripilante foi recebida por meio de uma revelação, foi louvada por historiadores islâmicos. E só recentemente foi considerada um crime bárbaro por alguns revisionistas.

E é nesse momento que nos defrontamos com o lado sombrio da missão do Profeta. Cada um de seus atos e de suas palavras conta com a força de Deus por detrás de cada um deles (a única exceção talvez sejam os “versos satânicos” do Alcorão, que assim são chamados porque foram inspirados por forças demoníacas que iludiram e brevemente enganaram Maomé — ele logo percebeu o que se passava e voltou a seguir a orientação de Alá). Acho que Maomé não se considerava infalível. Há histórias comoventes sobre sua humildade. Ele admitia seus erros e, longe de ser o único a dar ordens durante os momentos de crise, reunia-se com os chefes das tribos e ouvia o que eles tinham a dizer.

Depois de sua morte, o conceito da verdade absoluta se fechou ainda mais, o que significava que era um teste de fé transformar qualquer um dos atos do Profeta, até decapitar seus inimigos, em algo correto e bom. Nesse ponto, os críticos de Maomé citam seu casamento com Aisha. Ela era a filha mais nova de Abu Bakr, o comerciante que estava entre os primeiros e mais devotos dos novos muçulmanos. Aos seis anos, a mão de Aisha já havia sido prometida em casamento, até Maomé receber uma revelação que dizia que ela deveria se casar com ele. O futuro noivo de Aisha concordou em romper o noivado. Então, Maomé se casou com Aisha, mas a consumação só ocorreu quando ela tinha nove anos. Fora do islã, esse episódio é mais do que ofensivo. Dentro da fé, porém, ele é louvado. Nenhuma das outras esposas de Maomé era virgem, e o argumento por detrás dessa história é que Aisha foi como uma espécie de Virgem Maria, tornando-a ainda mais pura porque era muito jovem. Para o mundo externo, isso é um preceito para um fanatismo cego.

PREENCHENDO A LACUNA

A dura realidade é que não conseguimos nos identificar com costumes tão diametralmente opostos aos nossos. E, como mencionei, cada fé se fecha em torno de sua própria versão da verdade absoluta. O extremismo islâmico não é uma exceção, e infelizmente essa minoria ruidosa contaminou nossa opinião.

O Deus do Alcorão não é simplesmente um Deus do Velho Testamento que só pensa em vingança e punição, caprichosamente decidindo quem seria recompensado ou destruído. O Alcorão ratifica o judaísmo e o cristianismo. O evento místico mais importante na vida de Maomé aconteceu na noite em que ele viajou até Jerusalém na garupa de um cavalo alado. E foi lá que Maomé rezou com seus antepassados e foi levado até o sétimo céu, onde comungou com Abraão, Moisés e Jesus antes de ser conduzido até Alá.

O intento do Alcorão — pegando emprestadas as palavras de Jesus — era cumprir a lei, e não a infringir. Foi necessária uma guerra para

difundir a nova fé, mas além do horizonte havia um Paraíso onde um único Deus saudava todos os fiéis. Portanto, podemos afirmar que o islã trouxe o monoteísmo para substituir o politeísmo — os árabes ganharam um Deus no lugar de vários. Mas a mensagem era mais universal. Alá não era um Jeová vestindo um *caftan*. Ele era o Escolhido, um ser onipresente que sustentava o Universo.

Todos os muçulmanos adoram o Profeta, mas existe uma ramificação do islã que desenvolveu um amor místico e intenso por Alá — o sufismo. Mediante a abordagem sufista de Deus, podemos vislumbrar a imensa beleza e o poder do legado de Maomé. Quando eu era criança, visitei um santuário sufista. Havia vários túmulos de santos pelos quais as pessoas rezavam por milagres. Havia leituras de poesia e danças que duravam a noite toda, eventos realmente de êxtase. Para mim, esses sufis, extremamente gentis uns com os outros e com a constante presença da lembrança do amor de Deus, simbolizavam o islã — cúpulas brancas, contos românticos de príncipes e princesas, e o chamado hipnótico dos muezins das torres das mesquitas.

A doçura dessas imagens é real, mesmo que a história deixe um gosto amargo na boca. Os sufis buscavam uma unidade com Deus, e o caminho para a iluminação era o amor. A devoção levava ao arrebatamento, e o arrebatamento levava ao infinito. Nenhum romance da alma é tão extremo quanto o testemunhado neste poema de Rumi, o grande místico sufi:

Você que busca milagres está sempre à procura de sinais,
Você vai para a cama e acorda aos prantos.
Você implora por algo que não vem
Até ele escurecer seus dias.
Você sacrifica tudo, até sua mente,
Você se senta no fogo, esperando que ele se torne cinzas,
E quando você se depara com uma espada,
Você se joga em cima dela.

Faça dessas loucuras inúteis um hábito —
Você terá seu sinal.

Essas linhas não representam uma especulação sem fundamento — elas descrevem o que os sufis realmente fizeram para chegar a Deus. A beleza da união com o Escolhido foi extraordinária, mas aqueles que buscavam se queimaram e viraram cinzas antes de chegarem a seu Adorado.

Se foi Maomé quem abriu a porta para Deus, os sufis foram os que se lançaram através dela, cegamente e exaltados pela paixão. Essa tentativa fervorosa é a melhor interpretação dos *jihad*, e aquela que espero que prevaleça. Ela traz luz das trevas, como Rumi proclamou:

No amor que é novo — é onde você deve morrer.
Onde o caminho começa no outro lado.
Ele se funde ao céu e se liberta
Da prisão cujos muros você deve derrubar.
Cumprimente as nuances do dia
Que sai de uma bruma de escuridão.
Agora é a hora!

O último legado de Maomé foi achar tempo para o atemporal. O Escolhido não tem limitações de tempo e espaço. Nenhum rosto ou corpo lhe pode ser atribuído, e é por isso que o islã proíbe representações pictóricas de Deus. O mundo terreno é uma mera ilusão, comparado à realidade transcendente de Alá. Assim, o cerne do islã convida os fiéis a olhar além da ilusão para encontrar a realidade. Para os sufis, o medo da punição do Pai se transformou numa história de amor como o Escolhido invisível, cuja essência é a misericórdia, a compaixão e a santidade de todas as vidas.

Maomé pode ser julgado pelo pior ou pelo melhor de seus seguidores. Ele pode ser responsabilizado por ter plantado as sementes do fanatismo

e da *jihad* ou ser louvado por levar a palavra de Deus a uma terra árida. No panorama que fiz de Maomé, descobri que cada um dos preconceitos é injusto. O legado do Profeta para o mundo está mesclado com o melhor e o pior de todos nós.

Duvido que o anjo Gabriel marque um encontro comigo sob a luz de um relâmpago ofuscante. Mas, se ele fizer isso, imagino que eu lutaria com a revelação todos os dias. Deus não facilitou a vida de Maomé. Ele a dificultou ainda mais, e o surpreendente da história é que ele trouxe a luz das trevas com toda a falibilidade de “um homem entre os homens”. A mensagem que ele trouxe não era pura; e nunca é. Enquanto nosso anseio por Deus exceder nossa habilidade de viver em estado de santificação, o confuso mistério do Profeta também será nosso mistério.

Editora responsável
Marianna Soares

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa

Produtor editorial
Ângelo Lessa

Revisão de tradução
Gabriel Machado

Revisão
Eni Valentim Torres
Frederico Hartje

Diagramação
Trio Studio

Produção de ebook
S2 Books

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br